
"Sexy e arrebatador."
BECCA FITZPATRICK (Hush, Hush)
ANDREA CREMER
SOB A LUZ DA LUA
Nightshade – vol. 1
GALERA

ANDREA CREMER

SOB A LUZ DA LUA

Tradução de
Flávia Neves

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Cremer, Andrea

C937s Sob a luz da lua / Andrea Cremer; tradução de Flávia Neves. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

recurso digital

Tradução de: Nightshade

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09965-5 [recurso eletrônico]

1. Literatura americana. I. Neves, Flávia. II. Título.

11-2641 CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
Nightshade

Copyright © 2010 by Andrea R. Cremer

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09965-5



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Garth, o primeiro a ler
este livro e o primeiro a amá-lo

No que se refere a bruxas, não penso que seus feitiços tenham algum poder verdadeiro.

Thomas Hobbes, *Leviatã*

UM



SEMPRE GOSTEI DA GUERRA, MAS em batalhas minha paixão cresce repentinamente.

O rugido do urso invadiu meus ouvidos. O bafo quente da fera impregnou minhas narinas, acendendo meu desejo por sangue. Atrás de mim, eu podia ouvir o arquejo exausto do garoto. O som do desespero fez minhas unhas se cravarem na terra. Voltei a rosnar para o predador, bem maior que eu, desafiando-o a cruzar meu caminho.

Que merda estou fazendo?

Arrisquei um olhar para o garoto e meu pulso se acelerou. Ele tinha a mão pressionada sobre um corte profundo na coxa. O sangue vertia entre seus dedos, escurecendo o jeans até o tornar preto. A camisa rasgada mal cobria as feridas ensanguentadas. Deixei escapar um grunhido.

Agachei-me junto ao chão, músculos tensionados, pronta para atacar. O urso-pardo se ergueu sobre as duas patas traseiras. Não me intimidei, mantive-me firme.

Calla!

O urro de Bryn ecoou. Um ágil lobo marrom surgiu da floresta, atacando o urso furiosamente. O urso se virou, aterrissando sobre as quatro patas. Uma golfada de saliva saltou da sua boca enquanto procurava o atacante invisível. Bryn, ligeira, esquivou-se dos golpes, escapando dos braços enormes e peludos da fera, sempre um segundo à frente. Aproveitou sua vantagem sobre o animal e lhe mordeu violentamente mais uma vez. O urso estava de costas para mim e saltei sobre ele, arrancando-lhe um pedaço do calcanhar. O animal se virou e me encarou, com os olhos alterados pela dor.

Bryn e eu nos movimentávamos furtivamente, cercando a enorme fera. Seu sangue aqueceu minha boca. Meu corpo era pura tensão. Continuamos numa dança circular interminável, os olhos do urso nos acompanhando. Farejei sua insegurança, o medo crescendo nele. Soltei um latido curto e ameaçador, mostrando os caninos. O urso bufou, recuando, e, com um movimento desajeitado, seguiu para a floresta.

Ergui o focinho e uivei, triunfante. Um gemido me trouxe de volta à realidade. O garoto nos encarava com olhos arregalados. A curiosidade me atraía a ele. Eu traíra meus mestres, infringira todas as leis. Tudo por ele.

Por quê?

Baixei a cabeça e farejei o ar. Seu sangue escorria até o chão e o odor penetrante de ferrugem produziu uma névoa intoxicante na minha consciência. Lutei contra a tentação de prová-lo.

Calla? O alerta de Bryn desviou minha atenção.

Saia daqui. Mostrei os dentes para ela, que se abaixou e se aproximou de mim. Depois ergueu o focinho e lambeu a parte inferior da minha mandíbula.

O que vai fazer?, perguntaram seus olhos azuis.

Ela parecia aterrorizada. Por um instante, achei que ela suspeitou que eu mataria o garoto por diversão. Culpa e vergonha pulsaram nas minhas veias.

Bryn, você não pode ficar aqui. Vá embora. Agora.

Ela gemeu, queixando-se, mas se afastou lentamente, escondendo-se sob a copa dos pinheiros.

Andei em direção ao garoto. Minhas orelhas se moviam para a frente e para trás. Ele se esforçava para respirar, o rosto tomado pela dor e pelo pavor. Cortes profundos marcavam a coxa e o peito, onde o urso havia enfiado suas garras. O sangue ainda escorria e eu sabia que ele não estancaria. Rosnei, frustrada pela fragilidade do corpo humano.

O garoto parecia ter a minha idade: 17, talvez 18 anos. O cabelo castanho com leves reflexos dourados caía desordenadamente sobre o rosto. O suor cobria alguns fios sobre a testa e as bochechas. Era alto e forte — parecia ter facilidade para andar pela montanha, e, claramente, era o que havia feito. Aquela área era acessível apenas por uma trilha íngreme e difícil.

Ele exalava medo, aguçando meus instintos de predador. No entanto, era possível sentir outros odores — da primavera, de folhas novas, de terra molhada pela neve derretida. Cheiro de esperança, de possibilidades. Sutil e tentador.

Dei outro passo adiante. Sabia o que eu queria, e bastaria um segundo para fazê-lo: a maior violação das Leis dos Defensores. Ele tentou recuar, mas gemeu de dor e desabou sobre os joelhos.

Meus olhos se concentraram naquele rosto. O queixo definido e as maçãs salientes estavam transfigurados pelo sofrimento. Mesmo com as caretas de dor, ele era lindo, com músculos tensionados que revelavam o físico forte, a luta do corpo contra o colapso iminente, conferindo uma aura sublime ao seu suplício. Fui consumida pelo desejo de ajudá-lo.

Não posso vê-lo morrer.

Transformei-me antes de perceber que tomara minha decisão. O rapaz arregalou os olhos quando o lobo branco que o observava se transformou de fera para uma garota de olhos dourados e cabelo

louro-claro. Parei ao lado dele e me ajoelhei. Seu corpo estremeceu. Tentei tocá-lo, mas vacilei, surpresa ao ver que meu corpo também tremia. Eu nunca sentira tanto medo.

Um som áspero me despertou do devaneio.

— Quem é você? — O garoto me encarava. Seus olhos eram verde-escuros, como musgo no inverno, um tom delicado entre o cinza e o verde.

Fiquei atônita por um momento, perdida nas perguntas que suplantavam a dor e vagavam naquele olhar.

Levei meu antebraço à boca e revelei voluntariamente meus caninos. Cravei-os na minha pele e esperei pelo sabor do sangue. Em seguida, estendi o braço.

— Beba. É a única coisa que pode te salvar — minha voz era baixa, mas firme.

Ele tremia ainda mais agora. Fez que não com a cabeça.

— Precisa beber — disse num rosnado, revelando os caninos ainda afiados como lâminas depois de abrirem a ferida no meu braço. Desejei que minha performance como lobo o tivesse aterrorizado o bastante para deixá-lo submisso. Mas sua expressão não era de horror. Ele estava fascinado. Fraquejei, tentando não me mexer. Meu sangue escorria do braço, caindo em gotas vermelhas sobre o solo coberto de folhas.

Seus olhos se fecharam e ele se contorceu, tomado por uma nova onda de dor. Pressionei meu braço ensanguentado contra seus lábios entreabertos. A eletricidade do toque queimou minha pele e invadiu meu sangue. Engoli um gemido de fascínio e de medo, causado pela sensação estranha que me penetrava.

Ele recuou, mas o imobilizei, envolvendo-o pelas costas, até ter certeza de que o sangue caíra na sua boca. Segurá-lo, aproximá-lo de mim, deixou meu sangue ainda mais quente.

Senti que ele queria resistir, mas não lhe restavam forças. Um sorriso surgiu no canto da minha boca. Mesmo que meu corpo

agisse de forma imprevisível, eu sabia que poderia controlar o dele. Estremeci quando suas mãos agarraram meu braço, pressionando minha pele. A respiração do aventureiro ficava mais tranquila. Lenta, regular.

Uma dor profunda fez meus dedos tremerem, quis percorrê-los sobre a pele dele. Deslizá-los por suas feridas, que em breve sarariam, para conhecer os contornos dos seus músculos.

Mordi o lábio, lutando contra a tentação*. O que é isso, Cal? Você é mais esperta que isso. Essa não é você.*

Afastei meu braço. Um gemido decepcionado escapou da garganta dele. Não consegui ignorar o sentimento de perda que nasceu em mim quando já não o tocava. *Encontre forças. Use o lobo. É quem você é.*

Com um rosnado ameaçador, sacudi a cabeça e arranquei um pedaço de pano da sua camisa rasgada, para cobrir minha ferida. Os olhos cor de musgo seguiram cada movimento meu.

Levantei-me e me surpreendi ao vê-lo fazer o mesmo, cambaleando. Franzi a testa e dei dois passos para trás. Ele observou enquanto eu recuava, e, então, olhou sua roupa esfarrapada. Com cuidado, rasgou um pedaço da camisa. Quando ele ergueu os olhos e me encarou, senti uma tontura inesperada. O menino entreabriu os lábios e eu não conseguia desviar meus olhos deles. Carnudos, curvando-se curiosos, sem o medo que eu esperava encontrar. Muitas perguntas brilhavam no seu olhar.

Preciso sair daqui.

— Você ficará bem. Saia da montanha e não se aproxime mais desse lugar — falei, dando as costas para ele.

Uma descarga elétrica atravessou meu corpo quando ele segurou meu ombro. Ele se mostrou surpreso, mas em nada amedrontado — o que não era bom. O calor onde seus dedos firmes me seguravam queimou minha pele. Fiquei tempo demais ali,

observando-o, memorizando seus traços, e então rosnei e me desvencilhei dele.

— Espere... — disse ele, dando mais um passo na minha direção.

E se eu pudesse esperar, se pudesse pausar minha vida apenas por esse instante? Se roubasse um pouco mais de tempo para experimentar o que há tanto tempo me fora proibido? Seria tão errado? Nunca mais veria esse estranho. Que mal faria permanecer ali por alguns segundos, imóvel, esperando para saber se ele tentaria me tocar como eu desejava ser tocada?

O cheiro que ele exalava indicava que minha suposição não estava tão longe da realidade: delatava desejo, e a pele arrepiada era pura adrenalina. Eu permitira que esse encontro durasse tempo demais e há muito ultrapassara a fronteira da segurança. Quase arrependida, fechei o punho. Meus olhos o fitaram, avaliando-o, lembrando a sensação dos seus lábios na minha pele. Ele sorriu, hesitante.

Basta.

Acertei-o no maxilar. Ele caiu no chão e não se moveu. Curvei-me, peguei-o nos braços e pendurei sua mochila no ombro. O aroma das folhas e dos galhos beijados pelo orvalho me inundou com uma estranha ânsia que tomou todo o meu corpo, numa lembrança física do perigoso contato, cheio de proibições. As sombras crepusculares tomavam longamente a montanha, mas eu conseguiria levá-lo até a base antes do anoitecer.

Uma caminhonete solitária e velha estava estacionada perto de um rio agitado, que marcava os limites do território sagrado. Placas pretas com letras laranja afixadas ao longo da margem alertavam: PROIBIDO ULTRAPASSAR. PROPRIEDADE PARTICULAR.

O Ford Ranger estava destrancado. Abri a porta e quase a arranquei do veículo enferrujado. Ajeitei o corpo do garoto sobre o

banco do motorista. Sua cabeça pendeu para a frente e pude ver o contorno de uma tatuagem na nuca. Uma cruz escura e incomum.

Invasor e cafona. Felizmente encontrei algo nele do que não gostava.

Joguei sua mochila no banco do carona e fechei a porta com força, fazendo a estrutura de ferro do veículo ranger. Ainda trêmula pela frustração, voltei à forma de lobo e corri para a floresta. O cheiro dele estava entranhado em mim, prejudicando o raciocínio. Inspirei o ar e me agachei: um novo cheiro surgiu, aumentando meu sentimento de culpa pela traição cometida.

Sei que está aqui. Um rosnado acompanhou meus pensamentos.

Você está bem? A pergunta de Bryn, carregada de pena, aguçou o medo que fazia meus músculos tremerem. Em seguida, ela correu para o meu lado.

Eu disse para você ir embora. Mostrei os dentes, mas não pude evitar o alívio ao vê-la.

Eu nunca abandonaria você. Bryn me acompanhava com facilidade. *E você sabe que eu nunca a trairia.*

Ganhei velocidade, correndo entre as sombras espessas da floresta. Abandonei a tentativa de derrotar o medo, transformei-me, e caminhei aos tropeços até encontrar a solidez de um tronco de árvore. O sulco da casca da árvore na minha pele não serviu para afugentar aquela sensação fervilhante na minha cabeça.

— Por que o salvou? — perguntou ela. — Humanos não significam nada para nós.

Continuei abraçada ao tronco da árvore, mas virei o rosto para a ver Bryn. Desfeita da sua forma de lobo, suas mãos finas de menina se apoiavam na cintura. Ela semicerrou os olhos à espera de uma resposta.

Pisquei lentamente, mas não consegui deter a sensação abrasadora das lágrimas, quentes e inconvenientes, que escorreram

pelo meu rosto.

Os olhos de Bryn se arregalaram. Eu nunca chorava. Não quando havia testemunhas.

Desviei o rosto, mas senti que ela me observava em silêncio, sem julgamentos. Eu não tinha respostas para Bryn. Nem para mim.

DOIS



QUANDO ABRI A PORTA DE CASA, fiquei paralisada. Cheiro de visitas. Pergaminhos antigos, um bom vinho: a guardiã, Lumine, exalava elegância aristocrática. O cheiro insuportável de alcatrão derretido e de cabelo queimado vindo dos seus seguranças impregnava o ambiente.

— Calla! — a voz de Lumine era suave como mel.

Hesitei, criando coragem para entrar na cozinha, com a boca fechada como se estivesse costurada. Não queria provar ou sentir o cheiro daquelas criaturas.

Lumine estava sentada à mesa, em frente ao líder da matilha, meu pai. Estava inacreditavelmente imóvel, postura impecável, o cabelo castanho preso em um coque rente à nuca. Vestia o típico e imaculado terno preto e uma camisa branca de colarinho alto. Dois espectros lhe acompanhavam, criando sombras nos seus ombros delicados.

Suguei minhas bochechas e mordi-as: a única coisa capaz de evitar que eu arreganhasse os dentes para os seguranças.

— Sente-se, querida. — Lumine apontou para a cadeira.

Puxei a cadeira mais próxima do meu pai e me encolhi mais do que me sentei. Não conseguia relaxar com aqueles espectros por perto.

Ela já sabe da minha violação? Veio ordenar minha execução?

— Falta pouco mais de um mês de espera, querida — murmurou ela. — Está animada para sua união?

Deixei escapar um suspiro que me surpreendeu.

— Claro — respondi.

Lumine levou as pontas dos dedos ao rosto.

— Essa é a única palavra que tem a dizer sobre seu maravilhoso futuro?

Meu pai gargalhou.

— Calla não é romântica como a mãe, Mestra.

Apesar do tom descontraído, o olhar que ele me lançou foi de repreensão. Passei a língua pelos caninos, que se afiavam.

— Entendo — disse ela, olhando-me de cima a baixo.

Cruzei os braços.

— Stephen, você precisa ensiná-la a ter boas maneiras. Minhas alfas precisam ter *finesse*. Naomi sempre teve um talento insuperável nesse sentido.

Ela não tirava os olhos de mim, por isso não pude mostrar os dentes como desejei.

Finesse? Por favor... Sou uma guerreira, não uma noivinha.

— Achei que ficaria satisfeita com o arranjo, querida — disse ela. — Você é uma linda alfa. E não há um macho como Renier. Até mesmo Emile admite isso. Essa união será boa para todos. Você deveria estar agradecida por ganhar alguém como ele.

Travei o maxilar e a encarei, uma só vez.

— Eu respeito Ren, é um amigo. Vamos nos dar bem.

Amigo... Mais ou menos. Ren me olha como se eu fosse um pote de mel no qual ele não se incomodaria em se lambuzar. Até porque

ele não pagaria por isso. Mesmo sabendo que estaria presa a ele a partir do primeiro dia da união, nunca imaginara que seria tão difícil o controlar. Ren, porém, nunca gostou de obedecer às regras. E era tentador o bastante para me fazer questionar se valeria a pena ter uma prova do que estava por vir.

— Bem? — repetiu Lumine. — Mas você deseja o rapaz? Emile ficaria furiosa, se imaginasse alguém desprezando seu herdeiro — disse enquanto tamborilava os dedos na mesa.

Fitei o chão e amaldiçoei o calor que me queimava a face. *Que importância tem o desejo se não me resta escolha?* Eu a odiei naquele momento.

Meu pai pigarreou.

— Mestra, essa união está combinada desde o nascimento dos dois. É um compromisso entre as alcateias Nightshade e Bane. E um compromisso da minha filha e do filho de Emile.

— Como eu disse, ficaremos bem — sussurrei. Um grunhido me escapou.

Uma risada estridente atraiu meu olhar para a Defensora. Ao me ver inquieta e constrangida, Lumine sorriu com condescendência. Encarei-a, incapaz de disfarçar minha indignação.

— Sem dúvida — e olhou de relance para meu pai. — A cerimônia não pode ser interrompida ou adiada. Sob nenhuma circunstância.

Em seguida, levantou-se e estendeu a mão. Meu pai beijou levemente seus dedos pálidos. Ela, então, se virou para mim. Relutante, apertei sua mão delicada e tentei não pensar no quanto desejava mordê-la.

— Todas as fêmeas que se prezam têm *finesse*, minha querida.

Ela tocou meu rosto, deixando que as unhas roçassem minha pele o suficiente para me fazer recuar. Senti um embrulho no estômago.

Seus saltos agulha criaram um estridente ritmo no piso enquanto ela se retirava da cozinha. Os espectros a seguiram, com um silêncio mais perturbador que o barulho irritante dos passos de Lumine. Puxei os joelhos contra o peito e descansei o rosto sobre eles. Somente voltei a respirar depois de ouvir a porta da cozinha se fechar.

— Você está tensa demais — disse meu pai. — Algo aconteceu durante a patrulha?

Neguei com a cabeça.

— Sabe que odeio esses espectros.

— Todos odiamos espectros.

Dei de ombros.

— O que ela queria, afinal?

— Discutir a união.

— Está brincando... — franzi a testa. — Apenas Ren e eu?

Meu pai esfregou a mão cansada sobre os olhos.

— Calla, seria ótimo se você não tratasse essa união como apenas mais uma obrigação desagradável. Há muito em jogo além de você e Ren. Não se criou uma alcateia em décadas. Os Defensores estão por um fio.

— Desculpe — disse, superficialmente.

— Não se desculpe. Seja responsável.

Sentei-me ereta.

— Emile esteve aqui mais cedo. — Ele fez uma careta.

— O quê?! — perguntei, espantada. — Por quê?

Não conseguia imaginar uma conversa civilizada entre Emile Laroche e seu alfa rival.

A voz do meu pai era severa.

— Pelo mesmo motivo que Lumine.

Cobri o rosto com as mãos, pois minhas bochechas queimavam novamente.

— Calla?

— Desculpa, pai — falei, engolindo o constrangimento. — Ren e eu nos damos bem. Somos amigos; quero dizer, quase isso. Sabemos dessa união há muito tempo. Não vejo por que tanta preocupação. E se Ren vê, é uma novidade para mim. Todo esse processo seria bem mais fácil se ninguém se intrometesse. Tanta pressão não está ajudando.

Ele assentiu.

— Bem-vinda ao mundo de um alfa. A pressão nunca ajuda. E nunca nos deixa em paz.

— Que ótimo... — suspirei e saí da cadeira. — Tenho deveres para fazer.

— Boa-noite, então — disse ele calmamente.

— Boa-noite.

— Ah, Calla?

— O quê? — Parei na base da escada.

— Pegue leve com sua mãe.

Franzi a testa e continuei subindo os degraus. Quando alcancei a porta do meu quarto, estremeci. Havia roupas espalhadas por todos os lados: sobre a cama, no chão, na mesinha de cabeceira e no abajur.

— Não há nada que preste! — Minha mãe me apontou um dedo inquisidor.

— Mãe!

Uma das minhas blusas vintage preferidas, de uma turnê do Pixies na década de 1980, era refém de um dos punhos fechados dela.

— Você tem algo bonito? — Ela sacudiu a blusa ofensiva para mim.

— Defina *bonito* — retruquei.

Engoli um gemido, à procura das roupas que desejava salvar, e me sentei sobre o moletom do grupo Republicans for Voldemort.

— Renda? Seda? Cashmere? — Naomi perguntou. — Algo que não seja jeans ou algodão?

Ela torceu minha camisa dos Pixies nas mãos, com nojo.

— Soube que *Emile* esteve aqui? — Ela olhava para a cama, avaliando a pilha de roupas.

— Papai me contou — respondi em voz baixa, mas gritando por dentro.

Passei os dedos pela juba que caía sobre meus ombros, peguei as pontas e prendias entre os dentes.

Minha mãe tensionou os lábios e largou a blusa para tocar meus cabelos. Então, suspirou, sentou-se na cama, ao meu lado, e tirou o elástico que prendia minha trança.

— E esse cabelo... — disse, desfazendo a trança com os dedos. — Não entendo por que você vive com ele preso.

— É cabelo demais! — respondi. — Eles incomodam.

Eu podia ouvir o balançar dos brincos compridos da minha mãe enquanto ela movia a cabeça negativamente.

— Minha florzinha, não pode mais negar seus dotes. Você é uma mulher.

Com um gemido de desgosto, rolei na cama até onde ela não pudesse me alcançar.

— Não sou uma flor. — Agarrei a cortina de cabelo e puxei-a para trás dos ombros. Livre da trança, ele parecia ainda mais pesado e desarrumado.

— É, sim, Calla — sorriu. — Meu lindo lírio!

— É apenas um nome, mãe. — Comecei a juntar minhas roupas. — Não define quem eu sou.

— Define quem você é, sim. — Assustei-me com o tom de advertência na sua voz. — Pare com isso. Não é necessário.

Minhas mãos ficaram imóveis, agarradas à blusa. Deixei-a dobrada pela metade sobre a colcha. Comecei a falar, mas ela sinalizou com a mão para que me calasse.

— A nova alcateia será criada no próximo mês. Você será a fêmea alfa.

— Eu sei. — Segurei-me para não lhe atirar as meias sujas. — Sei disso desde os 5 anos.

— E chegou o momento de você se comportar como tal — disse ela. — Lumine está preocupada.

— É, sei. *Finesse*. Ela quer *finesse.* — Quase ri ironicamente.

— E Emile está preocupado com o que Renier quer — continuou ela.

— O que *Ren* quer? — retruquei e estremeci pela estridência da minha voz.

Mamãe apanhou meus sutiãs sobre a cama. Todos brancos e de algodão; os únicos que eu tinha.

— Precisamos pensar nos preparativos. Tem alguma lingerie decente?

A queimação em minhas bochechas voltou. Cheguei a pensar se ruborizando tanto não acabaria tendo uma descoloração permanente.

— Não quero falar sobre isso.

Ela me ignorou, murmurando qualquer coisa com ela mesma, enquanto examinava as pilhas de roupas, que supus ser “aceitáveis” e “jogar fora”, porque ela me mandara parar de dobrá-las.

— Ele é um macho alfa e o garoto mais popular da escola. Ao menos foi o que soube... — sua voz ganhou um tom melancólico. — Tenho certeza de que ele está acostumado a certas atenções femininas. Quando sua hora chegar, filha, você deve estar preparada para satisfazê-lo.

Engoli a raiva antes de respondê-la.

— Mãe, também sou uma alfa, esqueceu? Ren precisa de uma parceira que lidere a alcateia. Ele quer uma guerreira, não uma líder de torcida de time de futebol.

— Renier precisa que você se comporte como uma fêmea. Mesmo sendo uma guerreira, deve parecer atraente. — A aspereza na sua voz me surpreendeu.

— Cal tem razão, mãe — a voz era do meu irmão. — Ren não quer uma mocinha idiota. Ele já ficou com todas as líderes de torcida que pôde durante os últimos quatro anos e deve estar entediado. Ao menos minha irmãzinha vai deixá-lo em alerta sempre.

Virei-me e vi Ansel olhando para o quarto, na porta.

— Uau, o furacão Naomi ataca novamente e não deixa sobreviventes!

— Ansel! — retrucou mamãe, com as mãos na cintura. — Por favor, dê um pouco de privacidade para mim e sua irmã.

— Desculpe, mãe — Ansel continuou sorrindo. — Mas Barrett e Sasha estão esperando você para a patrulha da noite.

Ela arregalou os olhos.

— Já é tão tarde?

Ansel deu de ombros. Ela se virou e ele piscou para mim. Cobri a boca para esconder o sorriso.

Mamãe suspirou:

— Calla, não estou brincando. Deixei roupas novas no seu armário e espero que comece a usá-las.

Abri a boca para protestar, mas ela me interrompeu.

— Roupas novas a partir de amanhã ou jogo fora todas as suas blusas e jeans surrados. Assunto encerrado.

Ela se levantou e saiu do quarto, com a saia dançando ao redor das panturrilhas enquanto se movia. Ouvi seus passos na escada e grunhi antes de me deitar na cama. A pilha de blusas era perfeita para afundar minha cabeça. Fiquei tentada a assumir minha forma de lobo para dilacerar a cama, mas, se fizesse isso, certamente acabaria de castigo. Além disso, gostava da minha cama e, nesse

momento, era uma das poucas coisas que minha mãe não ameaçava jogar fora.

A cama rangeu. Apoiei os cotovelos e fitei Ansel. Ele se sentou na ponta do colchão.

— Mais um momento caloroso e emotivo entre mãe e filha?

— Acertou. — Rolei na cama.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Tudo bem. — Massageei a testa na tentativa de afugentar outra forte dor de cabeça.

— E então? — disse Ansel.

Virei-me e o encarei. O sorriso sarcástico havia desaparecido.

— “Então”, o quê?

— Ren…

— Desembucha, An.

— Você gosta dele? Mesmo? — disparou ele.

Desabei na cama outra vez. Cobri os olhos com os braços, tapando a luz.

— Você também, não.

Ele veio até mim, de joelhos.

— Se não quiser ficar com ele, não precisa.

Arregalei os olhos e perdi o ar por um instante.

— Poderíamos fugir. Eu iria com você — disse Ansel, terminando a frase em um sussurro quase inaudível.

Sentei-me na cama em um sobressalto.

— Ansel — sussurrei —, nunca mais fale isso. Não sabe o que está... Esqueça isso, está bem?

Com a mão sobre a colcha, ele distraía os dedos.

— Quero que você seja feliz. Você parecia sentir tanta raiva do que mamãe falou.

— Estou possessa com mamãe, não com Ren. — Passei os dedos pelas mechas que caíam sobre os ombros e pensei em raspar o cabelo.

— Então, não se incomoda com a ideia de ser a mulher de Ren?

— Não, está tudo bem por mim. — Acariciei seu cabelo castanho-claro. — Além disso, você fará parte de uma nova alcateia. Assim como Bryn, Mason e Fey. Com você no meu grupo, será mais fácil manter Ren na linha.

— Com certeza. — Ele sorriu.

— E nem uma palavra sobre essa ideia de fugir. An, isso passa dos limites! Desde quando resolveu ser rebelde? — Semicerrei os olhos.

Ele revelou os caninos afiados.

— Bem, sou *seu* irmão, não sou?

— Então essa natureza traiçoeira é minha culpa agora? — Dei-lhe um tapa no peito.

— Tudo o que precisava saber, aprendi com Cal.

Ele se levantou e começou a pular na cama. Pulei para a beirada da cama e rolei para fora, aterrissando facilmente na ponta dos pés. Agarrei a extremidade da colcha e puxei violentamente. Ansel caiu de costas, às gargalhadas, e quicou na cama mais uma vez antes de sossegar.

— Estou falando sério, Ansel. Nem uma palavra.

— Pode deixar, maninha. Não sou idiota. Nunca vou trair os Defensores — disse ele. — A não ser que você me peça..., alfa.

Tentei sorrir.

— Obrigada.

TRÊS



QUANDO ENTREI NA COZINHA PARA o café da manhã, minha família emudeceu. Andei até o café. Minha mãe se apressou, pegou minhas mãos e me virou para ela.

— Ah, querida, você está linda! — disse, beijando minhas bochechas.

— É só uma saia, mãe. — Esquivei-me. — Não exagera.

Peguei uma caneca no armário e servi um pouco de café. No último segundo, consegui tirar o cabelo do caminho e evitar que uma mecha afundasse no líquido preto.

Ansel me atirou uma barra de cereais e tentou disfarçar o riso.

“Traidor”, movimentei os lábios ao sentar. Depois de duas mordidas na comida notei que meu pai me olhava, boquiaberto.

— O que foi? — perguntei com a boca cheia de proteína de soja.

Ele tossiu e piscou nervosamente. Então, olhou para mamãe e novamente para mim.

— Desculpe, Calla. Não imaginei que você seguiria a sugestão da sua mãe tão literalmente.

Ela também me fitou. Papai se moveu na cadeira e abriu o *Denver Post.*

— Você está muito atraente.

— Atraente? — Minha voz saltou algumas oitavas. A caneca estremeceu na minha mão.

Ansel engasgou com um biscoito e agarrou o copo de suco de laranja.

Meu pai ergueu o jornal para esconder o rosto, e mamãe deu um tapinha na minha mão. Ainda me permiti olhá-la de relance antes de me perder na névoa da cafeína.

Passamos o restante do café da manhã em um silêncio incômodo. Papai leu o jornal e evitou qualquer contato visual com mamãe, que, por sua vez, me olhou de forma encorajadora, mas respondi com frieza. Ansel nos ignorou, devorando animadamente seu *Pop-Tart*. Tomei o restinho do café: — Vamos, An.

Ansel saltou da cadeira e, no caminho até a garagem, pegou uma jaqueta.

— Boa sorte, Cal — disse meu pai enquanto eu seguia meu irmão até a porta.

Não respondi. Na maioria das vezes, gostava de ir à escola. Hoje, odiava a ideia.

— Stephen! — Ouvi minha mãe repreender meu pai quando saí de casa e bati a porta com força.

— Posso dirigir? — Os olhos de Ansel estavam cheios de esperança.

— Não — respondi e caminhei para o banco do motorista do jipe.

Saí a toda velocidade e Ansel agarrou o painel do carro. O cheiro de pneu queimado encheu o ambiente. Depois que ultrapassei o terceiro carro, ele me olhou, tentando colocar o cinto de segurança.

— Se vestir meias-calças faz você ter um instinto suicida, isso não quer dizer que tem que ser recíproco.

— Não vesti meias-calças — disse entre dentes, ultrapassando outro carro.

Ansel ergueu as sobrancelhas.

— Ah, não? Seja o que for, não tenho nada com isso.

Ele sorriu para mim, mas lhe lancei um olhar cortante que o fez se encolher no banco. Quando chegamos ao estacionamento da Mountain School, o rosto de Ansel estava branco como o de um fantasma.

— Acho que pedirei uma carona a Mason para voltar — disse ele antes de bater a porta do carro.

Percebi que meus dedos estavam doloridos por apertar o volante e suspirei longamente.

São apenas roupas, Cal. Não reaja como se mamãe houvesse obrigado você a fazer uma cirurgia plástica nos seios.

Estremeci, desejando que essa ideia nunca passasse pela cabeça de Naomi.

Bryn me chamou, do outro lado do estacionamento. Esbugalhou os olhos, que me fitavam da cabeça aos pés.

— O que aconteceu?

— *Finesse* — resmunguei, sem interromper a caminhada até a escola.

— O quê? — Os cachos ruivos de Bryn desciam e subiam enquanto ela andava ao meu lado.

— Para ser uma fêmea alfa é preciso mais do que combater os Inquisidores — falei. — Ao menos é a opinião de Lumine e da minha mãe.

— Mais uma tentativa de Naomi de transformar você? O que mudou dessa vez?

— Dessa vez ela está falando sério. — Ajeitei a saia, desejando meus jeans. — E Lumine, também.

— Bem, então acho melhor obedecer. — Bryn deu de ombros enquanto passávamos por alunos sonolentos e humanos.

— Obrigada pelo voto de confiança. — Não consegui encontrar uma maneira de manter a saia no lugar e desisti de esticá-la.

Passamos em silêncio pela entrada e seguimos pelo corredor onde ficavam os armários dos alunos do último ano. O cheiro da escola estava diferente nessa manhã. Havia os odores familiares do metal dos armários e da cera concentrada do piso contrastando com a frescura das vigas de cedro no teto, mas senti falta do medo que a pele dos humanos geralmente exalava.

O cheiro que sentia era de curiosidade, surpresa, uma estranha reação desses alunos, cujas vidas eram cuidadosamente isoladas dos Defensores e dos Guardiões. As únicas atividades que compartilhávamos eram as aulas. Seus olhos fixos em mim foi algo simplesmente perturbador.

— Está todo mundo me olhando? — Tentei disfarçar o nervosismo.

— Praticamente.

— Ah, Deus... — murmurei, apertando a alça da bolsa.

— Ao menos você está sexy. — A resposta animada de Bryn fez meu estômago revirar.

— Por favor, não me fale essas coisas. Nunca. — *Por que minha mãe fez isso comigo?* Sentia-me como uma aberração em um circo.

— Desculpe — disse Bryn, sacudindo as pulseiras metálicas que levava no braço.

Guardei alguns cadernos no armário e peguei os livros que precisaria para as primeiras aulas. O burburinho no corredor cessou, dando lugar a sussurros, e Bryn não parecia mais relaxada.

Eu sabia o que isso significava. Ele estava por perto. Pendurei a bolsa no ombro, fechei a porta do armário e odiei sentir o coração disparar quando avistei Renier Laroche.

O grupo de estudantes se dispersou para o alfa Bane e seu bando passarem.

Ren, acompanhado por Sabine, Neville, Cosette e Dax, parecia flutuar pelo corredor. Movia-se como se fosse o dono da escola — os olhos seguindo de um lado a outro, sempre um lobo, sempre um predador. *Aposto que ele nunca precisou de uma transformação.*

Ao me ver, Ren abriu um “quase” sorriso.

Mantive-me imóvel e retribuí o olhar desafiador. Bryn se aproximou de mim e senti sua respiração no meu pescoço.

A agitação no corredor cessou. Todos os olhares estavam vidrados nesse encontro, cochichos corriam entre os alunos.

Um movimento à direita chamou minha atenção. Mason, Ansel e Fey surgiram entre os estudantes e se posicionaram ao redor de Bryn. Senti-me um pouco mais alta.

Não é o único alfa, certo?

Ren semicerrou os olhos, focados nos lobos Nightshade, atrás de mim. Uma risada lhe escapou.

— Não vai dispensar seus soldados, Lily?

Olhei rapidamente os Banes, como sentinelas ao redor do seu alfa.

— Você fala como se estivesse sozinho. — Apoiei-me no armário.

A risada se transformou em um riso frouxo, parecido com um rosnado. Ele, então, olhou para Sabine.

— Saiam. Preciso conversar com Calla, a sós.

A garota de cabelos pretos do seu lado direito se enrijeceu, mas se virou e caminhou em direção aos alunos. Os outros três lobos a seguiram. Dax lançou um último olhar para seu alfa antes de se misturar à multidão.

Ren ergueu uma das sobrancelhas.

— Bryn, vejo você na aula — falei.

Ouvi o balançar dos seus cachos quando ela ergueu o queixo. Do canto dos olhos, vi Mason e Fey se inclinarem e cochicharem

algo com ela enquanto se afastavam. Ren continuava com olhos fixos atrás de mim. Virei e percebi que Ansel ainda estava ali.

— Você também, agora.

Meu irmão inclinou a cabeça e seguiu os outros Nightshades.

Ren riu.

— Protetor ele, não?

— Não importa. — Cruzei os braços. — Para que o show, Ren? Conseguiu deixar metade da escola nos olhando.

Ele deu de ombros.

— Eles estão sempre nos olhando. Têm medo de nós. É assim que deve ser.

Meus lábios se moveram, mas não respondi.

— Você está diferente — comentou ele, passeando os olhos, sem pressa, por mim.

Droga, mãe!

Relutante, confirmei com a cabeça. Ren tocou meu queixo e levantou meu rosto. Ergui os olhos e vi seu sorriso mais sedutor. Desvencilhei-me bruscamente dos seus dedos. Um grunhido suave soou no seu peito.

— Fique calma...

— A aparência não faz diferença. — Pressionei ainda mais o corpo contra o armário. — Pare de brincadeiras. Sabe quem eu sou.

— Claro que sei — murmurou ele. — Por isso gosto de você.

Meus dentes trincaram enquanto lutava contra a tensão excitante que aquele alfa me causava, das pontas dos pés ao último fio de cabelo.

— Sou imune ao seu charme — menti. — Pare de encenar, Bane. O que quer?

Ele riu.

— Ah, Cal... Achei que fôssemos amigos.

— Somos *amigos*. — Deixei que a frase pairasse no ar. — Até 31 de outubro, aí tudo mudará. É o que dizem as normas. Hoje,

porém, você está parecendo um macho no cio. Diga logo o que está pensando.

Prendi a respiração, na dúvida se fui longe demais. A reação dele não foi de raiva e, por um segundo, vi uma expressão de afeto no seu rosto.

— Os Defensores estão pegando pesado — disse ele. — Eu, ao menos, estou cansado de ser espionado 24 horas por dia. Pensei se você não estaria interessada em fazer algo a respeito.

Esperei pelo restante da piada. Não veio.

— C-Como? — Consegui finalmente balbuciar.

Ele deu um passo hesitante na minha direção.

— O que os tira do sério? — murmurou ele, inclinando-se para mim. Respirar se tornou um desafio.

Eu tenho o controle. Eu tenho o controle!

— A união. A nova alcateia — respondi. Ele estava tão próximo que eu podia ver os pontos prateados dos seus olhos escuros.

Ren concordou com a cabeça. Um sorriso se abriu.

— E quem pode fazer com que ela seja um sucesso ou um fracasso?

Meu coração acelerou.

— Nós.

— Exatamente. — Ele ficou ereto e pude respirar novamente. — Achei que pudéssemos fazer algo a respeito.

— Como o quê? — Ele tinha o pescoço e os ombros tensionados. Quase estremeci. *Ele está nervoso. O que o deixaria nervoso?*

— Como passarmos mais tempo juntos. Fazer com que a alcateia deixe de ser leal aos mais velhos e passe a ser leal a nós — disse ele. — Talvez, convencer nossos amigos a deixarem de se odiar. Talvez isso fizesse os Defensores relaxarem e nos deixarem em paz.

Mordi o lábio, refletindo sobre o que ele falou.

— Quer iniciar a união agora?

Ele assentiu.

— Aos poucos. Acho que facilitará a adaptação para todos em vez de mudarmos tudo subitamente em outubro. Pensei em sairmos.

— Sairmos? *Juntos*? — Prendi os lábios para não rir.

— Não vai doer — disse ele em voz baixa.

A risada morreu quando percebi que ele não estava brincando. — *A não ser que um arranque a cabeça do outro.*

— É arriscado — falei.

— Quer dizer que não consegue controlar seus Nightshades?

— Não, é claro que não. — Olhei para ele, zangada. — Eles fazem o que eu mandar.

— Então não haverá problema, certo?

Suspirei.

— Os Defensores também estão atrás de você?

Ren desviou o olhar.

— Efron está preocupado com meus... hábitos. Teme que você esteja insatisfeita ou apreensiva em relação à minha fidelidade. — Ele pronunciou a última palavra como se mordesse um pedaço de cartilagem.

Caí na gargalhada. Por um minuto, ele se mostrou desapontado.

— Bem feito, Romeu. — Apontei os dedos para o peito dele, como se fossem uma pistola. — Se você não fosse o filho de Emile, o pai de alguma menina com o coração partido teria arrancado seu couro e o pendurado em uma lareira.

Ren sorriu maliciosamente.

— Não posso dizer que você está errada. — Ele apoiou a mão no armário, um pouco acima do meu ombro. — Há um mês, Efron vai à minha casa uma vez por semana. — Ele continuou sorrindo, mas havia tensão nos seus olhos.

O medo fechou minha mão sobre sua camisa, puxando-o para perto.

— Uma vez por semana? — sussurrei.

Ele assentiu e passou a mão pelos cabelos, negros como café.

— Não se surpreenda se ele aparecer na união com uma arma.

Sorri, mas perdi a respiração quando Ren voltou a se inclinar sobre mim. Seus lábios roçaram minha orelha. Desviei-me. Os Defensores levam a sério essa história de pureza, mesmo que Ren não pense assim.

— Acho que eles têm medo de que a nova geração não siga as tradições, mas eu nunca deixaria você no altar, Lily.

Soquei seu estômago, mas me arrependi em seguida. O abdômen de Ren era duro como uma pedra. Sacudi a mão dolorida e recuei. Ele segurou meu pulso com força sem deixar de sorrir.

— Boa direita.

— Obrigada por perceber. — Tentei desvencilhar o braço, mas ele continuava firme.

— Então, o que acha?

— De sairmos? — Não consegui encará-lo. Ele estava perto demais. Eu podia sentir o calor do seu corpo, fazendo subir minha temperatura.

— É. — Seu rosto estava a centímetros de distância. Ele tinha cheiro de couro e de sândalo.

— Talvez funcione — falei, prestes a me fundir ao armário. — Pensarei no assunto.

— Ótimo. — Ele largou meu pulso e se afastou. — A gente se vê, Lily.

Confiante, ele caminhou pelo corredor até desaparecer entre os alunos. Ainda pude ouvir sua risada mais uma vez.

QUATRO



CORRI PARA MINHA MESA ASSIM que o sinal tocou. Bryn, que se sentava atrás de mim, não perdeu tempo: — Conta tudo.

— Foi uma experiência interessante — falei, deslizando na cadeira.

O Sr. Graham pigarreou:

— Damas, cavalheiros. Peço um pouco do seu precioso tempo.

Perdi o ar quando, subitamente, Bryn cravou as unhas no meu braço.

— Bryn, o que foi?

Bryn tinha os olhos fixos na entrada da sala. As conversas cessaram.

— Agradeço muito — disse o Sr. Graham num tom grave que invadiu a sala. — Hoje ganhamos um novo aluno na Mountain School.

Virei-me e fiz uma careta, certa de que perdera um pedaço de pele depois do beliscão de Bryn. Em seguida, congelei ao sentir o

perfume de uma brisa de primavera repleta da luz do sol. *Não, não poderia ser.* Mas era.

Ao lado da mesa do Sr. Graham, encabulado, estava o garoto que eu salvara 24 horas antes.

— Esse é Seamus Doran — continuou o professor, com um sorriso para o garoto, que se sentia claramente desconfortável.

— É Shay. Podem me chamar de Shay — disse ele em voz baixa.

— Seja bem-vindo Shay. — O Sr. Graham passou os olhos pela sala.

Meu coração gelou quando ele mirou a mesa vazia à direita da minha.

— Há um lugar ao lado da senhorita Tor.

Bryn chutava o pé da minha cadeira insistentemente.

— Quer parar? — reclamei, virando-me para ela. — O que quer que eu faça?

— Qualquer coisa. — Apesar de baixa, a voz de Bryn era de alarme.

Experimentei o horror e o prazer de revê-lo. Mesmo sem poder controlar o turbilhão de emoções, tinha noção do desastre que aconteceria quando ele me reconhecesse. Pus os cabelos para a frente na tentativa de esconder o rosto.

Por que nunca estou com meu casaco de capuz quando preciso dele?

Shay caminhou lentamente até a mesa que o professor lhe indicara, e me deparei com seus olhos verdes pálidos segundos antes de desviar o olhar. Não restava dúvida: ele sabia quem eu era. Tive medo, óbvio, mas o medo também trazia um certo prazer. Nos poucos segundos em que nossos olhos se encontraram, vi seu espanto. Ele achara que eu fazia parte de um sonho e, de repente, eu era real. A mochila escorregou das suas mãos. Canetas rolaram pelo chão entre nossas carteiras. Engoli um gemido e levei a mão

ao rosto, como se quisesse me proteger. Parecia que meu estômago pegava fogo. Bryn voltou a chutar minha carteira, dessa vez com tanta força que a moveu alguns centímetros.

Entrei em pânico e corri para a saída. O Sr. Graham deu vários passos para trás ao me ver avançando a toda em sua direção.

— Cólica... E inchaço — sussurrei.

O Sr. Graham corou e rascunhou um passe de saída. Corri pelo corredor para o banheiro feminino. Por sorte, estava vazio. Agachei até o chão, trêmula. A porta do banheiro se abriu.

— Cal — Bryn sussurrou e ajoelhou ao meu lado.

Provoquei o destino e ele está me caçando. Deveria ter deixado o urso matá-lo. Mas a ideia de vê-lo machucado me tirava o fôlego. — Ele não pode estar aqui.

— Eu sei. — Bryn me abraçou.

— Ele deve ser alguém importante. Quero dizer, no mundo dos humanos. Se não, por que teriam transferido ele no último ano? Isso nunca acontece.

— Meu Deus, Bryn... — Levantei o rosto até então coberto pelas mãos. — Será que os Defensores já sabem?

Bryn negou.

— Não, eles não sabem. Quando há algo errado, nossa mestra assume o controle imediatamente. Você está a salvo.

— Tem razão. — Levantei e andei até a pia. — Eles não sabem.

Olhei para ela pelo espelho.

— Quem é ele?

— Deve ser filho de um banqueiro rico ou de um senador importante, como os humanos que estudam aqui — disse Bryn. — Para nós, não é ninguém.

Sou uma idiota. Minhas pernas ainda vacilavam*. Não acredito que o salvei.*

— Use isso. Você está pálida. — Bryn tirou um blush da bolsa. — Ninguém sabe o que aconteceu, além de nós três. E

provavelmente ele nem acredita no que viu. Quero dizer, quem acreditaria? Finja que nada aconteceu.

— Está bem. — Engoli o pânico ao descobrir que, na verdade, desejava reencontrá-lo. Lembrei da sua boca tocando meu braço e estremeci. *O estresse da união está finalmente me atingindo. Estou perdendo o controle.*

Decidi faltar ao restante da primeira aula, mas sabia que me esconder de Shay Doran não era uma opção realista. Considerando que havia apenas trinta alunos do último ano, obrigatoriamente eu o reencontraria mais tarde.

Francês?

Não.

Biologia?

Não.

Química orgânica?

Sim.

A senhorita Foris direcionou o “garoto-que-deveria-estar-morto” a um grupo de alunos humanos. Shay parecia sentir que eu o observava e me encarou. Desviei o olhar rapidamente, frustrada por não poder continuar fitando-o. Em vez disso, olhei para Ren, que arrumava o material do laboratório. Tentei me concentrar na aula, mas reparei os olhares inquisitivos do estranho, do outro lado da sala. Mordi o lábio para não sorrir. *Ele também quer me olhar.*

Ren me entregou um béquer.

— Então, pensou no assunto?

— Qual assunto? — Guardei o béquer e peguei outro recipiente.

— Sair comigo — disse ele e pôs a mão na minha cintura. — Ou ainda duvida da sua capacidade de controlar sua matilha?

Uma onda de calor me invadiu subitamente, como se Ren houvesse deixado a marca da sua mão na minha pele. Não o encarei.

— Estou segurando um frasco com ácido clorídrico, Ren. Não me irrite. Você sabe que está indo longe demais.

Ele riu, mas tirou a mão de mim. Terminei de medir a volatilidade do líquido e pus o recipiente no lugar.

— Tenho outras coisas em mente — murmurei, querendo não desejar que ele me tocasse novamente.

— Que pena. — Seu sorriso era amistoso, mas também continha uma advertência.

— E posso saber por quê? — Inclinei-me sobre a mesa.

— Porque eu queria te fazer um convite inusitado. — Ele começou a anotar algo no caderno.

— Um convite para o quê? — Olhei o que ele escrevia. Como sempre, tinha anotações perfeitas, mas eu gostava de duvidar de sua dedicação aos estudos. Resisti à tentação de arrancar sua caneta e provocá-lo.

Ele estampava um sorriso irônico.

— Não posso lhe fazer uma gentileza se você tem dúvidas sobre nossa capacidade de interagir pacificamente.

— Fiquei curiosa, Ren. O que você tem a me oferecer?

Os olhos dele brilharam, riscas prateadas contrastando com o preto.

— Efron dará uma festa vip em uma das suas boates sexta-feira. Alguém importante chegou na cidade e nosso mestre oferecerá um jantar a ele, como sempre. Nós vamos participar. Você pode trazer seu bando.

Fiquei chocada com o convite.

— Está falando sério?

— Acha que eu brincaria com você? — Ele inclinou a cabeça na minha direção, os olhos arregalados possuíam uma inocência afetada.

— Acho. — Eu ri. Dessa vez, ele pegou minha mão. Não estremeci quando ele passou os dedos sobre os meus.

— O convite continua. É pegar ou largar — disse ele e se voltou para o caderno. Ele largou minha mão, mas meu coração se manteve ferozmente acelerado.

— Qual é a boate?

— Éden.

Fechei a boca para meu queixo não cair.

— Está bem, estaremos lá. Obrigada. — Agi com indiferença, mas eu ardia de ansiedade.

Ele não ocultou o sorriso.

— Os nomes de vocês estarão na lista.

Mordi o lábio.

— O quê? — Ren continuou, franzindo a testa.

— Não sei se Ansel poderá ir.

Ren deu de ombros. Agarrou as laterais da mesa e curvou as costas, esticando-se languidamente.

— Se o nome estiver na lista, ele entra.

Levei as mãos para trás e entrelacei os dedos para não cair na tentação de sentir seus músculos flexionados.

— Ele tem 15 anos. — Evitei olhar para as linhas definidas do corpo dele.

— Cosette tem 15 anos e estará lá. — Ren se aproximou ainda mais. — Acha que ele te perdoaria se não o levar?

— Provavelmente não. — Imaginei a revolta de Ansel se eu lhe contasse sobre a festa e o proibisse de ir.

— O nome dele estará na lista, mas ele é seu irmão. Depende de você, Lily.

— Quer, por favor, parar de me chamar assim?

— Nunca.

— É… Oi. — A voz atrás de mim era nova. Ren franziu a testa e, ao me virar, me deparei com o recém-chegado ao nosso lado.

Ai, Deus.

— Posso falar com você? — Shay perguntou.

— Por quê? — Minha resposta foi cortante como uma lâmina e mais brusca do que deveria. Eu queria conversar com ele, mas essa não era uma opção. Notei a surpresa de Ren com minha hostilidade, sem ao menos olhar o garoto.

A intensidade da minha pergunta atraiu o alfa. Eu não sabia se ficava grata ou ofendida. Afinal, era uma alfa também.

O garoto olhou para Ren. Vi a expressão ameaçadora dele refletida nos olhos do estranho. Nenhum humano resistia ao olhar ameaçador de um Guardião, ainda mais vindo de um alfa. Senti pena do recém-chegado.

— Por nada. Esqueça — murmurou Shay claramente nervoso, alternando o olhar de mim para Ren, que estava com as mãos na minha cintura.

Meus instintos se digladiavam entre o desejo de expulsar as mãos de Ren e o alívio de tê-lo por perto. Gostei da pressão das suas mãos, mas me incomodava aquela atitude possessiva. Olhei para ele, evidenciando minha irritação, e, quando voltei a atenção para o intruso, descobri algo: *Não quero que Shay me veja assim.*

Shay sacudiu a cabeça como se estivesse em um nevoeiro, perdido e desorientado. O sinal tocou e ele sumiu rapidamente.

— Garoto esquisito — murmurou Ren, tirando as mãos da minha cintura. — Ele é novo aqui, não é?

— Acho que sim. Ele estava na sala comigo e Bryn e a mesa dele fica ao lado da minha. Deve querer dicas. — Tentei soar entediada. — Ele ainda não conhece as regras: nada de misturas.

Ren se virou para guardar o material do laboratório.

— Ah, *essa* regra.

— Mesmo que você tenha problemas em respeitar limites, os outros não precisam ter. Nós respeitamos a vontade dos Defensores. — Minha voz era doce como mel.

Ele apenas deu de ombros.

Droga, deixe de ser arrogante!

— Olha, estou com muita fome. Pode cuidar disso? — Apontei para os recipientes e béqueres que ainda deveriam ser guardados.

— Sem problema.

— Obrigada. — Peguei minha bolsa e saí da sala.

Os Guardiões almoçavam no final do refeitório. Embora os dois grupos se sentassem em mesas diferentes, estavam sempre próximos. Do outro lado, ficavam os filhos dos Defensores, sempre vestindo Gucci ou Prada, querendo ser melhor que os outros. Os humanos ficavam espremidos entre os lobos e os filhos dos nossos mestres. Às vezes, eu sentia pena dos mortais. No mundo deles, possuíam imenso poder, mas não aqui. Em Mountain School, os humanos sabiam que eram os mais frágeis na cadeia alimentar.

Ansel e Mason estavam na nossa mesa. Puxei uma cadeira ao lado do meu irmão.

— Então, o que Ren queria? — Os olhos de Ansel não disfarçavam sua ansiedade.

Mason se inclinou para a frente, curioso, mas não falou nada.

— Esperaremos os outros. — Tirei um sanduíche de peru de um saco de papel.

Ansel grunhiu, impaciente, e eu lhe lancei um olhar de advertência. O metal arranhou o piso quando Bryn pegou uma cadeira próxima. Fey se sentou ao lado de Mason.

Encarei meus companheiros, sentados em círculo, e olhei de relance para a mesa ao lado, dos Banes. Sabine tamborilava na mesa com suas unhas pintadas enquanto sussurrava algo no ouvido de Cosette. A loura, mais jovem, enrugou os lábios. Sua pele era tão pálida que ela parecia ser transparente, e seu jeito inquieto e acanhado indicava que era isso o que ela desejava.

Dax e Neville começaram uma queda de braço. Embora Dax — vestindo a camisa do time de futebol Denver Broncos e jeans largos — fosse claramente mais forte que o outro, mais jovem e mais magro, gotas de suor surgiram na sua testa. Neville, de preto ao

estilo *beatnik*, aos poucos forçou o braço de Dax na direção da mesa. Ren estava debruçado na beira da mesa e ria dos amigos, embora ocasionalmente lançasse um rápido olhar em nossa direção.

Engoli uma mordida do pão integral com peito de peru.

— Escutem...

Os Nightshades se inclinaram para a frente em um movimento, com exceção de Mason, que tinha a cadeira inclinada sobre dois pés e os braços cruzados atrás da nuca. Ele deu uma olhada para os Banes e então piscou para mim. Eu ri.

— Ren está olhando. Relaxem, façam como Mason.

O restante do grupo murmurou desculpas, tentando parecer mais descontraídos, alguns com mais sucesso que outros.

— O alfa Bane me fez uma proposta interessante. — Mastiguei um pedaço do sanduíche, ignorando o estômago revolto.

Bryn enrolou o espaguete com o garfo.

— Qual proposta?

— Ele quer que a gente passe mais tempo juntos. — Quase fiz uma careta e me encolhi ao ver o grupo se esforçar para não perder a compostura.

Ansel deixou cair algumas batatas na mesa. Fey tinha uma expressão de nojo e olhou para uma Bryn incrédula que acabou soltando um assobio. Apenas Mason manteve a calma. Esticou os braços preguiçosamente e parecia satisfeito. Meu grunhido baixo fez o grupo sossegar.

Bryn foi a primeira a falar, com a voz contida.

— Quer dizer, ele e você? — Franzi a testa para a pergunta cética.

— Não, *com todos nós*. — Fiz um gesto indicando o círculo. — Juntar as duas alcateias. Ele acha que os Banes e Nightshades deveriam se aproximar antes da união.

— Ah, para com isso! — Fey estava pálida. — Por que faríamos isso antes de sermos obrigados? — Ela rasgou o guardanapo que teve o azar de estar na sua bandeja.

Mason se balançava na cadeira, para a frente e para trás.

— Pode ser interessante.

— Bryn? — Virei-me para fitá-la.

— O que ele pretende com isso? — Ela olhou para a mesa dos Banes.

Fiz o mesmo. Dax parecia desapontado e Neville cobriu o rosto com o boné, descansando a cabeça na cadeira como se fosse cochilar. Ren se sentara em uma cadeira ao lado de Sabine, que se apoiava nele e gesticulava nervosamente enquanto falava. Cosette escutava e balançava a cabeça afirmativamente.

— O mesmo que eu — murmurei. — Efron está perturbando Ren. E Lumine está me perturbando. Ela esteve na nossa casa ontem à noite acompanhada de dois espectros.

O grupo se arrepiou ao ouvir sobre os guardas.

— Ren acha que se nos mostrarmos satisfeitos com a união — continuei —, vocês sabem, se obedecermos as ordens antes que elas sejam dadas, talvez os Defensores nos deixem em paz.

— O que *você* acha? — Ansel fez um pequeno monte com as batatas que espalhara na bandeja.

— Acho que deveríamos tentar. Um passo de cada vez — falei. — Se for horrível, nos separamos e esperamos até outubro, quando virá a ordem.

Mason deixou a cadeira cair sobre os quatro pés.

— O que quer dizer com um passo de cada vez?

— Fomos convidados para uma festa na Éden, sexta-feira à noite.

— Uau! — Mason cutucou Ansel. Ele sorriu.

— Mas… — Todos os olhares estavam focados em mim. — Não quero que os Banes deem todas as cartas. A Éden é o território de

Efron, o território deles.

Bryn se inclinou para perto de mim, mas olhava para os outros Nightshades, com dentes à mostra.

— Ela tem razão. Ren não pode ter o controle dessa união.

— E ele não terá. Vou deixá-lo na dúvida. Ele é muito convencido!

Meus companheiros riram e concordaram.

— Preciso de vocês para me ajudarem a levar bem esse jogo — completei —, mesmo que precise fazer algo ofensivo.

Mason dedilhou na mesa. Ansel balançou a cabeça. Bryn apenas assentiu. Fitei Fey, que mordeu a maçã antes de falar.

— Você é a alfa, Cal — disse ela com a boca cheia. — Mas não esqueça que odeio Sabine. Ela é uma vaca!

— Talvez ela seja legal se a conhecer melhor — disse Ansel, que se encolheu imediatamente após o olhar fulminante de Fey.

— Então, estamos combinados? — Estiquei-me na cadeira, à espera.

Todos assentiram. Mason com entusiasmo, Fey por último.

— Muito bem, pessoal. Aí vamos nós! — Virei-me para os Banes. — Ei, Ren! — chamei.

Ele interrompeu a conversa com Sabine, que contorceu o rosto, indignada. Ren ergueu as sobrancelhas, mas logo recuperou o controle e se mostrou desinteressado, com respeito, porém.

— Oi.

— Podemos juntar nossas mesas?

Ouvi Fey soltar um palavrão em voz baixa. Sorri ainda mais ao ver Ren totalmente desconcertado.

— Claro. — Ele olhou rapidamente para Dax e indicou com a cabeça na nossa direção.

Dax se levantou e segurou a mesa com apenas uma das mãos, arrastando-a pelo chão e produzindo um ruído desagradável do metal sobre o azulejo até tocar a mesa dos Banes. Todos no

refeitório se levantaram ou se viraram na direção do ruído, que os deixou com os dentes trincados. Os Defensores demonstraram espanto e curiosidade pela cena.

Ótimo. Tomara que Lumine e Efron saibam disso o mais rápido possível.

Mason, em pé, arrastou a cadeira para perto de Neville, que se surpreendeu mas sorriu e afastou sua cadeira para que houvesse espaço suficiente. Mason acenou para que Ansel se aproximasse. Meu irmão se dirigiu rapidamente para o amigo e Neville estendeu a mão em sinal de boas-vindas.

Hã... Eu não imaginara que esse intercâmbio seria tão fácil.

Sabine se moveu para trás quando Fey carregou sua cadeira para mais perto das mesas. Fey encarou a garota Bane, posicionando-se o mais longe possível de Sabine.

Talvez não tão fácil.

— Calla? — Bryn aguardava ao meu lado.

— Fey precisa de um apoio moral. E talvez de algum controle. Sente-se com ela.

Não tirei os olhos de Ren. Ele se curvou para perto de Dax e moveu os lábios, mas não consegui ouvir o que disse. Dax estava tenso. Ren pôs a mão no ombro do amigo, que se levantou.

O forte lobo passou por trás de mim, pegou a cadeira que estava usando e a levou para perto de Bryn e de Fey. Fiz um gesto com a cabeça e elas abriram espaço para o Bane, com certa relutância. Ren apontou para a cadeira vazia ao lado dele e arqueou as sobrancelhas.

Peguei meu almoço e me sentei. Sabine ficou extremamente mal-humorada. Cosette sorriu, nervosa, quando me sentei.

— Olá, meninas — cumprimentei.

Sabine resmungou e estreitou ainda mais os braços cruzados.

— Oi, Calla — murmurou Cosette, distraindo-se com uma almôndega no seu espaguete. Olhou sem graça para mim e, em

seguida, para Sabine.

— Iniciativa interessante, Lily. — Ren bebeu um gole de água.

Mastiguei o sanduíche de peru e dei de ombros.

— Imaginei que ajudaria a evitar potenciais atos de violência na Éden. Certamente, Efron não gostaria de apartar brigas de adolescentes rivais durante a festa.

Ren riu e inclinou a cadeira sobre os pés traseiros, mas Sabine me encarou com raiva.

— Então você decidiu? — Ela enfiou as unhas nos braços, deixando marcas vermelhas na pele.

— Claro, mal podemos esperar — falei, em um tom de voz que transbordava simpatia.

— Tanto faz — sussurrou ela e começou a lixar as unhas.

Ren desceu a cadeira bruscamente.

— Pare com isso, Sabine. Agora.

Ela deixou a lixa cair no chão e lançou um olhar suplicante para Cosette. A mascote dos Banes mordeu o lábio, pegou a lixa e a devolveu a Sabine.

Do outro lado da mesa, ouviam-se risadas divertidas. Fey sorria enquanto seus olhos acompanhavam as mãos de Dax, que não paravam de gesticular.

— Nossa, essa é uma cena inusitada. Sorrir é o pior dos pecados para Fey.

Ren inclinou-se para a frente.

— Dax é um cara engraçado. Sabe contar ótimas histórias. Seu pessoal gostará dele.

— Acho que já gosta.

Mason, Neville e Ansel estavam bastante envolvidos em uma conversa animada — que, pelo pouco que ouvi, parecia ser sobre se Montreal, Austin ou Minneapolis eram os lugares com as melhores bandas alternativas. Eles sequer olhavam para os outros lobos à mesa. Reclinei-me na cadeira, satisfeita comigo.

Parece fácil.

Um pedaço de peito de peru se entalou na minha garganta quando Ren pôs a mão na minha perna, os dedos explorando os contornos da minha coxa. Tossi e arranquei a garrafa de água da mão dele para, em seguida, dar um tapa nos seus dedos abusados.

— Está tentando me matar? — Engasguei. — Controle a mão boba.

Ren abriu a boca para responder, mas, em seguida, levantou-se e olhou para trás. Virei-me de costas.

Shay estava no centro do refeitório, observando nossas mesas com uma expressão que ficava entre a curiosidade e o medo.

— Acho que você tem razão, Lily — disse Ren. — Aquele garoto precisa de algumas dicas. Parece que ele quer vir aqui.

Shay deu um passo hesitante na nossa direção. Seu olhar estava fixo em mim, fascinado. Estremeci e joguei o que restava do sanduíche no saco de papel.

Sabine riu dissimuladamente.

— Nossa, que olhar apaixonado. Parece que o novato está a fim da Calla. Não é fofo? Tadinho do humano...

Essa combinação de medo e prazer estava se tornando familiar sempre que eu pensava no garoto e me perguntava o que ele achava sobre mim.

Ren resmungou:

— Acho melhor eu ter uma conversa com ele sobre como funcionam as coisas por aqui… E o lugar dele nessa escola.

Ele fez menção de sair da mesa. Eu não poderia deixá-lo ir até Shay.

— Não, Ren, por favor. Ele não passa de um humano. É um coitado. — Agarrei-o pelo braço, puxando-o para a cadeira. — Dê a ele mais um dia. Ele acabará aprendendo como tudo funciona. É sempre assim.

— É isso o que você quer? — perguntou ele a meia-voz. — Que eu o deixe em paz?

— Não devemos nos misturar com os humanos — argumentei. — Se você o confrontar, vai chamar muita atenção.

Ele tirou minha mão do seu braço e entrelaçou os dedos nos meus.

Fiquei nervosa, mas não resisti.

Tudo bem, podemos dar as mãos. Dar as mãos não faz mal... Não tem importância.

Mas meu coração batia como se eu estivesse prestes a terminar uma maratona. Detestava não conseguir me controlar ao lado de Ren — e o fato de eu precisar me controlar.

O restante do grupo, sintonizado com a súbita agitação dos seus alfas, cessou as conversas e voltou a atenção para o estranho. O grunhido baixo que emitiram provocou um calafrio na minha coluna. A reação defensiva foi o primeiro movimento comum entre os jovens Nightshades e Banes.

Somos uma alcateia.

Ao ser bombardeado por vinte olhos, Shay estremeceu. Olhou ao redor do refeitório e encontrou o grupo com quem trabalhara na aula de química orgânica. Então caminhou rapidamente até a mesa deles, lançando-me um rápido olhar arrependido.

Ren riu de forma diabólica.

— Pelo visto, você tinha razão, Lily. Acho que ele está começando a entender a mensagem.

Sorri, sem vontade, e amassei o saco de papel do meu almoço, frustrada ao ver Shay se afastar.

CINCO



COM O PÉSSIMO NOME DE “grandes Ideias”, minha única aula durante a tarde consistia em uma pesquisa sobre filosofia desde a era clássica até os dias de hoje. Embora o tema fosse vago, era minha aula favorita. Ao ver Shay se sentar a uma mesa próxima às amplas janelas, meu coração quase saiu pela boca. Fui até o final da sala, o mais longe possível. Shay tinha os olhos fixos em mim quando me sentei. Peguei o grosso fichário, com os textos do ano inteiro, e procurei pelo exercício do dia anterior. Tentei reler minhas anotações, mas as letras se misturaram diante dos meus olhos.

Quem é ele? O que faz aqui?

Uma risada baixa e rouca chamou minha atenção em direção à porta: os três Banes do último ano entravam na sala. Sabine sorria para Ren. Travei o maxilar ao ver os dois abraçados. Dax vinha atrás. Ren olhou para metade das mesas ocupadas e seu sorriso sumiu assim que avistou o novo aluno.

Ren se desvencilhou do braço de Sabine, virou-se para Dax e apontou para o estranho com o queixo. Os dois caminharam lado a

lado, arrogantemente, na direção de Shay, que arregalou os olhos com a aproximação. Agarrei as laterais da mesa, pronta para saltar entre os predadores e a caça indefesa se a situação saísse de controle. Os lábios de Ren fizeram uma curva que mal poderia ser chamada de sorriso. Controlei um rosnado e observei o alfa.

Se o machucar, mato você. Fiquei sem ar ao imaginar isso, aliviada por não estarmos na forma de lobos. Ren era a última pessoa a quem eu poderia ameaçar. Ele era o futuro da alcateia. Meu futuro.

Ren estendeu as mãos.

— Sou Ren Laroche. Você é novo por aqui. A gente se viu na aula de química orgânica.

Shay franziu a testa e o cumprimentou lentamente, fazendo uma careta quando Ren apertou seus dedos. Mas, em vez de se encolher na mesa como a maioria dos humanos teria feito, o estranho encarou Ren e desvencilhou sua mão.

— Shay. Shay Doran. — Ele esticou a mão sob a mesa.

— Legal conhecer você, Shay — Ren olhou para seu companheiro.

— Esse é Dax.

Dax estalou os dedos.

— E aí, cara? Espero que você sobreviva aqui. É uma escola bem puxada.

Em um movimento rápido e simultâneo, Ren e Dax se sentaram dos lados de Shay. Agarrei o lápis com tanta força que o parti ao meio. Ren piscou para mim do seu mais novo lugar. Lancei-lhe um olhar fulminante, que apenas ampliou seu sorriso.

O sinal tocou e o professor, Sr. Selby, começou a escrever no quadro. A pergunta do dia era: qual é o verdadeiro estado da natureza?

— Antes de iniciarmos a conversa, quero apresentar o mais novo integrante da turma. — O professor se virou e apontou para a mesa

onde Shay estava sentado, tenso, entre dois relaxados Banes.

— Doran, pode dizer algumas palavras sobre você?

Ele se mexeu na cadeira, olhando em volta.

— Meu nome é Shay. Acabo de me mudar com meu tio. Morei em Portland durante dois anos. E antes disso, bem… Nunca fiquei muito tempo em um lugar.

O Sr. Selby sorriu para o nosso novo colega de turma.

— Bem-vindo à Mountain School. Entendo que não deve ter tido tempo de ler o texto dessa aula, mas fique à vontade para participar da discussão.

— Obrigado — disse Shay antes de murmurar algo que pareceu ser: — Tentarei acompanhar.

O Sr. Selby se voltou para o quadro.

— O texto trata de teorias filosóficas sobre como o mundo funciona. O que se pode dizer sobre o princípio de tudo? O que acham?

— *Paradisum.* Paraíso. Éden. — Ren me lançou um sorriso malicioso.

— Muito bem, Laroche. O paraíso como a essência da natureza... Talvez sim, talvez não? Os filósofos do Renascimento acreditavam que o Novo Mundo poderia ser o novo Éden. — O Sr. Selby assinalou a resposta no quadro. — O que mais?

— *Tabula rasa* — respondi.

— Isso! Todos nascem com possibilidades infinitas dentro de si. A teoria de Locke ganhou muitos seguidores. Devemos refletir se ela é viável na sociedade contemporânea. Outras ideias?

— *Bellum omnium contra omnes.*

Todos os não humanos se viraram nas suas cadeiras em direção ao orador da frase. O restante da turma ficou apenas impressionado com o latim, sem compreender seu significado.

— A guerra de todos contra todos. — Shay franziu a testa ao perceber que o Sr. Selby não escreveu a frase no quadro. —

Thomas Hobbes é considerado um teórico fundamental do estado natural — prosseguiu Shay, um pouco mais hesitante. O Sr. Selby se virou, com o rosto pálido ao encarar o novo aluno.

Shay se calou diante da expressão do Sr. Selby.

— Gosto de ler sobre esses assuntos.

— Hobbes não estava nos nossos textos — disse alguém friamente.

Suspirei, nervosa. Quem falava era Logan Bane, um Defensor de cabelos louros, propositalmente arrepiados: o filho único de Efron. Ele olhava para Shay com desprezo. Encarei o jovem Defensor. Logan nunca participava das discussões. Quase sempre dormia na sala de aula.

— Isso não faz sentido. — Shay manuseava uma caneta entre os dedos. — Ele está em todos os textos sobre filosofia.

O Sr. Selby olhou para Logan, que inclinou a cabeça e ergueu as sobrancelhas.

— Ah… Sim… O currículo da Mountain School não inclui Thomas Hobbes. — O Sr. Selby arregalou os olhos ainda fixos no jovem Defensor.

Shay parecia pronto para subir na mesa e protestar, mas só conseguiu dizer: — O quê?!

Logan se virou para Shay.

— Chegou-se à conclusão de que as ideias dele são banais para serem levadas em consideração.

— Quem chegou a essa conclusão?

Os Defensores e os Guardiões voltaram as atenções para Shay. Os humanos pareciam querer se esconder sob as mesas até que o embate terminasse.

Logan tirou os óculos escuros que usava independentemente do clima ou do horário.

Assisti impressionada. Aquela deveria ser uma discussão importante.

— Os Regentes — respondeu ele como se corrigisse a uma criança. — Sendo que um deles é seu tio, Shay. E meu pai e vários outros homens honrados que protegem a reputação dessa instituição.

Meu queixo caiu. *Tio?*

— E para isso censuraram Hobbes? — retrucou Shay. — Nunca ouvi algo tão ridículo.

— Vamos seguir em frente, que tal? — Uma gota de suor escorreu pela testa do Sr. Selby.

— Por quê? Por que não estudam Hobbes? Ele é certamente o fundador do assunto em questão. — Shay não se conteve.

Meus dedos estavam trincados nas bordas da mesa. Ele acabava de entrar diante de um pelotão de fuzilamento com um alvo pendurado no pescoço. *Não acredito que precisarei salvá-lo outra vez.*

— Porque sabemos mais. — Deixei escapar as palavras. — Podemos evoluir, superar o mundo desastroso de Hobbes e não mergulhar na violência. A guerra é a mestra da selvageria, certo?

O Sr. Selby me lançou um sorriso agradecido e enxugou as sobrancelhas com um lenço.

— Obrigado, senhorita Tor. Bela citação de Tucídides. Os teóricos que utilizamos nesse curso têm uma visão de mundo mais otimista que a de Hobbes.

Ren batia dois lápis na mesa como se tocasse bateria.

— Selvageria não me parece nada mal.

Os Guardiões caíram na gargalhada, inclusive eu.

Os humanos se encolheram nas cadeiras, aterrorizados, exceto Shay, que parecia completamente confuso. Os Defensores sorriam com escárnio e olhares de desprezo para os lobos.

Shay reagiu com frustração e insistiu:

— Hobbes não fala em selvageria, mas sobre a luta incessante pelo poder. A luta que faz o mundo girar. Esse é o verdadeiro estado

natural. Não se pode ignorar isso porque alguns mandachuvas consideram a ideia vulgar.

Ren se virou para Shay e observou o novo aluno quase que com admiração, embora cauteloso. Dax desviou o olhar do seu alfa para mim e, em seguida, para Shay. Sabine encarou Shay como se a pele do garoto houvesse sido virada do avesso. Com um suspiro, Logan examinou suas unhas.

Shay lançou um olhar suplicante ao Sr. Selby.

— Podemos, por favor, falar sobre a guerra de todos contra todos? Acho que é o conceito mais importante em filosofia.

As gotículas de suor na testa do Sr. Selby escorriam.

— Bem, creio que... — Ele ergueu o braço para escrever no quadro. Um espasmo nos seus dedos fez o marcador cair no chão.

— Precisa trabalhar melhor seus reflexos, Sr. Selby — zombou Ren. Risadinhas nervosas ecoaram pela sala.

Nosso professor não respondeu. Os tremores dos seus dedos se estenderam para o braço. Todo o seu corpo entrou em convulsão. Ele se curvou para trás, se agitou e tombou no chão, se debatendo violentamente. Espuma saía dos cantos da sua boca e escorria pelo queixo.

— Ah, meu Deus, ele está tendo um ataque epilético! — gritou a humana, que eu suspeitava se chamar Rachel. Nunca tive interesse em saber o nome da maioria deles.

Dax correu da sua cadeira e se abaixou ao lado do Sr. Selby, gritando para a garota ainda histérica e imóvel: — Cale a boca e vá procurar ajuda!

Ela saiu correndo da sala. Vários humanos pegaram seus celulares.

— Guardem os celulares! — A ordem severa de Logan tomou o ambiente. — Chame a enfermeira Flynn, Rachel — disse ele em voz alta, porém tranquilo para a ocasião. O Defensor de cabelos dourados parecia entediado. Observei-o. Flynn era uma Defensora,

responsável pela enfermaria da Mountain School, mas eu tinha minhas dúvidas se ela sequer tivera treinamento médico.

Dax, que continha as convulsões do professor com uma força descomunal, franziu o cenho.

— Ele precisa de uma ambulância.

— Não precisa! Quando Flynn chegar, nosso querido professor ficará bem. — A resposta fria de Logan foi acompanhada de um olhar pela sala. Ele elevou a voz e se dirigiu a todos os presentes.

— Caso não tenham notado, a aula acabou. Arranjem outro lugar para ficar.

A maioria dos humanos se retirou imediatamente. Alguns se detiveram por alguns minutos para observar Dax, ainda ocupado imobilizando o Sr. Selby contra o piso, e, em seguida, foram embora aos sussurros. Os outros Defensores acenaram com a cabeça para Logan e saíram silenciosamente. Os Guardiões e Shay hesitaram. Todos olhavam fixamente para Logan, que nos encarava com soberba.

Uma mulher de cabelos negros, com uma enorme deformidade nas costas, de acentuada curvatura, apareceu na porta da sala. Ela estava acompanhada de dois homens que empurravam uma maca.

— Assumiremos a partir daqui, Dax.

Dax soltou o Sr. Selby, que voltou a se debater. A enfermeira Flynn tirou uma seringa do bolso do jaleco, ajoelhou-se e injetou a agulha no pescoço do Sr. Selby. O professor relaxou e gemeu antes de ficar inconsciente. A enfermeira Flynn fez um movimento com a cabeça para seus dois assistentes, que carregaram o Sr. Selby até a maca e o retiraram do local.

A enfermeira se virou para Logan.

— Obrigada por me avisar, Sr. Bane.

O garoto de cabelos dourados fez um gesto de indiferença com a mão.

— Sua ajuda será lembrada, Lana.

A enfermeira Flynn se curvou em uma reverência e partiu.

Logan caminhou calmamente até Shay.

— Vamos dar uma volta.

Shay se levantou lentamente.

— O que aconteceu aqui?

— O Sr. Selby é epilético. Uma pena realmente. Ele é um bom professor — respondeu Logan. Ele tinha uma das mãos para trás, que se mexia rapidamente e a fricção de seus dedos produzia estranhas faíscas.

Shay piscou, assustado, e Logan sorriu, passando o braço ao redor dos ombros do garoto. Arrastou o novo aluno, que tropeçou à frente, em direção à porta de saída, assombrado.

— O que acha de uma carona para casa? Tenho certeza de que Bosque está ansioso para saber como foi seu primeiro dia.

Os dois saíram da sala. Antes, porém, Logan se virou e lançou um sorriso brilhante para os Guardiões, que eram os únicos a ocupar a sala.

Ren se levantou e soltou um palavrão.

— O que foi aquilo?

Pensei em me levantar, mas mudei de ideia. Minhas pernas pareciam gelatina. Ren me fitou. Abaixou-se ao lado da minha mesa e envolveu minhas mãos trêmulas.

— Calla, você está bem?

Desvencilhei-me das suas mãos.

— O tio dele... Logan disse que o tio de Shay é um Regente. Não pode ser! Caramba, Ren... O que os Defensores queriam com um humano? E quem é Bosque?

— Não sei. Nunca soube que eles adotavam humanos. Se é essa a palavra certa. — Ren enfiou as mãos nos bolsos. — Efron nunca disse nada a respeito. Ao menos não comigo.

— E o que aconteceu com o Sr. Selby? — Dax andou até Ren. — Não sabia que ele era epilético.

— Desde quando vocês são imbecis? — A voz de Sabine era aguda como a de uma gralha. — Ele não é epilético. Vocês sabem que a frase que aquele garoto idiota ficou repetindo é proibida. Ele provocou um dos feitiços dos Defensores. Selby foi punido por discutir um assunto censurado. Os Defensores não toleram esse tipo de comportamento.

Dax se voltou para ela.

— Então não há uma ambulância?

— Um médico não poderia fazer nada por ele — disse ela. — Obviamente, Flynn é a principal feiticeira nessa escola. Vocês não sabem nada?

Ela se levantou e, após um olhar derradeiro e fulminante, jogou os longos cabelos para trás e partiu.

SEIS



— VOCÊ NÃO PODE ESTAR falando sério! — Puxei o corpete das mãos de Bryn. O veludo deslizou deliciosamente pelos meus dedos, mas fiz uma careta ao me imaginar vestida com ele em público.

— A verdade nua e crua. — Bryn andou até meu armário e remexeu nas minhas roupas. — Você não tem nada que sirva. Faça de conta que iremos a uma festa de Halloween.

— Ah, me sinto bem melhor com a ideia... — Olhei-me no espelho e coloquei o corpete sobre o corpo. — Imagina o que precisarei vestir no dia D.

Bryn fechou o armário, eliminando todas as minhas alternativas.

— Como será Naomi quem vai escolher, certamente terá mangas em estilo balão e será cheio de pregas.

—Eca! Não tenho cabeça para pensar na união. — Devolvi o corpete a ela.

— Ao menos hoje à noite você vai arrasar — disse ela. — Tire a blusa para experimentar.

Eu a olhei. Ela estava estonteante em um vestido justo de seda preta e botas com fivelas de metal.

— Tem certeza? — perguntei suspirando.

Ela assentiu com veemência, entusiasmada demais.

— Precisa causar um impacto, Calla. Você é uma alfa.

— Está bem. Eu usarei, mas com uma jaqueta — disse. — E vou de jeans.

Bryn franziu a testa e, então, deu de ombros.

— Acho que pode dar certo. Faça como quiser.

Ela se sentou na cama enquanto eu tirava a blusa e o sutiã e vestia o corpete.

— Deixe que eu amarro — disse Bryn. — Avise quando não conseguir mais respirar.

— Que ótimo — retruquei.

— Respire fundo! — Ela puxou o espartilho.

— Chega! — Engasguei, olhando para baixo. “Meu Deus!”

— Eu mataria para ter esses seios — disse Bryn para meu reflexo no espelho.

Peguei minha jaqueta de couro no encosto da cadeira e vesti-a, rente ao corpo.

— *Esses* peitos apareceram depois que você os esmagou para cima.

Ela riu.

— Ren ficará louco quando vir você.

— Para.

— Bem, é esse o objetivo, certo?

Não respondi. Talvez não fosse uma má ideia. A união estava próxima. Eu queria que ele me desejasse, mesmo que não pudéssemos fazer algo a respeito.

Ela ficou em silêncio por um minuto.

— Ele não voltou a incomodá-la, voltou?

— Não diria que ele me incomoda. Ren está apenas sendo ele mesmo.

— Não estou falando sobre Ren.

— Ah... — Franzi a testa. — Não, nunca mais. Ele desistiu de tentar falar comigo desde que Logan o tirou daquela aula. Mexi no bordado da bainha do corpete, imaginando que gostaria que ele me procurasse, ainda que não devesse.

— E o Sr. Selby?

— Está de volta à sala de aula, como se nada houvesse acontecido.

— Bem, quem sabe tudo não voltará ao normal? — sorriu ela.

— Nada voltará ao normal se eu continuar a vestir esse tipo de roupa. — Bati com os dedos fechados no corpete. — Ao menos estou armada para uma possível batalha.

Ouvi um suspiro seguido de várias tossidas vindos do corredor. Quando me virei, vi Ansel, com cara de bobo, observando-nos da porta. Abotoei a jaqueta rapidamente, mas ele olhava para Bryn.

— Você está bem? — Franzi a testa.

Ansel parecia ter perdido a capacidade de piscar.

Bryn sorriu para ele.

— E aí, pequeno escoteiro?

— Qual é, Bryn? — Ele entrou no quarto — Estou no segundo ano.

— É, e nós no último. O que faz de você uma criança, para todos os efeitos.

— Não me importa. Quero saber quando vocês estarão prontas. — Ansel olhou para os sapatos. — Mason disse que irá de carro. Os pais dele emprestaram a Land Rover para hoje à noite. Fey está na casa dele e querem saber a que horas devem nos buscar.

— Em trinta minutos, no máximo — disse. —Bryn, tem alguma dica de moda para meu irmão também?

Ela andou até Ansel, que ficou paralisado. Ela pegou no colarinho da camisa de seda preta, desabotoou mais um botão com destreza e olhou para os jeans, criticamente. Após alguns segundos, sorriu e deu um tapinha no rosto de Ansel.

— Não, ele está adorável.

Ansel engoliu em seco e, em seguida, saiu do quarto.

— Dou um grito quando Mason chegar! — disse ele sem olhar para trás.

O segurança, um titânico Bane veterano, pediu nossos nomes e apontou com o polegar para uma escadaria com um cordão de isolamento no primeiro andar.

— A ala VIP fica no andar superior. — Seu olhar era de respeito e de cautela enquanto nos acompanhava até a festa.

— Obrigada. — Conduzi os Nightshades pelas escadas de aço até o segundo andar da boate, que parecia um galpão. A Éden pulsava com uma música eletrônica que misturava batidas industrial e trance. Humanos lotavam a pista de dança principal, girando e vibrando com o som pesado. Bryn me cutucou com o cotovelo. Comparada às outras mulheres, eu poderia ser confundida com uma freira.

— Vai dizer: “eu avisei”? — Encarei-a, enquanto tirava minha jaqueta, desnudando os braços e os ombros, mais do que eu gostaria.

— Acho que não preciso.

— Tem certeza de que seus peitos não pularão daí? — Ansel riu.

— Cale a boca ou faço você esperar no carro.

Mason apertou o passo, abraçou-me pelo ombro e apertou minha bochecha.

— Você está maravilhosa. Ignore-os. Siga em frente e triunfe.

Apertei a mão dele, mas, assim que chegamos ao segundo andar, torci o nariz. Mason franziu a testa ao sentir o mesmo cheiro. Ambos olhamos para o teto. Ao menos seis espectros flutuavam próximos ao telhado.

— Segurança reforçada — murmurei.

— Pode crer.

Esforcei-me para não olhar para as sombras que pairavam poucos metros acima das nossas cabeças.

Bryn fez uma careta quando avistou as figuras obscuras flutuando pelo teto. Ansel entrelaçou seus dedos nos de Bryn e puxou-a para a frente.

— Ei, estamos na lista, não estamos? Somos convidados de Efron. Não há problema.

Bryn aceitou ser levada por meu irmão para a pista de dança. Fey foi a última a chegar, com uma expressão de quem rosnaria para os espectros. Com alguns passos apressados ela nos alcançou.

— E o que fazemos agora? — perguntou ela. — Calamos a boca e dançamos?

Neguei com a cabeça.

— Precisamos encontrar nosso anfitrião e agradecer o convite.

Fey pôs as mãos na cintura.

— Vocês estão tentando me matar por exposição prolongada a Sabine, não estão?

— Apenas diga “oi” e vá dançar.

— Combinado. — Ela balançou os cabelos ruivos que se acomodaram ao redor do pescoço, deixando-a com uma aparência de leoa.

A pista de dança reluzia, cintilando cores variadas sobre a superfície preta e criando o aspecto de uma piscina coberta de óleo. Corpos pulsavam, pressionados uns contra os outros, no ritmo explosivo que dominava todo o ambiente. Um bar prateado e

estiloso estendia-se ao longo do salão e sofás de veludo escuro rodeavam a pista.

Bailarinos profissionais, com pouca roupa e chicotes em punho, contorciam-se sobre plataformas espalhadas pelo ambiente. Enormes asas saltavam de algumas das dançarinas. Dada a reputação de Efron, não tive certeza se faziam parte de uma fantasia *dominatrix* ou se eram reais.

A maioria dos convidados eram Defensores. Avistei Logan Bane dançando com um grupo de amigos e, surpreendentemente, entre eles, estava Lana Flynn. Havia alguns Banes Guardiões, adultos, espalhados como olhos atentos por todo o ambiente e músculos tensos.

Mason apertou seu braço ao redor do meu ombro, conduzindo-me até o bar. Caminhou com confiança até um jovem que ria, às gargalhadas, com um Guardião Bane, servindo drinques atrás do balcão. O garçom era musculoso e parecia haver nascido naquela roupa muito justa e chamativa.

Bryn inclinou-se e sussurrou-me ao ouvido:

— Esqueça os drinques. Quero duas doses *dele*.

— Comporte-se. — Dei uma risada.

— Ei, cara! — Mason chamou e Neville se virou para nós, com um sorriso cauteloso.

Se houvesse uma banda tocando na Éden, eu acharia que Neville, vestindo camiseta e calças de couro, era um integrante. Olhei em volta, tentando analisar o lugar disfarçadamente. Neville observou-me com um sorriso dissimulado.

— Estamos em uma mesa no final — disse ele. — Ele está esperando você.

Neville nos conduziu pela pista de dança até um canto isolado, onde os jovens Banes estavam sentados. Cosette e Dax estavam em frente a Ren. O alfa sorria para os companheiros, enquanto uma das dançarinas de vestido de couro, dependurada sobre ele como

se fosse uma capa, cheirava seu pescoço. Um mal-estar desconhecido me embrulhou o estômago.

Bryn sussurrou ao meu ouvido:

— Se fosse ele, não deixaria um súcubo chegar tão perto.

Um calafrio percorreu minha coluna. *Ela acha que as asas são reais.*

Aproximei-me e percebi que a mulher, cujos lábios estavam grudados no rosto de Ren, não tinha asas. Ela se sentou, sorrindo para ele, que a olhou sem interesse. Arregalei os olhos. Era Sabine! Mal a reconheci pelo espelho: calças baixas de couro brilhante e um bustiê cravado de tachinhas.

Fey tossiu, dizendo:

— Vadia.

Bryn riu. Ansel engasgou com a bebida ao ver Sabine.

— Ei, Ren. — Neville se espremeu no sofá entre Sabine e o líder da matilha.

— Veja o que encontrei.

Um tremor quente correu pelas minhas veias quando Ren passou os olhos por meu corpo, delineado pelo corpete.

Olhei rapidamente minhas recentes e generosas curvas. *Talvez essa roupa tenha mesmo algo a mais.*

— Que bom! — Ele apontou para o sofá onde estavam sentados Dax e Cosette e outro, vazio, ao lado. — Sentem conosco.

Ren se virou para Neville e Sabine.

— Abram espaço para Calla.

Sabine se levantou com relutância, enquanto Neville fitou os copos quase vazios sobre a mesa.

— Parece que estão prontos para mais uma rodada — disse, olhando para Mason. — Vamos até o bar?

Mason deu de ombros e seguiu Neville. Dax franziu a testa ao ver os dois se retirarem. Flagrei Fey observando os bíceps de Dax e não contive um sorriso no canto da boca.

Ansel sentou-se no sofá vazio, puxando Bryn. Ren ergueu o braço para mim. Hesitei, mas dei a mão a ele e deixei que me puxasse para o sofá, ao seu lado.

— Deixe eu tirar isso do caminho. — Ele pegou minha jaqueta e pendurou-a no encosto do sofá. Ouvi Sabine suspirar atrás de mim.

— Acho que há um palco sem dançarinas, Sabine. — O tom rude de Fey destoou do comportamento do restante do grupo.

— Pare — rosnei.

— Tudo bem. — Sabine lançou um olhar inabalável para Fey. — Conversar me entedia. — Então, fitou Ren.

— Vá dançar — disse ele. — E tente ficar longe de problemas.

Sabine jogou os cabelos para o lado, que brilhavam como vinil sob as luzes da boate, virou-se sobre enormes e pontiagudos saltos e saiu.

Dei um tapinha no lugar vazio ao meu lado.

— Fey?

Ela se sentou no sofá aveludado.

— É festa. Divirta-se. — Exibi os dentes rapidamente, deixando claro que aquela era uma ordem, não um pedido.

Ainda assim, ela preferiu desenhar sobre o veludo com as unhas afiadas.

Minha mão continuava envolvida na mão de Ren, cujo polegar subia e descia pelo meu pulso, tirando completamente minha concentração em Fey. Tê-lo tão perto era um perigo.

— Desculpe, gente. — Bryn levantou-se repentinamente. — Detesto concordar com Sabine, mas também quero dançar. Quem vem comigo?

Ansel se levantou imediatamente.

— Eu.

— Ótimo! — Bryn arrastou meu irmão.

Fey viu-os partir e apontou para Dax.

— Sabe dançar?

— Você sabe? — replicou ele.

— Por que não vamos descobrir?

Ela se levantou e, ao passar pelo Bane, roçou as pontas dos dedos por seus largos ombros, deixando-o exaltado. Ela riu e saiu rapidamente. Dax olhou para Ren, que fez um movimento com o pulso, então seguiu atrás de Fey.

Recostei-me no sofá.

— Ela é como *O médico e o monstro*.

— É sua melhor guerreira, não é? — perguntou Ren.

Confirmei com a cabeça.

— Dax também. Faz sentido que eles se sintam atraídos um pelo outro. Os iguais se atraem.

— Eu achava que os opostos se atraíssem — observei.

Ren balançou a cabeça.

— Não, isso é uma baboseira popular. Se você for uma boa estudante de literatura, digo, gostar dos bons — Chaucer, Shakespeare — saberá que apenas as almas com verdadeira afinidade combinam no amor. — Ele fez uma pausa e sorriu, enigmático. — Caso consigam se encontrar, é claro.

Olhei-o surpresa.

— Almas gêmeas? Desde quando é um romântico, Ren?

— Há muita coisa que não sabe sobre mim. — Algo na sua voz me fez estremecer.

Procurei um lugar seguro para focar os olhos e então me dei conta de que Cosette continuava sentada, abandonada, no outro sofá.

Ren olhou na mesma direção.

— Cosette, por que não se junta aos outros?

Contraí a testa ao perceber, repentinamente, que um véu de escuridão cobria a mim e a Ren nesse canto solitário da boate.

— Não precisava mandá-la embora.

— Tem medo de ficar a sós comigo, Lily? — A voz dele envolveu-me como uma corda, trazendo-me para perto.

Tentei responder com firmeza.

— Não tenho medo de nada.

— Nada? — perguntou ele. — Essa é uma afirmação impressionante. Mesmo para uma alfa.

— Está insinuando que tem medo de alguma coisa? — Meu coração ficou apertado ao vê-lo vacilar.

— Sim, de uma. — Quase não ouvi a resposta que ele sussurrou.

Ren recuou e eu avancei.

— Uma coisa?

Quando me encarou, sua expressão preocupada dissipou-se.

— É meu segredo. Só conto se ganhar algo em troca.

Ele deslizou a mão pelo meu ombro, sob meu cabelo, e envolveu minha nuca com os dedos, puxando-me. A força dos seus braços fez meu sangue ferver.

Curvei-me e consegui escapar. Os Defensores estavam por todos os lados — Pode guardar seu segredo.

Embora desejasse seu toque, ainda não confiava em Ren. Ouvira falar muito das suas várias conquistas. Além disso, ele sabia que uma fêmea alfa devia se manter pura até sua boda. O que significava nada de romance até a cerimônia.

Ele parecia ter lido meus pensamentos e sorriu maliciosamente.

— Seja sincera, consegue respirar dentro disso?

Cravei as unhas no sofá. “Tome cuidado, Ren. Também conheço esse jogo.”

— Então, você e Sabine?

— Oi? — Ele se reclinou no sofá, afastando-se de mim em meio às sombras.

— Ah, entendi. Por acaso todas as garotas Banes costumam chupar seu pescoço?

— O quê? — Ele tinha a face contraída pela raiva. — Não. Efron tem uma queda por Sabine, uma preferência por ela. Considera algo de sua personalidade atraente. Ele lhe deu um pouco de ecstasy quando chegamos e ela ficou meio... devassa.

— Ah, tá...

Algo da personalidade dela? Ou seja, Efron gosta de vagabundas despeitadas?

Ele deslizou o braço ao redor da minha cintura.

— Está com ciúmes?

Peguei-o com força pelo pulso e interrompi o percurso da sua mão.

— Não seja ridículo. — Fiquei arrepiada, porém, com o novo toque.

Ouvimos passos pesados de botas, anunciando a aproximação de um Bane gigantesco. Separamo-nos bruscamente.

— Efron está chamando você. — O segurança encarou Ren. — Ele está no escritório.

— Claro. Um minuto. — Ren me olhou. — Quer ir procurar os outros? Não sei quanto tempo demorarei.

O segurança balançou a cabeça negativamente.

— Ele quer ver a alfa Nightshade também. Os dois.

Ren envolveu minha cintura com ambas as mãos, e não me opus dessa vez.

O que o mestre dele quer comigo?

— Tudo bem. — Ren engoliu em seco e fez um gesto para que eu o seguisse. — É melhor não o deixar esperando.

O Guardião mais velho concordou com um grunhido e desapareceu na escuridão.

Ren conduziu-me pela pista tremeluzente até a escada. Apertei sua mão com força até sentir sua pulsação em cada uma das minhas veias. Efron Bane. O nome era suficiente para me causar

calafrios na espinha. Torcia para que Ren me mantivesse a uma distância segura do líder Bane.

Desviamos da multidão claustrofóbica do primeiro andar até Ren parar diante de uma alta porta de madeira. A superfície do carvalho fora minuciosamente talhada. Dei um passo atrás para examinar a imagem: o arcanjo Miguel barrava a entrada dos oprimidos Adão e Eva do jardim do Éden.

— Escolha curiosa... — Ergui o queixo na direção da porta.

— Efron tem um senso de humor incomum. — Ele apertou minha mão e o frio severo que tomava meu corpo abrandou-se.

Ren bateu na porta de madeira com força. Pouco depois, ela se abriu e levei um susto. Lumine Nightshade se afastou da entrada e nos convidou a entrar.

— Bem-vindas, crianças. É um prazer vê-los.

O lugar cheirava a charuto e xerez. Havia murais nas paredes. Cada pintura descrevia uma cena do “Inferno” na *Divina comédia*, de Dante. Desviei o olhar rapidamente; as imagens eram excessivamente explícitas para um exame mais detalhado.

Lumine voltou-se para o alfa Bane.

— Renier Laroche. É um enorme prazer conhecê-lo. Sou Lumine Nightshade. Efron fala muito bem de você, meu caro. — Seu sorriso lembrava um colar de pérolas.

Ren inclinou a cabeça.

— Obrigada, mestra Nightshade.

— Queremos que conheçam alguém que acaba de chegar a Vail, alguém que Efron e eu estamos ansiosos para lhes apresentar. — Ela nos levou até duas cadeiras de couro, com encostos altos, diante de uma lareira crepitante.

— Efron. Eles chegaram.

Um homem sentado no sofá tinha um dos braços ao longo do encosto; a outra mão segurava um drinque. Sua pele era pálida e o cabelo da mesma cor dourada que os do seu filho.

— É bom ver você, Renier. — Efron bebeu um gole do brandy. — E a adorável Calla. Finalmente nos conhecemos.

Ele estendeu a mão e fez um sinal com o dedo para que eu me aproximasse. Hesitei, mas Lumine me empurrou para o sofá. Meu corpo congelou no momento em que os dedos de Ren desvencilharam-se dos meus. Tentei controlar meus tremores quando o mestre Bane pegou minha mão e pressionou os lábios contra meus dedos. Seus olhos cor de âmbar brilharam com a mesma intensidade das chamas que crepitavam na lareira. Meu peito contraiu-se e reuni todo o meu autocontrole para manter a calma.

— Por favor, sente-se. — Ele tomou minha mão e puxou-me para o sofá. Lancei um olhar desesperado para Ren, que tinha uma expressão agoniada.

Lumine tocou os ombros de Ren.

— Por que não se junta a eles? — Aquela foi uma das poucas vezes que lembro ter sentido gratidão por minha mestra.

Ren veio até o meu lado, tentando me manter distante de Efron o quanto podia — tarefa difícil, pois ele não soltava minha mão.

— O que é isso, crianças? — Efron nos repreendeu. — Estamos aqui para nos divertir, não estamos? — Ele soltou minha mão, mas, em seguida, pousou os dedos na minha clavícula. Quase desmaiei.

Efron tem uma queda por Sabine. Uma preferência por ela.

Colei em Ren. Ele me abraçou e encarou Efron, que apenas ergueu uma das sobrancelhas para seu alfa.

— É melhor que não se esqueça do seu lugar, Renier.

— E você não deve se esquecer do seu, Efron. Deixe-a em paz — disse Lumine com suavidade. — Calla pertence a mim por mais um mês. Depois, caso Logan não se incomode de você flertar com sua matilha, tudo bem.

— Logan? — Ren encarou minha mestra.

Bruscamente, ela assentiu.

— Sim. — Efron pegou uma ponta de charuto. — Logan será o herdeiro da nova alcateia. Ele acaba de atingir a maioridade e eu não poderia estar mais satisfeito com um presente tão apropriado para seu aniversário de 18 anos. Meu filho será o mestre de vocês após o ritual de união.

— A decisão não foi nossa. — Lumine se inclinou para a frente de Efron e acendeu seu charuto com uma chama que saiu da ponta da sua unha.

— Foi de…

Ela se calou e olhou para a porta do escritório, que se abriu subitamente.

Um homem alto e bem-vestido entrou no escritório. Ele tinha o braço sobre os ombros de um adolescente de aparência cansada. Quase caí do sofá.

Devo estar sonhando; isto não pode estar acontecendo!

Enfiei as unhas na coxa de Ren.

— O quê? — disse ele em voz baixa e se virou para a porta. — Ah, esse garoto de novo, não.

Shay Doran pareceu tão chocado quanto nós. Deteve-se, com o olhar fixo em nós até o estranho ao seu lado conduzi-lo e apontar para uma das cadeiras de couro diante do sofá.

— Sente-se.

Efron se levantou e Lumine curvou-se para o recém-chegado.

— Posso lhe oferecer algo? — Ela sorriu, doce.

Ele olhou para o copo de Efron.

— Um brandy cairia bem. Obrigado, Lumine.

O homem desabotoou sua elegante jaqueta e se sentou. Ao cruzar meu olhar com o dele, percebi que havia uma sombra prateada não humana, que me penetrou como uma espada. Minhas mãos começaram a tremer.

— Obrigado por convidá-los, Efron — disse ele.

— Claro. — Efron balançou a cabeça positivamente.

Lumine retornou com uma taça de brandy.

— Ah, ótimo. — Ele bebeu um longo gole. — Muito bom.

Os dois Defensores se aproximaram do homem, observando atentamente cada movimento. Segui seus movimentos, cada vez mais alarmada.

O estranho se inclinou para a frente e sorriu.

— Renier, Calla, meu nome é Bosque Mar. Nossas famílias se conhecem há muito, apesar de eu ter me ausentado durante alguns anos. Pedi aos meus queridos amigos para trazê-los aqui esta noite para lhes apresentar meu sobrinho.

Ele apontou para Shay, que continuava a nos encarar, mudo e espantado.

Nossas famílias?

Bosque Mar tinha traços de águia, pele morena e cabelos castanho-escuros, esticados para trás como um capacete. Como em Efron, seus olhos dançavam como se neles houvesse intensas labaredas. Olhei, então, para Shay. O garoto de cabelos dourados e pele clara não possuía qualquer semelhança com o homem que afirmava ser seu tio.

Por que os Defensores teriam um humano vivendo entre eles?

Shay olhou o “tio”, os demais Defensores e, em seguida, fitou-me. Deparou-se com minha expressão aturdida e ofereceu um sorriso constrangido.

— Talvez tenham se visto na escola? — Lumine encarou-me, cheia de expectativa, e lambeu os lábios pintados de vermelho.

— Fazemos algumas aulas juntos — respondi, com cautela, e os olhos sobre meu novo colega de classe. Mal conseguia me ouvir diante do nervosismo em que me encontrava. — Olá, Shay. Espero que tenha gostado da sua primeira semana de aula. Desculpe não ter tido a oportunidade de me apresentar antes. Meu nome é Calla Tor.

Vi uma pergunta se formar nos lábios de Shay. Encarei-o, séria, e ele desistiu.

Minha mestra sorriu, deixando à mostra os dentes extremamente brancos.

— Excelente. Não queremos que o pobre Shay se sinta isolado, não é? A vida pode ser tão difícil para alunos transferidos.

Olhei, confusa, para Lumine.

— *O quê?*

— A Mountain School tem uma comunidade muito definida. — Efron apoiou-se descontraidamente sobre o suporte acima da lareira, com a fumaça do charuto se espiralando ao seu redor. — Queremos apenas que saibam que Shay faz parte da nossa família. Vocês devem zelar pela sua segurança como se ele fosse um de vocês.

Ren olhou para o mestre, embora se dirigisse a Shay:

— Claro, basta nos avisar se precisar de alguma coisa.

Uma risada seca saiu de Shay.

— Obrigado.

— Perdoem-me a pressa, mas há outros amigos que eu gostaria de apresentar ao meu sobrinho. — Bosque bebeu outro gole do brandy e, em seguida, devolveu a taça a Lumine.

— Shay. — Ele se levantou, com um gesto para que o garoto o seguisse. Shay me olhou uma vez mais antes de sair, atrás do tio. Observei-os partir, desejando entender o lugar de Shay no meu mundo.

Quem é você?

Um imponente e antigo relógio no canto da sala badalou. Meia-noite. Efron curvou o lábio para cima: — A hora das bruxas. A melhor hora para dançar. Podem ir se divertir. Infelizmente, não poderei me juntar a vocês. — Ele piscou para mim e meu sangue gelou. — Lumine e eu temos negócios a discutir.

Ren pegou o meu braço, puxando-me. Controlei a vontade de correr do escritório de Efron. Quando a maciça porta de madeira se fechou atrás de nós, meu corpo estremeceu.

Ren fitou-me.

— Você está bem?

Esfreguei os braços, tentando afugentar o pavor que me arrepiava a pele.

— Acho que sim.

Ele pôs a mão no meu ombro e me virou para ele.

— Desculpe-me por Efron. Não pensei que ele fosse lhe tratar assim. Afinal, você é uma Nightshade.

— Ouvi falar dos hábitos dele, mas nunca levei os rumores a sério — respondi. — Não acredito que Sabine dê corda para ele.

— Você não deveria julgar Sabine. — Ren tirou a mão e se afastou.

— Por que não? — perguntei e segui atrás dele, entre a confusão de pessoas na pista de dança principal. — Ren, espere!

Ele finalmente parou na base da escada, mas não me olhou.

— Sabine mantém Efron entretido para ele não perturbar Cosette. Cosette é muito nova e morre de medo do nosso mestre. Sabine é superprotetora com Cosette e se sacrifica muito para livrá-la das garras de Efron. Por isso ela está sempre desanimada. E eu acho compreensível.

Ele fechou e abriu os punhos.

— Ela pode ajudar Cosette… De um jeito que não sou capaz de ajudar.

— Nossa! — Senti-me nauseada. — Desculpe, Ren. Eu não deveria ter dito nada.

— Não se preocupe com isso — disse ele, em voz baixa. — Você não tinha como saber.

Ele começou a subir as escadas.

— Fico feliz por você ter estado sob a tutela de Lumine todo esse tempo.

Quando chegamos ao segundo andar, Bryn surgiu, apressada, entre as pessoas.

— Calla!

Ansel vinha logo atrás, com um sorriso radiante.

— Por onde você andou? — Ela me abraçou. — Está perdendo a festa!

Ela reparou na expressão do meu rosto.

— O que houve?

Aparentemente, não consigo resistir às investidas do Ren, estou morta de medo de Efron Bane e não consigo parar de pensar em um garoto que se tornou ainda mais misterioso.

— Nada. Conversamos depois.

Ela hesitou, desconfiada.

Eu a abracei.

— Bryn, vamos nos divertir! Será que posso pegar meu irmão emprestado para dançar comigo?

Ansel sorriu, pegou minha mão e me arrastou para a pista de dança. Ele me levantou, girando meu corpo no ar. Quando voltei a tocar o chão, girei sozinha e deixei que o ritmo frenético da música tomasse conta e afugentasse todo o resto.

Uma fumaça ocupou o ambiente e circulou entre nossos pés. Envolveu-nos como seda e reluziu em um maravilhoso caleidoscópio de cores. Havia um perfume doce, semelhante a madressilva e a lilás. Uma sensação prazerosa e estonteante invadiu-me.

Gargalhadas chamaram minha atenção para os dançarinos nas plataformas, que se moviam em rápidas e sincronizadas coreografias e giravam ainda mais velozes, pendendo as cabeças e soprando algo pelos lábios vermelhos. A névoa transbordava das

suas bocas e flutuava na nossa direção. Espantei-me com a cena inusitada e tive dúvidas se seria seguro inalar o bafo de um súcubo.

O ritmo da música se tornou mais lento, mais envolvente e compassado. Os olhos de Bryn estavam fechados, ela girava em círculos arrastados, fazendo movimentos intricados com os braços no ar. Ansel a olhava, fascinado.

Fechei os olhos e meus cílios tocaram meu rosto. Deixei a vibração do piso guiar minhas pernas e remexi a cintura, descendo-a e voltando a subi-la, enquanto a música extasiante percorria meu corpo. Levei um susto ao sentir mãos envolvendo-me pela cintura.

— É incrível o jeito como você se move. — Ren me puxou contra ele. Seus dedos passaram pelas curvas da minha cintura e nossos corpos pulsaram no ritmo da batida pesada. Eu perdia a razão com a sensação de ser moldada pelas linhas bem definidas e rígidas dos seus quadris. Estávamos ocultos entre aquela gente, certo? Os Defensores não podiam nos ver?

Tentei recuperar o fôlego, mas Ren nos mantinha grudados um ao outro na cadência da música. Fechei os olhos e me recostei sobre seu corpo; seus dedos acariciaram minha pele. A sensação era deliciosa.

Entreabri os lábios e senti um sabor misterioso, que me atiçou toda a língua, como botões de flores prestes a desabrochar. Subitamente, não havia nada que desejasse mais do que me derreter em Ren. A explosão de desejo me apavorou. Não sabia se o impulso de puxá-lo para mais perto do meu corpo surgira espontaneamente ou se era provocado pelo feitiço de um súcubo. Isso não podia acontecer!

Entrei em pânico quando ele curvou a cabeça e pressionou os lábios contra meu pescoço. Revirei os olhos e fiz tudo para não perder o foco, apesar do calor sufocante que me apossava. Os caninos afiados de Ren roçaram minha pele, arranhando-a, sem machucar. Meu corpo estremeceu e afastei seus braços,

empurrando-os contra seu peito e abrindo espaço entre nossos corpos.

— Sou uma guerreira, não uma amante — disse, sem fôlego.

— Não pode ser as duas? — O sorriso de Ren deixou minhas pernas bambas.

Fugi do seu olhar, tentei me concentrar nas sequências de luzes que piscavam na pista de dança. Não funcionou. Senti meu corpo esquisito, quente, descontrolado. Mesmo oculta na multidão, eu não queria aquilo. Não agora. Não abriria uma exceção por Ren. Precisava do seu respeito se quiséssemos liderar juntos uma alcateia.

— Não sou uma das suas namoradas, Hugh Hefner. — Empurrei-o um passo para trás.

Ren retornou para perto de mim.

— É claro que não. Nem poderia ser. — Suas palavras, em tom baixo e relaxante, me embalaram.

Ele passou os dedos pelo meu rosto. Sua outra mão me envolveu pela cintura, acariciou minhas costas onde uma pequena faixa de pele estava exposta, entre o corpete e os jeans de cintura baixa. Uma fraqueza invadiu todo o meu corpo. Odiava me sentir tão frágil.

Ren se curvou para frente e tocou com o polegar meu lábio inferior. Eu estava quase submersa no calor e na bruma quando me dei conta de que ele me beijaria.

— Não. — Fugi do seu toque. Meu corpo ardia de desejo por ele, mas minha mente estava atenta. — É sério! Não podemos.

Meu coração parecia saltar pela boca enquanto eu atravessava a nevoa inebriante de fumaça e as pessoas dançando, para fugir da tentação. Olhei rapidamente para trás, frustrada pela expressão atônita de Ren. Estava prestes a voltar quando vi braços tocando o peito de Ren. Sabine abraçou-o e o puxou para a multidão.

É exatamente por isso que você ainda não pode me ter, Ren. Não aceito dividi-lo.

Afastei-me dos corpos que se espremiam e voltei para o sofá onde estávamos. Peguei minha jaqueta e segui rumo às escadas.

SETE



DA CALÇADA, SENTIA-SE A vibração da música na boate. Pensei em pegar um táxi e voltar para casa.

— É...Oi. Calla?

Com um sorriso tímido, Shay Doran me cumprimentou. A noite fria suavizou-se subitamente. Pensei em sair correndo.

Os Defensores querem que tomemos conta dele. Não entre em pânico.

— Oi — falei, retribuindo o sorriso. — Tudo bem, Shay?

— Tudo bem. Tudo... — Ele puxou nervosamente a lapela do blazer, que cobria a camisa branca. — Você vem muito à Éden?

— Não. Meus amigos e eu fomos convidados para vir essa noite. Estou aqui por obrigação, praticamente. — Desejei estar em casa, na minha cama, e não na rua com esse humano estranho.

Shay riu, aliviado.

— É, eu também. Essa não é a minha. Bosque pensou que eu poderia me divertir, mas não curto muito boates.

— Não? — perguntei. — O que você curte?

— Bem, meu tio está convencido de que sou um aspirante ao Greenpeace. — Ele sorriu e, então, suspirou. — Sempre gostei de estar ao ar livre. Faço caminhadas, trilhas, mas acho que você sabe disso.

Subitamente, ele pareceu amedrontado. Passei a língua pelos lábios, mas não respondi. Ele se apressou em falar novamente.

— Também gosto de ler. Filosofia, história, quadrinhos.

— Quadrinhos? — Achei engraçado imaginar Shay cercado de livros de Platão, Aristóteles, Agostinho e do Homem-Aranha. — É. — Seus olhos brilharam. — *Sandman* é meu favorito, uma série de graphic novel. Gosto muito das publicações da Dark Horse: tipo *Hellboy, Buffy*, *Season 8*...

Ele se calou diante da minha expressão ignorante.

— Você não faz ideia sobre o que estou falando, não é?

— Desculpe, só leio romances.

— Também gosto de romances. — Ele sorriu. — Qual é o seu favorito?

Vi um táxi passar pela rua. *Preciso ir embora.*

— Ah, isso é muito pessoal. — Ele continuou, erguendo as sobrancelhas. — A relação das garotas com seu romance favorito pode ser bem complicada.

O táxi virou no quarteirão seguinte. Já era.

— Não, mas é estranho conversar sobre esse assunto na porta de uma boate.

— Concordo. — Ele se virou, olhando para o gigantesco segurança na porta da boate. — Quer tomar um café em algum lugar?

Duvidei de que eu havia escutado bem. *Um garoto me convidando para sair com ele? É proibido.* Minhas bochechas coraram. Então, lembrei-me de que ele não sabia nada sobre isso.

Ele voltou a falar:

— Estou em busca dos melhores lugares para ler até tarde em Vail. Tem um lugar, uma cafeteria vinte 24 horas com internet, a duas quadras daqui.

Assenti.

— Conheço o lugar. — *Se tenho que cuidar dele, então não estou desrespeitando as regras, certo?*

Ele moveu os pés para a frente e para trás, como se aguardasse minha resposta.

Pensei em Ren e na pista de dança antes de responder:

— *A longa jornada.*

— O quê?

— Meu romance favorito.

Ele achou graça.

— Aquele sobre coelhos?

— É sobre a sobrevivência — respondi. — Eu explico melhor no café.

Caminhei pela calçada e ouvi o som dos passos de Shay, que se apressou para me alcançar.

— Bem, ao menos você é original.

— Como assim? — Sem o olhar, mantive o passo acelerado pelo quarteirão deserto.

— Todas as garotas que conheço dizem *Orgulho e preconceito*. Ou algum outro romance de Jane Austen sobre o amor proibido pela diferença de classes e... — Acrescente um longo suspiro aqui... Casamento.

— Não faço o tipo Jane Austen. — Diminuí a velocidade, para ele não precisar correr.

— Não imaginei que fizesse. — Notei que ele sorria ao dizer essas palavras e não resisti a um sorrir também cautelosa.

Shay caminhava com as mãos nos bolsos.

— Sabe... — Ele pigarreou. — Ambientalistas afirmam que os ursos-pardos estão extintos no Colorado.

Permaneci com os olhos fixos na calçada e apertei a jaqueta contra o corpo. *Nada é o que parece nessa montanha. As leis naturais não se aplicam ali.*

— Gosto de trilhas. Na verdade, sou bom nisso — prosseguiu Shay. — E li a respeito da área antes de me mudar. Sabia que poderia haver pumas, mas nunca ursos-pardos.

Dei de ombros.

— Talvez estejam sendo recuperados. Os movimentos de conservação tiveram avanços significativos...

— Não acho que seja isso. Sou um aspirante ao Greenpeace, lembra? Você acha que sou um idiota, mas não sou. Sou bastante competente quando o assunto é trilhas. E eu não deveria ter encontrado um urso-pardo naquela trilha. — Ele fez uma pausa e, então, disparou: — Nem lobisomens.

Mordi a língua e engoli o sangue.

— Você acha que sou isso? — *Ele está interessado em mim porque pensa que sou uma aberração.* A decepção me corroeu.

— Bem, deixe-me ver: uma garota incrivelmente forte que se transforma em um lobo e circula com um bando de jovens assustadores na escola, que agem como se fossem uma matilha de animais. É uma definição equivocada?

— Depende da sua ideia sobre lobisomens. — Olhei-o rapidamente. Ele passou a mão pelos cabelos.

— Acho que você deveria me contar. As regras do meu mundo parecem não se aplicar aqui. Ultimamente, sinto como se não pudesse ter qualquer certeza.

Ele parou abruptamente, virou-se e encarou-me. Senti minha respiração falhar ao ver o desespero no seu rosto.

— Somente que eu deveria estar morto. — Ele estremeceu. — Mas não estou. Graças a você.

Ele deu um passo na minha direção, os olhos focados no meu rosto, em busca de algo.

— Quero saber quem é você.

Eu podia sentir o medo na sua transpiração, mas fiquei intrigada por outros cheiros, atraentes, fascinantes, que exalavam do seu corpo: cravos, chuva, terra aquecida pelo sol. Inclinei-me para a frente, observando as linhas dos lábios, o verde pálido dos olhos. Ele não me olhava como se visse uma aberração. Seus olhos transbordavam temor e desejo. Ansiei por saber o que ele via nos meus olhos.

E começo a achar que o que realmente importa é saber quem é você.

Não resisti e ergui o braço, enrolando o dedo em uma mecha de cabelo que caíra sobre os olhos de Shay. Ele tomou minha mão, virando-a, para observar a palma, como se não fosse real.

— Você parece uma garota tão normal. — Ele contemplou meu rosto e pescoço. Tentou disfarçar um rápido olhar pelo corpete.

Cara, não é que isso funciona mesmo?

Imaginei outros lugares por onde sua mão poderia vagar, mas soltei um pequeno rosnado e me desvencilhei.

Ele se mostrou atônito por um instante.

— Seus caninos crescem quando você se irrita. Você é uma lobisomem.

Ele esfregou os olhos e vi neles uma confusão profunda.

— Ou estou ficando louco.

O sentimento de pena me invadiu. *Quero que você me conheça, Shay. De verdade.*

— Você não está louco. — Mantive a voz baixa.

— Então, você é uma lobisomem — sussurrou ele.

— Sou uma Guardiã. — Olhei ao redor, preocupada que alguém mais nos ouvisse.

— O que é uma Guardiã?

Falei em um sussurro apressado:

— Preciso saber se você comentou com seu tio, amigos ou com Efron sobre o que aconteceu na montanha.

Shay negou com a cabeça.

— Achei que eu estivesse maluco. Não quis falar sobre isso com ninguém. Parece tudo muito estranho desde que me mudei. — Ele enfiou as mãos nos bolsos novamente. — Além disso, eu invadi uma propriedade particular naquela trilha. Tinha minhas razões, mas não queria que meu tio descobrisse.

Senti um enorme alívio.

— Está bem, Shay. Proponho um trato. — Hesitei por alguns segundos, sabendo que não deveria contar nada a ele, que deveria deixá-lo no meio da rua naquele instante.

Mas eu não queria fazer isso. Queria algo só meu para variar.

Um arrepio passou por mim quando sussurrei:

— Se prometer que não falará com Bosque ou ninguém mais — na escola, em casa, com o fã-clube da Dark Horse, ninguém! — sobre o que contarei, eu explico por que tudo parece tão estranho em Vail.

Ele concordou com tanto entusiasmo que me perguntei se eu não estaria cometendo o maior erro da minha vida.

— Quando chegarmos ao café, você me paga um espresso e eu explico.

Eu estava prestes a retribuir seu sorriso, quando avistei dois homens do outro lado da rua, a poucos metros atrás. Estavam encostados na parede de um prédio e davam tragadas nervosas e curtas nos seus cigarros. Franzi a testa. Embora conversassem descontraidamente, tinha certeza de tê-los visto nos observando.

— Venha.

Atravessei a rua e virei no quarteirão seguinte. Shay me seguiu, indiferente à minha desconfiança repentina. Olhei disfarçadamente para trás. Os homens vieram na nossa direção. Farejei o ar, mas os dois estranhos estavam a favor do vento e não pude descobrir se

eram humanos... Ou outra coisa. Estiquei os dedos enquanto visualizava mentalmente um mapa da área ao redor da Éden.

Virei a cabeça e apurei a audição. Foi fácil captar a conversa.

— Não dá para ter certeza sem ver o pescoço dele.

— Então vai pedir para ele abaixar o colarinho para darmos uma olhada? — perguntou o outro. — Ele se encaixa na descrição e estava na boate do feiticeiro. Primeiro, o agarramos; depois nós perguntamos.

— Ele não está sozinho.

— Está com medo de uma garota? Deve ser qualquer uma que nosso menino de ouro pegou na pista de dança. Faremos ela desmaiar, pegamos o garoto e nos mandamos.

Estiquei-me languidamente e coloquei meu braço ao redor de Shay, abraçando-o. Um sorriso, surpreso e animado, surgiu nos seus lábios. Ele voltou a olhar meu decote. Uma dormência súbita me fez cambalear e senti um calor que subiu até meu pescoço, corando meu rosto. Então, um dos homens exprimiu um som baixo e lúbrico, trazendo-me de volta à realidade. Balancei a cabeça e enfiei minhas garras no ombro de Shay, em sinal de alerta, tentando, ao mesmo tempo, concentrar-me e distraí-lo.

— Estamos em perigo. Aqueles caras estão nos seguindo.

Fui cautelosa para não dizer “seguindo você”. Ainda não estava claro o que esse garoto sabia e qual era a sua conexão com o nosso mundo.

— O quê? — Shay tirou os olhos das minhas curvas e virou a cabeça.

— Não! — sussurrei. — Continue caminhando e olhe para a frente.

Apertei-o contra o corpo e senti seu coração disparar, assim como o meu. Meus olhos encontraram os lábios dele e seguiram seu contorno.

Pare. Pare. Pare. Meu sangue fervia.

Murmurei no seu ouvido:

— Quando chegarmos ao fim dessa rua, quero que corra. Volte à boate e diga ao segurança que temos problemas aqui. Ele mandará ajuda.

— Não vou deixá-la sozinha — protestou ele.

— Vai sim. — Sorri para ele, deixando à mostra meus caninos afiados e iluminados pela luz do poste. — Sei me cuidar, mas não posso cuidar de você ao mesmo tempo.

— Quer que ligue para a polícia? — perguntou ele.

— De jeito nenhum — respondi.

— Não vou deixá-la se não prometer algo — disse ele.

Precisei me controlar para não beliscar seu ombro, como faria com um novato malcriado. *Por que ele não tem medo de mim?*

— O quê? — Meu coração estava disparado pelo calor, pela proximidade dele e pela possibilidade de um ataque.

— Encontre-me amanhã, pela manhã — disse ele. — Na montanha. Você sabe onde.

— Não é uma boa...

— Esperarei você — interrompeu-me ele. — Prometa ou não saio daqui.

Estávamos quase na esquina.

— Amanhã, não! Domingo, pela manhã.

— Domingo? — Ele apertou meus dedos.

— Prometo — sussurrei, apertando sua mão rapidamente para em seguida empurrá-lo para a frente.

— Agora, saia daqui. Agora!

Ele sorriu antes de correr e virar a esquina. O barulho dos passos apressados atrás de mim veio em seguida. Girei e estiquei os braços para obstruir a passagem.

— Saia — disse um dos estranhos, rispidamente.

Ele ergueu uma das mãos para me empurrar. Fechei o punho e o acertei com força no estômago. Ele perdeu o ar e arqueou de dor.

Senti então o cheiro do estranho. Não eram humanos, mas *Inquisidores*.

Todo o calor do meu corpo sumiu e senti uma onda gélida me invadir. Não acreditava que os deixara se aproximar tanto. Aquela distração poderia ter custado minha vida. Shay representava um perigo ainda maior do que eu imaginara.

O segundo homem investiu contra mim. Corri para a calçada, onde ele não pudesse me alcançar, e transformei-me em lobo. Ele gritou vários palavrões.

— Eles puseram alguns Guardiões para observar o garoto, Stu.

O primeiro homem recobrou o fôlego, enfiou a mão na sua capa de couro e, em seguida, agachou-se. Sua expressão era de nojo.

— Veremos do que você é capaz, saco de pulgas!

Ele carregava algo. Abocanhei seu pulso a tempo e a adaga caiu na calçada. Revelei os dentes e o ataquei no pescoço. Seu grito cessou quando cravei meus caninos na sua traqueia. O sangue escorreu da minha boca, gosto de cobre fundido. Senti o coração do estranho parar e ergui o focinho.

O outro Inquisidor me olhava horrorizado. Abaixei o focinho e o persegui. Ele cometeu o erro de me virar as costas para fugir. Com um impulso, saltei da calçada. Enfiei as garras no seu tendão, ele caiu, tremendo, e então se virou e me atacou. Uivei ao sentir o soco-inglês acertar meu ombro. O golpe foi forte o bastante para machucar e deixar uma marca, mas não para anular minha reação. Ataquei-o, imprensando-o contra o chão, com os olhos fixos na veia que pulsava no seu pescoço.

Pare!

A voz que me invadiu de forma viva me paralisou. Dois Banes mais velhos apareceram ao meu lado.

Efron o quer vivo, se ainda é possível.

É, sim. Transformei-me e soquei o queixo do assustado Inquisidor. Sua cabeça pendeu para o lado e os olhos se reviraram

inconscientes.

Os Banes também voltaram à forma humana. Um deles era o segurança da Éden.

— Impressionante — murmurou ele.

Dei de ombros e fiz uma careta, tamanha a dor que senti. O segurança se aproximou.

— Está machucada?

— Não é nada — respondi, embora a dor incessante fosse mais intensa do que eu imaginara.

O Bane franziu a testa.

— Ele a acertou com o corpo ou com uma arma?

— Arma. — Busquei as mãos do Inquisidor, desacordado.

— Não era afiada.

— É melhor que Efron cheque isso. Os Inquisidores costumam pôr feitiços nas suas armas e pode ser mais perigoso do que você imagina.

O outro Guardião carregou o Inquisidor desacordado. O segurança fez um sinal com a cabeça na direção dele.

— Entraremos pelos fundos. Avise no escritório que alguém precisa se livrar do outro corpo. Chamarei o herdeiro Bane; Efron também quer ver isso.

Segui o brutamontes pelas ruas desertas de Vail, entre a boate de Efron e outros estabelecimentos. O som alto da música e a onda de calor fizeram meu ombro machucado latejar ainda mais. Caminhamos por corredores escuros nos fundos da boate, repletos de armários para depósitos até chegarmos a uma porta que eu vira mais cedo. A sala de Efron.

— Espere aqui — ordenou o segurança.

A porta se abriu e o segurança colocou a cabeça para dentro.

— Efron quer que você entre.

Ele abriu a porta o suficiente para eu passar e saiu, fechando-a.

Efron Bane estava no centro da sala, falando ao celular. Logan rondava o Inquisidor ainda desmaiado; os lábios do jovem Defensor estampavam um sorriso cruel. O Bane mais velho, que carregara meu algoz à boate, estava ao lado do sofá. Lumine estava sentada em uma das cadeiras de couro e bebia uma taça de xerez. A porta de carvalho se abriu novamente e o segurança entrou, seguido de Ren.

— Soube que você abateu um Inquisidor. — Ren parou ao meu lado.

Assenti e passei a língua nos dentes, em uma reação involuntária. Ainda sentia o sangue do sujeito.

— É uma pena eu ter perdido isso. — Seu olhar refletiu certa preocupação. — Você está ferida?

— Somente um arranhão — expliquei. — Nada do que me gabar.

— Ah, Renier. Obrigado por ter vindo tão rápido. — Efron guardou o celular no bolso. — Acho que podemos começar.

— Onde está Shay? — Eu não o vira em lugar algum.

— Bosque o levou para casa. O encontro com os assaltantes — acho que ele disse “ladrões” — deixou o pobre rapaz terrivelmente abalado. É melhor deixá-lo a salvo na sua cama.

— Claro. — Tentei disfarçar o estado de confusão em que me encontrava. Os Defensores queriam manter Shay ignorante. Eu não conseguia desvendar qual era o lugar desse garoto na história. Desejei vê-lo para me certificar de que ele estava bem.

Efron se aproximou de mim e me esforcei para manter a calma.

— Meus guardas disseram que o Inquisidor usou uma arma contra você.

Assenti.

— Onde está o machucado? — Ele semicerrou os olhos.

— No ombro.

— Tire a jaqueta — mandou ele.

Engoli o medo e obedeci, deixando a jaqueta de couro deslizar pelos ombros. O movimento causou ainda mais dor nos músculos feridos, que percorreu minha espinha. Ele agarrou meu braço bruscamente. Prendi a respiração, pois a ferida voltou a latejar. Ren, ao meu lado, ficou completamente tenso, um grunhido saiu do seu peito.

O olhar de Efron estava no alfa Bane e seu sorriso era de desprezo. Ele examinou a mancha roxa no meu ombro, resmungou, praguejou e sinalizou para que minha mestra se aproximasse. Lumine se levantou e veio até nós. Seus lábios se tensionaram. Efron moveu a cabeça positivamente.

— Seus feitiços estão cada vez melhores. Essa ferida não sumirá sozinha.

Lumine segurou meu queixo e disse:

— Vai precisar do sangue de alguém da sua matilha. Onde está Bryn?

Ren falou antes que eu pudesse responder.

— Posso dar o meu.

Lumine arregalou os olhos.

— Ora, ora, quanto cavalheirismo!

Ela sorriu para Efron.

— Parece que nossos jovens alfas já se entenderam, querido. Isso é muito encorajador. — Ela fitou Ren. — Espero que você não tenha... se comportado de maneira imprópria com minha garota — continuou, lambendo os lábios.

— Claro que não, mestra — Os olhos escuros de Ren cintilaram.

Logan ignorou o Inquisidor e se aproximou do pai.

— O que aconteceu? — Ele olhava para mim e para Ren, com as sobrancelhas arqueadas.

— Seu alfa acaba de se oferecer para curar Calla com o próprio sangue.

A voz de Efron denunciava um divertimento insensível.

— Ah, sempre quis ver como isso funciona. — Logan sorriu, debochado. — Uma aptidão tão incomum que vocês, Guardiões, têm. Quase sinto inveja.

Estremeci, humilhada. Ren encarou Logan, mas nada disse.

— Tem certeza de que é necessário? — Fitei o tapete persa sob meus pés.

Eu sabia que era. A dor fazia meus braços tremerem e eu estava nauseada. Era como se a ferida estivesse cheia de um veneno que se espalhara até o estômago.

— Obviamente, os Inquisidores se aproveitaram do isolamento para aprimorar suas habilidades, o que não é bom. Pelo visto, conseguiram uma forma de sabotar nossas armas mais sofisticadas. — Efron sorriu. — Você e sua matilha, Calla, querida.

Ren arregaçou a manga da sua camisa.

— Ficará tudo bem, Cal.

Mas não quero ser um espetáculo para eles!

Tentei encontrar uma alternativa, mas não consegui.

Antes que pudesse protestar, Ren levou o braço até os lábios. Quando o afastou, vi gotas escarlates escorrerem até seu pulso. Ele esticou o braço para mim. Virei-me de costas para os três Defensores. Respirei fundo, peguei o braço de Ren e cobri a ferida que marcava sua pele pálida com meus lábios. Senti seu sangue penetrar minha boca e seguir pela garganta. O líquido era quente, doce como mel, porém provocava uma sensação de ardência. Um calor borbulhante viajou pelas minhas veias. A dor palpitante no meu ombro cedeu, e logo desapareceu.

As mãos de Ren seguravam minha cabeça. Seu toque me trouxe de volta à sala. Sentia o rosto pegando fogo quando me virei para minha mestra. Ela movia a cabeça em sinal de aprovação, com os olhos fixos no meu ombro sem qualquer marca.

— Maravilhoso — murmurou Lumine. — Uma combinação perfeita. Vocês superaram nossas expectativas.

Efron pôs a mão sobre o ombro de Logan.

— Verdadeiramente, uma bela herança.

O garoto sorriu e observou a mim e a Ren, avaliando-nos.

O segurança se aproximou de Ren e lhe entregou um kit de primeiros socorros.

— Obrigado. — Ren rasgou o invólucro de uma atadura com os dentes e cobriu o corte no braço.

— Se essa parte já foi solucionada... — Efron virou-se para o corpo imóvel do Inquisidor. — Lumine, gostaria de fazer as honras da casa?

Ela deu alguns passos para a frente, mas Logan se apressou até o sofá.

— Posso? — perguntou ele.

Minha mestra olhou-o surpreendida, mas, em seguida, sorriu. — Claro. — Ela sinalizou para que ele se aproximasse do indivíduo desacordado.

Efron estalou os dedos. Os Banes mais velhos posicionaram-se em alerta ao lado do Inquisidor. Logan posicionou as mãos sobre as têmporas do homem. Os lábios do garoto moveram-se rapidamente, murmurando algo que não consegui entender.

Os olhos do Inquisidor se abriram imediatamente e ele começou a respirar com dificuldade, sentando-se. Logan sorriu e se afastou. O homem observou o local com olhos arregalados.

— Onde estou?

— Creio que cabe a nós fazer as perguntas, amigo. — Efron deu um passo à frente.

O Inquisidor se encolheu no sofá. Os Banes soltaram grunhidos e ele gemeu como um animal enjaulado.

— Fiquem longe de mim.

— É assim que trata seu anfitrião? — Efron continuou caminhando lentamente na direção do trêmulo sujeito. — Afinal, você está na minha casa, violando meu território.

— Não é seu território, bruxo! — disparou o Inquisidor. O medo pareceu dar lugar à revolta. — Onde está o garoto?

— Não lhe interessa.

— Ele não sabe, não é? Sobre quem ele é? E que vocês pegaram Tristan e Sarah? O que farão? — O homem olhou ao redor, desesperado, até finalmente deparar-se comigo. — Então foi essa cadela, escrava de vocês, que matou Stuart.

Ren rosnou e se atirou em direção ao Inquisidor, transformando-se em um lobo cinza escuro. Ao tocar o chão, agachou-se e disparou até o sofá.

— Não — disse Efron. Ren se deteve, mas manteve seu olhar mortal para o Inquisidor.

Efron sorriu friamente para o prisioneiro.

— Em breve, desejará que um Guardião houvesse tirado sua vida também, mas acho que podemos encontrar um fim mais interessante para você. Sinto muito, Renier. — Ele dispensou seu alfa com um aceno. — Tenho certeza de que adoraria provar a carne do nosso amigo. Prometo que terá a chance de vingar sua mãe em outro momento.

Ren voltou à forma humana e se aproximou de mim. Uma expressão de temor o sombreava. Lumine cruzou a sala, sorrindo para o prisioneiro.

— Não tenho medo de você, bruxa. — O Inquisidor sibilou e fez um gesto obsceno.

— Que grosseria... — Lumine dedilhou no encosto do sofá. — É hora de lhe ensinar a ter modos.

Ela ergueu a mão e fez um desenho intrincado no ar. Ao terminar, um símbolo em chamas apareceu suspenso sobre ela. O desenho se contraiu, pulsou duas vezes e implodiu. Um espectro sombrio pairou ao lado de Lumine.

Meu estômago se revirou, encolhi-me para trás e agarrei a mão de Ren. Ele fez o mesmo, apertando a minha com força.

O Inquisidor se agitou, apavorado, e caiu no chão:

— Meu Deus!

Lumine sorriu.

— Deus não está recebendo chamadas no momento.

Ela sacudiu o pulso e o espectro avançou. A massa escura envolveu o corpo do Inquisidor como um adesivo. Ele gritou, de forma aguda, e entrou em convulsão, enquanto a criatura sombria o engolia.

— Bem, vamos falar sobre seus amigos em Denver, o que acha?

Efron pigarreou.

— Logan, por que não acompanha seus fiéis Guardiões até a porta para que possam retornar aos seus amigos? Eles já fizeram mais do que o suficiente essa noite. — Ele sorriu lentamente. — Estamos gratos, jovens alfas.

Ren assentiu e puxou-me para a saída. Logan seguiu na frente, destrancou a porta e a abriu.

— Divirtam-se — disse. — Em breve, precisaremos conversar sobre a nova alcateia.

Na sala, o Inquisidor voltou a berrar. Não fosse pela música ensurdecedora do lugar, seus gritos agonizantes teriam sido ouvidos em todos os cantos da cavernosa boate. Logan piscou antes de fechar a porta.

Seguimos às pressas para o segundo andar, sem olhar para trás. Ao alcançar o topo da escada, procurei por meus Nightshades e os avistei no centro da pista de dança. Ansel e Bryn giravam em círculos e batiam as mãos. Neville e Mason dançavam enquanto Cosette e Sabine os animavam. Dax e Fey estavam um pouco mais afastados e observavam os outros. Dax sussurrava algo no ouvido de Fey, que tinha um sorriso afetado. Andei em direção à pista, mas Ren me deteve.

— Você está bem?

— Estou. — Sentia uma leve dormência no ombro ferido pelo Inquisidor. Os dedos de Ren acariciavam minha pele em círculos. Seus toques sutis causavam pequenos choques pelo meu corpo. Fechei os olhos, tentando acalmar o coração que estava em um ritmo perigosamente acelerado. *Por que isso acontece quando ele me toca?*

— Tem certeza, Lily? — provocou ele.

O apelido fofo e odioso me fez rir baixinho.

— Tenho. Graças a você.

Ele me puxou para perto.

— Vai dançar comigo agora ou fugirá novamente?

Meu instinto brigão me dominou.

— Se você tivesse me dado um segundo para respirar, talvez eu não precisasse fugir!

Ren tirou as mãos do meu ombro.

— Por que você me odeia, Calla?

Balancei a cabeça negativamente.

— Sobre o que você está falando?

— Nunca conheci uma garota tão avessa à minha companhia como você. — Ele desistiu de me olhar. Tinha os músculos do rosto contraídos.

— Talvez o problema *seja* você. — Ele recuou abruptamente como se eu houvesse batido nele e me arrependi por perder a paciência. — Não te odeio. Estou apenas tentando obedecer regras.

— Olha, eu entendo. Sei que não é a situação ideal — disse ele. — Mas achei que as coisas entre nós...

Suas palavras se dissiparam como uma neblina atingida por um vento forte. Ele ajeitou a postura e voltou a falar.

— Você tem razão. Vou sair do seu pé. Ainda acho que nossas matilhas devem passar mais tempo juntas, principalmente com Logan assumindo o controle da união. Ele é imprevisível.

Precisamos ser fortes. Além disso, eles parecem satisfeitos com o novo arranjo. — Ele gesticulou para os demais na pista de dança.

Assenti, sem saber o que dizer. Seus olhos encontraram os meus. Dei um passo atrás, surpresa com a forma severa com a qual Ren me encarou.

— Não vou mais incomodar você. Quando chegar o dia da união, descobriremos o que fazer — disse ele.

Senti um nó na garganta e olhei para o chão. Não queria que ele desistisse tão facilmente.

— Ren. — Ergui os olhos para encará-lo, mas ele havia se virado de costas. Levantei a mão um segundo tarde demais, e ele desapareceu na multidão.

OITO



PRATICAMENTE NÃO DORMI. Sonhos caóticos me assombraram durante a noite. Imagens provocantes dos dedos de Ren tocando minha pele, seus lábios se aproximando dos meus, e, dessa vez, eu não fugia. Shay me puxando para um beco, imprensando-me contra uma parede e me beijando ardentemente até provocar um incêndio. Outras imagens me atormentaram cruelmente: eu, presa ao chão, Efron sobre mim. E, então, não era Efron, mas um espectro. Ouvia os gritos do Inquisidor e, subitamente, os gritos eram meus.

Quando a manhã chegou, eu tremia muito e estava completamente exausta. Fiquei no meu quarto, escondida sob todos os travesseiros e cobertores que encontrei. Fiquei encolhida na minha fortaleza de algodão até alguém bater à porta. Olhei o relógio sob as quentes camadas de pano. Quase uma da tarde.

— O quê?

Meu pai entrou no quarto. Tinha as mãos juntas às laterais das pernas.

— Não vi você durante todo o dia — murmurou ele, observando minha torre de travesseiros e a muralha de colchas.

— Não me sinto bem — disse e puxei uma coberta até o nariz. Apenas os olhos ficaram à vista. Minha resposta o deixou estranhamente agitado. Ele segurou a maçaneta da porta, girando-a para a frente e para trás, repetidas vezes.

— Ansel disse que vocês estiveram com os Banes na Éden ontem à noite. — Notei a preocupação na sua voz e me apoiei sobre os cotovelos. Confirmei com a cabeça.

— Conheceu Efron? — Ele semicerrou os olhos.

— Sim, conheci. — Ouvi um tremor na minha voz.

— Você está bem? — Repentinamente, ele não conseguia me encarar.

—Estou. — Sentei-me, alarmada ao perceber que ele se mantinha parado na porta. Abracei um travesseiro. — Lumine também estava lá.

Ele, então, me olhou brevemente.

— Estava?

Assenti, voltando para debaixo das cobertas.

— Sempre foi assim? — Olhei para o teto. — Os Defensores usam os Guardiões para o que quiserem? Não apenas como seus guerreiros?

— Depende do Defensor. Efron tem gostos exóticos. Tenho certeza de que percebeu isso ontem à noite. — Sua resposta foi brusca e resignada.

— É. — Fechei os olhos.

— É nosso dever servi-los. Os locais sagrados não podem ser tomados pelos Inquisidores. O mundo depende disso e os Defensores nos dão o poder para defender esses locais. — Ele falava em voz baixa. — Não podemos questionar os Defensores, Calla. Mesmo quando vemos neles características das quais não gostamos.

— Eu sei. — Virei-me para ele, desejando fazer as perguntas que eu não podia.

E se Efron, não Lumine, fosse nosso mestre? E se fosse mamãe ou eu, não as meninas Banes, quem ele solicitasse? O que você faria?

Pensamentos horríveis me atormentaram e procurei me concentrar em outro assunto.

— Os Inquisidores atacaram na noite passada.

— Nós soubemos pela manhã — disse ele. — Parabéns por sua primeira vítima. Sua mãe e eu estamos orgulhosos. — Ele sorriu rapidamente e eu dei de ombros.

Meu pai se mostrou satisfeito por minha reação inexpressiva ao elogio.

— É provável que nossas patrulhas sejam intensificadas em breve. Acho que colocarão a nova matilha nessa missão antes da união oficial.

Parece que todos querem apressar a criação da nova alcateia.

— Logan Bane terá o controle da nossa matilha como parte da sua herança.

Ele fechou as mãos diante do peito.

— Por essa eu não esperava! Embora o filho de Efron logo alcançará a maioridade.

— Conhece um homem chamado Bosque Mar? — perguntei, franzindo a testa.

Ele negou com a cabeça:

— Quem?

— É um Defensor. Estava na Éden ontem à noite. — Lembrei do encontro bizarro. — Acho que foi ele quem decidiu que Logan assumiria o controle da nossa matilha, pois nossa mestra fez uma reverência a ele. Nunca a vira fazer isso.

— Não nos envolvemos na hierarquia dos Defensores — retrucou meu pai. — É um assunto deles. Devo satisfações a

Lumine e a ninguém mais.

Ele andou de um lado para o outro, em frente à porta.

— Quando sua alcateia se formar, responderão somente a Logan. Não se meta nos assuntos dos Defensores. Você é uma guerreira, Calla. Lembre-se sempre disso. Distrações apenas machucarão você.

— Claro, eu sei. — Enfiei-me ainda mais sob as cobertas.

Fui uma idiota ontem à noite. Meu pai tem razão. O que eu quero não importa. Preciso ser forte. Nada mais.

Mordi o travesseiro. *Detesto os homens.*

Ele notou que recuei e franziu a testa.

— Sua mãe está cozinhando. Vai almoçar com a gente?

— Sim. — Por mais generosa e aconchegante que fosse minha fortaleza de cobertores, ela não mudaria a situação. Além disso, se eu era uma guerreira, estava na hora de agir como uma.

*

A melodia dos sinos ecoou nos meus ouvidos antes de eu abrir os olhos. As badaladas chegavam pela janela, que eu deixara semiaberta na noite anterior e por onde passava uma corrente fria e constante de ar. Geada. A primeira grande geada do ano. Chequei o relógio. Bryn chegaria em trinta minutos para a patrulha semanal.

Como me livrarei dela? Eu comia o cereal e me perguntava se Shay realmente iria até a montanha.

— Oi, mana. — Ansel apareceu na escada.

— O que está fazendo acordado? — Olhei o relógio, preocupada em estar atrasada. Mas eram 6h30. Nossa patrulha semanal começa às 7 horas.

— Quero saber se posso ir com vocês hoje? — Ele tentou aparentar impassibilidade, mas suas mãos tremiam quando se serviu de café. O líquido preto caiu na bancada.

— Você fez a patrulha com Mason ontem. — Observei-o limpar o café com uma toalha de papel.

— Eu sei — respondeu ele imediatamente. — Eu acho importante praticar. Ainda mais depois do ataque.

— Ah... — Mordi o lábio. — Na verdade, dispensarei Bryn da patrulha hoje. Vou sozinha.

— Por quê? — Ansel sentou-se à mesa, batendo os dedos na xícara de café.

— Preciso de um tempo para pensar — consegui inventar. — E penso melhor quando corro sozinha.

— Você está bem, Cal? — Ansel pôs várias colheres cheias de açúcar no seu café.

— Como consegue tomar isso? — Estremeci.

— Responda à pergunta. — Ele levou a xícara à boca.

— Estou bem.

— Mamãe falou que você passou o dia na cama, enquanto eu fazia a patrulha.

Ele acrescentou mais uma colher de açúcar ao café.

— Ficamos na rua até às 4 horas na sexta — respondi.

— Nem me fale, eu precisei acordar duas horas depois. E Mason não é uma companhia agradável quando está cansado. Mal-humorado demais! Ele partiu um coelho ao meio apenas porque o bicho o assustou.

Ansel bebeu outro gole do café. Dessa vez ele sorriu e o bebeu animadamente.

— Sério, Calla... — disse ele. — Você se apavorou por ter matado aquele Inquisidor?

— Não.

Ele me olhou desconfiado e, então, suspirou.

— Matar o Inquisidor era minha obrigação. Ele tentou atacar Shay.

— O garoto de quem todos estão falando?

— É. — Levantei e voltei a encher minha xícara. — Os Defensores têm algum tipo de interesse pelo bem-estar dele. Shay está vivendo entre eles.

Ansel ergueu sua xícara vazia para mim.

— Esquisito. E os Inquisidores tentaram atacá-lo?

— É. Matei um, o outro… — hesitei. Servi-o de mais café. — Quer menos café para caber mais açúcar?

Ele não riu.

— O que aconteceu com o outro Inquisidor?

— Os Defensores usaram um espectro contra ele.

Vi Ansel empalidecer.

— O que ele fez?

— Não sei exatamente. — Coloquei a xícara de café na frente de Ansel. — Efron nos mandou embora, mas acho que o espectro soube fazer o interrogatório com muita eficiência.

— Ainda bem que não precisei ver isso. — Ele recomeçou o ritual do açúcar.

— Queria não ter visto o que eu vi — falei e ele semicerrou os olhos. — E foi isso o que me deixou na cama o dia todo.

— O quê? — Ansel insistiu.

Mantive os olhos fixos no café.

— Estou preocupada com Logan.

— Por quê? — Ansel se levantou e andou até a despensa, para repor o açúcar no pote vazio.

— Ele vai assumir o controle da nova alcateia.

Ouvi algo cair e quebrar na despensa. Granulados brancos cobriram o chão.

— Ansel! — Busquei uma vassoura.

— Desculpe — murmurou ele, pegando o açúcar derramado com as mãos. — Sério? Logan? Não será Efron ou Lumine — ou os dois se alternando?

— Fique feliz por não ser Efron — falei e entreguei-lhe a pá.

Ele notou minha expressão sombria.

— Por quê?

Varri bem devagar, apertando a vassoura com força.

— Por causa de Sabine? — perguntou ele em voz baixa.

Eu congelei.

— Você sabe?

— Neville contou para Mason, e ele me contou. — Ele observou a pilha de açúcar.

— Ren me contou — falei, baixinho, e voltei a varrer.

Ansel moveu a pá para pegar o monte de açúcar.

— Mason disse que Ren está arrasado por isso. A informação é de terceiros, mas eu acredito. Ele não pode proteger Sabine. Não consigo imaginar o que isso deve significar para um alfa. Não importa que seja seu mestre, isso vai contra os instintos de proteção de Ren.

Não respondi e continuei varrendo o açúcar na direção de Ansel.

— O que você acha? — perguntou ele.

— Pela primeira vez, fiquei feliz por ter Lumine como mestra — respondi. — Espero que Logan seja diferente do pai. Ren disse que ele não é como Efron, mas é imprevisível.

Ansel deu de ombros.

— Bem, Logan certamente seria diferente. Quero dizer, ele não ia querer...

A porta da frente se abriu e Bryn entrou na cozinha.

Ansel se levantou abruptamente, deixando cair o açúcar que estava na pá de volta no chão. Soltei um gemido frustrado.

— Ah, desculpe. — Ele me lançou um olhar de desculpas e pegou a vassoura.

— Pronta para um passeio ao ar livre, Cal? — Bryn sorriu e, então, olhou para o chão. — O que houve?

— Ansel acredita que doses de café e de açúcar devem ser iguais. — Sorri para meu irmão, ruborizado. — Ele se empolgou

demais.

Bryn riu e se virou para sair.

— Ei, espere um segundo — disse, pegando-a pelo braço.

Surpresa, ela ergueu a sobrancelha.

— Queria correr sozinha hoje. Você se incomoda? — Foi difícil manter a voz inalterada.

— O quê?

— Prefiro fazer a patrulha sozinha — repeti, procurando um pretexto, sem encontrar algum. *Que desculpa esfarrapada, Calla. Muito, muito ruim. Ela nunca vai cair nessa.*

— Entendo. — Bryn andou ao redor da mesa e se sentou em uma cadeira. — Vai encontrar Ren?

— O quê? — perguntei, confusa.

— O quê?! — Ansel pulou e derramou o açúcar novamente. Soltou um palavrão, mas não se abaixou para terminar a limpeza.

Meus olhos vagaram entre Bryn e meu irmão.

— Não vou encontrar Ren. — Não foi o que eu esperava ouvir de Bryn, mas percebi que seria suficiente para mantê-la longe da patrulha. Mesmo que significasse passar uma semana, ou mais, ouvindo piadas dos dois.

— É mesmo? — Bryn passou o dedo pelo açucareiro vazio na mesa. — Achei que vocês se entenderam bem até demais na Éden. Ele é um ótimo dançarino. Não é, Ansel?

Ela piscou para meu irmão, que riu dissimuladamente.

Olhei para cada um dos dois.

— Eu NÃO me encontrarei com Ren. — Sabia que se não protestasse, ela não investiria na sua nova teoria da conspiração.

— Está bem. — Ela sorriu. Seus olhos me diziam que não acreditava em mim, o que, nesse caso, funcionou a meu favor. — Tecnicamente, é contra as regras dois alfas realizarem a patrulha juntos. Você sabe... Para evitar que em um acidente os dois sejam mortos.

— *Tecnicamente*, não somos alfas da mesma matilha. Ainda somos Nightshade e Bane — retruquei.

— Então você vai mesmo se encontrar com ele. — Seu sorriso se tornou tão aberto que achei que chegaria às orelhas.

— Não! — Arranquei a colher de açúcar de Ansel e atirei-a em Bryn, mas ela a agarrou com facilidade.

Meu estômago se revirou. Tive certeza de que, na Éden, eu conseguira afugentar o alfa macho.

Bryn riu e andou até o armário.

— Não importa. — Ela pegou uma xícara. — Se quiser ir sozinha, tudo bem. O que você planeja fazer é problema seu.

Sem tirar os olhos dela, retornei à mesa da cozinha para terminar o café. Ansel finalmente conseguiu jogar o açúcar no lixo.

— Bryn? — Ele pegou o açucareiro vazio e voltou à despensa. Fiquei surpresa que ainda houvesse açúcar, considerando a quantidade que caíra no chão. — Se você não for na patrulha hoje, pode me fazer um favor?

Bryn bebeu um gole do café e fez uma careta.

— Se você me trouxer um pouco de açúcar para essa coisa amarga! — Ela olhou para mim. — Não sei como consegue tomar isso puro. Você é sinistra!

— Por isso sou sua líder.

Ansel voltou para a mesa, mostrando o pote de açúcar.

— Pare de andar com isso, ou acabará deixando cair tudo — Repreendi-o.

— Bom rapaz. — Bryn pegou o pote.

Ele abriu uma gaveta, tirou uma colher e entregou a ela.

— Obrigada. — Bryn pôs uma colher de açúcar após outra na xícara.

— Qual é o favor?

Balancei a cabeça.

— Se vocês fossem humanos, seriam diabéticos.

Ansel riu, mas ele olhava para Bryn.

— É... Você teve aula de inglês com a senhora Thornton no segundo ano, não é? — Ele parecia nervoso.

— Todos têm aula com ela. — Bryn mexeu o café. — É a única professora de inglês do segundo ano.

— Ah, é, tem razão — murmurou ele. — Bem, estamos estudando poesia e não consigo acompanhar.

— Sei. — Após provar o café, torceu o nariz e colocou mais açúcar. Lancei um rápido olhar para o relógio, levantei e levei minha xícara até a pia.

— Eu soube que você escreve poesia — Ansel continuou, com os olhos fixos no fundo da xícara — e pensei se você poderia me dar uma ajuda.

Bryn deu de ombros.

— Claro. Estou livre depois que Calla me dispensou por causa do novo namorado.

Minha xícara bateu na pia de aço inoxidável.

— Ele não é meu namorado!

Ela me ignorou.

— Sabe, An, se você precisa mesmo de ajuda com poesia, deve falar com o Neville. Os poemas dele são bem melhores que os meus. Ele até publicou alguns.

— Eu sei, eu sei — disse Ansel. — Farei isso, mas o trabalho é para amanhã e você está aqui.

— Tudo bem. Esse é um bom argumento — disse ela.

— Fico feliz que vocês façam algo de útil — falei e saí apressadamente da cozinha.

Suas risadas me seguiram quando assumi a forma de lobo e entrei na floresta pelos fundos de casa.

Corri pela encosta leste da montanha. A terra congelada penetrou minhas patas. Sabia aonde ir e parei apenas quando cheguei ao meu destino, onde caí sentada sobre as patas traseiras.

Ele estava ali, quieto, esperando por mim, e não me senti surpresa, como pensei. Observei-o por vários minutos e ponderei minhas opções. Finalmente, levantei e saltei da elevação, aterrissando a poucos metros de distância. Ele gritou, assustado, e quase caiu.

Fitei-o, em silêncio, imóvel. Ele me olhou surpreendido e, então, lentamente, estendeu o braço e deu alguns passos na minha direção. Quando percebi o que ele pretendia fazer, rosnei e ameacei morder seus dedos. Ele pulou para trás e soltou um palavrão. Passei para a forma humana.

— Por pouco você não é um homem morto. — Apontei um dedo acusador para ele. — Nunca, nunca, tente acariciar um lobo. É um insulto.

— Desculpa. — Ele pareceu desapontado e, então, riu. — Bom-dia, Calla.

— Bom-dia, Shay.

NOVE



— ESTOU SURPRESA POR VER você aqui. Você deve gostar de acordar cedo. — Andei para a frente e para trás, sem jeito, analisando os limites da floresta que nos cercava. — Por que quis me encontrar aqui?

Eu estava mais preocupada com por que eu desejara que ele viesse.

— É mais um caso de insônia do que de acordar cedo. Estou tentando descobrir a loucura em que me meti — disse ele. — Além disso, precisávamos tomar o café que combinamos.

Ele se abaixou, abriu a mochila e pegou uma linda garrafa térmica de inox com uma caneca.

— Café? — Eu tremia, mas não por causa da manhã fria.

O sorriso brincalhão continuou no seu rosto enquanto ele servia o líquido preto e me oferecia. — Espresso.

— Obrigada. — Ri e peguei a caneca. — É uma caminhada chique, essa.

— Somente em ocasiões especiais — disse ele.

Olhei para suas mãos vazias.

— Não vai tomar?

— Pensei em dividirmos — respondeu ele. — Juro que não tenho nada contagioso.

Sorri, fascinada pela forma como os raios de sol douravam alguns fios do cabelo castanho e levemente ondulado de Shay.

— Calla? — Ele se inclinou para mim e desejei que me segurasse como eu havia sonhado. — Você está bem?

Desviei os olhos e bebi um gole do café. Era incrivelmente forte e absolutamente delicioso.

— Sabia que a maioria das pessoas não retorna aos lugares onde tiveram um encontro com a morte? Pode-se dizer que as pessoas sensatas evitam esses lugares.

Estendi a caneca para ele. Seus dedos tocaram nos meus quando ele pegou a caneca e o contato me deixou arrepiada, quente, viva. Quando seus lábios tocaram o metal, estremeci, como se ele houvesse me beijado. *Seria assim um beijo? Essa eletricidade que sinto quando nossas mãos se tocam, mas nos meus lábios?*

— Não sou como a maioria das pessoas. — Ele se sentou, com as pernas cruzadas uma sobre a outra.

— Não, você não é. — Sentei-me na frente dele.

— Mas sou sensato. — Ele sorriu. — Acho que aquele urso ficará longe daqui por algum tempo. Você é uma loba bastante assustadora.

— E isso não o incomoda? — perguntei.

Shay se apoiou nos cotovelos e esticou as pernas.

— Se você fosse me comer, já o teria feito.

Estremeci.

— Não como pessoas.

— Nada mais a declarar, meritíssimo. — Ele ergueu o rosto e deixou os raios de sol o banharem. Pesquisei seus traços, desejando contornar seus lábios com a ponta dos meus dedos.

— Ainda assim — murmurei —, você deveria ter medo de mim.

Ele arrancou uma flor do campo.

— Por quê?

— Porque eu poderia matá-lo — falei.

— Aquele *urso* poderia me matar. — Ele enrolou o caule da flor ao redor dos dedos. — Você o deteve.

Não deveria. As palavras ficaram entaladas na minha garganta. Contemplei os cachos suaves de seu cabelo, o sorriso doce nos seus lábios. *Como poderia deixá-lo morrer? Ele não fez nada.*

Shay interpretou meu silêncio como uma necessidade por explicações.

— Você salvou minha vida. Para mim, isso é mais do que suficiente para confiar em você.

— Faz sentido. — Concordei com a cabeça. — Ainda acho que você não deveria vir até aqui.

— Esse é um país livre.

— Esse é um país capitalista e estamos em uma propriedade particular.

Ele olhou para a pequena flor por um instante e, então, a esmagou com a mão.

— Sua propriedade?

— Não exatamente, mas sou responsável por ela.

— Apenas você?

— Não. Por isso, além de outros motivos, você não poderá voltar aqui. Geralmente não estou sozinha.

— Quem está com você? — perguntou ele.

— Bryn. — Estiquei-me no chão. O sol brilhante da manhã lançava seus raios sobre a terra, coberta por uma fina camada de gelo. — Baixa, cabelo ruivo e encaracolado, língua afiada. Você a viu na escola.

— Sei. — Ele assentiu. — Ela se senta atrás de você no primeiro tempo.

— Sim. — Sinalizei com o dedo para ele, que me passou a caneca. Tentei ignorar a decepção por nossos dedos não se encontrarem.

— E ela também é uma lobisomem?

Minha boca parou no caminho até a caneca.

— Desculpa, desculpa. — Ele abaixou a cabeça em um movimento que lembrava o de um pato. — Quis dizer… É… Guardiã?

— É. — Bebi um gole do café e olhei para longe.

— E vocês conseguem se transformar em lobo quando querem? Não precisam da lua cheia? — Ele ergueu uma das mãos como se tentasse se proteger de um golpe por vir. — Não quero te ofender. Estou me baseando nas crenças populares.

— Eu sei. Tudo bem — falei. — E a resposta é sim. Podemos nos transformar quando quisermos. A lua não tem nada com isso.

Ele parecia impressionado.

— Você cintila quando se transforma, o que é incrível. Quero dizer, suas roupas não rasgam nem nada. — Ele corou assim que terminou a frase.

Quase derramei o restante do café.

— Desculpe desapontá-lo — murmurei e senti minha face ruborizada.

— Eu quis dizer... — Ele se calou, em busca de uma resposta.

— É uma magia complexa — falei, tentando mudar rapidamente o assunto constrangedor. — Tecnicamente, sou lobo e humana ao mesmo tempo. Escolho qual forma minha alma habitará e sei me alternar livremente. Independentemente da forma que eu assumir, a outra continuará presente, apenas invisível — uma espécie de outra dimensão — até eu voltar a ocupá-la. Minhas roupas, acessórios, tudo o que eu esteja usando na forma humana, não se alteram. E posso utilizar características de ambas as formas se precisar. Por exemplo, mostrar minhas presas mesmo na forma humana.

Parei e pensei em uma hipótese.

— Provavelmente, poderia usar roupas na forma de lobo, se realmente quisesse. Não seria de nenhuma utilidade, apenas ridículo.

— Hum... — Ele esticou as mãos para mim. — Preciso de mais café para digerir melhor essas informações.

Dei a ele a caneca, deixando meus dedos roçarem os seus antes de soltá-la.

— Você sabe sobre suas origens? — Ele tinha os olhos focados na minha mão, mesmo depois que eu a apoiei no colo. Minha pulsação sofreu um pequeno lapso. Lembrei das palavras do meu pai e abracei os joelhos.

O que estou fazendo aqui? Estou me arriscando demais.

Shay me fitava tranquilo, embora curioso. Encontrei seus olhos e entendi que não queria ir embora.

— A lenda conta que o primeiro Guardião foi criado por um Defensor ferido em confronto. Muito machucado, o Defensor se escondeu na floresta, terrivelmente abatido, à beira da morte. Um lobo apareceu, trouxe comida ao Defensor e manteve outros predadores da floresta afastados. Suas feridas se curaram enquanto o lobo continuava a lhe prover alimento. Quando o Defensor se restabeleceu, sugeriu ao lobo que se transformasse em um Guardião. Parte humano, parte fera, desfrutando da Velha Magia. Em troca da lealdade eterna do lobo, o Defensor sustentaria os Guardiões e sua prole. Esse foi o primeiro Guardião. Desde então, somos guerreiros dos Defensores.

Ele me olhava, confuso.

— O que é um Defensor?

Grunhi, ciente de quão perigosa a conversa poderia se tornar. Ao mesmo tempo, sentia-me tão à vontade com Shay que, mesmo sem querer, revelava segredos essenciais.

Ele se inclinou para a frente.

— Há algo errado? As perguntas são comprometedoras?

— Não tenho certeza. — Gostava quando ele se aproximava de mim. Sentia a excitação que sua pele exalava, um aroma selvagem de nuvens tempestuosas se aproximando.

Um calor delicioso subiu pelo meu corpo. Enfiei as unhas nas calças jeans. *É o café. É só o café.*

Ele observou meus músculos se tensionarem.

— Tome o tempo que precisar. Quero que confie em mim.

Você não é o problema. Acho que não consigo confiar em mim.

Eu não queria ir embora, mas começava a sentir medo. Talvez, se conseguisse controlar a conversa, poderia nos manter a salvo.

— Por enquanto, o que posso dizer é que devo obediência aos Defensores. Posso fazer algumas perguntas também?

— Claro. — Shay parecia satisfeito por eu querer saber mais sobre ele.

Sorri.

— Primeiro, pode pegar mais café? Já acabamos essa caneca.

— Claro. — Ele encheu a caneca que lhe entreguei.

— De onde você é? — Comecei pelo que considerei uma pergunta fácil.

— De todos os lugares — murmurou ele.

— De todos os lugares? — Fitei o líquido preto. — Acho que não conheço.

— Desculpa. Nasci na Irlanda, em uma ilhota perto da costa. — Sua voz tornou-se melancólica. — Meus pais morreram quando eu era bebê, e Bosque me adotou.

— Ele é seu tio? — Olhei-o atentamente.

Shay assentiu.

— Irmão da minha mãe.

Não é verdade, mas não sei se ele sabe. Apenas sorri e indiquei que ele prosseguisse.

— Bosque trabalha com investimentos. É um consultor governamental, não sei bem. Tem muito dinheiro, mas precisa viajar sempre. Nunca fiquei em uma escola por mais de dois anos. Moramos na Europa, na Ásia, no México, em várias cidades nos EUA. Estávamos em Portland nos últimos dois anos, então Bosque me trouxe para o Colorado.

— Parece uma vida muito solitária.

Ele deu de ombros.

— Nunca fiz amigos, ou ao menos amigos íntimos. Acho que por isso leio tanto. Os livros são meus verdadeiros companheiros.

Ele se virou e se espreguiçou sobre a terra.

— Por isso também faço tantas trilhas. Prefiro o isolamento a multidões. A vida selvagem me atrai muito. — Ele, então, estremeceu. — A não ser quando encontro um urso-pardo, onde eles não deveriam estar. — Os olhos de Shay recaíram sobre mim, curiosos e inquisitivos. — Posso fazer uma pergunta? Diferente?

Bebi um último e longo gole do café

— Tudo bem, mas tenho outras perguntas para você.

— Sem problemas. É algo que quero muito saber. — Ele se sentou sobre a ponta dos pés e se levantou. O movimento repentino me assustou e deixei a caneca cair. Dei um passo atrás quando Shay tirou a jaqueta e despiu a camisa.

— Olhe. — Ele passou uma das mãos no peito.

— Sim, ótimo... Você deve malhar muito — murmurei. O sangue quente nas minhas veias borbulhou subitamente.

Ele trincou os dentes.

— Pare com isso, sabe do que estou falando. Não há cicatrizes. Nada, nada em qualquer lugar. Aquele urso me cortou inteiro. Onde estão as cicatrizes?

Revidei o olhar sério.

— Vista-se. Está frio demais para se bronzear.

Sempre achei meu corpo uma valiosa arma, forte e rígido como ferro, mas todos os meus membros se derretiam. Não conseguia desviar os olhos dos ombros de Shay, seus quadris bem definidos, que os jeans cobriam precariamente, e os incríveis músculos desde o tórax até o abdômen.

— Responderá à minha pergunta? — Os braços de Shay estavam arrepiados, mas ele permanecia imóvel.

Queria me aproximar, tocar sua pele, sentir se sua pulsação estava acelerada como a minha, experimentar a onda sufocante de calor que nossa proximidade me provocava.

— Sim. — Apontei para a jaqueta e a camisa que ele tirara, com medo de chegar perto. — Por favor, vista a roupa.

— Comece a falar. — Shay se virou e pôs os braços na camisa de manga comprida. Quando ele ergueu os braços para vesti-la, meus olhos foram atraídos pela marca escura na sua nuca. Não havia pensado na tatuagem desde o dia em que o salvara. Mas ali estava ela, uma cruz fortemente gravada.

Franzi a testa: *Não podemos ter certeza sem verificar o pescoço dele.*

— Estou esperando. — Ele pegou a jaqueta e a vestiu novamente. — Suas palavras me trouxeram de volta ao presente.

— Eu curei você. — Contraí os dedos, torcendo para que isso diminuísse o desejo de tocá-lo.

— Eu sei. — Ele deu um passo na minha direção. — Pude sentir quando... — Ele se calou e os olhos cheios de fascínio contemplaram meu rosto. — Bebi seu sangue.

Concordei enquanto meu coração ganhava velocidade. Ele ergueu a mão e segurou meu braço. Minha pele se arrepiou quando subiu a manga da minha jaqueta e, então, do meu suéter. Seus dedos tocaram levemente minha pele, o que fez ondas de calor espiralarem pelo meu corpo.

A sensação foi familiar e estranha ao mesmo tempo. Senti um arrepio parecido àquele quando eu começava uma caçada. Com Ren, meu desejo aparecia subitamente, como a raiva, como um desafio. Shay evocava em mim uma paixão branda, um calor insistente, contínuo. Não havia matilha, mestre ou mestra. Apenas ele e eu, e seu toque ardia em locais do meu corpo prometidos para outra pessoa.

— E aqui — murmurou ele, passando a mão no local onde eu me mordera —, não há uma cicatriz.

Ele me encarou, enquanto seus dedos tocavam minha pele gentilmente. Encarei-o também por alguns segundos e, então, afastei meu braço, abaixei a manga do suéter e cobri minha pele ainda dormente.

Não pode fazer isso, Calla. Sabe que não pode. Não importa o que você sinta, você não é livre.

— O sangue dos Guardiões tem propriedades de cura excepcionais.

— Não tinha gosto de sangue. — Ele passou a língua pelos lábios, como se ainda o sentisse.

Cruzei os braços ao redor da cintura. Queria que ele me provasse novamente, mas não meu sangue.

— Nosso sangue é diferente. É um dos nossos atributos mais valiosos. Os Guardiões conseguem curar um ao outro instantaneamente no campo de batalha, o que nos torna praticamente invencíveis.

— Eu acredito.

— É esse o objetivo, mas, como você viu, podemos curar qualquer um. — Encontrei uma pedra e a chutei. — Mas não devemos.

Ele observou a pedra quicar pelo chão.

— Então por que…

— Shay, por favor, escute... — As palavras escaparam da minha boca, interrompendo-o. — O poder de cura dos Guardiões é algo sagrado para nós. Devemos curar somente os nossos. O que eu fiz... Quando salvei você, violei nossas leis. E essa desobediência pode custar minha vida se alguém souber. Você entende?

— Arriscou sua vida para salvar a minha? — Ele se aproximou e estremeci quando suas mãos emolduraram meu rosto e seus lábios quase tocaram os meus. Olhei seus olhos e senti o calor da sua respiração na minha pele. Soube ali que faria tudo outra vez, não importava o preço que pudesse pagar.

— Eu nunca colocaria você em perigo, Calla. Nunca — disse num sussurro. Cobri suas mãos com as minhas.

Os dedos de Shay roçaram os meus.

— Mas, e o outro lobo? Bryn. Ela estava aqui. Ela sabe.

— Ela é minha companheira, meu braço direito — respondi. — Sua lealdade é absoluta. Bryn nunca me trairia. Ela se mataria antes.

— Também não trairei você. — Ele sorriu, tímido.

— Não pode contar a ninguém, por favor. — Esforcei-me para manter a voz estável. — Seria o meu fim.

— Eu entendo — disse ele.

Ficamos em silêncio, que se amplificou com o sossego da floresta. Desejei que ele me beijasse, que ele sentisse o desejo que eu exalava da mesma forma que eu inalava a essência embriagante do seu desejo. *Você não pode, Calla. Esse garoto não é o seu.* Fechei os olhos, o que ajudou a me afastar de Shay.

— Então, como bebi seu sangue... Vou me transformar em um... É... Guardião? — perguntou ele, hesitante. — Por isso você violou as leis?

Neguei com a cabeça. Eu estava enganada ou ele ficara desapontado com a resposta negativa?

— Você andou lendo muitas histórias em quadrinho, Shay.

Seus lábios se curvaram num sorriso.

— Então, me diga como se cria um Guardião. Quero dizer, além da forma descrita na história.

— Bem, da forma tradicional. Tenho pais e um irmão. — Ele se mostrou surpreso e riu. — Porém nossas famílias seguem outra lógica. Não tem essa história de se apaixonar, casar e ter filhos. As novas matilhas de Guardiões são programadas com antecedência, mas, se houver uma urgência por mais lobos, eles podem ser criados. O alfa tem o poder de transformar humanos.

— Alfa? — Ele mexeu na mochila até tirar uma barra de cereal.

— O líder.

— Você é uma alfa? Você age como se fosse uma líder. E se referiu a Bryn como seu braço direito.

— Sou. — Suas observações acertadas me agradaram.

— Como você transforma um humano? — Ele voltou a se aproximar.

— Uma mordida e um encanto. — Caminhei lentamente na direção de Shay.

Ele me fitou, com olhos que revelavam medo e curiosidade.

— Não perca tempo imaginando coisas. Eu mordo apenas para matar. — Balancei a cabeça e sorri, quando o vi recuar. — Somente transformo humanos em Guardiões se houver uma necessidade urgente, falta de tempo para preparar os mais jovens. Os Guardiões transformados não possuem facilidade para lidar com ambas as formas. Levam tempo para se ajustarem à mudança. Porém, se forem necessários, são requisitados.

— O que quer dizer com “se forem necessários”?

Sentei-me no chão ao lado dele.

— Somos guerreiros. Guerras geram vítimas, mas há centenas de anos não passamos por uma situação de emergência como atualmente.

— Quem tem o poder de ordenar que novos Guardiões sejam criados? — Ele perguntou.

Mordi o lábio.

— Minha mestra.

— Sua mestra? — Ele parou de abrir a embalagem da barra de cereal.

— Lumine Nightshade. Você a conhece. Ela estava com Efron na boate naquela noite.

Shay assentiu. Seus olhos evidenciavam preocupação.

— Ela manda na nossa alcateia — continuei —, nos Nightshades.

— Sua alcateia? — murmurou ele. — Há mais de uma?

— Duas. A outra é a matilha de Efron, os Banes.

— Há quantos Guardiões em cada matilha?

— Mais ou menos cinquenta — respondi e ele assoviou, apoiando-se sobre seu cotovelo. — As matilhas sempre começam em número pequeno e estão autorizadas a crescer com o tempo, caso os alfas se mostrem guerreiros e líderes eficientes.

— Conheço alguém? — Ele desistiu de comer a barra de cereal e a jogou na mochila.

— Provavelmente, você deve ter visto alguns adultos, mas não os reconheceria a não ser que eles se transformassem na sua frente, o que não é permitido — expliquei. — Todos os lobos mais jovens frequentam nossa escola. Os Nightshades são meus amigos e recentemente temos convivido com os jovens Banes.

A expressão no rosto de Shay mudou quando ele juntou as peças do quebra-cabeça.

— Ren Laroche e sua gangue.

— Gangue? — Arranquei um punhado de mato e o joguei em Shay, com um pouco de terra.

— Bem, vocês têm esse tipo de comportamento. — Ele limpou os restos de grama e de terra do suéter e do cabelo.

— Alcateias. De lobos, não gangues — falei. — Além disso, os amigos de Ren e os meus — os Nightshades — são apenas garotos. Nossos pais e outros lobos mais velhos são as verdadeiras matilhas. Eles vigiam a montanha todos os dias e noites. Nós apenas revezamos os turnos nos fins de semana.

Ele empalideceu.

— Então, se eu viesse em qualquer outro dia da semana…

— Você estaria morto — concluí a frase.

— Certo. — Ele se deitou e observou as nuvens que se moviam sobre nós. — E por que duas matilhas?

— Os Banes patrulham o lado oeste da montanha e nós, o leste. — Porém a composição das matilhas será alternada em breve.

— Por quê? — Ele não olhou para mim.

— Os Defensores criarão uma terceira matilha.

Shay voltou a se sentar.

— Uma terceira matilha? Como?

Desviei os olhos, sentindo-me subitamente envergonhada.

— Com a união dos lobos jovens das duas matilhas. A nova geração dos Banes e Nightshades. Nós formaremos a nova alcateia. Hoje, somos apenas dez. Como eu disse, as matilhas começam pequenas e precisam provar sua competência antes de adicionarem novos lobos ao grupo.

— Calla. — Seu tom irritado me fez olhar para ele, que largou a barra de cereal e enfiou os dedos na terra. — Por que diz sempre “nós”?

— Ren e eu somos os alfas da nova geração. Nós vamos liderar a nova matilha.

Ele franziu a testa.

— Não entendo.

Ruborizei. Peguei meu cabelo e torci-o com a mão.

— O que você sabe sobre lobos?

— Cachorros maiores e mais fortes? — Ele se arrependeu do que disse ao ver meu olhar magoado. — Desculpa. Na verdade, não sei nada.

— Bem — falei, à procura da explicação mais simples —, nossos vínculos sociais são incrivelmente fortes e se baseiam na lealdade aos alfas. Dois alfas se unem e lideram sua matilha. Cada alfa tem um beta, uma espécie de substituto no comando. Bryn é a minha. Dax é o beta de Ren. O restante da alcateia obedece nossas ordens. Os laços de afeto no bando nos torna ferozes, os guerreiros que precisamos ser. É assim que vivemos nesse mundo e cumprimos nossas obrigações com os Defensores. — Sorri, com ironia. — E provavelmente por isso você pensa que agimos como gangues.

Shay não achou graça.

— E por que você decidiu criar uma nova matilha?

— Não decidi. Os Defensores são os únicos que podem ordenar a formação de uma nova matilha.

— Você acabou de dizer que dois alfas se unem para criar uma matilha. — A voz de Shay estremeceu.

Concordei, sentindo o calor nas minhas bochechas descer para o pescoço e os braços. *Preciso contar; ele precisa saber.* Eu não queria. Sabia que ele não desejaria me tocar depois que soubesse a verdade e a ideia me fez sentir um vazio enorme.

— Não me diga que você vai… casar — engasgou — com Ren Laroche porque mandaram!

— É mais complicado que isso. — Abracei os joelhos junto ao peito. — A única razão por que Ren e eu, ou qualquer outro alfa jovem, nascemos é a criação de novas matilhas. Para isso os Defensores nos colocaram no mundo. Eles uniram nossos pais, assim como escolheram nossos pares segundo suas necessidades. Nossa união é um legado da aliança entre os Defensores e os Guardiões.

Ele se levantou.

— Vocês ao menos estão namorando?

— Não é assim que funciona. — Também me levantei. — Você não entende... Não podemos ficar juntos até a união.

— União? — Ele se virou de costas, murmurando e balançando a cabeça. Quando voltou a me encarar, seu rosto estava tenso. — Está tentando dizer que você vai casar? Com aquele imbecil? Quando?

— No final de outubro. — Pus as mãos na cintura. — E ele não é um imbecil.

— Só você não quer ver. Quantos anos você tem? — Ele me olhou, pensativo. — Dezoito?

— Dezessete.

Shay apressou o passo na minha direção e agarrou meus ombros.

— Isso é uma loucura, Calla. Por favor, diga que não fará isso. Você não se importa?

Sabia que deveria reagir, respondê-lo, mas seus olhos faiscavam de tanta preocupação, então me mantive imóvel.

— Eu me importo, mas não é uma decisão minha. — Eu não conseguia tirar os olhos dele. — Sirvo aos Defensores, assim como todos os Guardiões sempre fizeram e sempre farão.

— Claro que é uma decisão sua. — O rosto dele transparecia pena, o que me deixou furiosa.

Eu o empurrei. Ele perdeu o equilíbrio e caiu.

— Você não conhece meu mundo — vociferei.

Ele se levantou com surpreendente agilidade.

— Posso não conhecer, mas sei que é absurdo proibir alguém desse tipo de escolha em relação ao amor. — Apesar da minha hostilidade, ele voltou a se aproximar e pegou minha mão. — É cruel. Você merece mais.

Meus dedos tremeram ainda mais com seu toque; gotas ardentes e incontroláveis caíram dos cantos dos meus olhos. As lágrimas escorreram, turvando minha visão*. Por que ele ainda me toca? Ele não entende?* Puxei minha mão violentamente e dei um passo desastrado para trás.

— Você não faz ideia do que estou dizendo. — Enxuguei os olhos, mas não conseguia conter as lágrimas.

— Não chore, Calla. — Ele estava novamente ao meu lado e enxugava meu rosto. — Não precisa fazer isso. Não me importa quem sejam os Defensores. Ninguém pode ter o controle sobre sua vida. Isto é loucura.

Encarei-o, mostrando meus caninos afiados.

— Escute, Shay. Você é um tolo. Não sabe de nada. Não entende nada. Fique longe de mim.

— Calla! — Ele tentou me alcançar, mas pulou para trás ao me ver mudar de forma e rosnar para ele. Ainda pude ouvi-lo chamar meu nome depois que escapei entre as sombras da floresta.

DEZ



A ESCURIDÃO COBRIU O CÉU quando abri, cansada, a porta de casa. Tranquilos sons de piano se espalhavam pela casa: a trilha sonora dos meus pais, nas noites em que um deles não patrulhava a montanha. Chopin, taça de vinho nas mãos da minha mãe ou um copo de uísque na mão do meu pai. Nessa noite, era meu pai quem estaria aninhado na sua poltrona de couro enquanto minha mãe vagava pela floresta, próxima a Haldis.

Subi as escadas com os ombros caídos, sentindo um enorme peso nas costas. Tudo o que eu queria era um bom banho quente, dormir e não acordar mais. Nunca mais.

Quando cheguei ao último degrau da escada, estranhos golpes e passos soaram do quarto de Ansel, cuja porta estava fechada. Parei em frente ao quarto do meu irmão e levantei a mão pra bater na porta, mas ela se abriu.

— Calla! — Bryn surgiu do quarto de Ansel e parecia envergonhada. Ela me olhou brevemente e, ao desviar os olhos, os músculos do seu maxilar moveram-se sem parar.

— Ainda está aqui? — Fiz as contas rapidamente. Deixara Bryn sentada à mesa da cozinha 12 horas antes.

Ela olhou para o corredor.

— É... Eu estava… Você sabe… ajudando Ansel com o trabalho sobre poesia. — Ela deu uns tapinhas nos quadris e evitou me encarar.

— É verdade. — Olhei-a atentamente. — Parece que ele estava bem atrasado, não?

Um sorriso surgiu no canto dos seus lábios.

— Ah, eu não diria isso.

— Obrigado pela ajuda, Bryn! — Ansel gritou.

— Até amanhã, Cal. — Ela desceu correndo a escada.

Observei sua saída apressada antes de entrar no quarto. Ansel ria na cama. Ele folheava desinteressado as páginas de uma antologia de literatura inglesa.

— Como foi a patrulha? — Ele continuou sua não leitura.

— Tudo bem. — Sentei na beira da cama. — E como foi o seu dia?

— Fantástico — disse ele e ronronou.

— Posso saber por quê, irmãozinho? — perguntei e pousei o queixo sobre as mãos.

Ansel se sentou, projetou os ombros para trás e empurrou o livro com tanta força que ele caiu da cama.

— Esse não é seu trabalho? — Apontei para a antologia menosprezada.

Ele ignorou meu dedo esticado.

— Preciso conversar com você — anunciou ele, esticando ainda mais a coluna.

— Precisa? — Deitei. — Sobre o quê?

Ele ainda me encarava, sem piscar.

— Sobre nós.

— Sim? — Ergui uma das sobrancelhas e puxei o cobertor.

Uma expressão de frustração sombreou seu rosto.

— Quero dizer, Bryn e eu.

Minha nossa! Esperava por isso há algum tempo. *Pobre Ansel.*

— Foi o que você disse. O que tem vocês dois?

— Poxa, Cal — disse ele. — Quer que eu soletre para você?

— Claro — respondi, ciente do que ele estava prestes a dizer, embora torcesse para que estivesse errada... para o bem de todos.

Seu pescoço ficou avermelhado. Ele tossiu.

— Quero dizer, você nunca reparou como eu…?

Ele balançou a cabeça e socou um travesseiro com tanta força que o rasgou. Penas de ganso voaram entre nós. Sentei-me.

— Conte-me o que aconteceu.

Ele parecia ensaiar um discurso na sua cabeça, movendo-a para cima e para baixo.

— Quero ficar com ela. — Suspirou, agoniado, e desabafou. — Quando a nova matilha se formar, quero que Bryn seja minha companheira.

— Ansel! — Era pior do que eu imaginara.

— Cal, eu amo a Bryn. Muito. Como nas histórias que lemos nos livros e vemos nos filmes. Ela é tudo o que quero na vida — disse ele. — Precisava ter certeza se tinha uma chance. Por isso contei tudo a ela hoje.

As palavras que eu deveria dizer passaram pela minha cabeça, mas a pergunta que eu queria fazer era mais urgente.

— E o que ela disse?

Seu rosto iluminou-se.

— Ela me deixou beijá-la. E acho que ela gostou.

Grunhi, mas, na verdade, senti certo alívio. Talvez fosse apenas uma bobagem.

— Nossa, An, estamos falando da Bryn. Você sabe que ela gosta de experimentar. — Apontei para o corredor. — Assim que cheguei

em casa, ela saiu correndo. Desculpe, querido, mas acho que ela está arrependida e envergonhada.

— Não — disse ele. — Ela está com medo de você ficar brava. Na verdade, ela tem medo de que você arranque uma orelha dela!

— Escute... — Esperei que ele não ficasse muito decepcionado. — Sei que você tem uma queda por Bryn desde que era um filhotinho, mas não tenha muitas esperanças.

— Dá um tempo, Calla — retrucou ele. — Não sou mais uma criança. Estou falando sério.

— Você está confiante demais. — Observei seu sorriso inabalável com cautela. Ele semicerrou as pálpebras; seus cabelos cobriram a íris acinzentada dos seus olhos.

— E se eu dissesse que ela me deixou beijá-la por quatro horas?

— O quê? — Quase caí da cama.

— E não foi apenas beijos. — Ele tinha uma expressão diabólica.

— Ansel! — falei, chocada, e percebi que eu entendera tudo errado.

Ele quicou na cama, com os olhos iluminados de alegria.

Virei-me, agarrei um travesseiro e cravei os dentes na bainha de algodão.

— Poxa, Cal. Fique feliz por nós. Estamos apaixonados. — Ansel fez cócegas na minha barriga.

Larguei o travesseiro e saí da cama, virando-me para que pudesse vê-lo, com os punhos pressionados contra a cintura.

— Não é assim que as coisas funcionam para nós. Não me interessa o que dizem os filmes e os livros. Não vivemos como os humanos! — retruquei. — Ansel, você *sabe* disso.

— Eu sei, eu sei. — Ele evitou me encarar. — Mas papai falou que os Defensores aceitam sugestões de casais dos alfas. Então, como você sabe sobre mim e Bryn, pode dar uma mãozinha.

— Posso — falei —, mas não posso garantir. As uniões são decididas pelos Defensores. Eles dão a última palavra.

— De acordo com papai, Lumine seguiu todas as suas sugestões.

Seus olhos passavam tanta esperança que meu coração deu cambalhotas.

— Eu sei, mas Lumine não será nossa mestra. Esqueceu? Será Logan. — Senti uma pontada no estômago. — Se ele achar que Bryn deve se unir com Mason, não poderei fazer nada a respeito.

Esperei um protesto revoltado de Ansel, mas ele caiu na gargalhada. Franzi a testa, enquanto ele ria na cama.

— É, seria muito engraçado.

— Hein? Do que está falando, An? — perguntei. — Estou falando sério.

— Sei, sei, Calla.

Como continuei em silêncio, ele abriu a boca, surpreso.

— Então, você não sabe?

— O quê? — Senti-me excluída, sem ideia do que poderia ser.

Ansel pegou o único travesseiro ileso da cama e o espremeu.

— Mason é gay.

— Você está brincando! Mason? Mason é gay?

Ansel suspirou.

— Esse é o problema de vocês, alfas. Estão tão preocupados em assumir a nova alcateia que não percebem o que acontece.

— Mason? — repeti, constrangida com minha voz de assombro.

— Ele e Nev namoram há um ano — disse Ansel, deitando-se de bruços.

— Nev? Quem é Nev? — Franzi a testa.

Ansel olhou para mim e esperou. Demorei alguns segundos para entender.

—Neville? Neville, de Ren?

— Não, não é Neville, de Ren. É Neville, de Mason. — Ele sorriu. — E o apelido dele é Nev.

— Há um ano?

— É, eles se conheceram em um grupo de apoio dos Guardiões para pessoas que não se enquadram. Ele desenhou aspas no ar com os dedos ao dizer a última palavra. — Porque, você sabe, nenhum de nós pode ter relações não autorizadas. Heterossexuais ou homossexuais.

Soltei uma risada.

— Então está me dizendo que Mason e Neville — ou melhor, Nev — estão em um "Guardião Gays Anônimos"?

Ele deu de ombros. Sentei-me novamente na cama.

— Uau! — Não estava surpresa apenas por saber que Mason era gay, mas principalmente por ele conseguir esconder isso tão bem. Embora fosse uma questão de vida ou morte, a ideia de que ele não confiava em mim para algo tão importante fez meu peito queimar.

Ansel se espreguiçou e, em seguida, descansou a cabeça sobre os braços cruzados.

— Claro que namoram às escondidas, por causa dos Defensores. Eles não são nada tolerantes com estilos de vida alternativos — disse ele em um tom de voz amargo.

Enfiei os dedos pelos cabelos e apertei minha cabeça.

— É verdade.

Mason e Neville? Era difícil imaginar. Mason era descontraído e hilário, mas Nev parecia, bem, tão quieto.

Ansel pegou a última edição da *Rolling Stone* na mesinha de cabeceira.

— O que é irônico, por causa do Logan.

— Logan?! — Abaixei a revista para forçá-lo a olhar para mim.

— É, Logan. Ao menos, foi o que Mason contou. Mas, para ele, ou para qualquer Defensor, esse assunto não é um tabu, como para nós. Logan arranjará uma esposa para lhe dar alguns herdeiros enquanto convida vários garotos devassos para brincar nas horas vagas. — Ele me olhou com malícia.

—Ansel! — Estremeci. Ao menos não precisaria me preocupar com Logan agindo como Efron.

— Ah, Cal! Não sou mais seu irmãozinho, eu sei das coisas. — Ele atirou um travesseiro em mim. — A verdade é que essa conversa deixa óbvio que sei muito mais do que você. — Ele, então, falou esperançoso: — Espero que isso seja bom para nós, quanto ao Logan. Sei que ele é um Defensor, mas talvez seja diferente.

— É. — Olhei para Ansel.

Ele mordeu o lábio, pensativo, embora otimista.

— Precisei arriscar, Calla. Amo Bryn. Sempre a amei.

Um arrepio passou pela minha espinha.

— Tudo bem, Ansel. Eu entendo, mas enquanto não houver uma autorização oficial dos Defensores, vocês ficarão às escondidas também. Por favor, tome cuidado.

— Obrigado, mana. — Senti as batidas aceleradas do seu coração quando ele pôs a cabeça no meu ombro. Fechei os olhos. É claro que eu ajudaria meu irmão e Bryn, mas logo outro pensamento nada agradável me invadiu. Como alfa, eu podia ajudar meus companheiros a conseguirem o que desejavam, mas não havia ninguém que pudesse fazer o mesmo por mim.

ONZE



QUANDO PARAMOS O CARRO NO estacionamento da escola, na manhã seguinte, Ansel disse: — Bryn quer conversar com você, então vou sumir.

Assenti e soltei o cinto de segurança.

— Por favor, não grite com ela — disse ele. — Gosto muito das *duas* orelhas da Bryn.

Encarei ele, que engoliu em seco e saiu do carro.

Quando cheguei ao meu armário, Bryn estava lá. Quase pude ver sua forma de lobo — o rabo entre as pernas, as orelhas baixas — sob o corpo trêmulo na minha frente.

— Juro que não planejei isso, Cal.

— Eu sei.

Ela me rondou, sem graça, enquanto eu abria o armário.

— Desculpa. Sei que não é assim que as coisas devem acontecer.

Assenti novamente, com olhos fixos na pilha de textos e pastas.

— Por favor, olhe para mim.

Virei-me para minha melhor amiga e encontrei seus olhos azuis arregalados e amedrontados. Um nó se formou na minha garganta.

— Não posso prometer nada.

Ela agarrou minhas mãos trêmulas.

— Eu sei. Vamos, se não perderemos o primeiro tempo.

Entramos na sala e caminhávamos para nossas carteiras quando Bryn me olhou lateralmente.

— Então, *você* contou ao Ansel que eu gosto dos poemas de John Donne?

— Você gosta de John Donne? — bufei.

— Uau... — murmurou ela. — Seu irmãozinho é bom.

Enquanto eu procurava uma caneta na bolsa, ouvi Bryn murmurar para si mesma: — “Assim, ao que nosso amor infante crescia, nossas sombras, nosso disfarce sumiam de nós e de nossos medos; mas avançava o dia...”

Resmunguei, com certo desconforto:

— Cafona.

— Você não tem nenhuma célula romântica no seu corpo, Cal. — Bryn golpeou levemente minha cabeça com um caderno.

Sacudi os ombros, sem olhar para ela. Bryn não era meu único motivo de ansiedade naquela manhã. Passei os olhos pela sala, apreensiva, à espera de Shay, culpada pelas duras palavras ditas na montanha e sem a convicção de que conseguiria evitá-lo.

Shay representava um perigo, e eu sabia que precisava lutar contra a atração que sentia por ele e que parecia aumentar a cada vez que o via. Gostava daquele humano esquisito. Sua visão de mundo perturbadoramente despreocupada e sua indiferença sobre certas normas eram mudanças bem-vindas no mundo opressivamente fechado ao qual eu pertencia.

E, então, ele entrou pela porta; camisa polo verde-oliva sem gola, cabelos despenteados que caíam no rosto. Ele cruzou a sala sem olhar para mim e se sentou ao meu lado. Acompanhei seus

movimentos tensos e engoli um suspiro, aliviada, mas triste por ele aceitar minha ordem. Eu não apenas gostava desse menino, estava fascinada por ele. Nunca antes imaginara que me interessaria por um humano. O comportamento de Shay era completamente diferente do rebanho humano da escola, que corria assustado sempre que os Guardiões passavam pelos corredores. Ele era destemido e decidido, e lembrava-me um lobo solitário, mesmo um alfa, mas sem os vínculos de uma matilha que o enraizassem a um lugar.

Peguei meu exemplar de *O grande Gatsby* quando o Sr. Graham começou a falar sobre os gêneros e a política em 1920 e tentei fazer anotações, mas meus olhos acabavam em Shay. Ele escrevia furiosamente e, às vezes, sublinhava trechos no romance. Não me olhou uma única vez. Voltei-me para o trabalho e tentei me convencer de que essa mudança de atitude era boa.

Dois já foram.

Eu enfrentara os dois primeiros encontros preocupantes daquele dia. Restava um.

Cheguei ao laboratório de química orgânica, onde Ren havia começado a arrumar o material para a aula. Caminhei na sua direção, afugentando a lembrança desagradável do último encontro.

— Oi. — Sentei-me em um banco.

— Oi, Lily. — Ele puxou seus livros para me dar espaço. — Gostei do vestido.

Controlei o impulso de insultá-lo e, em vez disso, busquei meu caderno na bolsa.

— O que teremos hoje? — perguntei sem o fitar.

Ele riu vagarosamente.

—Alquimia.

— O quê? — *Ele não podia estar falando sério.*

Ren arrastou algumas moedas de um centavo na minha direção.

— Acho que a senhora Foris está tentando nos manter interessados, fingindo que essa não é, na realidade, uma aula de química. A experiência reproduz as tentativas dos alquimistas medievais de transformar metal em ouro. Temos que testar a hipótese de que o processo poderia realmente funcionar.

— Sei. — Li as instruções no caderno de exercícios e peguei vários béqueres para os líquidos que seriam usados na experiência.

— Se funcionar, pego o ouro e saio correndo. — Ele trazia mais instrumentos do armário.

— Parece uma boa ideia. — Procurei pelo acendedor enquanto ele ajeitava o bico de Bunsen. — Como foi o fim de semana?

Pergunta errada.

Ren ficou sério.

— Bom. — Ele arrancou o acendedor da minha mão.

A aula se arrastou em um clima tenso e desconfortável; nossa conversa se limitou a perguntas e respostas curtas. Um vazio angustiante ocupou meu peito enquanto trabalhávamos mecanicamente na experiência.

Eu examinava a moeda presa entre as pinças, à espera de alguma mudança, quando ouvi uma voz cheia de malícia atrás de mim.

— Oi, Ren.

Peguei as pinças com força e olhei para trás. Ashley Rice, pernas incríveis, loura e humana, virou a cabeça para o alfa Bane. Seus lábios carnudos e rosados se abriram em um sorriso.

— Oi, Ashley. — Ren largou o lápis e se apoiou descontraidamente sobre a bancada do laboratório.

Ela piscou melindrosamente e voltei a me concentrar na experiência. As conquistas de Ren estavam divididas em duas categorias: meninas que ainda se derretiam por ele e aquelas que

derretiam cera em um bonequinho de vodu que o representava. Ashley fazia parte da primeira categoria.

Olhei o relógio. A aula estava quase no fim. Andei até a pia e esvaziei os béqueres.

— Ren. — Retraí-me com o tom de voz meloso de Ashley. — Sei que falta mais de um mês, mas aposto que há uma fila de garotas para te convidar para o baile Lua de Sangue.

Trinquei os dentes. Enxuguei um dos béqueres com papel toalha e peguei outro.

— Nós nos divertimos tanto na festa de formatura do ano passado. — O suspiro melancólico de Ashley me penetrou como se fosse uma farpa. — E há quanto tempo não saímos. Quer ir ao baile comigo?

— Desculpa Ash — disse ele. — Estou comprometido.

— Você tem companhia para o baile? — A voz estridente ecoou.

— Sim.

Ouvi Ashley arrastar os pés.

— E quem é? — perguntou ela, queixosa.

— Calla.

O béquer na minha mão estilhaçou. Praguejei ao ver os cacos de vidro enterrados na palma da mão.

Ren andou até mim em seguida.

— Cal, o que o béquer fez para merecer isso?

Balancei a cabeça, ainda xingando, e arranquei pequenos pedaços de vidro da pele.

— Você está bem? — Ashley fingiu preocupação e se inclinou sobre a bancada. — Ai, meu Deus! Quanto sangue.

Apesar da dor, sorri quando a vi empalidecer e correr.

— Vou trazer o kit de primeiros socorros. — Ren saiu e voltou pouco depois, com a caixa branca com uma cruz vermelha estampada.

— Disse à senhora Foris que não é grave. Se ela visse sua mão, a levaria ao hospital.

Pus a mão ensanguentada sob a água.

— Não se esqueça de retirar todos os cacos. As feridas cicatrizarão rapidamente e você não quer um pedaço de vidro preso debaixo da pele. Aconteceu comigo uma vez, e dói muito.

— Obrigada — respondi amargamente. — Eu me viro.

Ele me deu uma toalha de papel assim que tirei a mão da água. Certifiquei-me de que não havia mais cacos nas feridas e pressionei a toalha contra a palma da mão.

— Como conseguiu quebrar o béquer? — Ren se apoiou na mesa e me olhou intrigado. — Poderia dizer que não sabe a força que tem, mas sei que é mentira.

— Ouvi uma notícia perturbadora. — Estendi a mão machucada para ele, à espera da gaze.

— Deixe que eu faço. — Ele pegou minha mão ferida e começou a fazer um curativo. — Qual a novidade? — perguntou ele, aplicando gentilmente pedaços de gaze na minha mão.

— Sobre eu ter um par para o baile Lua de Sangue. — Tentei me mostrar ofendida, mas me distraí com o toque suave dos seus dedos na minha pele. — Não sabia que você contou por aí que estamos juntos.

Ele examinou minha mão enfaixada e se levantou.

— Bem, pareceu a resposta mais apropriada, mas não estou enviando convites de casamento para todas as garotas que namorei. De qualquer forma, a notícia se espalhará e não precisarei dispensar garotas nas próximas três semanas.

Ri, com desdém.

— Você acha que mais garotas o convidarão para o baile?

Ele me encarou e sorriu. Fugi do seu rosto provocador e fitei o chão.

Claro que sim.

Ele andou até a lixeira. Quando voltou à bancada, onde eu estava com as mãos na cintura, ele enrijeceu-se abruptamente.

— Honestamente, Calla, você acha que eu ficaria com outras garotas às vésperas da união?

Virei-me de costas, pois não conseguia encará-lo.

— Não faço a menor ideia.

— Bem — disse ele decepcionado —, não ficaria.

Ren continuou a guardar o material no armário e fechou a porta de madeira com tamanha força que me assustei.

— Desculpe ser o motivo de tantos sacrifícios para você — disse, fechando os punhos, e estremeci sentindo a palma da mão latejar.

— Do que está falando? — Ele olhou ao redor.

Alguém pigarreou alto e deixei de olhar para Ren, voltando-me para a extremidade da bancada. Shay estava ali, com olhos ardentes de desgosto para Ren.

— Com licença, Ren — disse ele entre dentes. — Você se incomoda se eu falar com Calla a sós?

Ren se moveu na direção de Shay, examinando-o lentamente. Quando o garoto pôs os ombros para trás, notei que o alfa Bane se esforçou para não rir.

— Depende de Calla.

Shay fitou-me. A raiva no seu rosto se dissolveu e deu lugar a um semblante fechado. Olhei sem graça para Ren e Shay, alternadamente.

Repentinamente, Ren pegou sua mochila.

— Sem problema. Ela é toda sua.

Meu coração disparou.

— Não, espere! — falei, pegando a mão de Ren.

O alfa parou e virei-me para Shay.

— Não temos nada para conversar. — Vi minhas palavras cortarem Shay como o vidro estilhaçado ferira minha mão.

Shay fechou as mãos com força ao ver Ren passar o braço pela minha cintura.

— Vamos almoçar? — A campainha tocou assim que falei.

— Claro. — Ren me tirou dali, deixando Shay enfurecido.

Quando saímos da sala, Ren me olhou.

— O que foi aquilo?

Senti uma pontada de decepção quando ele soltou minha cintura.

— Nada. — Controlei-me para não transparecer a mentira. — Ele anda um pouco estranho desde que nos atacaram na sexta-feira. Está me cercando.

— Ele está incomodando você?

— Ren. — Suavizei o tom de voz. — Ele é o garoto dos Defensores; não podemos nos meter com ele. Além disso, você sabe que posso me livrar dele tanto quanto você. Ele é um pouco irritante, mas isso não tem importância. — Enfim... — Meu coração ganhou velocidade. Continuava irritada com a insistência de Shay em se aproximar, mas não podia negar que gostava da sua atenção. — Ele entenderá a mensagem quando souber que estamos namorando.

Ren agarrou-me gentilmente pelo braço.

— Você me chamará de namorado?

— Se você acha uma boa ideia.

— Se acho uma boa ideia? — Ele passou a mão pelos cabelos. — Eu não entendo você, Lily.

Quando chegamos ao refeitório, nossos companheiros se encontravam nas mesas cativas. Sete jovens lobos riam de Neville, que estava em pé numa cadeira, cantando “If I Were a Rich Man” aos berros. Com suas roupas pretas, ao estilo rapper, a cena era uma das mais bizarras que eu já vira.

Ren e eu trocamos olhares confusos. Não conseguia imaginar o que Nev fazia. Sempre achei que ele fosse o mais tímido dos lobos,

com exceção de Cosette, que era tão quieta que mal parecia estar viva.

— *If I were a weal... thy... man*! — Neville gritou e, então, saltou da mesa, afundou em uma cadeira e escondeu o rosto com as mãos. Mason, com seu sorriso enorme, aproximou-se e deu um tapinha na cabeça de Nev.

— O que está acontecendo? Nev pirou? — Ren pegou a cadeira que Dax puxara para ele e a virou com o encosto para a frente antes de se sentar.

— Ele perdeu uma aposta — Mason contou. Neville ergueu a cabeça e o olhou irritado. Mason suspirou.

— É tão triste ver um guitarrista alternativo cantar isso. Como pode se rebaixar tanto?

Neville jogou os braços para a frente, como se tentasse afugentar a lembrança do desagradável desempenho.

— Sabe que é meu ponto fraco! Por isso você escolheu esse castigo.

— Uma aposta? — Ergui as sobrancelhas.

Mason sorriu.

— Houve um intenso debate na sexta-feira, na Éden. Eu estava certo e Nev, errado.

— Seu irmão é mais safo do que imaginava — Neville comentou, inclinando o boné para mim.

— O que foi? — Ren abriu uma lata de Coca-Cola e encarou Neville, que sinalizou com a cabeça para Ansel.

Virei-me para meu irmão e Bryn, isolados na última mesa, com olhares sonhadores um para o outro. Senti uma pontinha de inveja dos dois. Eles estavam se arriscando, mas tiveram a chance de escolher um ao outro. E, com minha ajuda e a de Ren como alfas, o romance provavelmente estaria a salvo. Mason e Nev, Dax e Fey, todos tinham uma chance de experimentar o verdadeiro amor. Ren e

eu éramos os únicos sem escolha. Qual era a recompensa por ser um alfa?

Ren olhou para o casal por um instante e, então, deu uma forte gargalhada.

— Falei para serem discretos. — Mostrei os dentes em sinal de advertência, mas sabia que os caninos afiados eram mais uma consequência da inveja do que da irritação.

Bryn recuou, mas Ansel a protegeu.

— Claro, em relação aos outros, mas não entre nós.

Sentei na cadeira que Fey puxara para mim e encostei a testa na mesa.

— Vocês estão me arranjando problemas. Estamos na escola. São muitos olhos em nós.

Olhei constrangida para Ren.

— Desculpe. Eu te contaria mais tarde, juro.

Ren apenas sacudiu os ombros.

— Seu irmão tem razão. Não se deve esconder nada dos companheiros.

O alfa Bane voltou a olhar para o novo casal e falou em voz mais baixa.

— Ouçam a Calla: mantenham segredo fora do grupo. Nenhuma palavra para os outros Guardiões. Vocês não querem irritar as pessoas erradas. — Então, ele abriu um largo sorriso para Ansel. — Parabéns, garoto!

Meu irmão sorriu radiante e lançou um olhar apaixonado para Bryn. Ela suspirou, enrolando ainda mais os cachos com os dedos.

Desviei os olhos rapidamente e me concentrei em descascar uma laranja.

— Neville, espero que não esteja pensando em nos deixar e tentar a fama na Broadway. — O comentário era de uma voz impassível atrás de mim.

As conversas cessaram. Bryn e Ansel se afastaram bruscamente, como se um gêiser entrasse em erupção entre os dois.

Virei-me para trás e vi Logan Bane sorrindo para sua futura matilha.

— Você tem uma voz maravilhosa, meu amigo — continuou ele. — Eu e meus companheiros certamente gostamos. Pude ouvi-lo do outro lado do refeitório. Muito bom.

— Obrigado. — Neville sorriu nervosamente.

Logan circulou a mesa onde Neville e Mason estavam e parou atrás de Mason. O Defensor pousou a mão sobre o ombro do meu companheiro. Mason enrijeceu e olhou rapidamente para Neville, que empalideceu.

Ren se levantou, mas Logan o deteve com um indiferente aceno de mão.

— Não, por favor, relaxe.

O Defensor se curvou para a frente. — Tenho certeza de que seus alfas informaram que herdarei o controle da nova matilha em 31 de outubro. — Ele esperou até que todos confirmassem com a cabeça e caminhou lentamente para o lado de Ren. — Gostaria que se reunissem na sala de recreação após a aula. Encontrarei vocês lá.

— Claro. — Ren inclinou a cabeça.

— Excelente. — O jovem Defensor deu um giro e voltou para seus companheiros, do outro lado do refeitório.

Os jovens lobos voltaram para suas refeições, mas o clima se tornara tenso e sombrio. Mason ficou quieto, olhando para o nada. Neville se inclinou e estendeu a mão para ele. Os dois entrelaçaram os dedos sob a mesa.

DOZE



SENTI MEU MAXILAR TÃO TENSO durante a aula de filosofia que tive a impressão de que a dormência nunca mais sumiria. A carteira ao lado das altas janelas estava vazia. Eu não vira Shay no refeitório e seu lugar naquela aula permanecia desocupado.

Fiz algumas anotações e tentei me convencer de que aquilo não tinha importância. Meus olhos insistiam em se voltar para a cadeira vazia, e meus dentes, em trincarem-se uns nos outros com tanta força que a dor no queixo era aguda e incômoda.

Forcei-me a olhar para o Sr. Selby, que gesticulava animadamente enquanto descrevia argumentos contra e a favor da existência de Deus. Ele iniciara a aula mostrando um adesivo com a frase: “Deus está morto — Nietzsche; Nietzsche está morto — Deus.”

Tentei acompanhar o discurso entusiasmado do professor, mas meus pensamentos estavam reduzidos a pedaços. Olhei ao redor da sala. Os alunos anotavam disciplinadamente e mexiam a cabeça positivamente diante dos comentários do Sr. Selby. Olhei para

Logan. Como sempre, o jovem Defensor usava seus óculos escuros Dior, sentado displicentemente na cadeira, em profunda letargia.

O que ele dirá quando nos encontrarmos depois da aula?

A campainha tocou e estiquei o corpo lentamente, sentindo os músculos tensos e relutantes em se mover.

Os três Banes mais velhos deixaram a sala juntos. Sabine e Dax estavam bem próximos de Ren e murmuraram algo discretamente ao passarem pela porta. Vaguei sozinha até o corredor, onde encontrei os demais Nightshades. Caminhamos em silêncio até a sala de recreação da escola. Ninguém falava. Ouvi o ritmo aflito dos seus corações enquanto esperávamos.

Passos regulares e confiantes, acompanhados dos aromas de cravo e de mogno, anunciaram a chegada de Logan. Ele sorriu para nosso grupo. Seus cabelos impecavelmente desembaraçados brilhavam como capim dourado sob a luz do sol de fim de tarde, que entrava pelas amplas janelas da sala. O Defensor pegou uma cadeira, sentou-se com os pés no assento e olhou-nos.

— Bem-vindos. — Vagarosamente, ele encarou um a um dos nervosos Guardiões. — Sei que esse encontro surgiu de forma inesperada, mas tudo mudará rapidamente com a proximidade da união.

Logan apoiou os cotovelos nos joelhos e continuou:

— Para que a união dos alfas se concretize, eles precisam ter certa idade. Para Ren e Calla, não será até o Samhain, o dia em que ambos completarão 18 anos e a data que marcará a formação oficial da nova matilha.

Ele dedilhou um envelope.

— Para garantir uma transição tranquila, reuni um material para que vocês saibam as obrigações da nova matilha, a logística que suas novas vidas requererão e os prazos dos estágios de transição.

Logan acenou, com a cabeça, para Ren, que pegou o envelope que voou na sua direção. Ren rompeu o lacre e olhou o conteúdo do

envelope.

— O que é isso?

— Prospectos do novo empreendimento — disse Logan. — Onde vocês vão morar.

Os jovens lobos agitaram-se nos seus assentos e trocaram olhares cautelosos.

Logan fez um gesto tranquilizador.

— Como eu disse, a mudança ocorrerá em estágios. Alguns de vocês — Ansel, Cosette — ainda são novos, e os Defensores compreendem isso. As cinco casas ainda estão em construção. Obviamente a casa de Ren e Calla está terminada e eles poderão ocupá-la assim que a união for consumada.

Tentei controlar o calor que crescia no meu peito e olhei para Ren, mas ele estava concentrado em Logan.

— Bryn, Sabine e Dax serão os próximos a se mudarem, pois terminam a escola esse ano.

Os dois Banes mencionados ficaram tensos. Bryn arrastou os pés e Ansel agarrou as laterais da cadeira. Ren pigarreou, com menção de falar, e Logan arqueou uma das sobrancelhas para o alfa.

Ren olhou para seus companheiros e, em seguida, para o Defensor:

— Você está unindo-os em pares? Formando os casais?

Logan sorriu lentamente.

— Você tem alguma objeção, Ren?

Ren encarou seu mestre, mas se manteve calado. Ele estalou o maxilar e, em seguida, deu uma gargalhada.

— Não, não estou formando os casais.

Dax e Sabine relaxaram, e Fey soltou um longo suspiro aliviado. Bryn ofereceu um tímido sorriso.

— O único casal por enquanto é Ren e Calla, seus alfas — continuou Logan. — Os outros são livres para morar nas casas

oferecidas como entenderem. Cada casa tem vários quartos e banheiros. As cinco moradias estão sendo construídas ao redor de um espaço comunitário com jardim, piscina e academia de ginástica. Como fazemos com seus pais, providenciaremos para vocês faxineiros, jardineiros e os serviços de manutenção durante 24 horas por dia, para que não precisem se preocupar com nada além das suas obrigações. Tenho certeza de que os arranjos habitacionais estão ao gosto de vocês.

Murmúrios de aprovação foram exprimidos pelos Nightshades e Banes. Uma faísca de otimismo acendeu no meu coração.

Logan sorriu.

— Como disse, Ren e Calla serão os primeiros a se mudar. Os outros, mais velhos, irão logo depois. Os demais, até terminarem a escola, podem morar com os pais ou no novo condomínio, assim que as habitações estiverem finalizadas. Não importa onde morem. Após a união, não obedecerão às suas atuais matilhas, mas responderão a Ren, a Calla e a mim.

O Defensor passou a mão no queixo.

— Meu pai generosamente se ofereceu para vigiar a nova matilha. Ele acredita que um grupo de Guardiões jovem, como o de vocês, pode apresentar certa rebeldia.

Ele olhou para Sabine.

— Porém, acho que se todos nos mostrarmos comprometidos com nossas obrigações, certamente o envolvimento do meu pai não será necessário.

Ren olhou para Sabine, que estremeceu.

— Claro, Logan — disse Ren. — O que você pedir.

Logan abriu um meio sorriso.

— Excelente.

Ele apontou para o envelope.

— No envelope, há formulários para todas as suas requisições. Cada um poderá adquirir um carro. As ordens de pagamento

também estão no envelope.

Dax comemorou com um assovio e Logan sorriu.

— Também providenciaremos uma entrega semanal de compras nas suas casas. Por causa da nova localização, sair às compras em Vail será um pouco complicado.

— Onde ficam as novas casas? — perguntei.

— Em um lugar bastante alto, no declive leste da encosta. Apenas uma via de acesso ao condomínio foi construída. Sua localização coincide com o objetivo principal da nova matilha.

— Qual será esse objetivo?— Inclinei-me para a frente, curiosa.

Logan ajeitou a postura e semicerrou os olhos.

— Temos motivos para acreditar que, em um ano, os Inquisidores atacarão a caverna Haldis com toda a sua força. Os Nightshades e Banes continuarão as patrulhas nas fronteiras, e a nova matilha oferecerá um segundo elemento de defesa na própria caverna. — Ele voltou a sorrir. — Essa questão me lembra outro assunto. Normalmente, uma alcateia recebe o nome do seu Defensor, mas já existe um grupo Bane. A nova matilha se chamará Haldis, como o local que vocês têm a missão de proteger.

Fitei meus companheiros e os Banes. Seus rostos estavam iluminados.

— Fico feliz por gostarem da escolha — disse Logan. — Garantir a segurança de Haldis será sua prioridade, mas outro assunto requer atenção imediata.

Ele olhou para mim e para Ren.

— Seus alfas foram apresentados, na noite de sexta-feira, a um humano chamado Shay Doran. Ele é um estudante do último ano na Mountain School e chegou à cidade na semana passada.

Sentei sobre minhas mãos. Não poderia arriscar que Logan as visse trêmulas.

— Shay é bastante importante para os Defensores e sua segurança é de suma prioridade para nós. Foi ele o alvo dos

Inquisidores na sexta-feira passada.

— O que querem com ele? — perguntei por impulso.

Vários lobos exprimiram espanto.

Olhei para o chão.

— Desculpe, Logan. Pude conhecê-lo melhor, fiquei apenas curiosa.

— Tudo bem, Calla. — Ele ignorou minhas desculpas com um aceno de mão. — Estamos em dívida com você por ter evitado o sequestro de Shay. Na verdade, não sabemos o que os Inquisidores querem com Shay, mas eles acreditam que o garoto é uma peça importante para nos derrotar. Por isso precisamos mantê-lo em segurança e longe do alcance dos Inquisidores.

Evitei olhar para ele e somente concordei com a cabeça.

— Também tive a oportunidade de conhecer o humano, e parece que ele está muito impressionado com *você*. Precisamos da confiança dele, por isso, quero que o encoraje nesse sentimento. Seja sua amiga. Pense em você como uma espécie de “segurança” do rapaz.

Arregalei os olhos e levantei a cabeça rapidamente. Ren encarava o Defensor, que o fitava placidamente.

— O garoto não sabe nada sobre nosso mundo — explicou Logan. — E, quanto menos ele souber sobre os perigos que enfrenta com os Inquisidores, mais seguro ele estará. Protejam-no, mas de uma forma que não chame atenção. Ele conhece Calla, então a interação pode ser mais direta.

Inclinei a cabeça para Logan. Ren permaneceu pálido. O restante do grupo comentava sobre as ordens em voz baixa.

— Muito bem, então. Acho que estão atualizados. Se tiverem perguntas, seus alfas deverão trazê-las a mim. Lumine e Efron estão de acordo com essas decisões.

Logan sorriu e desceu de sua posição elevada. Os lobos começaram a deixar as cadeiras, mas ele estalou os dedos,

ordenando nossa atenção.

— Temos um último assunto a tratar. — Dez pares de olhos se voltaram para o mestre. — Ren tocou em uma questão muito importante a respeito dos futuros casais.

Um nó se formou na minha garganta enquanto eu esperava as próximas palavras de Logan.

— O acasalamento entre Guardiões sempre foi escolhido pelos Defensores, para garantir os mais benéficos resultados para as matilhas — disse ele. — Tenho certeza de que vocês entendem a utilidade dessa prática.

Ninguém falou. O tom tranquilo de Logan me atingiu como arame farpado.

— Assim como meus ancestrais, eu ouvirei o conselho dos alfas sobre o tema quando chegar o momento. Vocês são muito jovens, então não pretendo tomar decisões por algum tempo. No entanto, está evidente que começaram a formar fortes laços de amizade entre si.

Seu sorriso demorado revelava o brilho dos dentes perfeitos.

— Gosto disso. É um sinal de uma matilha forte, cuja lealdade auxiliará nas suas obrigações. Porém devo lembrar a vocês de que a única união aprovada é a de Ren e Calla, os alfas. Embora vocês tendam a formar parcerias por conta própria, apenas eu posso escolher os casais. Essa é uma das leis mais antigas, e a mais importante. Quem a desrespeitar será punido sumária e severamente.

Perdi o ar.

Logan colocou a mão no bolso dos jeans e tirou um pacote de cigarros Djarum Blacks. Bateu o maço na cadeira e tirou um cigarro, colocando-o entre os lábios: — Isso é tudo.

Ninguém se moveu por alguns instantes. O silêncio cobriu a sala como uma neblina cerrada. Então, Ren se levantou e fez um movimento com a cabeça em direção à saída. Os outros Banes se

levantaram lentamente. Torci para que meus pés não falhassem ao me levantar. Não conseguia olhar para o bando; parecia que acontecia um jogo de Pinball no meu estômago. Dera alguns passos quando a voz suave de Logan nos chegou aos ouvidos.

— Mason, tem um minuto?

Gelei. Mason, atrás de mim, ficou imóvel. Olhei para Logan. Seus olhos brilharam sob os raios avermelhados de sol que invadiam o ambiente. Uma nuvem de fumaça saiu da sua boca e o aroma de cravo pairou entre nós.

Os olhos de Mason encontraram os meus. Ele sorriu e virou-se. Segui-o e o segurei pelo pulso.

— Não. — Meu sussurro era severo. Ele enrijeceu e fez um movimento negativo com a cabeça quase imperceptível antes de se desvencilhar de minha mão.

— Calla! — A exclamação de Logan doeu como uma chicotada. — Você está dispensada.

Alguém me segurou pelo ombro e fui puxada para fora da sala. Quando consegui me afastar, livrei-me do braço forte que me segurava e encarei Ren. Dax e Fey estavam próximos, com uma expressão sombria. Ansel e Bryn desapareceram em uma esquina sem olhar para trás.

— Preciso voltar. — Tentei, mas Ren me segurou pelos braços e me virou.

— Você não pode. — Ele olhou para o corredor.

Acompanhei seu olhar e avistei Sabine e Neville caminhando para a saída principal da escola. Ela o abraçava pela cintura. Vi os lábios de Sabine movendo-se rapidamente, enquanto ela se apoiava nele. Cosette os seguia, embora com uma distância respeitosa.

— Não permitirei isso — falei. — Ele é um dos meus, Ren. Seu bem-estar é minha responsabilidade.

— Ele é um dos meus também — murmurou Ren. — Sinto muito, Calla. Queria muito que você não precisasse passar por isso.

Sei como é duro.

Dax fez um som de desaprovação e Ren o encarou.

— Não deixe isso a abalar, Cal — disse Fey, com olhos brilhantes e severos. — Você não fez nada. Esse é um problema do Mason.

— Como pode dizer isso? — falei, indignada.

Ela desviou o olhar.

— Porque é a verdade, e você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

— Ela tem razão — disse Dax, com um rosnado barulhento. — Não podemos nos meter nessa maluquice.

Senti uma ardência nos olhos. Olhei para o chão, cravei as unhas nas palmas das mãos, reabrindo as feridas. Ren viu as gotas vermelhas caírem no chão. Ele arreganhou os dentes para Dax e Fey.

— Saiam.

Dax se eriçou, mas fez um gesto com a cabeça em direção da entrada principal. Fey deu a mão a ele e partiram.

— Calla. — Ren deslizou as mãos pelos meus braços até minha cintura e tentou me abraçar.

— Não. — Contorci-me até me livrar dos seus braços. — Não venha me dizer que as coisas melhorarão.

Ele tensionou o maxilar, mas não tentou me tocar novamente.

— Nunca melhoram. — Um brilho úmido cobriu seus olhos escuros. — Apenas pioram.

Cruzei os braços, ignorando a mancha de sangue no vestido.

— Encontre Ansel. Por favor, leve-o para casa. Preciso ficar aqui.

Escutei-o dar um pesado suspiro de protesto e ergui a mão.

— Esperarei Logan ir embora. Preciso ver Mason.

Ren balançou a cabeça.

— Ficarei com você. Estamos juntos agora. Peça a Bryn para dar uma carona ao seu irmão.

— Bryn precisa ficar longe do meu irmão! Você não ouviu o sermão do Logan?

— Acalme-se... — Ele baixou a voz. — Logan não deu uma sentença de morte aos casais da matilha. Ele disse que nos pediria conselhos, e nós daremos. Seu irmão e Bryn precisam apenas tomar cuidado. Nós podemos ajudá-los.

— Não posso pensar nisso — respondi com os olhos fixos nas minhas mãos, observando as feridas cicatrizarem. — Por favor, vá embora. Quero falar com Mason a sós.

— Está bem. — Ele vestiu a jaqueta de couro pendurada no ombro. — Eu levo seu irmão para casa.

Ele dera vários longos passos pelo corredor quando murmurei:

— Obrigada.

Fui ao banheiro feminino, joguei água fervente nas mãos e limpei o sangue seco das feridas cicatrizadas. O vapor me rodeou, segurei a beirada da pia. Quando a crise de tristeza diminuiu, voltei lentamente à sala de recreação, parando frequentemente, atenta a passos e a vozes que se aproximavam. Ao chegar perto da sala, apoiei-me atrás de uma fileira de armários e esperei, com a testa contra o metal frio.

Após alguns minutos, que pareceram horas, ouvi as portas se abrirem. Espiei entre os armários e vi Logan sair a passos tranquilos e confiantes. Esperei ele desaparecer e saí do meu esconderijo. Atravessei as portas e parei, forçando-me a agir com cautela.

Espirais de fumaça subiam no ar, uma mistura pesada de cravo e tabaco. Mason estava sentado no centro da sala. Ele se inclinou para a frente, com um cotovelo apoiado no joelho e a mão cobrindo os olhos. Um cigarro preto e fino queimava entre os dedos da outra mão.

Dei alguns passos adiante e Mason ergueu a cabeça, com um sorriso cansado. Curvou-se na cadeira e tragou o cigarro.

— Calla. — Ele inclinou a cabeça para trás e soprou círculos de fumaça no ar.

Eu quis falar, mas minha garganta se fechou. Quando estava perto o suficiente para tocá-lo, estiquei o braço, com hesitação, na direção do seu ombro. Recuei, surpresa, pois ele levantou subitamente e deu um passo para longe de mim. Jogou o cigarro no chão e o esmagou.

— Vamos embora.

Ele passou por mim e atravessou as portas tão rápido que precisei correr para alcançá-lo.

— Mason. — Encontrei minha voz finalmente.

— Não diga nada. Não vale a pena. — Ele parou em frente ao seu armário e abriu-o rapidamente.

— Conte-me o que aconteceu.

Ele resmungou ao errar a combinação do cadeado e precisou tentar novamente.

— Nada aconteceu. Ainda. — O cadeado deu um clique e Mason escancarou a porta.

Respirei fundo, mas o alívio foi rapidamente substituído pela raiva.

— O que ele queria?

Ele emitiu um ruído baixo, entre uma risada e um rosnado.

— O que você acha? Ele é o filho de Efron Bane.

— Não. — Fechei os olhos e me apoiei no armário ao lado. — Não consigo aceitar isso.

Ele bateu a porta do armário com força e se virou, encarando-me. — Nem eu, Cal. Logan me olha há algum tempo, mas não sabia que ele pensava em levar isso adiante. Agora, eu sei.

— O que você vai fazer? — perguntei, com ódio de Logan e da incapacidade de Mason de desobedecê-lo.

Ele passou o braço pela alça da mochila e evitou me olhar.

— Não sei, mas consegui ganhar tempo.

— Tempo?

Ele passou as mãos no cabelo e parou para esfregar os olhos.

— Logan pode ser o herdeiro da nossa matilha, mas é muito jovem... Ele tem medo.

Não consegui imaginar um Defensor com medo.

— Do quê?

— Dos Defensores mais velhos, especialmente do pai. Disse a ele que, se me pressionasse, falaria com Ren para que contasse tudo a Efron.

Arranquei a casca que se formara sobre as feridas na minha mão e ignorei a ardência na pele ainda sensível — Você acha que fará alguma diferença?

— Sim — respondeu ele. — Essa é a única ocasião em que as “tradições” dos Defensores podem agir a meu favor.

— Tradições? — Franzi a testa.

Ele deu um soco no armário e o deixou amassado.

— Apenas uma palavra agradável para intolerância. Até conseguir maior poder, Logan está sob a vigilância de Efron e de outros Defensores. Assumir nossa matilha é uma espécie de teste para que ele prove que merece o posto. Se eu lembrar isso a ele, acho que consigo evitar que… — Mason não conseguiu terminar a frase.

— Você precisa detê-lo. Você não pode…

— Não vou… — Ele finalmente me encarou. — Os Defensores toleram uma variedade de gostos, mas apenas como diversão. Logan nunca admitiria ao pai ou ao restante dos Defensores que é gay.

Mordi o lábio.

— Mason, por que não me contou?

— Sobre mim e Nev?

Mantive os olhos baixos.

— Você não confia em mim?

Ele pôs a mão no meu ombro.

— Não é isso, Cal. Confio em você.

Ergui os olhos para fitá-lo e assustei-me com a tristeza que encontrei.

— Mas você está a um passo dos Defensores — continuou ele. — Quem eu sou, quem eu amo... eles nunca vão aceitar. Nem os Guardiões mais velhos ou meus pais. Ninguém. Seria o nosso fim. E não falo somente da nossa relação, *seria mesmo o nosso fim*.

Ele parecia tranquilo, mas eu não suportava a situação.

— Por quanto tempo acha que consegue controlar Logan? — perguntei, aflita — Por quanto tempo estará seguro?

Ele pegou o celular e enviou uma breve mensagem de texto.

— O que faz você achar que estou seguro, Calla?

— Talvez eu possa falar com Lumine — tentei.

— Não faça isso, Cal — murmurou, pegando minha mão. — Se você fizer algo para interferir, Logan descontará sua raiva em você, para dar o exemplo. De que nos servirá ter você entregue a um espectro? Ou a Efron? Você não tem escolha. Nenhum de nós tem. Os Guardiões existem para servir, certo?

Não consegui responder. Então, apertei sua mão mais forte.

— Não é culpa sua. Ficarei bem. — Sua voz estremeceu por um instante.

Em seguida, ele soltou sua mão e se afastou.

TREZE



AGACHEI-ME, CONTRA O ARMÁRIO, e sentei sobre as pernas.

Por que isso está acontecendo? Ser a alfa de uma alcateia não deveria me tornar mais forte?

Não saberia dizer por quanto tempo fiquei sentada quando senti o cheiro de folhas frescas e nuvens carregadas de chuva.

— Calla?

Ergui os olhos. Shay estava a alguns passos.

— Você está bem? — perguntou ele, sem se aproximar.

Balancei a cabeça negativamente, sem confiar na minha voz, certa de que, se tentasse falar, rosnaria. Não era de Shay que eu tinha raiva, não mais.

Ele se abaixou para ficar na minha altura.

— O que você está fazendo? — Consegui perguntar sem rosnar.

— Uma caminhada me pareceu melhor do que ir à aula — disse ele —, mas preciso buscar meu dever de casa.

— Ah, sei. — Levantei-me, subitamente desesperada para sair da escola, mas, na minha afobação, prendi meu pé na bolsa e

tropecei.

Shay me segurou rapidamente e interpretou a queda como uma evidente crise emocional.

— Calla, o que aconteceu com você?

— Não quero falar sobre isso — respondi, sentindo a revolta me consumir novamente.

Shay me segurou com mais força.

— Alguém te machucou?

Balancei a cabeça, encarando-o, e passei a língua pelos lábios. E, se em vez de me zangar, eu me vingasse?

Afugentei a culpa e me aproveitei da suposição de Shay de que eu estava prestes a chorar e deixei que ele me abraçasse.

— Não pode me contar nada? — perguntou. — Quero te ajudar.

Apoiei a testa no seu pescoço, ciente de que eu queria mais do que sua ajuda. O cheiro fresco da sua pele aplacou minha raiva. Ouvi as batidas do seu coração dispararem ao meu toque. Permiti-me pressionar o corpo contra o seu e me deliciei com a forma como seus músculos incendiaram minha pele.

— Quer dar uma volta? — murmurou ele entre os cachos dos meus cabelos. — Ainda não conheço os jardins da escola.

— Está bem. — Soltei-me do seu abraço.

Saímos do edifício, cruzamos o estacionamento e chegamos às cercas vivas ornamentadas e aos canteiros de flores da Mountain School. Alguns passos depois, surpreendemos dois alunos agarrados um ao outro sob uma arcada coberta de videiras. Desapareceram como filhotes assustados.

Observei-os, imaginando como seria aproveitar momentos de paixão e escondê-los do mundo.

Shay caminhava ao meu lado em silêncio. Virei as palmas das mãos. As feridas e cortes haviam desaparecido.

— Desculpe por ter sido grossa com você na escola — falei e peguei na sua mão.

Um sorriso torto e malicioso surgiu nos seus lábios.

— Você é sempre mais legal sem seu segurança particular.

— Quem? — Franzi a testa.

— Alto, moreno e nervoso — murmurou ele, enroscando os dedos nos meus.

— Ren? — Não larguei a mão de Shay, mas me perguntei se deveria.

Ele não respondeu, mas contraiu o maxilar.

— Meu comportamento não teve nada a ver com ele — respondi, incapaz de disfarçar minha raiva. — Eu estava zangada com você.

— Não importa. — Ele soltou os dedos dos meus. Pelo visto, eu não era a única com raiva.

— Vamos por aqui. — Virei em uma pequena vereda. Diferente das outras, essa era de terra, sem as pedrinhas redondas na maioria dos caminhos em jardins. A trilha passava por um túnel de árvores sempre-vivas que filtravam os raios solares do fim de tarde. Parei ao chegar no meu local favorito. Então, caminhei até uma clareira e me sentei quase escondida entre altas samambaias.

Shay parou para observar o entorno.

— Muito legal.

— É. — Estiquei os braços para o céu e deixei o sol esquentar minha pele. — Venho aqui quando quero ficar sozinha.

— É acolhedor — disse ele, abaixando-se ao meu lado. — Privado.

A bainha do vestido subiu alguns centímetros quando me sentei entre as samambaias e flagrei os olhos de Shay na pele aparente sob o tecido. Inclinei-me na direção dele.

— Quero que me beije. — O pedido soou como uma ordem, e Shay enrijeceu os ombros. — Por favor?

Não imaginava que seria tão difícil pedir algo que eu queria. Não estava acostumada a fazer pedidos, mas, ao menos dessa vez, que se danassem os Defensores e suas leis. Era isso o que eles

conseguiriam por me mandarem passar tanto tempo com um garoto tão lindo. Meu primeiro beijo deveria ser somente meu.

Shay se levantou.

— Não me entenda mal, Calla. Eu quero.

— Você quer? — Uma onda de calor seguida de um vazio me invadiu. *Mas não vai beijar.*

— Claro que sim. — Ele tinha os braços cruzados, deixando os músculos dos braços ainda mais rígidos. — Mas você está chateada e não tenho certeza de por que pediu isso, ou o que está acontecendo.

Baixei a bainha do vestido.

— Esquece.

— Estou aqui para te ajudar — disse ele —, mas você me ignorou na escola e não beijarei você hoje para que amanhã me mande para o inferno.

Uma samambaia próxima pagou pela humilhação que senti quando a arranquei com a raiz.

— Eu sei, eu sei. — Expliquei, espanando folhas e terra. — Desculpa.

— Logo vai escurecer. — Ele estendeu as mãos para mim. — Você pode ter visão noturna, mas eu não tenho.

— Às vezes, esqueço dos seus defeitos. — Fechei meus dedos entre os dele.

— Defeitos, é? — Quando ele me puxou, eu estava sorrindo novamente, surpresa por ver minha irritação desaparecer graças ao seu temperamento fácil. Eu estava em pé quando ele levou minhas mãos até o peito. Suas mãos soltaram as minhas e deslizaram pelas minhas costas, pressionadas para que meu corpo se moldasse ao seu.

Senti cada contorno do seu peito, a pressão das suas coxas contra meu quadril. Ergui o queixo e toquei seus lábios. O leve contato atingiu meu corpo como uma lança, provocando uma

explosão em mim. Estremeci e mordi seu lábio inferior delicadamente. Ele gemeu, forçando os dedos ainda mais contra minhas costas. Os lábios de Shay abriram os meus, explorando minha boca.

Meus olhos ainda estavam fechados quando ele me soltou.

— Achei que você não fosse me beijar — deixei escapar num suspiro. Fitei-o e ele sorriu, tímido.

— Não consegui resistir.

— Fico contente. — Ergui os dedos para tocar a veia pulsante no meu pescoço. — Não conhecia essa sensação. Foi incrível!

— Espere. — Ele pousou o polegar no meu queixo e virou meu rosto para encará-lo. — Não me diga que esse foi seu primeiro beijo, Calla. Não pode ser.

Recuei para as sombras dos pinheiros que nos rodeavam, à espera que o rubor no meu rosto desaparecesse.

Ele não compreendeu.

— O que há de errado?

— Foi meu primeiro beijo. — Limpei a terra atrás do vestido. — É isso. Agora, esquece.

Ele seguiu com a mão o contorno da folha de uma enorme samambaia.

— É difícil acreditar, mas, se foi mesmo seu primeiro beijo, fico feliz por não ter sido uma decepção.

— Não. — Meu corpo ainda fervia. — Nenhuma decepção.

Ele veio na minha direção, mas o detive com a mão.

— Não podemos fazer isso novamente.

— Como assim? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Foi meu primeiro beijo porque preciso seguir regras diferentes do restante das garotas.

— Regras sobre beijos? — Ele estava prestes a dar uma gargalhada, mas, quando respondi que sim, ele se retraiu e chutou o chão com sua bota.

— Quero que você entenda. — Aproximei-me dele, mas não o toquei. — Não sou como as outras garotas, Shay. Não posso ser egoísta.

— E me beijar é egoísmo? — Ele acariciou minha face.

— Muito. — Virei o rosto, meus lábios roçaram a palma da sua mão, e senti seu calor e seu aroma.

— E se eu beijar você de novo? — murmurou ele.

— Não faça isso. — Empurrei sua mão para longe do meu rosto, desejando que não precisasse. — Se quiser me ajudar, não faça isso.

— Bem, trouxe algo que pode ser interessante para você. — Ele pegou a mochila, abriu o zíper e tirou um livro. — Olhe o que achei.

— Quer me dar aulas? — Olhei rapidamente para o céu, que escurecia. — Lembra-se do problema de visão noturna?

— Basta um minuto. — O livro era grande e muito velho, o dorso parecia próximo de se desfazer. — Queria que você desse uma olhada.

— Um livro?

— Minha desculpa para invadir sua montanha. — Ele mostrou a capa para mim.

Assim que li o título, com letras negras gravadas na capa, transformei-me em lobo instintivamente e me afastei correndo de Shay, desconfiada, eriçada. Assustado, Shay recuou boquiaberto e deixou o livro cair.

— Calla, Calla. — Ele pronunciou meu nome como se cantasse, ressonante e com a voz baixa. — O que eu fiz? O que foi?

Olhava-o fixamente, caninos à mostra.

— Por favor, volte. — A voz de Shay começou a estremecer. — Não sei o que fiz, me desculpe.

Usei o olfato para rastrear a presença de terceiros, sinais de uma armadilha, mas nada senti. Estávamos a sós. Estudei-o e não encontrei qualquer vestígio de traição na sua expressão

amedrontada. Com relutância, transformei-me. Shay soltou um suspiro estrondoso e andou na minha direção. Dei um salto para trás.

— Não se aproxime.

— Calla, o que está acontecendo? — Ele ficou petrificado.

Balancei a cabeça negativamente.

— Eu faço as perguntas.

Ele assentiu veementemente. Olhei o livro e apontei-o com um dedo trêmulo.

— Quem é você, Shay? Realmente? E onde conseguiu isso?

— Você sabe quem eu sou. Apenas eu. Não menti para você.

O sentimento de culpa queimou minhas bochechas. — E peguei o livro na biblioteca do meu tio.

Minhas mãos estavam esticadas, prontas para acertá-lo se me visse obrigada a isso.

— Seu tio não se importa de você pegar seus livros emprestados?

Ele manuseou o zíper da jaqueta.

— Mais ou menos.

Vi, nos seus olhos, o quanto ele detestara me assustar. Abaixei as mãos e toquei o chão com a esperança de que a terra pudesse me acalmar.

— O que quer dizer com “mais ou menos”?

— Bosque disse que sua casa era minha, com exceção da biblioteca. Ele é um colecionador de livros raros. E deu a entender que um adolescente não tem cuidado com livros.

— Bem... — Voltei a olhar o livro abandonado no chão. Ele resmungou e o pegou, retirando a terra.

— Não tive culpa, você me assustou. — Shay levou o livro ao peito. — Costumo cuidar muito bem dos livros. Nunca teria tirado esse da casa de Bosque, mas queria mostrar a você. Além disso,

achei injusto ele me banir da biblioteca. — Ele revirou os olhos. — Chega inclusive a trancar a porta.

— Se a porta está sempre trancada, como você conseguiu o livro? — Passei a ponta do dedo no tronco de uma árvore próxima.

Ele abriu um sorriso travesso.

— Não leio apenas filosofia. Tive uma fase rebelde quando era mais jovem e estava decidido a ser um ladrão profissional. Na época, li muito quadrinho.

Ele me viu franzir as sobrancelhas, riu e continuou:

— São histórias bem interessantes. Enfim, aprendi a abrir fechaduras e cadeados, e ainda sou bom nisso. Era divertido sair e entrar às escondidas nos dormitórios dos internatos quando eu quisesse.

Apesar do meu nervosismo, eu ri ao imaginar Shay escapando pelos corredores silenciosos de uma escola para riquinhos.

— Por que você se mudava tanto? — perguntei. — Se estava em um colégio interno...

— É uma pergunta óbvia, não é? — Ele começou a andar de um lado para o outro. — Meu tio dizia que a familiaridade propicia preguiça e alegava que eu precisava ver mais do que apenas uma parte do mundo. Acho que vi mais do que o bastante.

— É o que parece — concordei.

— Mas mudar-se constantemente é difícil. Não tenho raízes, nenhum amigo de verdade. Então, acho que ele tem uma espécie de dívida comigo — Shay fez uma pausa reflexiva. — Além disso, tenho uma enorme aversão a qualquer tipo de censura. Não acredito em saber proibido.

Suas palavras eram tão confiantes que me deixaram aturdida. Ele não fazia ideia do terreno minado onde estava pisando.

— Então você é um grande fã de Eva? — perguntei.

— Ela levou uma baita punição. Eu escolheria a Árvore da Sabedoria em vez do Éden mil vezes. — Ele sorriu. — Eu estive no

Éden. E achei superestimado.

— Tenho a impressão de que o original é melhor que a versão de Efron — murmurei, quase protegendo meu corpo atrás de um tronco.

— Além da tentação de invadir a biblioteca — continuou Shay —, considerei a proibição do meu tio ridícula e até ofensiva. Moramos no mundo todo, passei a vida preso em internatos entediantes e essa foi a primeira vez em que viemos para a casa da família dele... Aí ele inventa essa regra? Amo livros, principalmente livros antigos. Nunca seria descuidado com um livro. Esse aqui chamou minha atenção. Parece da era Moderna, talvez do final da Idade Média. Não sei precisar a data, não tem impressão do editor ou algo parecido.

— Não teria mesmo — murmurei.

— Você já leu?

— Não. — Minhas mãos voltaram a tremer. — Não li.

— Mas o reconhece. — Ele deu um passo à frente.

Mostrei as presas:

— Fique onde está. Não traga esse livro para perto de mim.

Ele virou o exemplar, com a capa contra o peito.

— Você tem medo do livro. — Ele contemplou o livro e, então, me olhou. — Por que tem medo de algo que nunca leu?

Posso contar a verdade? Esse quebra-cabeça tinha peças demais, que se acumulavam ao meu redor e eu não sabia como juntá-las.

Shay abriu o livro. Soltei um gemido e ele voltou a fechá-lo rapidamente.

— Tudo bem, nada de olhar o livro. Eu queria te mostrar o mapa.

— O mapa? — perguntei.

Ele concordou.

— São quatro mapas. Parecem totalmente aleatórios e de locais ao redor do mundo. — Seu tom de voz tornou-se mais melancólico.

— É uma pena você não olhar, são incríveis. Não imagina como fiquei surpreso quando encontrei um mapa do oeste da América do Norte em um livro tão antigo. Acho que por isso meu tio não me queria na biblioteca. Se houver referências no livro de que os europeus do período medieval conheciam o interior dos Estados Unidos, essa informação seria revolucionária. Esse livro provavelmente vale milhões.

Shay o ergueu como se tentasse adivinhar o peso do livro. Fiz uma careta e esperei ele voltar a falar.

— Claro, não tem nenhum nome atual. O texto está em latim, mas é possível reconhecer a topografia. Quando você me encontrou, com o urso, eu estava à procura de um conjunto de cavernas. Houve uma época em que pensava em estudar espeleologia.

Minha temperatura caiu. Ele me olhou e franziu a testa.

— Espeleologia significa explorar cavernas.

— Sei o que significa — falei. — Você estava à procura de Haldis?

Ele piscou surpreso.

— É esse o nome no mapa, Haldis.

Pensei em sair correndo.

— Se você não leu o livro ou viu os mapas, como sabe sobre a caverna? — perguntou ele. — Li todos os guias e mapas topográficos e o único lugar onde encontrei referência sobre essa caverna ou montanha foi nesse livro.

Shay voltou a olhar para o livro. Notei o quanto ele queria abri-lo e rever as imagens que acabara de descrever.

Não tirei os olhos dele, refletindo sobre que decisão tomar e qual destino estava selando para mim.

— Minha missão, a obrigação de todos os Guardiões, é proteger a caverna Haldis dos seus inimigos, os Inquisidores.

Olhei para o título, uma frase em latim em preto chamuscava a capa: *Bellum omnium contra omnes.*

Fechei os olhos, mas continuei a visualizar as letras negras, como se a impressão houvesse sido queimada a ferro nas minhas pálpebras. As palavras proibidas ecoavam na minha mente.

A guerra de todos contra todos.

QUATORZE



SOMBRAS INVADIRAM A CLAREIRA, transformando o verde luminoso das samambaias em azuis pálidos e cinza.

— Você achou que fosse Hobbes, certo? — Olhei para a escuridão das árvores, com medo de que alguém nos espionasse. — Por isso pegou o livro.

Ouvi os passos de Shay no chão.

— Sim, achei que houvesse encontrado um texto não publicado. — Ele parecia falar com pesar. — Eu estava bastante animado, para falar a verdade, mas admito que ainda não li. Fiquei entretido com os mapas. Além disso, meu latim não é muito bom. Traduzir esse monstro me tomará um bom tempo.

Ouvi os dedos de Shay dedilharem a capa de couro.

— Não é Hobbes, é?

— Não. — Sorri na escuridão que avançava. — Definitivamente, não é Hobbes. Guarde isso.

— Como sabe? — Havia uma pontada de impaciência na sua voz.

— Porque sou proibida de ler, sob pena de morte. Guarde isso imediatamente. — Minha garganta se fechou.

— Como a leitura de um livro pode merecer pena de morte? — perguntou ele, colocando o livro na mochila. Peguei na mão dele.

Não podemos falar sobre isso aqui. Vamos.

— Aonde? — Ele tropeçou em uma pedra, esbarrando em mim, enquanto eu o arrastava para fora do jardim.

— Meu carro.

— Quer ir para o seu carro? — Ele apertou minha mão.

— Não é o que está *pensando* — respondi, sem soltar sua mão. — Precisamos ter certeza de que ninguém nos ouvirá.

Chegamos no jipe, abri a porta do carona e fui para o assento do motorista. Entrei e repousei a cabeça sobre o volante.

— O que está acontecendo, Calla? — Ouvi quando ele abriu o zíper da mochila. — O que é esse livro?

— Ele contém um saber poderoso demais para qualquer um além dos Defensores. É o texto mais sagrado.

— Novamente os Defensores — disse ele. — Você me dirá quem são eles?

— Quero lhe contar sobre a guerra. — Ergui a cabeça e olhei para o estacionamento às escuras através do para-brisa. — Parece que você caiu de paraquedas no meio disso, mas não sei por quê.

— Por isso tudo é tão estranho? — Ele se inclinou na minha direção. — Porque há uma guerra sobrenatural que os humanos desconhecem?

— Sim, mas você está envolvido nessa guerra por causa de uma pessoa.

— Você? — Ele sorriu, irônico, ao fazer a pergunta.

— Não apenas eu. Seu tio também.

— Bosque? O que um consultor financeiro milionário tem a ver com seu mundo?

— Não sei exatamente. — Passei os dedos pela borda do assento. — Conheci seu tio na sexta-feira, na Éden, mas ficou claro que ele é importante no meu mundo. Ele é um Defensor. Poderoso o suficiente para controlar os que me controlam.

— Sobre o que está falando? — Virei o rosto ao ouvir seu tom de alerta. Mesmo nas sombras, pude ver o rosto de Shay empalidecer.

Suspirei.

— Desculpa, Shay. Seu tio… Ele não é humano. E ele não é irmão da sua mãe. Não sei por que você está com ele. Nenhum dos Guardiões jamais soube de um humano vivendo entre os Defensores... Até você aparecer.

— Você está errada — disse ele. — Conheço Bosque minha vida toda. Ele não era muito presente quando mais novo, mas tenho certeza de que ele é humano.

— Não estou errada. Os Defensores parecem humanos, mas não são.

As veias do pescoço de Shay estavam em evidência.

— Se eles não são humanos, o que são?

— Os antigos. Criaturas que personificam tanto o mundano quanto o divino, que dominam a magia. São bruxos.

— Bruxos não são humanos? — Ele me encarava. — Wiccans são bruxos, certo?

— Os humanos são moradores relativamente novos nesse mundo. Alguns praticam rituais pagãos e se intitulam bruxos, mas não é o mesmo. — Mantive os olhos fixos no seu rosto enquanto falava. — Os antigos estão no poder há muito tempo. Os humanos são mortais, frágeis; os antigos, não. Eles estavam aqui antes dos humanos aprenderem a contar o tempo ou a escrever livros. Os Defensores transitam entre dois mundos, esse e o espiritual. São os administradores da Terra e têm o poder de protegê-la. Os bruxos

ditam as regras, evitam que tudo se desmorone, mas deixam os humanos acreditarem que detêm o controle. Os antigos têm interesse por lugares diferentes daqueles cobiçados pelos humanos.

Shay cruzou as mãos sobre o porta-luvas.

— Tudo bem. Para não estragar a conversa, seguirei adiante com essa ideia. Você disse que há esses antigos, ou bruxos, e que meu tio é um Defensor. Qual é a diferença?

— Defensores não são os únicos bruxos. A guerra eclodiu e permanece porque, eras atrás, os antigos se dividiram entre Defensores e Inquisidores.

— E os Inquisidores são seus inimigos? — Ele abriu o porta-luvas e começou a mexer nos meus CDs, como se buscasse algo normal para equilibrar a estranha conversa.

— São.

— Por quê?

— Quando os humanos chegaram ao mundo, os antigos foram solicitados para protegê-los.

Shay deixou cair um CD, *Sea Wolf,* que tirara do porta-luvas.

— Solicitados por quem? Deus? Deus existe?

— Não sei, mesmo. — Admiti com a testa enrugada. — Teologia não é o forte do treinamento dos Guardiões. Talvez Deus… Talvez deuses ou deusas. Tudo o que sei é que essa força, seja qual for, decidiu que os humanos seriam protegidos pelos antigos, guiados e auxiliados por eles para prosperar como parte da criação.

— Então os antigos são anjos.

— Não, não estamos falando de coros no paraíso. Os antigos transitam entre as dimensões material e espiritual, mas sua origem é um mistério... Ao menos para a maioria de nós. Seja quais forem as tradições religiosas que os humanos inventaram ao longo da história, nenhuma consegue localizar os antigos e seu lugar no mundo.

— Está difícil acreditar nisso, Calla — Shay disse, escolhendo um CD. — Parece uma dessas fantasias religiosas estranhas. Meio surreal.

Peguei o cinto de segurança e o manuseei.

— Estou contando o que me contaram a vida toda. E, afinal, essas histórias não são sempre estranhas?

— Se você está dizendo — murmurou ele. — Então, qual é o problema? Por que as coisas deram tão errado?

— Alguns dos antigos não aceitaram o trabalho. Tinham outros planos sobre como usar seu poder e não gostaram da ideia de cuidar de humanos.

Ele enrugou as sobrancelhas.

— É exatamente o que quero dizer: parece um conto bíblico. Anjos caídos, grandes egos, inveja e desforra contra Deus... Conheço essa história. Alguns dos internatos para onde Bosque me mandou eram católicos.

— Você disse que gosta de Eva, o que indica que não era um dos católicos mais dedicados.

— Estudei com católicos — replicou ele, enquanto examinava minha coleção de CDs. — Não me converti... ainda. Então, anjos caídos, guerra, paraíso... Estou no caminho certo?

— Eu não disse que os humanos não tiveram ideias parecidas, mas é uma especulação. Estou tentando contar o que está acontecendo. E a guerra acontece aqui, não no paraíso.

— Alguns antigos não quiseram o trabalho… Esses são os Inquisidores? Por isso existe uma guerra?

Olhei pelo espelho retrovisor, ainda paranoica que alguém nos espionasse.

— Os Defensores cuidam dos locais sagrados, que os concedem seu poder, que eles usam para proteger a humanidade. Os Inquisidores querem ter o controle dos locais para tomar o poder dos Defensores em proveito próprio. Se forem vitoriosos, os

humanos serão sujeitos a crueldades e caprichos dos Inquisidores. Seriam escravos, enquanto os Inquisidores dominariam a terra e o mundo natural perderia seu equilíbrio. Todas as boas intenções, a esperança da criação, seriam desfeitas e o mundo estaria destruído. Os locais sagrados precisam ser protegidos.

— E os Guardiões, como você, combatem os Inquisidores. — Shay fechou o porta-luvas. Suas feições demonstravam cansaço. Toquei seu rosto.

— Shay, você está bem? Quer que eu pare de falar sobre isso?

Ele balançou a cabeça negativamente. Sua barba por fazer roçou minha mão.

— Não. Quero saber tudo, mas, honestamente, nada disso faz sentido. Eu gostaria de acreditar que você é maluca ou que está mentindo, mas me lembro de que estou olhando para uma garota capaz de se transformar em lobo quando quiser.

Sorri, sem entusiasmo.

— Os Inquisidores estão tentando dominar esses locais. — Ele tirou minha mão do seu rosto e entrelaçou seus dedos nos meus.

Era mais fácil falar quando ele me tocava. Eu me sentia segura.

— Historicamente, sim. Porém eles sempre fracassaram. Cerca de trezentos anos atrás, houve uma reviravolta na guerra. Chamamos de período Agonizante. Foi a última vez em que um exército de Guardiões foi convocado para combater pelos Defensores. Nós ganhamos, com muita dificuldade. Então os Inquisidores foram perseguidos e quase aniquilados.

— E por que vocês ainda estão aqui?

— Estamos em menor número. Os Defensores não precisam de um exército de Guardiões, mas os Inquisidores ainda são uma ameaça. Eles atacam em esquemas de guerrilha, com emboscadas, agridem e fogem.

— Vocês precisam enfrentá-los com frequência?

— Na verdade, há quase vinte anos eles não atacavam. — Mordi o lábio, mas me forcei a continuar. — Até sexta-feira.

— Sexta-feira?

Assenti.

— Os homens que nos seguiram fora da boate eram Inquisidores.

Ele largou minha mão e se apoiou na janela do carona.

— O que eles queriam?

Hesitei. Não parecia justo dizer a Shay que os Inquisidores o perseguiam até que descobrisse o motivo.

— Não sei.

Ele bateu levemente no vidro, várias vezes.

— Meu tio disse que eles foram detidos. Achei que ele houvesse chamado a polícia.

— Não. — Agarrei o volante. — Matei um. O outro foi interrogado pelos Defensores.

— Você *matou* um Inquisidor? — Ele se encolheu contra a porta. Observei-o levar a mão à maçaneta.

— Sou uma guerreira, Shay. É o que eu faço.

Ele ficou quieto, olhando para o livro no seu colo. Seu medo e julgamento me incomodaram. Cruzei os braços e continuei a encará-lo, enquanto meu humor se tornava mais e mais azedo.

— Olha, não sei por que você está aqui, mas é obvio que os Defensores querem sua segurança. Os Inquisidores podem estar à sua caça, mas você tem os Guardiões e os Defensores para protegê-lo. Você está seguro, mas carregar esse livro é muito perigoso.

Ele pressionou o livro contra o peito.

— Esse livro é minha única fonte de informação a respeito de Bosque, que, ao que parece, *não pode ser meu tio*. E também pode conter tudo o que posso descobrir sobre você e sua espécie. Quero saber como é seu mundo, sou parte dele.

— Não. — Soltei o volante. — Você não pode ser parte dele. É apenas humano! Não quero que se machuque.

Como ele não respondeu, voltei a fitá-lo. O medo nos seus olhos sumira.

— Não se trata apenas de mim — disse ele. — Parece que você não sabe tudo o que deveria sobre seus mestres. Os bruxos que governam o mundo.

Foi minha vez de olhar pela janela.

— Por isso quis lhe mostrar esse livro — continuou ele. — Ainda não sei por que usaram Hobbes no título.

Encarei-o, com uma risada fria.

— Eles não usaram. Hobbes se apropriou do título sem autorização.

— O quê? — Ele não acreditou em mim.

Dei de ombros.

— A história, como me contaram, diz que, nos primeiros séculos, os Defensores às vezes conviviam com filósofos, para se divertirem. Uma espécie de passatempo com os humanos mais inteligentes e geniais. Hobbes era um dos preferidos.

Shay se inclinou para a frente, interessado.

— E?

— Os Defensores gostavam tanto de Hobbes que contaram a ele sobre nosso mundo. E ofereceram para elevá-lo.

— Elevá-lo?

— Torná-lo um deles. Como transformar um humano em Guardião.

Shay dedilhou as páginas do livro.

— Isso é incrível!

— Mas as revelações dos Defensores o deixaram horrorizado. Ele estava muito envolvido com a ideia da autonomia humana, então rejeitou a oferta e passou a escrever contra eles.

— Está dizendo que Hobbes escreveu *Leviatã*, porque teve um surto psicótico sobre a existência de bruxos? — Aquilo não estava indo como eu desejara.

— Não, não foi um surto. Foi um rancor, ou uma enorme negação. Hobbes escreveu contra a bruxaria porque não conseguia aceitar a realidade da guerra e o poder que os antigos exerciam no mundo.

Shay se retraiu.

— E o que os Defensores fizeram com ele?

— Nada. Hobbes era uma espécie de animal de estimação mimado, que se comportava mal. Ele conseguiu tirar os Defensores do sério e, como resposta, eliminaram o nome de Hobbes nas nossas tribos. Seus livros são censurados, como você pôde ver. Os Defensores também sabem ser rancorosos.

— Então, a guerra de todos contra todos não é apenas uma teoria social?

Tentei oferecer um sorriso solidário. Seu mundo havia desmoronado e eu sabia como ele se sentia. Meu mundo também não fazia mais sentido.

— Hobbes plagiou a frase, para provocar os Defensores, nas suas dissertações críticas a respeito da ordem natural da sociedade humana. Pelo que sei, esse livro, nas suas mãos, conta a história do mundo. Nosso mundo, não o humano. *A guerra de todos contra todos* fala sobre os antigos, a guerra entre os bruxos.

— Se é apenas uma história, por que você não pode lê-la? — Quando ele falou, o ar que expirou se transformou em fumaça no vento frio do início da noite.

Liguei o motor e o aquecedor em seguida.

— Nunca perguntei.

— Não tem curiosidade?

Fixei os olhos no painel do carro, na fraca e constante luz. Quando finalmente olhei para Shay, ele bateu o exemplar nos

joelhos, em um movimento engraçado.

— Vamos ler juntos.

— É proibido.

Shay não se intimidou.

— É o que o torna interessante — provocou ele. — Além disso, estou envolvido no seu mundo e não sei por quê. Nem você. Talvez o livro nos ajude a descobrir.

Pus a mão no seu peito e o empurrei.

— Escute, Shay... As leis do meu mundo são inflexíveis e as punições, severas. Pensei que houvesse deixado isso claro. Proibido quer dizer proibido. Se um Defensor descobrir que li esse livro, eles me matam.

— Eles a matariam se soubessem que me salvou daquele urso?

— Exatamente. Você entende como isso é sério?

— Esses Defensores parecem ser cidadãos exemplares. — Ele empurrou o livro diante do meu rosto e eu me encolhi, assustada.

— Não! — Fechei as mãos sobre minhas coxas, odiando me sentir tão incômoda. Queria conhecer mais sobre meus mestres, mas estava aterrorizada com o que aquilo poderia me custar.

Shay cobriu uma das minhas mãos com a sua e abriu meus dedos tensionados. Estremeci quando seu pulso roçou a minha perna.

— Calla, há um mapa da caverna nesse livro. Há informações que podem nos ajudar.

Vi seus dedos acariciarem a palma da minha mão.

— Ninguém pode saber que lemos.

Ele jurou com a mão.

— Alguém da escola usa a biblioteca pública?

— Não — respondi. — Usamos a biblioteca da escola.

— Gosto da biblioteca de Vail. É muito melhor do que aquela na Mountain School. Há muitas garotas mascando chiclete, que parecem mais interessadas em fofocar do que em ler.

— Não fale mal de fofocas. — Belisquei sua mão. — É o que faz o mundo girar.

— Infelizmente, é verdade. — Ele riu suavemente. — Podemos descobrir o que tem nesse livro. Pode demorar, mas conseguiremos traduzir aos poucos.

— Não posso ler isso — falei, estreitando meus dedos nos dele. — Estou com muito medo. E meu latim é uma droga.

— Você quer que eu tenha todo o trabalho e depois te conte o que tem no livro? Boa tentativa, espertinha.

— Posso ajudar — respondi. — Enquanto você traduz, farei algumas pesquisas. Procurarei pelos materiais que você precisará para entender a história. Também posso responder às perguntas sobre meu mundo, que podem não fazer sentido para você.

Ele concordou com a cabeça e deslizou o livro dos Defensores para a mochila.

— Seria de grande ajuda, mas como conseguirá não chamar atenção? Achei que vocês não podiam se misturar com humanos.

Encostei a cabeça no apoio do banco.

— Bem, uma das mais novas ordens é passar mais tempo com você. As palavras mais exatas são que eu devo ser “sua segurança”.

Os olhos de Shay brilharam.

— Acho ótimo! — Detive sua mão quando ele começava a subi-la pela minha coxa.

— Ainda tenho regras a cumprir.

— Suas regras, não minhas — Ele provocou, antes que eu colocasse seus dedos no banco. — A biblioteca está aberta até às 20 horas, de segunda-feira a quinta-feira. Adoraria faltar à aula todos os dias, mas provavelmente trabalharei das 16 às 20 horas nesses dias da semana. Pode me encontrar?

— Sim. Minha patrulha é aos domingos. — Mordi a boca, pois acabara de cometer uma traição.

— Excelente. Estamos combinados. — Um sorriso diabólico surgiu no seu semblante. — Será divertido.

— Arriscar nossas vidas é divertido?

— Por que não? — disse ele, abrindo a porta do carro. — Começarei hoje à noite e talvez eu tenha algumas perguntas para você amanhã.

— Obrigada, Shay.

— Foi um prazer, loba. — Ele saiu do carro antes que eu pudesse acertá-lo.

QUINZE



UM LUSTROSO GRAND CHEROKEE preto estava estacionado em frente à minha casa. Franzi a testa, sem entender por que a caminhonete de Ren permanecia ali. Ao me aproximar da porta, ouvi notas de piano vindas da sala de estar. Ren estava sentado à mesa da cozinha. Levantou-se quando me viu.

— O que está fazendo aqui? — A pergunta foi mais rude do que eu pretendia. O alfa Bane nunca visitara minha casa antes.

— Fiquei conversando com seu irmão — respondeu ele, olhando para a escada. — E, depois, esperei você chegar. Seus pais disseram que não tinha problema.

— Por quê? — Pus as mãos no encosto da cadeira da cozinha. — Quero dizer, por que esperou por mim?

— Queria falar com você.

— Sobre o quê?

Ele olhou para as escadas.

— Podemos ir para o seu quarto?

Mordi o lábio e me senti tonta repentinamente.

— Pode ser. Deve estar um pouco bagunçado. — Visualizei as dunas de roupas pelas quais precisaríamos navegar. — Deixe eu checar com meus pais, está bem?

— Claro.

Movi, em círculos, meus ombros tensionados enquanto caminhava até a sala de estar, na tentativa de relaxá-los. Parei no corredor e me escondi quando ouvi os dois em uma conversa nervosa. Havia algo errado.

— O garoto é quase um homem e nasceu para ser o melhor dos guerreiros — disse meu pai. — Não há motivo para se preocupar. E Calla sempre foi uma boa lutadora. Ela saberá se cuidar.

— Talvez — respondeu mamãe. — Mas por que a mudança? Nenhum deles está preparado. É um teste duro demais. Eles são tão jovens.

— Apenas alguns anos mais jovens do que éramos, Naomi. O objetivo do teste é provar a habilidade de lutarem como parceiros — contestou meu pai. Ouvi o tilintar de vidro enquanto ele se servia de algo para beber. — É uma caçada como outra qualquer.

— Não, *não* é. — A voz da minha mãe estremeceu. — Ela nunca matou um...

Ao ouvir a palavra “matou”, deixei minha bolsa cair. Eles se calaram quando ela bateu no piso de madeira.

Ótimo. Não há motivo para se esconder agora. Chutei a bolsa em direção à cozinha. Quando entrei na sala, meus pais estavam atônitos.

— Boa-noite, Calla — disse minha mãe, tentando se recompor. — Não ouvimos você chegar.

Meu pai se recostou na poltrona. Seus olhos estavam fechados, mas eu sabia que ele estava acordado. As notas de Chopin tocavam à minha volta como um riacho sob um céu sem luar.

— Oi. — Pousei as mãos nas costas. — Ren e eu vamos subir para conversar.

— Parece ótimo, querida — disse minha mãe. — Não será bom para Calla, Stephen?

— Acho que sim. — Um sorriso curioso surgiu no canto da boca do meu pai. — Ren é um jovem muito admirável... Nada parecido com Emile. Essa foi uma surpresa boa.

Olhei para ele, incrédula. Ele continuou sorrindo.

— Acredite, Calla, sua vida será muito mais prazerosa do que se tivesse casado com o pai de Ren.

— Ah, tudo bem. — Virei-me para voltar à cozinha, curiosa em saber sobre o que eles estavam falando.

— Calla. — A voz persuasiva da minha mãe me deteve. — É perfeitamente aceitável que Renier venha lhe visitar, mas se lembre de que você é uma dama. Não se desmoralize com decisões ruins.

— Não, claro que não. — Olhei todo o tempo para o piso de madeira, pensando no beijo de Shay e no fato de que eu queria muito mais.

Ren tinha um sorriso malicioso nos lábios quando cheguei à cozinha.

Mato minha mãe se ele a tiver ouvido.

— Vamos. — Sinalizei com a mão para que ele me seguisse. — Você falou com Ansel?

— Mason me ligou quando eu levava seu irmão para casa. Ele queria ter certeza de que Ansel não desejaria fazer justiça com as próprias mãos.

Parei em frente à porta do meu banheiro.

— Por que ele ligou para *você*? — A notícia me incomodou. Mason não confiava em mim.

— Não seja territorialista, Lily — disse Ren, rindo baixinho. — Ele fez isso porque você é irmã do Ansel, e ele pode não levar tão a sério suas advertências. Além disso, eu sou o alfa macho da nova matilha. O protocolo manda que venham a mim primeiro. Antes de você.

— Eu sei. — Senti uma pontada de ressentimento. Tendo Ren como parceiro, eu não poderia mais reivindicar autoridade sobre meus companheiros. Os alfas machos têm mais poder que as fêmeas. Ren chefiava a matilha. Era meu dever apoiá-lo e manter os outros na linha.

— Não é nada pessoal, Cal. É por causa das normas. — Assenti e abri a porta do quarto.

— Ai, não. — A situação era bem pior do que eu imaginara.

Ele assoviou.

— Se detesta suas roupas, por que tem tantas? Não dá para ver o chão.

— Dê-me um segundo. — Apanhei uma montanha de roupas e joguei tudo dentro do armário.

— Não se incomode por minha causa. — Quando limpei a cama, Ren se esticou sobre ela e recostou a cabeça no travesseiro.

Sinalizou com o dedo que eu me aproximasse.

— Vem aqui.

Meu coração quase saiu pela boca.

— Não vou morder, Lily. — Ele mostrou os dentes. Os caninos afiados também ficaram à mostra.

Caminhei lentamente para a cama e parei ao seu lado.

— Ren, você sabia sobre Mason e Nev?

Ele respondeu afirmativamente com a cabeça.

— Há quanto tempo?

— Cerca de seis meses, acho. — E deu de ombros.

— Os outros aceitaram numa boa?

— Mais ou menos. — Ele pareceu incomodado.

— O que isso quer dizer?

Ren suspirou.

— Sabine não se importa. Ela adora Nev, sempre adorou. Cosette praticamente deixa Sabine pensar por ela, então também não liga.

— É Dax — afirmei.

Ren não respondeu, mas se virou e esticou o braço para me pegar pelo punho.

— Dax não aceita — insisti quando ele me puxou para a cama, ao seu lado. Meu coração acelerou.

— Ele acha muito arriscado permitir que Nev e Mason fiquem juntos. — Ren trouxe meu corpo para perto do seu. — Dax vê isso como fraqueza. Uma ameaça à alcateia.

— Que pena — falei, impressionada com a voz tranquila de Ren. *Como consegue ficar tão calmo?*

Senti um frio no estômago. *Tudo bem... Ele faz isso o tempo todo.*

— Não importa. — Os músculos do seu peito enrijeceram. — Dax sabe que sou eu o alfa e autorizei Nev. Ele e Mason devem ficar juntos, se é isso o que querem.

— Pensamos igual, então — completei, sem deixar transparecer minhas dúvidas de que Dax não acatou as ordens de Ren com facilidade.

— É verdade. — Traços fortes se formaram no seu rosto. — Não teremos problema.

— Que bom. — Eu estava tão perto dele que achei que nunca conseguiria relaxar. — E o que você queria conversar?

— Preciso ter certeza de que você está bem. — Seu olhar se suavizou e sua voz se tornou incrivelmente mansa. — Há muitas coisas acontecendo ultimamente. Tem sido difícil para todos nós.

Ele parou e diminuiu o tom de voz ainda mais.

— Para os alfas é diferente.

— Sim. — Prendi a respiração quando ele passou o dedo pela minha clavícula.

Ren enfiou os dedos entre as mechas de cabelo que caíam nos meus ombros.

— Estou com você para o que der e vier, se me deixar.

Ele aproximou seu rosto.

— O que está fazendo? — Tentei me afastar, mas ele tirou as mãos dos meus cabelos e me segurou pela nuca.

Ele sussurrou e seu hálito quente tocou meus lábios:

— Um beijo, Calla. Não faz ideia de quanto tempo desejo isso! Ninguém precisa saber.

Meus lábios se abriram e soltei um suspiro atônito. Nesse instante, sua boca tocou a minha, macia como veludo. Fechei os olhos em meio a um turbilhão de sensações que invadiram meu peito e se espalharam pelo meu corpo. O cheiro de Ren estava por toda parte. Couro, sândalo, fogueiras no outono. Ele recuou, mas somente para explorar meu pescoço com os lábios.

Meu sangue fervia e eu não parava de tremer. *Isso está mesmo acontecendo?*

Não conseguia parar de pensar em Shay e em pedir para ele me beijar, no toque elétrico da sua boca.

Esse é o mundo a que pertenço. Tentei afugentar as lembranças recentes.

Ren acariciou meu joelho, os dedos subindo pelas minhas coxas, deslizando sob a bainha do meu vestido.

Agarrei seu pulso, dizendo:

— Espere.

Ele continuou a me beijar no espaço entre meu pescoço e o ombro.

— Vamos pular a espera — murmurou ele sobre a minha pele.

— Por favor, Ren. — As batidas frenéticas do meu coração estavam insuportáveis. — Está rápido demais. Devemos esperar até a união.

Ele rolou para o lado com um grunhido.

— Em breve você descobrirá que essa história de retardar o prazer é superestimada.

— Desculpa. — Peguei sua mão. — Eu realmente quero... — Fiquei sem palavras e sem saber o que eu realmente queria.

— Então, posso ajudar. — Ele veio na minha direção e pulei da cama.

— Estou falando sério, Ren.

— Tudo bem. — Ren se levantou devagar. — Esse é um território novo para você. Essa privação ridícula! Espero que os Defensores não a tenham transformado em uma freira ou algo parecido.

Peguei o livro da cabeceira e atirei nele.

— Saia do meu quarto!

Ele pegou o livro no ar e o deixou na cama.

— Calma, Lily. Foi uma brincadeira de mau gosto. Não quis ofender.

Sentime humilhada.

— Você não imagina como tem sido para mim.

— Eu sei, desculpe. — Ele se aproximou de mim e pôs as mãos no meu rosto. — Tenho certeza de que não tem sido divertido. Você merece mais que isso.

Confirmei com um aceno. Ele abaixou a cabeça e tocou seus lábios suavemente nos meus.

— Mostrarei como pode ser divertido. Você precisa confiar em mim.

— Desculpe por eu ter perdido a cabeça — murmurei.

— Tudo bem. É você quem manda. Sem pressão.

— Prometo que não estou com raiva, mas estou realmente cansada. — Sentei na cama. — Foi um dia difícil.

— Houve algum problema?

— Podemos deixar a conversa para outro dia? Nós já…

— Como eu disse... — Seu sorriso estava contrito. — Você é quem manda. Até se sentir preparada, a deixarei em paz. Até amanhã.

Ele beijou minha testa e saiu do quarto. Caí sobre o travesseiro, impotente, incapaz de mandar em qualquer coisa. Meus lábios ainda estavam dormentes pelo beijo de Ren, mas bastou fechar os olhos e Shay apareceu.

DEZESSEIS



SHAY FOLHEAVA AS PÁGINAS E rascunhava algumas anotações enquanto eu me mexia, inquieta, na cadeira.

— Não posso acreditar que eles não permitam entrar com bebidas aqui — disse. — Como conseguirei ler tudo isso sem café?

— Você não leu nada, Calla. — Ele me corrigiu sem tirar os olhos do texto. — Ficou sentada me olhando.

— Você não me deu nada para pesquisar. — Olhei para o livro defronte dele. — Conseguiu algo útil?

Ele contraiu os lábios em sinal de repreensão.

— Não estou te criticando — continuei. — Queria apenas saber o que você descobriu.

Shay se recostou na cadeira.

— Bem, o livro parece ser dividido em três partes. "*De principiis priscis",* que suspeito ser o início da história do seu mundo, depois "*De proelio"...* — Ele parou e me olhou com expectativa.

— "Batalha" — falei.

Shay assentiu e os cantos da sua boca formaram um vinco para cima.

— Não sei por que achei que você conheceria essa palavra.

Sorri e estiquei os braços para trás. A menção à palavra foi suficiente para meus músculos se contraírem, inquietos. Eu estava sentada há horas, primeiro na escola e agora, na biblioteca. Shay me observou, divertido, e voltou-se novamente para suas anotações.

— Talvez contenha detalhes da guerra dos bruxos? — Ele olhou para o livro. — Descobrirei em breve.

— O que diz a terceira parte?

Ele franziu as sobrancelhas e removeu alguns fios de cabelo dourados da testa.

— Ela faz menos sentido. Não consigo descobrir sobre o que se trata. — Ele abriu o livro e folheou as páginas até chegar ao fim do exemplar. — Trata-se da parte mais curta: "*Praenuntiatio volubilis."*

— Um prenúncio? — Peguei uma caneta e passei a rabiscar no caderno de anotações à minha frente.

Shay pegou o dicionário de latim.

— Acho que não... Parece uma profecia ou agouro, mas a segunda palavra, "*volubilis",* insinua que não é algo predestinado, irreversível. Seja o que for, essa parte descreve algo que pode ser mudado, alterado.

— Então o livro termina com uma descrição de algo que pode acontecer no futuro? — Por algum motivo, os fios de cabelo na minha nuca se arrepiaram.

Ele soltou um resmungo desgostoso.

— Não, pulei para a última página para descobrir se havia uma conclusão que ajudasse a contextualizar o restante da história. — Ele virou as páginas até chegar às últimas linhas do texto.

O arrepio na minha nuca se espalhou pelos ombros e braços.

— O que diz?

Sua voz continha uma pitada de irritação:

— *"Crux ancora vitae."*

— O quê? — Levantei-me e caminhei ao redor da cadeira de Shay.

— Parece um provérbio ou algo parecido. “A cruz é a âncora da vida.” Não sabia que seus bruxos eram cristãos. — Os dedos de Shay percorreram as palavras impressas.

Continuei a caminhar inquieta ao redor da mesa.

— Com certeza não são. E o conteúdo desse livro não é cristão. Não sei que provérbio é esse, mas não é cristão. Significa outra coisa.

— Você deve estar errada, Calla. Basta ver a construção do latim e o que consegui identificar no livro. Comparando os temas e as ilustrações com outros livros raros, torna-se fácil a datação. O livro foi escrito no final do período medieval, início da Renascença. Então, definitivamente tem influência cristã. E ainda tem a história da cruz.

— O livro pode ter sido escrito na Idade Média, mas o conteúdo, não. Os antigos precedem os cristãos.

— Mas, se o livro foi escrito antes de Cristo, o que tudo isso quer dizer? — Shay arrastou o livro para longe e bufou, com desdém. — Alguém precisa ensinar esse autor idiota sobre como terminar uma narrativa. Nenhuma conclusão, um provérbio qualquer e uma figura.

Parei perto da sua cadeira:

— Uma figura?

— Sim, de uma cruz. — Ele pegou o livro e olhou a última página. — Acho que reforça sua ideia de que o livro não é cristão. Não se parece com qualquer crucifixo que eu tenha visto.

Aproximei-me um pouco, com o coração agitado.

— O que quer dizer?

— Por que não olha? — Ele me encarou. Ao perceber o medo nos meus olhos, aproximou-se.

— Calla. — Ele pegou minhas mãos. — Sei que tem medo do livro, mas já chegou até aqui. Acho que precisa ver isso.

Balancei a cabeça negativamente, mas ele apertou meus dedos.

— Preciso da sua ajuda.

Ele me olhava com carinho e provocação ao mesmo tempo. Pensei em recuar, mas sabia que, a partir do momento em que me comprometi com Shay a ir à biblioteca, não haveria volta.

— Está bem.

Shay me puxou para a mesa. Minhas mãos começaram a tremer quando ele virou o livro para mim. Shay se sentou na cadeira e cruzou os braços atrás da cabeça.

— Esquisito, não é? Digo, a forma como as retas são diferentes em duas pontas. A impressão é de que a cruz é assimétrica, mesmo os traços tendo o mesmo comprimento.

Olhei para a figura e, em seguida, para Shay.

— Você não reconhece isso?

— Reconhecer? — Ele olhou para a cruz. — Como assim?

— Shay, é a tatuagem que você tem na nuca. — Toquei a figura com o dedo.

Ele riu.

— Não tenho uma tatuagem.

Olhei-o, espantada.

— Tem, sim.

— Acho que me lembraria se houvesse feito uma — argumentou ele. — Ouvi dizer que é bem dolorido.

Ele se assustou quando segurei sua nuca e abaixei a gola da camisa. A tatuagem estava ali, exatamente como me recordava. A cruz, idêntica à estampada no livro dos Defensores, estava marcada com tinta preta na pele dourada de Shay.

— Viu, eu disse. Nenhuma tatuagem. — Ele tentou se virar, mas continuei segurando-o pelo ombro.

— Shay, você tem essa cruz tatuada na sua nuca. Estou olhando para ela.

Ele estremeceu. Soltei-o após apertar delicadamente seus músculos tensos.

— Calla — sussurrou ele. — Está falando sério?

— Estou. — Agachei-me ao lado da sua cadeira. — Não posso acreditar que você nunca viu a própria nuca.

Ele enrugou a testa.

— Devo ter olhado em algum momento, mas não me lembro de ter visto uma tatuagem. É aqui?

Ele estremeceu quando passei os dedos atrás do seu pescoço.

— É, bem aqui.

— Por favor, me empreste um espelho. Quero verificar isso no banheiro.

Ele se levantou rapidamente e olhou-me, esperando.

— Não tenho um espelho.

— Não? — Shay franziu as sobrancelhas. — Darei um jeito. — Ele se afastou e sentei-me na sua cadeira.

Minutos depois, ele retornou, fitando-me nervoso e desconfiado.

— Está brincando comigo?

— Achou um espelho de mão?

— Peguei um emprestado com a bibliotecária. Eu disse que tinha problemas com as lentes de contato e que o espelho do banheiro não era nítido o bastante.

— Você usa lentes de contato?

— Não! — Ele puxou outra cadeira. — Você não respondeu à minha pergunta.

Ergui os ombros.

— Não tenho motivos para mentir, Shay. Você olhou sua nuca e não viu?

— Exatamente. Vi minha nuca, a pele lisa. Nenhuma tatuagem. Muito menos de uma cruz esquisita.

— Desculpe, mas você tem a tatuagem de uma cruz na nuca — respondi. — Não sei muito sobre a magia dos Defensores, mas

acho que fizeram um encanto para que você não enxergasse a tatuagem.

Fitei a figura novamente, passando os dedos sobre a página.

— Eles nos instruíram a esconder nosso mundo de você, mesmo o protegendo. Por alguma razão, não querem que saiba sobre nós.

Shay empalideceu.

— Está me dizendo que meu tio me enfeitiçou para que eu não soubesse que tinha uma tatuagem?

— Ele não é seu tio. — Tentei falar de maneira gentil, porém firme. — E acredito, sim, que ele tenha feito isso.

Shay descansou os cotovelos nos joelhos e escondeu o rosto com as mãos. Hesitante, levantei-me. Tremi ao esticar meus braços para abraçá-lo e puxá-lo para perto. Meu coração estava acelerado. Mesmo sabendo que deveria evitar o contato físico com Shay, era cruel demais o ver sofrer sem fazer algo.

Ele tirou as mãos do rosto e envolveu os braços na minha cintura. O calor parecia sair da ponta dos seus dedos e se espalhar por todo o meu corpo. Ele se debruçou em mim, com o rosto colado no espaço entre meu pescoço e meu ombro, enviando uma descarga elétrica pela minha pele. Acariciei seus cabelos castanhos dourados e desgrenhados, e mordi o lábio para não beijar sua testa.

— Obrigado. — Ele murmurou com a voz embargada e, então, falou: — Está difícil de aceitar que não tenho a menor ideia sobre quem realmente sou.

Ri, baixinho.

Shay ficou tenso.

— Acha engraçado?

Acariciei seus cabelos com a ponta dos dedos.

— Não. Para mim parece curioso, porque sempre soube exatamente quem sou e meu destino.

Ele ficou ereto e soltei-o dos meus braços, mas continuei ao lado da sua cadeira.

— Gostaria de ser alguém diferente?

— Não. — respondi rapidamente. — Somos o que somos. Não tenho nenhuma vontade de ser diferente, mas estou preocupada com o que isso significa para as pessoas que quero bem.

Shay me fitou, ergueu a mão devagar e acariciou meu rosto. Contemplar seus olhos era como estar em um jardim secreto.

Retornei ao meu assento rapidamente, com a respiração ofegante e o coração acelerado. Ainda sentia seus olhos em mim quando comecei a desenhar figuras no meu caderno.

— Quero saber o que diz o livro porque preciso aprender mais sobre os Defensores e os Guardiões.

Virei-me e o encarei. Ele me olhava com curiosidade. Fiquei aliviada ao perceber que ele não parecia ofendido pelo meu recuo abrupto.

— Está claro que tudo o que está acontecendo tem relação com você, Shay. Precisamos descobrir quem você é.

Ele não falou, mas assentiu imediatamente.

Apontei para o livro com capa de couro.

— Sabemos que essa cruz está na sua nuca, mas não sabemos o que significa.

Shay olhou para a ilustração novamente.

— Esses triângulos também estão desenhados na minha nuca?

— Não. — Com relutância, arrastei a cadeira para perto de Shay para ver melhor o livro.

— Acha que eles são importantes? — Ele apontou para o caderno e choquei-me quando vi ao menos dez triângulos desenhados na folha branca.

— Não consigo afastar a sensação de que já os vi, mas não sei onde. — Mordi o lábio por alguns segundos, tentando lembrar. — Ah!

Revistei a bolsa à procura do livro de exercícios de química orgânica.

— Está com problemas nas aulas de química? — Shay franziu a testa enquanto eu folheava o caderno.

Balancei a cabeça negativamente e continuei a virar as páginas até encontrar a introdução do experimento de segunda-feira.

— Olhe! Sabia que eu os vira antes. Essa é a introdução sobre a história da alquimia. — Apontei para os símbolos químicos.

Shay se levantou e olhou o caderno.

— Que bom que você lê a introdução... Eu pulo para o experimento.

Sorri e continuei a ler:

— Esses quatro triângulos representam os elementos: terra, ar, fogo e água.

Olhei para a figura no livro e para o caderno de exercícios.

— Não faço ideia da relação dos triângulos com a cruz.

— Parece que você encontrou a primeira pergunta da nossa investigação, Cal. — Ele deu um tapinha no meu ombro.

— Está bem, mas há algo além do provérbio para me ajudar? O que ele diz mesmo?

— “A cruz é a âncora da vida”. — Ele debochou em tom solene.

— Essa é a última frase do livro. Em seguida, a figura.

Escrevi a frase entre os triângulos rabiscados no meu caderno.

— O que há antes do provérbio?

— Mais frases sem sentido. — Sua frustração se revelou na resposta. — Há duas frases separadas do texto, no final da página. Além do provérbio, a outra diz: “Que o progênito carregue a cruz.”

— “Que o progênito carregue a cruz. A cruz é a âncora da vida” — murmurei e, então, olhei para Shay. Percebi nos seus olhos que ele começava a compreender e um calafrio arrepiante passou pela minha coluna.

— O que significa progênito, Shay? — perguntei.

Seu pomo de adão subiu e desceu.

— Quer dizer “descendente”.

— “Descendente” de quem? — *Eu tinha razão, ele é importante.*

— Pode ser de qualquer um. Às vezes, pode significar herdeiro.

— Shay... — Peguei-o pelo ombro e tentei virá-lo. Temia tocá-lo, mas queria rever a tatuagem.

— Não — disse ele bruscamente, e esquivou-se da minha mão, caminhando na direção das altas prateleiras que nos rodeavam.

Andei na sua direção.

— É você. Você carrega a cruz. Você é o progênito!

— Não, não, não. — Ele recuou quando me aproximei. — Tudo isso é… Algum tipo de brincadeira, uma piada de mau gosto. — Seu rosto estava pálido e ele me olhava desconfiado.

— Tenho uma tatuagem que não consigo ver, meu tio é um bruxo, e sou um descendente estranho descrito em um livro escrito centenas de anos antes de eu nascer? Duvido.

Quando percebi que ele partia, fiz a única coisa que imaginei ser capaz de detê-lo.

— Shay. — O tom severo da minha voz o paralisou.

Nesse instante, saltei para a frente, transformei-me em lobo em pleno ar e o derrubei no chão. Mantive as patas no peito de Shay, fixando-o no piso e voltei à forma humana.

— Você pode desejar que eu estivesse mentindo, mas está olhando para uma garota capaz de se transformar em lobo quando quiser. Esqueceu? Acariciei seu rosto, consciente de que meu corpo se derretia sobre o dele. Fechei os olhos e senti seu perfume e o calor do seu corpo.

Shay envolveu os braços ao redor do meu pescoço. Uma de suas mãos segurou minha nuca e me puxou para perto. Antes que eu tivesse tempo para reagir, fui surpreendida pelo toque dos seus lábios nos meus.

O beijo começou lento, com uma doce e exploradora tentativa. O toque suave da sua boca me hipnotizou. Abri os lábios, permitindo me afogar no desejo.

O beijo de Shay se intensificou, sua mão deslizou pelas minhas costas e cabelos, e passou sob a blusa, acariciando minha pele. Senti como se bebesse a luz do sol. Meus dedos se moveram do peito para o queixo de Shay. Pressionei-me contra ele, desejando saber mais sobre os mistérios do meu corpo, conhecer melhor essa liberdade, esses instintos.

Shay agarrou minha cintura e, em um movimento rápido, virou-se e prendeu-me contra o chão. Colocou as mãos sob a minha blusa e pressionou seu corpo com firmeza contra o meu. Senti a fragrância dos nossos desejos se misturarem, nossa excitação se lançar no ar como raios prestes a desabarem. Em vez de desvencilhar-me, envolvi seu corpo com as pernas. Seus dedos moviam-se cuidadosamente, delineando minhas curvas, detendo-se ocasionalmente, roubando minha respiração, prendendo-me a ele e, simultaneamente, mantendo-me livre. Arfei, sentindo o prazer.

A sala começou a girar à minha volta. Fugi do seu abraço e caminhei até a mesa, atordoada. Meu coração parecia querer sair pela boca, insistente e dolorido.

Não posso fazer isso, não posso! Porém eu queria, mais do que tudo.

Ele se levantou, com um sorriso. A luz quente nos seus olhos voltara.

— O que foi?

Retornei zangada, para minha cadeira. Meu corpo ainda estava dormente.

— Ah, eu sei... — Seu sorriso afinou. — Regras sobre beijos e sua iminente noite de núpcias. Quando será?

— No Samhain. — Os músculos do meu coração se contraíram ao perceber quão perto era o dia.

— Sam... o quê? — Ele tentou repetir a palavra. — O que quer dizer?

Amassei uma folha de papel e atirei nele.

— Para alguém cujo nome a maioria das pessoas leria Sea-Mas, sua tentativa é patética.

Ele pegou o papel e jogou em uma lixeira próxima.

— Meu nome irlandês não me torna um especialista em línguas antigas.

— Você é bom em latim — observei.

— Por isso não tenho tempo para aprender outras línguas.

— É justo — concordei. — Samhain — disse pausadamente.

— Tudo bem, Samhain. — Dessa vez, ele pronunciou corretamente. — O dia do seu casamento. Qual é?

— 31 de outubro.

— Halloween? — Ele zombou: — Que romântico...

— O Halloween não tem importância. Samhain, sim. — Lancei-lhe um olhar ameaçador, mas ele me ignorou.

— E tem importância porque… — Ele gesticulou com a mão imitando uma nuvem de fumaça no ar.

— Porque os Defensores podem renovar seus poderes. A divisão entre os mundos se torna mais fina na noite de Samhain.

— Quais mundos?

— Esse e o das profundezas.

— Parece assustador. — Ele pegou uma caneta e fez algumas anotações, mas percebi que seus dedos estavam trêmulos. Perguntei-me se seria por medo ou pelo desejo frustrado que eu também sentia.

— E deve ser — concordei. — Por sorte, os Guardiões apenas patrulham a área. Nunca precisei ver o que os Defensores fazem.

Empalideci subitamente.

— Uau. — Shay me olhou, surpreendido. — Você ficou branca como papel. O que foi?

Segurei a beirada da mesa e torci para o mal-estar passar.

— Precisarei ver este ano.

Ele se inclinou para a frente.

— Por quê?

— A cerimônia será diferente porque escolheram essa noite para minha união. — Arranquei uma fina lasca da madeira com as unhas.

— Sabe o que acontecerá? — Ele também empalideceu.

— Não, o ritual de união é sigiloso. Não sei sobre ele.

— Que droga para você — murmurou ele —, como tudo nessa história.

— Pare, Shay. — Tentei concentrar-me na leitura.

— Não entendo por que você não pode desobedecer às leis — insistiu ele. — Pelo que me contaram, Ren namorou todas as garotas de Vail.

Ele me encarou, esperando por uma reação indignada.

— Todos sabem sobre isso. Não me importo, foi a escolha dele. — Não tirei os olhos da mesa. — As regras são diferentes para ele.

— Ah, então garotos devem agir como garotos e garotas devem se comportar? — Ele zombou.

— Sou uma alfa fêmea. — Prendi os tornozelos nos pés da cadeira. — Ninguém pode me tocar. É a lei dos Defensores.

— E Ren pode tocar quem ele quiser? — perguntou ele. — Parece ser o que ele faz.

— Ele é um alfa macho. O instinto de caça faz parte da sua natureza. — Meus tornozelos estavam tão juntos aos pés da cadeira que ouvi a madeira ranger. Não queria que Shay fizesse a pergunta estampada no seu rosto.

Ele franziu a testa.

— Se você também é uma alfa, não está na sua natureza o instinto de caça?

Não respondi. Minhas pernas quase pegavam fogo.

— E eu toquei em você. — Seus dedos se agitaram como se ele desejasse fazê-lo novamente. *Ele me deseja como eu o desejo?*

— Eu não deveria ter permitido. — Meu corpo ficou dormente. — Podemos mudar de assunto, por favor?

— Não é justo. — Ele pegou a minha mão, porém me desvencilhei.

— A justiça não tem nada com isso, estamos falando de tradições importantes para os Defensores.

— Mas, e… — Suas palavras se perderam.

— A união está muito próxima. — Coloquei as mãos sob a mesa. — Não sou livre. E, para a sua informação, Ren também não está namorando.

— Ele está namorando *você*? — Shay fechou o laptop com força.

— É complicado. — *Na verdade, é simples. Eu pertenço a ele, não a você.*

Ele desabou na cadeira.

— Não suporto esse cara. Ele age como se fosse seu dono!

— Você não o compreende. — Fiquei constrangida com a futilidade da conversa. — E você nunca mais me beijará, Shay Doran.

— Não posso prometer isso.

Virei-me para esconder o rubor nas minhas bochechas. Não queria que prometesse, mas eu não tinha escolha. *Preciso acabar com isso.*

— Tudo bem. — Tentei demonstrar indiferença. — Tenho certeza de que sobreviverá com apenas uma das mãos.

Ele tirou a mão da mesa bruscamente.

— Você não teria coragem.

Eu ri.

— Terá que decidir se está disposto a arriscar.

Shay estremeceu, murmurando algo ininteligível. A frustração percorreu meu estômago e o fez se contrair. Eu o queria novamente e estava furiosa comigo mesma e com ele por me sentir assim.

— Bom saber que estou gostando de uma virgem vestal — disse ele, com uma névoa de raiva sobre o rosto.

— Uma o quê?

— Mais uma divertida história da mitologia. — Seu sorriso era tão frio que me fez estremecer. — Trata-se de um grupo de meninas muito atraentes, mas intocáveis. Se quebrassem o voto de castidade, seriam enterradas vivas.

— Enterradas vivas? — Senti calafrios. *É o que pode acontecer se os Defensores descobrirem sobre Shay?* Eu sabia que haveria consequências se alguém além de Ren me tocasse, mas não pensara em quão graves elas poderiam ser.

— E o sortudo que se envolvia com uma virgem era chicoteado até a morte em público — completou ele.

Senti-me subitamente vazia por dentro. A punição que eu receberia poderia ser assustadora, mas pensar no que poderia acontecer com Shay era muito, muito pior.

— Parece que devemos aprender com as lições do passado — murmurei, tentando disfarçar a hesitação.

— Não vivemos na Roma Antiga — retrucou Shay.

— Se o assunto está encerrado — falei, ignorando sua expressão pálida —, vamos, por favor, voltar ao que interessa.

Shay me encarou, boquiaberto.

— Por favor — murmurei.

— Tudo bem. — Ele abriu o laptop novamente. — Então, se aceitarmos a ideia de que sou o progênito, o que isso significa?

Obrigada.

— Imagino que o importante seja descobrir quem são seus ancestrais.

Ele assentiu e deu de ombros.

— Ninguém famoso.

— Não se lembra dos seus pais?

— Não, eles morreram em um acidente de carro quando eu tinha 2 anos. Não me lembro dos dois de jeito nenhum, nem fisicamente. — Ele pôs o livro dos Defensores no colo e passou os dedos pelos

traços da cruz. — Não tenho sequer fotos. Tio Bosque sempre disse que é melhor deixar o passado para trás.

Franzi a testa.

— Você não tem nada dos seus pais? Nenhuma lembrança?

— Só um cobertor que minha mãe tricotou para mim. — Ele me lançou um sorriso encabulado. — Carregava-o para todos os lados quando era criança.

Manuseei a ponta do cabelo, tentando não rir.

— Como se chamavam?

— Tristan e Sarah Doran.

Fiz um movimento tão brusco na cadeira que ela quase virou. *Meu Deus, esses nomes. Não, não, não!*

Ele balançou a cabeça.

— O que foi?

— Tristan e Sarah? — repeti, horrorizada, com um frio na barriga.

— Sim, Calla, qual é o problema? Mais notícias ruins?

— Não sei o que isso significa, mas, na noite em que fomos atacados perto da Éden... — O rosto do Inquisidor apareceu enorme na minha mente. — O Inquisidor que sobreviveu. — Desejei apagar a palidez de Shay. — Ele pronunciou esses nomes, Tristan e Sarah.

— Um dos homens que nos atacaram conhecia meus pais? — As veias do seu pescoço pulsavam fortemente.

— Não tenho certeza. — Eu tentava ser veraz, mas cada palavra parecia um fio solto que poderia desenredar minha vida.

— O que ele disse exatamente? — Shay se inclinou para a frente, olhando-me atentamente.

— Ele perguntou onde você estava... — respondi e fiz uma pausa para lembrar as palavras exatas. — “Ele não sabe quem é, certo? E que vocês pegaram Tristan e Sarah? O que vocês farão?”

Shay agarrou os braços da cadeira.

— Achei que os Inquisidores eram os que tentavam destruir o mundo. Eles não são os vilões?

Concordei, sem ter uma explicação.

Ele se levantou, fechou o laptop e pegou sua mochila.

— Desculpe, mas preciso ir. É muito para minha cabeça e preciso ficar um pouco sozinho. Eu volto amanhã.

Fiquei imóvel quando ele passou por mim, desejando ir com ele.

— E, Calla... — Ele se curvou por um instante e sussurrou baixinho: — Acho que não sou o único que está sendo enganado.

DEZESSETE



SHAY NÃO APARECEU NA PRIMEIRA aula. Senti uma náusea me invadir. Será que os Defensores fizeram algo com ele?

Roí as unhas durante as aulas seguintes. Quando entrei no laboratório de química orgânica e o avistei sentado à bancada, precisei me controlar para não correr pela sala e o abraçar. Os colegas de Shay me avistaram e se encolheram para o outro lado da bancada, enquanto Shay observava.

— Sempre causa esse efeito nos humanos? — perguntou ele com um sorriso divertido no rosto.

— Geralmente todos os Guardiões causam. Você é o esquisito, por não ter medo de mim. — Debrucei-me sobre a mesa, tentando manter a voz estável. — Onde você estava essa manhã?

— Preocupada comigo? — Seu sorriso se ampliou. — Com seu esquisito particular?

— Faça-me o favor... — Menti.

— Matei aula. — Ele girava a caneta entre os dedos. — Não tive vontade de sair da cama pela manhã.

— Acho que essa atitude é um pouco inconsequente — disse, irritada por quase ter criado uma úlcera enquanto ele dormia.

Ele baixou o tom de voz e se inclinou na minha direção.

— Segundo você, meu tio é um bruxo poderoso e, segundo Logan, é um dos regentes da escola. O que pode me acontecer? Eles me expulsarão da escola?

— Pode ser, mas eu agradeceria se tivesse um pouco mais de consideração — disse. — Para mim, os Defensores deram você como café da manhã para um espectro.

Ele franziu a testa.

— Um espectro?

Um frio me subiu pela coluna.

— Esqueça. Da próxima vez, ligue, está bem?

— Você me dará o número do seu telefone? — Ele sorriu, provocante.

Não consegui evitar de sorrir também.

— Pelo visto, sim.

Ele pegou seu celular e digitou os números.

— Quer o meu número? — Ele ergueu as sobrancelhas e me olhou com uma expressão esperançosa.

— Por que não? — Peguei meu celular e digitei o número do seu telefone.

— Seu namorado não parece estar contente com isso — disse Shay, ainda sorridente.

Olhei para o final da sala. Ren nos olhava, debruçado sobre a mesa, com uma tesoura nas mãos. Nunca vira uma sala de aula parecer tão perigosa.

— Boa aula — murmurei e andei até minha cadeira, desejando me esganar por ter sido tão simpática com Shay em público.

Quando cheguei à mesa, Ren se ocupava com a experiência do dia.

— Oi, Ren. — Mal consegui escutar minha voz sob as batidas aceleradas do meu coração.

Quando o olhei, tudo o que enxerguei foi minha cama. Tudo o que senti foi o calor do seu corpo ao lado do meu. Tudo o que ouvi foi minha respiração ofegante enquanto suas mãos se moviam sob meu vestido.

Quando tentei repelir as lembranças, elas foram substituídas por imagens de Shay. Não consegui afugentar a sensação de que traíra Ren de forma imperdoável. Ao pensar nisso, senti raiva por todas as garotas que aproveitaram os beijos de Ren e muito mais. As sensações convergiram violentamente em mim, tornando impossível encarar Ren.

Ele também não parecia inclinado a me olhar.

— Calla. — Ele me cumprimentou friamente. Pela primeira vez, senti saudade do meu apelido tão odiado.

Era isso o que significava "não me pressionar"? Ou ele estava com raiva porque eu estava conversando com Shay? Nossa, estou confundindo tudo!

Reprimi o suspiro preso no meu peito e me concentrei no trabalho.

— Você está cumprindo as ordens de Logan obstinadamente. — O grunhido de Ren soou mais próximo do que eu imaginara. Quando me virei para ele, assustei-me. Ele me rondava e seu corpo estava a poucos centímetros de mim.

Dei de ombros.

— Ordens são ordens.

— Bem, isso deve deixá-lo contente. — Ele colocou uma das mãos sobre a bancada, equilibrando-se desconfortavelmente, tão perto que meu corpo poderia se acomodar contra o seu com apenas um passo.

Tentei me concentrar na conversa.

— Logan? Sim, acho que ele ficará satisfeito.

— Estou falando sobre Shay. — Ren olhou para a entrada da sala.

Meus pensamentos foram subitamente invadidos pela imagem de virgens sagradas sendo atiradas em covas e gritando enquanto a terra era jogada sobre seus corpos ainda vivos. *Preciso consertar isso.*

Coloquei as mãos na sua cintura. Ren me encarou com menos frieza e mais curiosidade.

— Sobre aquela noite... — *Sou uma alfa fêmea. Ele é meu parceiro. Por que isso é tão difícil?*

Ele se afastou, fazendo com que se formasse um nó no meu estômago.

— A senhora Foris disse que a experiência durará a aula toda — disse ele. — Precisamos começar.

— Ren... — falei, mas seu olhar severo abortou meus planos.

— Pode parar.

Avancei, segurei-o pelo braço e o virei, para que me encarasse:

— Escute, Ren. Tudo parece muito confuso e tem sido difícil para nós. Você mesmo disse.

Ele tentou se virar, mas rosnei e o detive. Um sorriso sutil surgiu no seu semblante.

— Precisa saber... — Minha coragem faltou por um momento, mas respirei brevemente e falei: — Que não quero que você me deixe em paz.

O alfa ficou tenso, com os olhos desconfiados, como se estivesse à espera da minha próxima declaração. Como não veio, ele soltou cuidadosamente seu braço dos meus dedos.

— Não me esquecerei disso.

Fizemos a experiência em um silêncio desconfortável. Quando a aula chegou ao fim, sentia-me péssima. Ren saiu do laboratório sem acenar um tchau.

Quando entrei no refeitório, encontrei a matilha Haldis reunida ao redor de duas mesas, em uma conversa animada. Dax, Fey e Cosette estavam juntas. O lobo gesticulava exageradamente enquanto as duas garotas sorriam para ele. Bryn e Ansel estavam próximos, conversando em voz baixa, mas fiquei aliviada ao notar que conseguiram disfarçar os olhares apaixonados, ao menos um pouco.

Tropecei sozinha quando avistei Sabine... sorrindo. Ela estava ao lado de Neville e Mason, que demonstrava formas suspeitas de se usar uma banana e todos caíram na gargalhada.

— Cal... — disse Ansel quando me sentei ao seu lado. — Quer trocar sua maçã por uma laranja? Você pegou a última — Tudo bem.

Imediatamente, ele mexeu na sacola com meu almoço.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Bryn. — Você parecia perdida na primeira aula.

— Estou. — Arranquei meu biscoito da mão de Ansel. — Não dormi bem. Mas já melhorei.

Quando Ren se aproximou das mesas, peguei meu sanduíche furiosamente, tentando lembrar do apetite perdido. Eu acabara de dar uma mordida no rosbife quando ouvi uma voz familiar.

— Oi, pessoal. — A voz era de Shay e ele parecia estar atrás de mim. — Será que posso sentar com vocês?

O pedaço do sanduíche entalou na minha garganta. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu tossia. Ansel bateu nas minhas costas até eu conseguir respirar novamente.

Pigarreei e me virei para Shay. *Não, Shay, não faça isso. Não entende o que isso significa.*

— Você está bem? — Ele falou sério, mas seus olhos riam.

— Quer se sentar com a gente? — A cada palavra que eu pronunciava, maior era meu espanto. Não fazia ideia do que ele estava tramando.

— É, se não se incomodarem.

A conversa nas mesas cessara. Os jovens lobos encararam em silêncio o garoto humano, muito corajoso ou louco para entrar assim no nosso espaço. Olhei para a mesa dos Defensores, do outro lado do refeitório. Obviamente, Logan subira os óculos escuros para a cabeça para observar melhor a cena. Embora preguiçosa, a expressão nos seus olhos era de curiosidade.

— Claro.

Fiquei impressionada com a rapidez com que Ren se aproximou de Shay.

— Todos aqui querem conhecê-lo melhor, Shay. Por favor, sente com a gente.

Querem?

Ren puxou a cadeira do meu lado e empurrou meu almoço para sua frente. Um sorriso surgiu no canto da sua boca.

— Calla, se importa de dar seu lugar ao Shay?

Shay franziu a testa.

— Posso arranjar outra cadeira.

— Não precisa. — A voz de Ren era cortante e ele manteve os olhos fixos em mim.

Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas não queria provocar Ren com algo relacionado a Shay. Se eu precisasse ficar em pé durante o almoço, paciência. Arrastei minha cadeira para Shay.

Dedos seguraram minha cintura. Virei e deparei-me com Ren e seus olhos negros carregados de malícia, como se ele abraçasse um troféu.

— Então, o que tem para comer? — Ele me puxou para seu colo.

— Posso pegar outra cadeira, não tem problema. — Senti a fúria nas palavras de Shay.

A íris negra de Ren brilhou desafiadoramente, e eu estava determinada a revidar.

—Não. — Mantive minha voz estável. — Está tudo bem.

— Não parece muito... confortável.

Olhei para Shay e vi seu maxilar tenso enquanto ele observava os braços do alfa ao redor da minha cintura.

— Ah, estou achando *muito* confortável — provocou Ren. Minhas bochechas se avermelharam quando ele beijou meu pescoço. — Não é, Lily?

Shay não disfarçou sua indignação ao ouvir Ren me chamar pelo apelido. Precisei de toda a força de vontade para não socar Ren. Ele era simplesmente cruel.

— Está tudo bem.

Fitei Bryn, que me olhava melindrosa. Ansel tinha um sorriso bobo.

— Uau, olhe para isso! É a coisa mais adorável que já vi. — Mason colocou o queixo sobre as mãos. — O que vocês fazem quando o restante do grupo não está por perto? Posso imaginar.

Dax nos olhou e soltou um grunhido, satisfeito. Fey piscou para mim e lambeu os lábios. Nev parou de fazer anotações no caderno, ergueu uma das sobrancelhas e voltou a escrever.

Bryn e Ansel faziam caras e bocas para mim, e até mesmo Sabine deu uma risadinha. Cosette olhou-a rapidamente, mas não conseguiu expressar um sorriso, inquieta na cadeira. Derrotada, apoiei-me em Ren, que apertou seu abraço, fazendo-me perceber quão baixas estavam suas mãos na minha cintura e como seu toque provocava calores em lugares do meu corpo que até recentemente eu praticamente desconhecia. Então vi a dor escondida no rosto de Shay.

— Cale a boca, Mason.

Peguei a laranja que trouxera para o almoço e atirei nele. Mason caiu na gargalhada, pegando a laranja em pleno ar.

— Não repare em nós, Shay. — Mason abriu um sorriso. — Somos apenas um bando de animais.

— Literalmente. — Dax flexionou os braços.

Todos sorriram entre os dentes. Shay sorriu para Mason.

— Eu notei, mas alguns de vocês sabem se comportar melhor.

Ele olhou para Ren, que retribuiu o olhar com a mesma malícia. Dax parou de sorrir e a curva nos lábios de Fey se desfez. Olhei-a com dureza quando vi seus caninos afiados à mostra. Ela encarou-me com olhos severos, mas escondeu as presas.

— Bem, isso será interessante. — Mason tirou algo prateado do bolso e jogou para Shay. Quando Shay abriu a mão, viu um chocolate Hershey's Kiss.

Mason piscou para ele.

— Bem-vindo à mesa, cara. Espero que sobreviva.

— Acho que conseguirei. — Ele manteve a pequena embalagem do chocolate nas mãos. — Obrigado. Não há nada melhor do que um bom beijo.

Seus lábios formaram um sorriso e ele me lançou um longo olhar que fez até meus dedos se contraírem.

— Pode crer. — Mason riu e voltou a se apoiar na cadeira. — Vamos às apresentações… — Ele segurou a mão de Nev, que estava escrevendo.

— Faz.

— "Faz" o quê? — perguntou Nev, mostrando-se irritado pela interrupção.

— O poema. — Mason sorriu.

— Não. — Nev se ajeitou na cadeira.

— Vamos — disse Mason. —Está muito bom.

— Um poema? — Shay olhou para Nev.

— Não está bom. — Nev livrou a mão.

— Nev é um poeta. — Mason arrancou o caderno das mãos de Nev e o manteve longe do alcance dele, que tentava recuperá-lo.

— Essa é sua coletânea. Vamos ler?

Nev apontou a caneta para Mason como se fosse uma faca.

— Se mostrar isso a alguém, mato você.

— Devolvo se você recitar o poema. — Mason sentou sobre o caderno. — Sei que você decorou.

— Não sei por que o trato bem — respondeu Nev.

— Até parece... — disse Mason.

— Até parece... — respondeu Nev.

— Também quero ouvir — Ren disse e começou a acariciar minhas pernas. Seu perfume era acolhedor e tranquilizante, mas seu toque me fez estremecer. *Por favor, por favor, não olhe, Shay.*

Nev jogou a caneta na mesa.

— Está bem! Aí vai:

As vidas de Ren e Cal devem ser ardentes
pois os jovens de Vail são efervescentes.
Bine e Cos não são tão frágeis,
Dax e Fey nunca estão pálidos,
E Ansel e Bryn, talvez cálidos.

Bryn derramou sua Coca-Cola Diet na mesa. Mason e Ansel bateram palmas. Eu estava pasma demais para reagir.

É isso o que Nev faz no seu tempo livre?

— “Bine”? — Sabine franziu a testa, e Cosette limpou o refrigerante que respingara até a beirada da mesa. — Desde quando sou “Bine”? E nunca chamamos Cosette de “Cos”.

— Usei para garantir a cadência — disse Nev. — Desculpa. E eu disse que não estava bom.

— Por que você e Mason não estão no poema? — perguntou Ansel.

— Ah, ele tem outro poema sobre nós. — Mason ergueu as sobrancelhas.

Nev o empurrou. Mason caiu da cadeira e riu, estatelado no chão.

— Está ótimo — disse Shay com um sorriso. — Pode repetir, assim posso tentar associar os nomes e os rostos? Ajudaria se vocês levantassem a mão quando Nev disser os nomes de vocês.

Nev olhou para Ren, que assentiu.

Com menos relutância, Nev recitou o poema novamente. Cada um ergueu a mão à medida que seu nome era citado, com exceção de Sabine, que apenas fungou, e Fey e Dax, que mostraram o dedo médio para Shay quando chegou sua vez.

— Obrigado. — Shay aproximou a cadeira em um centímetro de Bryn, ciente de onde estavam seus aliados. Bryn sorriu para ele. Ansel colocou seus biscoitos na frente do convidado.

Shay retribuiu o sorriso de Bryn e enfiou um dos biscoitos na boca.

— Calla me falou muito de vocês — ele disse com a boca cheia.

— Falou? — Bryn me lançou um olhar alarmado. Balancei a cabeça sutilmente e ela relaxou.

— É porque somos o máximo! — Ansel mostrou o polegar para cima.

— Ótimo, irmãozinho — murmurei. — Maneiro.

Ele corou e Bryn o beijou no rosto.

— Ignore ela. Nós somos o máximo! Qual é sua história, Shay?

— Nada demais. — Ele me olhou e piscou. Eu o encarei, chocada.

Se piscar para mim outra vez, serei forçada a arrancar seus cílios.

— Estou no último ano — disse ele. — Moro na mansão Rowan.

Todos exprimiram um suspiro impressionado. Imagens de corredores desertos e teias de aranha povoaram minha mente. Quase caí do colo de Ren, que me segurou e riu. Mordi o lábio e

olhei rapidamente para Shay. Nunca pensara sobre onde ele morava, mas não pude acreditar no que ouvia.

Deve haver algo errado. Aquilo é uma instituição, não uma residência.

— Mansão Rowan? — repetiu Ansel. — Achei que fosse um museu ou algo parecido. Você mora lá?

— Moro, é a residência do meu tio. Ele quase não está. Por causa do trabalho, ele viaja muito. Sou eu quem administro a casa, praticamente. Acho que ele também abre o lugar para visitas. Vocês são bem-vindos, se quiserem conhecer. — Shay sorriu para Ansel, que empalideceu.

— Muita gentileza sua, Shay — falei —, mas tenho certeza de que seu tio prefere ter suas relíquias bem longe de um grupo barulhento como o nosso.

Nunca deixaria meu irmão atravessar a porta daquele lugar. Não desejaria isso a ninguém.

— Como quiserem. — Ele voltou sua atenção para o almoço, que consistia em quatro barras de cereal e uma lata de Sprite.

— Como é viver na mansão? — Bryn apoiou o queixo no ombro de Ansel. Sorri ao ver que os olhos do meu irmão brilharam com a aproximação dela.

Shay abriu a lata de Sprite.

— Não posso reclamar da falta de espaço. É gigantesco, opulento, mas um pouco assustador, para ser honesto. Bosque, meu tio, viaja a maior parte do tempo a negócios, por isso fico muito sozinho. Há empregados que fazem a limpeza umas duas vezes por semana. São centenas de quartos.

Mexi-me, desconfortável, no colo de Ren, detestando a ideia de deixar Shay sozinho naquela mansão.

Shay baixou a voz, como se contasse uma história de fantasmas.

— É o tipo de lugar onde as sombras nos seguem.

— Sombras? — perguntou Ansel.

Fiz que não para Ansel, mas sabia que sua inquietação era igual à minha.

Espectros. O pensamento sombrio me fez tremer.

Ren virou o rosto para mim.

— Você está bem?

Olhei para ele e tive uma súbita falta de ar. Nossos rostos estavam distantes por poucos centímetros. Pude ver todos os pontinhos prateados nos seus olhos, uma galáxia rodopiante em um buraco negro. Senti-me perdida na escuridão veludosa da sua íris.

— Calla, você está tremendo. Está tudo bem? — O tom preocupado me tirou do transe inebriante.

— Lembrei que não terminei de ler o texto para a aula de hoje. — Preciso ir.

Corri na direção do meu armário, sem olhar para trás, e entrei no primeiro banheiro feminino que encontrei. Não sabia exatamente por que meu coração estava disparado e eu estava sem fôlego. Sabia apenas que não aguentaria nem mais um segundo me equilibrando naquela corda bamba entre Ren e Shay.

Chequei os toaletes para me certificar de que estava sozinha. Estavam todos vazios. Andei até uma das pias, abri a torneira de água fria e me curvei para jogar água no rosto.

A porta do banheiro se abriu.

Dois segundos de privacidade é melhor que nada.

— Calla. — Alguém me segurou com força pelo ombro e me virou.

— Sai daqui! — Empurrei Ren. — Esse é o banheiro feminino.

Ele sorriu maliciosamente.

— Se alguém entrar, diremos que me perdi.

Tentei enxugar o rosto com as mãos.

— Você está muito pálida. O que aconteceu?

A água ainda escorria pelo pescoço.

— Nada. Acabei não fazendo o trabalho ontem à noite. — Procurei pelo papel.

Um rosnado baixo soou no seu peito.

— Boa tentativa. Você nunca se esquece de fazer os trabalhos.

Merda.

— Por que me seguiu? — Virei o rosto para o espelho, fingindo tranquilidade enquanto esticava a blusa. — Eu disse que estava bem.

Um sorriso surgiu nos lábios de Ren.

— Você disse que não queria que eu a deixasse em paz.

Joguei o papel amassado na lixeira.

— Por falar nisso, você se divertiu bastante hoje?

Sua risada forte fez tremer as paredes do banheiro.

— Você quer dizer com você no colo ou pela expressão no rosto dele?

— Ele sabe sobre nós dois, Ren. — Debrucei-me na pia. —Não precisa ser cruel.

— Acho que posso julgar por conta própria o respeito dele pela nossa relação. Reparou no jeito como ele olha para você?

— Não seja bobo — retruquei, mas senti minha face esquentar.

— Estou falando muito sério — disse ele em voz baixa. — Ele não tem medo de nós, como os humanos. Eu o tolerarei somente porque recebi ordens dos Defensores, mas ele está testando meus limites com você.

Cutuquei-o no peito.

— Você está com ciúme.

Ele não respondeu, mas cobriu minhas mãos nas suas, forçando-as contra a pia.

Mostrei minhas presas para ele.

— Quando disse para não me deixar em paz, não quis dizer todas as horas do dia. E gostaria de ficar sozinha. Esse não é um lugar que eu chamaria de romântico.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Três coisas.

— O quê? — Franzi a testa.

— Primeiro, o que realmente está incomodando você? — As linhas de preocupação ao redor dos seus olhos dissolveram minha raiva.

— Espectros, o que Shay disse sobre sombras o seguindo. Tenho medo de que haja espectros naquele casarão, observando ele enquanto Bosque está ausente. Ele não sabe que eles existem. — Estremeci. — É muito perigoso.

— Você está preocupada com ele. — Seus olhos refletiram emoções em uma velocidade rápida demais para que eu pudesse acompanhá-las.

— Estamos falando de espectros. Claro que estou preocupada! Sabe o que eles podem fazer.

Não havia por que mentir sobre meu instinto de proteger Shay. Não conseguia escondê-lo. Por sorte, essas eram ordens de Logan. Ao menos por enquanto.

Ren trincou os dentes e ficou em silêncio por alguns segundos. Então pareceu tomar uma decisão e sua expressão confusa se dissipou.

— É um perigo, mas nós não temos certeza sobre isso. Além disso, os Defensores querem Shay a salvo. Acho improvável que eles ponham o garoto em perigo propositalmente. Um espectro sem amarras perseguiria qualquer humano. — Ele relaxou os punhos. — Eu não me preocuparia. Ele é um garoto esquisito, e provavelmente imaginou as sombras.

— Espero que sim. — Olhei para a porta, com medo de que alguém entrasse no banheiro a qualquer momento. — Três coisas?

— Segundo, quer caçar comigo depois da aula? — Ele se inclinou mais perto de mim, com um dos cantos da boca se curvando maliciosamente.

— Caçar?

— Há um rebanho de veados crescendo além da conta do nosso lado da montanha.

Meus músculos se tensionaram, animados com o convite, mas neguei com a cabeça, dizendo: — Obrigada, eu adoraria, mas não posso.

— Por que não? — Seu rosto evidenciava a decepção.

Mordi o lábio, decidida a ser honesta com ele.

— Você ouviu quando Logan pediu para eu passar mais tempo com Shay.

Ele não falou, mas ouvi um rosnado baixo e ameaçador no seu peito.

— Estou ajudando-o com os deveres todas as tardes.

O rosnado se transformou em palavras duras.

— Todas as tardes?

— Ordens são ordens — respondi, sem jeito.

— Está bem. — O tom de derrota na sua voz me deixou preocupada.

— E a terceira? — perguntei, torcendo para que o assunto desconfortável fosse substituído por outro.

Ele sorriu, repentinamente.

— Três. — Uma das suas mãos segurou meu rosto e a outra deslizou pelas minhas costas. Ele puxou meu corpo contra o seu, e meu coração disparou. Empurrei-o.

— Acho que não, Lily — disse ele. — Se quiser se livrar de mim, precisará se esforçar mais.

Suspirei, irritada, e tentei me desvencilhar, mas ele me segurou com firmeza, observando-me relutar. Sorriu e me sentou na bancada da pia.

— O que você está fazendo? — Entrei em pânico. —Alguém pode chegar!

— Se nos virem, simplesmente se virarão e sairão daqui — murmurou ele, com seus lábios tocando minha orelha. — Ninguém cruza meu caminho.

Sua cintura pressionava meus joelhos, abrindo minhas pernas e levantando minha saia. Agarrei-o pela camisa, para não cair na pia. Ele pressionou a mão nas minhas costas. Suspirei ao sentir seu corpo se encaixando no meu. O calor transbordava no meu peito e na pélvis. Achei que me afogaria nele.

— Não podemos...

Seus lábios interromperam minha frase. O beijo me deixou ainda mais tonta e cravei as unhas nos seus ombros.

— Você disse que não queria que a deixasse em paz. — Sua língua me atiçou no rosto. — Esse sou eu, perturbando você.

— Você não está infringindo as leis? — Eu mal conseguia falar. — E a união?

— Prefiro ter você do meu jeito. — Ele deslizou as mãos entre minhas coxas.

Meu corpo amoleceu totalmente.

— Não consigo respirar.

— Então você está gostando. — Ele voltou a me beijar.

Uma sombra passou pelos meus olhos.

— Ren, espere — sussurrei. — Acho que...

A porta do banheiro se escancarou.

— Minha nossa! — A enfermeira Flynn não parecia surpresa. — Estou interrompendo?

Ren xingou entredentes. Aquela era uma pessoa que podia, sim, cruzar seu caminho.

— Desculpe, senhora Flynn. Eu já estava de saída.

Fiquei completamente vermelha enquanto ele abotoava minha blusa. Eu sequer reparara que a blusa estava semiaberta.

— Obrigado pela conversa, Lily. Vejo você na aula.

Ele se inclinou e beijou minha testa. Então estampou um breve sorriso vitorioso para a enfermeira Flynn antes de sair do banheiro.

Fechei os olhos com força e, cuidadosa, desci da pia. De alguma forma, consegui suportar meu peso e não desabar no chão, como imaginara. Nos recônditos da minha mente, ainda sentia o abraço de Ren, mas, então, a imagem se desfazia e, em vez do alfa, Shay aparecia sorrindo. *Não posso viver assim.*

Uma risada estridente me trouxe de volta ao banheiro. A enfermeira Flynn veio na minha direção após fechar a porta.

— Pobrezinha... A espera deve ser tão dolorosa para você. Ouvi falar que Renier é um amante incrível. As garotas falam muito sobre ele: o jovem Guardião que povoa seus sonhos.

O sorriso nos seus lábios vermelhos e brilhantes era provocador e cruel.

— Mas, regras são regras. Ele é um alfa macho, logo, sua... avidez... é perdoada. A sua, no entanto, seria uma decepção.

Agarrei a pia, nauseada.

— Cuidado, querida. Ou contarei a Logan que sua união está progredindo melhor do que deveria. Seria sábio da sua parte mantê-lo satisfeito, e essas suas belas pernas devem ficar fechadas até o Samhain. — Com os dedos magros e brancos como giz, ela acariciou minha bochecha. — Desculparei seu comportamento dessa vez, mas não saia da linha.

Suas unhas tocaram meu rosto com força suficiente para me fazer suspirar, ofegante, embora não me tenha ferido. Como forma de deboche pela delicadeza de Ren, ela me beijou na testa.

A gargalhada de Lana Flynn tornou-se um ruído conforme ela se afastava pela porta. Observei-a. Quando ela se virou, achei ter visto sua corcunda tremer.

DEZOITO



SHAY FECHOU O LIVRO, NA biblioteca, e o empurrou bruscamente. O livro deslizou até a quina da mesa e caiu no chão, com um ruído surdo. Era a quinta vez que ele fazia isso desde as 16 horas, quando me sentei ao seu lado.

— Quer brigar ou está tentando descobrir quantos livros consegue estragar antes de sermos expulsos da biblioteca?

Sua única resposta foi um clique feroz no teclado do laptop.

— Por favor, Shay, pare.

Ele se apoiou na mesa.

— Sinceramente, você não liga em ser tratada dessa maneira?

— Qual maneira?

— Como uma propriedade. — As veias no seu pescoço estavam saltadas.

— Não é nada disso! — Levantei e comecei a empilhar os livros na mesa. — Você não entende a forma como interagimos. Somos alfas, estamos sempre desafiando um ao outro.

— Claro — disse ele. Coloquei a mão sobre a capa do livro mais próximo de Shay para ele não o jogar para fora da mesa. — E como você o desafia, exatamente?

— Não interessa. — Puxei o livro para longe do seu alcance. — Além disso, nada disso teria acontecido se você não houvesse provocado Ren e insistido em sentar conosco hoje. Ren apenas reagiu porque você invadiu seu território. Onde estava com a cabeça?

— Viu, você admitiu! Acabou de referir a si mesma como território dele.

— É um modo de falar, Shay — retruquei. — E não aja como se fosse a vítima. Você não é inocente e também me usou para provocá-lo, sabe disso.

Ele franziu a testa e se concentrou no computador.

— Escute... — Passei as mãos pelo cabelo. — Eu expliquei como tudo funciona. Você não pode mudar a situação.

— É aí que você se engana — rebateu Shay. — Tanto em uma quanto na outra afirmação. Não sei como tudo funciona realmente; apenas o que você diz sobre as ordens dos tais Defensores. E não tenho a menor ideia do que você sente em relação a esse casamento, porque nunca me disse.

Quase derrubei a pilha de livros sobre a mesa.

— Segundo, eu acho que as coisas podem, sim, mudar. — A determinação nos seus olhos me assustou.

— Você está errado e precisa desistir desse assunto. Os beijos, a ideia de almoçar conosco. Não faz ideia de como é perigoso! Ren está morrendo de ciúmes...

— Você *pediu* pelo primeiro beijo e, obviamente, quis ganhar o segundo. — Ele voltou para a cadeira. — Se ele está com ciúmes, acho fantástico. Deve ficar mesmo.

Agarrei um livro e me encolhi na cadeira.

— Isso pode ser perigoso. Ele é um alfa. Você está agindo como um intruso, um lobo solitário. Se ele achar que está interferindo na sua matilha, seu instinto será matá-lo.

Um sorriso se formou nos seus lábios.

— Gostaria de vê-lo tentar.

Andei até o seu lado imediatamente e me debrucei sobre ele, cravando as unhas nos seus ombros.

— Você enlouqueceu? Ren é um Guardião. Você nunca poderia enfrentá-lo.

— Se eu enlouqueci? — murmurou ele. — Às vezes, acho que sim.

Ele ergueu a mão e tocou meu rosto provocativamente. Seus dedos percorreram minha face e, então, moveram-se suavemente para meus lábios.

— Nunca senti isso por ninguém.

Eu também não. Meus lábios se abriram ao seu toque. *Não sabia que era capaz de me sentir assim.*

Quando Ren me tocava, era como se eu fosse arrebatada por um tornado de emoções, que deixavam meu corpo com uma sensação de descontrole total. O carinho suave de Shay era diferente e, de alguma maneira, viciante. O toque demorado dos seus dedos na minha boca parecia acender uma chama que queimava lentamente, cujo calor se espalhava pela minha face, pelo meu pescoço e, finalmente, consumia cada centímetro da minha pele tão intensamente que eu acreditava ser impossível apagá-la. Sabia que se continuasse ali por mais um instante, eu o deixaria me beijar novamente. Ou eu o beijaria.

Voltei apressadamente para minha cadeira, trouxe os joelhos contra o peito e torci para que ele não notasse meu nervosismo.

— Pedi para você não fazer isso. Não quero ser queimada viva. E acho que você não quer levar chicotadas em público.

Ele abriu a boca para protestar, mas, então, deu de ombros.

— Tudo bem. Se você conseguir ao menos tolerar minha presença, gostaria de sentar com vocês nos almoços. Na verdade, me diverti muito depois que você e Ren saíram da mesa. Gosto dos seus amigos — da sua matilha —, e Ansel e Bryn são ótimos. Mason, bem, nunca conheci ninguém como ele. Ele é fantástico.

Não disse nada, mas concordei com a cabeça.

— Neville não fala muito, mas, quando fala, é brilhante. O grandalhão, Dax, e as duas garotas, Sabine e Fey, são um pouco assustadores, mas são interessantes — refletiu ele.

— Dax é o beta de Ren, como Bryn é a minha — expliquei. — Dax, Sabine e Fey reagem como Ren. Você não tem medo de desafiar o alfa deles, o que os torna instantaneamente defensivos. Esse tipo de comportamento é inédito por parte de um humano. O grupo realmente acha que você é maluco. Não fique surpreso se eles fizerem apostas sobre quanto tempo demorará até Ren arrancar seu pescoço.

— Bem, também não me sinto à vontade com outros humanos — disse ele. — Se é que algum dia tenha me sentido.

Ele olhou para o nada.

— Essa é a verdadeira razão por que pedi para almoçar com vocês.

Meu peito se contraiu ao pensar em como ele era solitário, provavelmente mais agora do que nunca.

— Pode almoçar conosco. A matilha recebeu ordens de cuidar de você. Porém, tome cuidado! Se provocar Ren, como fez hoje, ele revidará.

— Sabe, você vive falando em como vocês são fortes, os Guardiões... — ponderou Shay. — Não entendo por que não revidam.

— Revidar? — franzi a testa. — Contra quem?

— Os Defensores. Não sei o que aconteceu para você querer ler este livro, mas disse que recebe ordens das quais não gosta. Por

que obedecem a essas ordens?

— É nossa obrigação. O trabalho que fazemos é sagrado. — Sentei sobre as pernas. — E somos recompensados. Os Defensores nos dão todo o conforto. Casas, carros, dinheiro, educação. Tudo o que pedimos nos é dado.

— Exceto sua liberdade — murmurou Shay e lhe lancei um olhar zangado. — O que aconteceria se vocês se recusassem a seguir ordens?

— Isso nunca aconteceu — respondi. — Como disse, nossa missão é sagrada. Por que a recusaríamos?

— Em teoria? — Ele me olhou, sério. — Parece que vocês são muito mais fortes que os Defensores.

— Fisicamente, sim. — Minha voz era hesitante e senti calafrios. — Shay, quando você disse que havia sombras seguindo você na mansão Rowan, quis dizer literalmente?

— Como uma sombra poderia me seguir literalmente? — Ele apontou para o livro de história medieval e o deslizou para perto. — Quero dizer, além da minha.

— Você viu sombras, figuras sombrias que não parecem ligadas aos objetos da casa, movendo-se ao redor, por cima de você, ao longe? — Tentei manter a voz firme.

— Não. A casa é bem sinistra mesmo. — Ele abriu o livro. — Por que está me perguntando isso?

— Não podemos lutar contra os Defensores porque eles não estariam sozinhos — respondi.

Ele me encarou.

— O quê?

— Os Defensores têm mais aliados além dos Guardiões — disse. — Somos seus soldados e protegemos os locais sagrados, mas os bruxos contam com os espectros como seus seguranças particulares.

— Espectros? — Vi o medo surgir abruptamente no espelho dos seus olhos.

Assenti.

— Guardas sombrios, que não são desse mundo. Os Defensores podem solicitá-los sempre que quiserem. Nada pode vencer um espectro e eles somente podem ser controladas pelos Defensores. Se, em teoria, um Guardião desobedecesse uma ordem… — Minha voz estremeceu. — Ou se os Defensores soubessem que estou com você e com esse livro, um espectro seria evocado para resolver a situação.

— Entendo — disse ele em voz baixa. — E você achou que pudesse haver espectros na casa do meu tio?

— Imaginei que talvez Bosque ordenasse que eles te protegessem enquanto ele estivesse ausente, mas isso seria arriscado. Sem um Defensor por perto, os espectros se tornam imprevisíveis. Seria perigoso para você e fiquei preocupada. — Estalei os dedos nervosamente.

— Tudo bem. — Ele balançou os ombros e afugentou os maus pensamentos. — Se você está arriscando sua vida, é melhor termos certeza de que vale a pena. Vamos voltar ao trabalho.

Ofereci-lhe um sorriso agradecido.

— Combinado.

— Acho que encontrei algo interessante. — Ele puxou o livro dos Defensores para si e o folheou até as primeiras páginas.

Inclinei-me para a frente e, então, me enrijeci na cadeira. Meus olhos brilharam em direção às prateleiras que me rodeavam.

— Algo errado? — Shay perguntou.

Esperei e apurei os ouvidos. Nada.

— Achei ter ouvido alguém atrás das estantes. — Balancei a cabeça. — Esquece... O que você descobriu?

— De acordo com a história que você aprendeu, quando começou a guerra dos bruxos?

Franzi a testa.

— Antes dos homens começarem a escrever sua história. Como disse, os Defensores são ao mesmo tempo terrestres e divinos, bem mais velhos que o mundo que você conhece.

— Não é o que diz o livro. — Ele passou os dedos pelo parágrafo em questão.

— O quê? — Fiquei tensa.

— O texto diz que a primeira batalha da guerra dos bruxos começou em meados da Idade Média, por volta de 1400.

— Não pode estar certo — retruquei.

— Quer que eu leia?

Assenti.

Ele passou o dedo pela página com anotações.

— "*Anno Domini* 1400: Com a ascensão do Harbinger e o rápido aumento do nosso poder, iniciou-se a grande cisão e as atribulações da nossa gente." — Ele parou.. — Algo familiar?

— Nada.

— Que pena — disse ele, deixando a capa se fechar. — Tinha esperanças de que a "ascensão de Harbinger" pudesse soar familiar. Parece intrigante.

— Não tenho a menor ideia do que seja Harbinger — falei. — Ou o "rápido aumento do poder".

— Parece querer dizer que os Defensores adquiriram seus poderes mágicos em 1400.

— Não faz sentido. — Devolvi as anotações a ele. — Os Defensores não adquiriram poderes, eles sempre os tiveram.

— A não ser que... — Ele arrastou a cadeira um centímetro para trás.

Olhei-o, alarmada.

— "A não ser que" o quê?

— A não ser que a história que te contaram não seja verdadeira.

— Por que eles inventariam a história da própria origem?

Ele parecia aliviado por eu não o atacar.

— Não sei, diga-me você.

— Não tenho ideia — falei. — A história que contei é a única que conheço... Eu e todos os Guardiões.

— Parece que não há muito o que se tirar daqui, então. — Ele suspirou.

Captei o cheiro um segundo antes de algo passar pela minha lateral.

— Calla! — Shay gritou. Ouvi o zunido de um dardo de balestra e pulei da cadeira. O dardo aterrissou em um livro de uma prateleira na mesma altura do meu peito. Joguei-me no chão e rolei a tempo de ver o Inquisidor mirando a arma em mim mais uma vez.

— Não! — gritou Shay, pulando em cima da mesa e saltando contra o estranho. O Inquisidor grunhiu quando Shay se chocou contra ele. Seus corpos caíram no chão e rolaram, atracados.

— Shay, não! Saia daqui! — Transformei-me em lobo, com os músculos tensos.

— Bem aqui, loba. — Virei-me e vi outro Inquisidor surgir atrás de uma das estantes, com uma espada em cada uma das mãos. As lâminas brilharam quando ele as rodopiou.

Olhei para Shay, ainda se engalfinhando com o estranho e, novamente, para meu adversário. Ambos os Inquisidores eram jovens, pouco mais de 25 anos, e pareciam estar sozinhos. Ainda assim, tinham uma aparência ameaçadora: rostos rígidos, traços brutos e barbas por fazer, ninhos emaranhados de cabelos e um furor febril nos olhos. Recuei contra a estante, rosnando.

Shay lutava com o outro inimigo no chão, cada um tentando imobilizar o outro. O Inquisidor murmurou algo ininteligível e trincou os dentes enquanto tentava dominar Shay, mas não conseguiu alcançar sua arma.

— Acalme-se, garoto! — disse o homem ofegante. — Não vou machucar você. Posso explicar. Connor, me ajude!

Shay respondeu com um golpe no queixo do Inquisidor, e outro no rosto.

— Estou falando sério, garoto. — O estranho cuspiu sangue e continuou a falar. Sua voz era grossa e subitamente nasal, o que me fez suspeitar de que Shay quebrara seu nariz. — Queremos ajudar você.

— Pare com isso, Ethan! Não temos tempo para conversa. Revide. Um golpe na cabeça não o matará. — Connor desviou os olhos de mim por alguns segundos e eu avancei, deslizando pelo piso de madeira e passando sob as lâminas afiadas em movimento.

Connor esbravejou e se virou, para me perseguir, mas corri ao redor da mesa, em direção a Shay. Ethan ergueu os braços e minhas presas se cravaram no seu bíceps, em vez de na sua garganta. Ele soltou um grito agudo e tentou livrar o braço da mordida, mas afundei os dentes ainda mais e puxei a cabeça para trás. Shay se levantou e correu para o outro lado da estante.

— Largue ele, cadela! — gritou Connor.

Saltei para longe de Ethan quando Connor se aproximou, correndo. A freada brusca o fez cair sobre o companheiro. Ethan gritou, mas o som pareceu um ruído saído dos seus pulmões.

— Corre, Calla! — gritou Shay.

Afastei-me e uma avalanche de livros tombou contra os dois Inquisidores. Uma rajada de ar roçou meus pelos quando as prateleiras se espatifaram no chão, a centímetros do meu corpo.

Vi Shay em frente à estante ao lado. Transformei-me, corri até ele e balancei a cabeça, incrédula, quando vi um sorriso no seu rosto.

— Está machucado? — Olhei-o de cima a baixo.

— O quê? Nenhum beijinho? — Ele apontou para a pilha de livros, madeira e os Inquisidores imóveis. — Sou um herói.

— Você é impossível.

— Quero apenas provar que sou tão bom quanto seu noivo — disse ele. — Precisamos pegar o livro e sair daqui.

Shay deu dois passos sobre a confusão de livros e madeira, enfiou o livro na mochila, pegou a alça da minha bolsa e correu até mim.

Olhei a montanha de livros e avistei partes de um corpo. Os dedos de um dos Inquisidores tremiam.

— Eu deveria matá-los — murmurei.

— Não acho uma boa ideia — disse Shay, apontando com o polegar na direção da ala principal da biblioteca. — Nosso público está chegando.

— Ouvi um barulho horrível vindo daqui. — Um espantado cliente avançou correndo com a bibliotecária a reboque.

— Ai, meu Deus! — O cliente deixou cair os óculos de leitura. — Alguém ficou preso debaixo das estantes?

— Ligue para os bombeiros! Vocês viram o que aconteceu? — A bibliotecária colocou as mãos no peito e tive medo de que ela tivesse um ataque cardíaco. — Sabem quem é?

O cliente pegou o celular, boquiaberto, olhando para a pilha de livros. A bibliotecária arrancou o celular da sua mão, digitou alguns números e balbuciou qualquer coisa. Nenhum ataque do coração, apenas drama.

— Não, senhora — disse Shay em um tom de voz nervoso e olhos inocentes e alarmados. — Queríamos apenas um lugar tranquilo para estudar. Não deu muito certo.

Não consegui conter um sorriso quando segurei a mão de Shay e saímos rapidamente da biblioteca.

DEZENOVE



LUA DE SANGUE. SAMHAIN. LUA de sangue. Samhain. Encaminhei-me para a sala de aula, sem conseguir pensar em outra coisa. Faltava tão pouco para essas datas e estava mais insegura do que nunca em relação a ambas.

Quando entrei no laboratório, Ren me recebeu com um largo sorriso.

— Lily.

Não resisti ao seu olhar desafiador. Mirei um soco em seu queixo e ele se esquivou rapidamente.

Sentamos em frente à bancada e fitei-o.

— Ren, o que você sabe sobre o Samhain?

Ele tinha uma expressão exageradamente pensativa e se aproximou de mim.

— Vamos ver, é o meu aniversário e o seu. Mas, é claro, isso você sabe.

Corei quando ele, atrás de mim, envolveu minha cintura com os braços.

Seus lábios roçaram minha orelha.

— Acho que a resposta que não me complicará com você é “o dia mais feliz da minha vida” ou uma frase parecida. Definitivamente, o fim dos meus dias de liberdade e o início daqueles com uma corrente e uma bola de ferro presas aos pés. Hum, acabei de me dar conta de que precisarei comprar dois presentes para você. Que tortura!

— Ah, me poupe. — Empurrei-o com uma cotovelada.

Seu sorriso permaneceu irônico quando ele seguiu para a lateral da bancada e passou a medir as folhas de chá. Abri meu caderno.

— Então, vamos extrair cafeína do chá?

— É o que parece. — Ele pegou um conjunto de escalas. Passei para ele um béquer e mexi diversas vezes nas pregas da saia. A forma como as dobras insistiam em bater nos meus joelhos me tirava a concentração. Era uma das novas peças de roupa que Naomi acrescentara ao meu guarda-roupa. Rapidamente concluí que detestava a saia.

— Estou falando sério... Samhain. Você sabe sobre os rituais?

— Nada além do costumeiro — disse ele. — O mundo espiritual, barreira que separa os mundos mais fina, blá-blá-blá. — Ignorei seu piscar de olhos. — Meu pai me falou que é uma noite perigosa, quando os espíritos se tornam imprevisíveis com tanto poder.

Estremeci, imaginando quais tipos de espíritos estariam presentes na união.

Ele pegou o carbonato de cálcio.

— Foi o dia em que minha mãe morreu — disse ele em voz baixa.

Congelei no caminho para acender o bico de Bunsen. Ren continuou concentrado na experiência. Exceto pelo maxilar tensionado, não demonstrou qualquer sinal de estresse.

— Sua mãe foi morta no Samhain? — sussurrei a pergunta, pasma. Nunca imaginara que nossa união fora marcada na data do

assassinato de Corinne Laroche.

Ele permaneceu com os olhos nas escalas.

— Foi em uma emboscada dos Inquisidores… Você conhece a história. Um ataque tão vitorioso não acontece desde então.

Eu conhecia a história, todos os jovens lobos conheciam. Era uma espécie de lenda. Os Inquisidores haviam atacado o condomínio dos Banes, no lado oeste da montanha. A emboscada ocorrera antes do amanhecer, quando Corinne estava em casa com seu filho, ainda bebê. Vários Guardiões Banes, incluindo a mãe de Ren, foram assassinados antes que os Defensores percebessem. O contra-ataque, no entanto, foi brutal. Os Defensores desencadearam uma série de operações para encontrar e destruir os insurgentes que descobriram em vários acampamentos próximos a Boulder. A cilada dos Inquisidores aos Banes fora o maior ataque na região.

Fiquei arrepiada. Ren me fitou e sorriu ao me ver trêmula.

— Tudo bem, Calla. Quase não me lembro dela. E meu trabalho é matar as pessoas que a tiraram de mim, o que não é um mau negócio. É, de certa forma, fazer justiça.

Mordi o lábio, torcendo para que ele prosseguisse.

— Por que estragar a grande surpresa? — Seu tom amigável e tranquilo me surpreendeu. — Achei que você fosse uma fã das leis dos Defensores.

— Seria bom saber algo sobre o que esperam que façamos — murmurei.

Ele apontou para o bico de Bunsen.

— Você não vai acender isso? Precisamos esquentá-lo por vinte minutos. — Ele consultou o caderno de anotações. — E mexer ao mesmo tempo.

— É, desculpe. — Peguei o acendedor e me apressei.

— Quer mexer? — Ele ajeitou o bico de Bunsen e colocou o béquer sobre a tela de amianto.

— Pode ser — respondi. Ele me passou a vareta de vidro.

Mexer acabou sendo uma tarefa bem chata. Suspirei, debruçando-me sobre a bancada do laboratório. Ren ergueu o braço e tocou as muitas pregas da minha saia com as pontas dos dedos.

— Essa saia me lembra um acordeão. — Ele riu. — Não que não esteja uma graça em você.

— Obrigada — respondi secamente. — Acho que se chamam "pregas de acordeão". Foi o que minha mãe disse.

— Estive pensando que talvez seja a hora de começarmos a namorar oficialmente.

— Como assim?

— Quer jantar comigo?

— Como namorados? — Apesar do coração acelerado, continuei mexendo tranquilamente o líquido. — Quando?

— Jante comigo e, depois, levarei você à festa Lua de Sangue, algumas horas antes da união.

Seus dedos tocaram as pregas da saia e subiram até a bainha do meu suéter. Sua mão deslizou sob a caxemira azul nas minhas costas e acariciou minha pele.

Suspirei, peguei seu pulso com as unhas e empurrei sua mão para longe daquela exploração erótica.

— Estamos na sala de aula — bufei entredentes.

Olhei ao redor e notei vários olhares na nossa direção, que foram desviados rapidamente. Ashley Rice continuou me encarando. Não me atrevi a olhar na direção de Shay.

Sorridente, Ren tentou desvencilhar seu braço.

— Você deveria estar mexendo.

— Comporte-se. — Soltei o pulso de Ren e lhe lancei um olhar zangado, mas, antes, dei-lhe um beliscão de advertência.

— Será difícil — respondeu ele, mas se contentou com um aperto de mão. Um calor se irradiou dos dedos até minha cabeça. — Então, gostaria de jantar comigo e depois ir à festa? Acho que

seria legal termos um tempo para nós. — Seu polegar acariciou minha mão e meus joelhos ficaram bambos.

— Para nós dois?

— Sim. Eu tive que me contentar com Dax como dupla de caçada depois que você me dispensou. Embora não possa dizer que a caçada tenha sido ruim, porque Dax abateu sozinho um veado.

Ergui uma das sobrancelhas:

— Impressionante!

— Realmente. Ainda assim, Dax não era a dupla que eu tinha em mente. Você anda tão ocupada cuidando do garoto do Logan que não sobra tempo para ficarmos a sós.

— Não começa.

— Acho que merecemos uma saída romântica, não concorda?

— Acho que sim. — Ouvi a hesitação na minha voz e já estava prevendo a reação de Shay ao ver a cena.

— Você não gostaria? — O tom sagaz na sua voz foi se dissipando.

Busquei uma resposta e gaguejei:

— Não, quero dizer… Sim, gostaria de jantar com você. Estou surpresa. Pensei que a matilha iria à cerimônia em grupo.

Ele se inclinou para perto e murmurou:

— Acho que em pares é melhor, não acha?

Ele mordiscou o lóbulo da minha orelha. Senti meus músculos se liquidificando. A vareta de vidro caiu e agarrei a beirada da mesa para não cair.

Ren ficou alarmado e ajeitou o corpo:

— Você está bem?

Apenas confirmei com um movimento de cabeça, pois sequer confiava na minha voz. Ele sorriu e voltou para o caderno de anotações.

— Tudo bem, qual é o próximo passo? Precisamos de um filtro. Onde está nosso filtro?

Ele o procurou sobre a mesa enquanto eu tentava lembrar como respirar.

Mantive uma distância segura durante o restante da aula. Ele estava perigosamente assanhado e minhas reações, tão erráticas que tive medo de derramar algum líquido inflamável e incendiar a bancada.

Enquanto eu saía da sala para buscar meu almoço, Shay surgiu e passou a caminhar ao meu lado.

Olhei-o lateralmente:

— Você me acompanhará até o refeitório?

Ele chutou uma lata de Coca-Cola vazia, que quicou pelo corredor.

— Ren estava muito amigável hoje, não estava?

Que ótimo!

— Não precisa nos espionar durante a aula.

— Não é preciso espionar. — Ele fez um ruído de insatisfação. — Ren não tirou as mãos de você.

Corei.

— A senhora Foris não disse nada, então acho que está exagerando.

— A senhora Foris nunca diria algo. Ela morre de medo de vocês.

Dei de ombros. Ele estava absolutamente certo.

Um silêncio constrangedor pairou enquanto caminhávamos até os escaninhos. Fiquei aliviada quando Shay finalmente falou.

— Quer ir a uma cafeteria ou algo parecido hoje à noite? Acho que não podemos voltar à biblioteca.

— Com certeza — falei. — Mas hoje eu não posso.

— Por quê?

— Minha mãe está organizando um negócio — murmurei. — Algo sobre a união.

— Ah... — Ele se apoiou no escaninho ao lado do meu, enquanto eu procurava meu almoço. — Que tipo de negócio?

Eu quis me enfiar no escaninho e me esconder.

— Coisa de mulher.

— Parece fascinante.

Parei de agir como uma criança amedrontada e peguei meu almoço.

— Tudo bem. Vamos comer.

Shay continuou caminhando ao meu lado, cantarolando “Lá vem a noiva” até eu socá-lo.

VINTE



— AI! — AFASTEI-ME bruscamente dos dedos cheios de alfinetes de Sabine. Era a terceira vez que ela me espetava e eu estava convencida de que era proposital.

— Desculpa — disse Sabine, sem qualquer vestígio de sinceridade na voz.

— Calla, precisa ficar quieta — disse minha mãe. — Sabine, tenha mais cuidado.

— Sim, Naomi — respondeu ela, com uma reverência, mas flagrei seu sorriso debochado. Se não estivesse atolada com tanto tecido, teria lhe chutado.

Bryn levantou-se na minha frente, observando o vestido.

— Acho que precisa prender mais aqui. — Ela apontou para meu ombro esquerdo.

Mamãe se levantou.

— Bons olhos, Bryn. Sabine, precisaremos de mais alfinetes.

Peguei-a pelo ombro.

— Se me espetar mais uma vez, farei da sua cabeça uma almofada de alfinetes.

— Calla, isso não é maneira de uma dama falar com sua vassala — repreendeu minha mãe. — Cosette, como está a bainha?

— Quase terminada — disse Cosette, de algum lugar abaixo de mim. Eu não podia vê-la sob tantas camadas de tafetá.

— Droga, Sabine! — Passei a mão no mais novo machucado no meu ombro. — Se sujar o vestido de sangue, se arrependerá.

— Não estou furando a pele. — Sabine não disfarçou o sorriso.

— Provavelmente você acabará sujando-o de sangue de qualquer forma — disse Fey, de um canto onde se entocara. Mantinha-se o mais longe possível da atividade, como se temesse ser contaminada pelo vírus da feminilidade se tocasse o vestido.

Minha mãe mostrou as presas para ela.

— Fey!

Cambaleei do alto do pedestal que minha mãe trouxera para o quarto. Bryn precisou segurar minha cintura para evitar que eu caísse.

— Ai! — reclamei, irritada, quando mais alfinetes espetaram minha pele.

— Desculpe — disse Fey, sem paciência.

— Sobre o que ela está falando? — Olhei para minha mãe, que balançava a cabeça.

— Como sabe sobre a cerimônia? — Mamãe voltou a encarar Fey.

— Desculpe, Naomi. — Fey encarou a paisagem através da janela. — Dax escutou Emile conversando com Efron.

— Dax deveria aprender a ser mais discreto — disse minha mãe.

Bryn se manteve parada, notando que eu continuava agitada.

— Mãe, por favor... — murmurei. — Não pode me contar algo?

Minha mãe passou a língua pelos lábios, fitando as garotas ansiosas.

— Posso contar um pouquinho — disse ela em voz baixa. — E posso garantir que não haverá sangue nessa união.

Voltei a respirar.

— Ah, que bom!

— Porque você estará na forma de lobo quando matar — concluiu ela.

— Matar? — Avistei meu reflexo no amplo espelho. Parecia uma das esposas de Henrique VIII após saber que seria substituída por outra mulher.

— Ah, Cal! — Fey pegou um ursinho de pelúcia esfarrapado no meu armário e tive medo de que ela arrancasse sua cabeça. — A caçada deve ser a única parte divertida da noite.

— Até Ren levá-la para a cama — provocou Sabine.

A risada de Fey soou como um rugido. Até mesmo a risadinha abafada de Cosette foi ouvida sob as camadas de tecido.

— Cale a boca, Sabine. — Bryn deu um cutucão nela e, em seguida, sorriu.

— Sinceramente, meninas... — Minha mãe levou as mãos à cintura. — Vocês estão se comportando como selvagens.

Ela ergueu os braços e pegou-me pelo rosto com as palmas das mãos.

— Calla, a cerimônia é linda. Esperaremos por você no arvoredo sagrado, com exceção de Bryn, que a guiará ao local do ritual. Então ela a deixará sozinha. Os tambores evocarão os espíritos da floresta e a música de guerra será executada antes de você ser chamada para se juntar a nós.

— Quem me chamará?

— Você saberá — murmurou ela, sorrindo. — Não quero estragar a surpresa. O mistério do ritual o torna especial.

Especial? Fitei seus olhos nebulosos, sentindo-me nada especial, apenas ansiosa.

— E essa história de matar? — *Era sobre isso que meus pais estavam preocupados.*

Ela soltou meu rosto e fechou as mãos à sua frente.

— É uma prova, uma demonstração pública de que você e Ren são capazes de liderar uma manada.

— Caçaremos juntos? — Não consegui imaginar como isso aconteceria. — E os Defensores ficarão olhando?

— A caça será apresentada ao fim da cerimônia — disse ela, amaciando a frente do vestido. Fiz uma careta quando outro alfinete me espetou.

— Quem será a presa? — Bryn segurou minha mão. Ela também tinha os dedos trêmulos.

— Saberão no momento — respondeu minha mãe. — A surpresa faz parte do desafio.

— Como foi sua união com Stephen? — perguntou Sabine.

Fiquei surpresa ao vê-la com os dedos entrelaçados rigidamente, como se a notícia da caçada a assustasse tanto quanto a mim.

Mamãe caminhou até a penteadeira e pegou uma escova. Silenciosa, andou até mim e passou a escovar meus cabelos.

Quando eu estava certa de que ela não contaria, mamãe disse: — Foi um Inquisidor que havíamos capturado.

— Ah... — falei. O rosto do Inquisidor com quem eu lutara perto da Éden apareceu diante dos meus olhos. Lembrei-me dos seus berros no escritório de Efron. *Ele ainda está vivo? E os Defensores o arrastarão de alguma prisão secreta e o jogarão aos nossos pés na cerimônia?*

O som do telefone chegou de algum lugar na minha cama. Fey revolveu o amontoado de tecidos até encontrar o celular.

— Atendo?

— Quem é? — perguntei.

Ela olhou o visor.

— Shay.

Parei de escovar o cabelo.

— Quem é Shay? — perguntou minha mãe.

— O humano que Logan mandou que protegêssemos. — Fey jogou o aparelho para mim.

— Mãe! — gritei e mal consegui pegar o celular após o puxão no meu cabelo com a escova.

Ouvi a escova cair e, um segundo depois, minha mãe estava à minha frente. Seu rosto parecia mais branco que os tecidos amarrotados na cama.

— O humano dos Defensores está ligando para você? Por quê?

— Você sabe sobre Shay? — O celular ainda vibrava na minha mão.

— Eu… — Ela se abaixou para pegar a escova. — Ouvi Lumine comentar algo sobre ele. Não sabia o nome do rapaz.

— O que Lumine falou sobre ele? — Observei-a enquanto ela se ocupava, arrumando minha mesinha de cabeceira.

— Nada importante. — Ela não me olhou. — Eu não sabia que vocês eram amigos.

— Amigos até demais — murmurou Sabine.

— O que isso quer dizer? — Mamãe olhou para ela e, em seguida, para mim. — Está se envolvendo com um rapaz além de Ren? Isso é uma vergonha!

Tentei chutar Sabine e quase caí, não fosse por Bryn me segurar.

— Claro que não, Naomi — disse Bryn. — Logan pediu a Calla para cuidar de Shay. Garantir sua segurança.

O rosto da minha mãe ficou ainda mais pálido.

— Por que ele faria… — Ela, então, calou-se e passou a afofar os travesseiros. Olhei para meu celular, sem saber o que fazer.

— Naomi, você não disse que lancharíamos e abriríamos os presentes em breve? —perguntou Bryn. — Talvez possamos dar um intervalo.

— Sim, sim! — Mamãe parecia aliviada e se dirigiu rapidamente para a porta. — Preparei chá e doces para vocês. Lancharemos na

sala de estar.

— Obrigada, Bryn — sussurrei enquanto as outras garotas seguiam minha mãe.

Antes de correr para alcançar Fey, Bryn apertou meu braço e tinha a testa enrugada.

— O que ela quis dizer com “doces”?

Abri o celular.

— Oi.

— Calla. — Shay parecia surpreso. — Achei que não atenderia.

— É... — Ouvi a voz da minha mãe orientando sobre os lugares corretos das louças e da prataria. — Não posso falar muito.

— Serei rápido — disse ele. — Acho que descobri por que não conseguimos encontrar nada útil na biblioteca.

— Por quê?

— Algo sobre os símbolos de alquimia me deixou encucado. Na figura com a cruz, sabe?

— Sei.

— Fiz uma pesquisa e descobri que essas não são as únicas referências à alquimia no livro. — Ouvi o folhear de páginas. — Há um triângulo no mapa que utilizei para subir a montanha. E está localizado exatamente sobre o símbolo da caverna.

— Um triângulo na caverna Haldis?

— Sim, um triângulo invertido, cortado por uma única linha.

— O símbolo Terra — falei, lembrando-me dos símbolos da alquimia. — A caverna deve ter alguma ligação com o poder elementar da terra.

— Você não sabe o que existe na caverna? — perguntou Shay.

— Na caverna? — repeti. — Sempre achei que o importante fosse o local. Os Defensores sempre se referem a ela como um lugar sagrado. Acha que existe algo dentro?

— Acho que devíamos descobrir.

— Está falando sério?

— Não podemos voltar à biblioteca depois do ataque dos Inquisidores — disse ele. — Você já foi bem clara, mas precisamos tentar.

— Não sei, não. — Minha boca secou. — A caverna fica a uma altitude muito elevada. E deve haver muita neve no local.

— Sou um bom alpinista. Sei que consigo, Cal.

— Precisará ser no domingo, quando Bryn e eu faremos a patrulha. Livrar-me da Bryn não será um problema. Ela não perderia uma chance de ficar sozinha com Ansel, mas nós não conseguiríamos subir a montanha e descê-la antes da patrulha seguinte chegar. Bem, eu conseguiria...

— Nem pense em ir sem mim!

Minha mãe apareceu na porta, acenando com um guardanapo de crochê para mim.

— Calla, hora dos presentes e dos jogos! Precisa de ajuda para tirar o vestido? Cuidado para não perder nenhum alfinete.

— Jogos? — Senti-me um pouco enjoada.

— Jogos? — A risada de Shay estalou no meu ouvido. — Está tendo uma despedida de solteira? Entendo por que não quis me contar o que faria hoje. Coitada de você...

Cobri o fone com a mão.

— Já vou, mãe.

— É grosseiro deixar os convidados esperando — disse ela, irritada, antes de desaparecer pela escada.

— Calla? — disse Shay. — Está aí?

Olhei para meu reflexo no espelho, imaginando como seria divertido retalhar o vestido em vários pedaços e transformá-lo na mais cara porção de confetes.

— Estou aqui. Desculpe.

— Então, quando iremos?

O tom ansioso de Shay me fez querer rir e chorar ao mesmo tempo. Faltava pouco mais de uma semana para o Samhain. Depois

da união, eu não poderia sair com Shay. Pensei se sequer poderia revê-lo.

— No domingo.

— Daqui a três dias? — perguntou ele. — Eu estava tão entusiasmado com meu plano brilhante. Agora estou nervoso!

— E com razão! Vejo você amanhã.

— Não me contará como é seu vestido?

Desliguei o telefone.

— Estou indo, mãe! — gritei, descendo do pedestal.

Eu dera dois passos além do quarto quando tropecei em uma das bainhas do vestido e caí no chão. Tentei me reerguer, mas não consegui me encontrar entre as camadas cor-de-rosa, dourado e marfim que me encasulavam. A cada movimento, alfinetes me espetavam como se fossem um enxame de abelhas furiosas.

Eu ainda gritava quando Bryn finalmente me libertou da prisão de seda.

VINTE E UM



— O QUE VOCÊ FARÁ HOJE À NOITE? — perguntou Shay quando saíamos da aula das Grandes Ideias.

— Um esboço desse trabalho. — Bati levemente no meu caderno de exercícios. — Estou começando a ficar para trás, por causa... Por causa de tudo.

— Posso fazer com você? — perguntou ele, com sua página cheia de anotações.

— Não acho que seja uma boa ideia você ir à minha casa.

— Por que não? — Ele segurou meus livros enquanto eu abria o escaninho.

— Minha mãe não gostaria.

— Mas sou um cara tão legal.

— Isso não… Ai!

Ansel me acertara com uma bola de futebol.

— Gol!

Peguei a garrafa de água no escaninho e espirrei água na sua cara.

— Bom contra-ataque. — Ele sorria e enxugava o rosto. — Mas não deveria descontar no mensageiro.

— Você ainda está respirando — falei. — Qual é a mensagem?

— Nev tocará no Burnout hoje à noite e nos convidou.

— O que é Burnout? — perguntou Shay.

— É um bar, no lado oeste da cidade. — Vesti a jaqueta. — Mais um boteco do que bar, na verdade.

— Qual é, Cal? Você adora aquele lugar — disse Ansel, fazendo embaixadinhas com a bola. — Nem tente fingir que esses buracos não são sua praia. Além disso, não fazemos algo com as duas mati... É, com todos juntos desde a noite na Éden. Precisamos gastar um pouco de energia.

— Que horas? — perguntei.

— Dez horas.

— Não sei... — Olhei para Shay. Ansel seguiu meu olhar.

— Você deveria vir, Shay. Sair conosco hoje à noite — disse ele. — Também nos divertimos quando não estamos almoçando.

— Como conseguem entrar? — perguntou Shay. — Vocês têm carteiras de identidade falsas?

— Nev conhece o dono — explicou Ansel. — Não precisamos mostrar a carteira.

— Acho ótimo. — Shay sorriu maliciosamente para mim.

— É… Sim. — Engoli um gemido. — Ótimo.

Ansel ficou radiante.

— Mason nos buscará às nove. O lugar fica logo após a Avenida 24, Shay, em uma estradinha de cascalho à direita. Basta seguir em frente e você achará o bar.

— Estarei lá — disse Shay.

Vasculhei o bolso do casaco em busca das chaves.

— Pode dirigir na volta para casa, An. Encontro você no carro em um segundo.

— Jura? Maneiro! — Ele correu para o estacionamento antes que eu pudesse mudar de ideia. Quando estava bem longe, encarei Shay.

— Está maluco?

— Por querer ouvir Nev tocar? — Shay sorriu placidamente. — Acho que não. Parece que ele é bom. Mesmo que a opinião de Mason seja parcial.

— Sabe o que quero dizer. — Não retribuí o sorriso. — Ren estará lá.

— É bem provável.

Eu não conseguia parar de visualizar os dois naquele bar escuro e apertado. A noite prometia uma tragédia em letras garrafais e luminosas.

— Ele vai querer... — Mordi o lábio.

— Agir como seu namorado? — As sobrancelhas de Shay se curvaram. — Em público?

Olhei para o chão e concordei com a cabeça.

— Eu entendo.

— Obrigado, Shay — falei, aliviada por ele não começar uma discussão. — Eu realmente queria que você fosse.

— É mesmo? — Ele segurou a parte superior da porta do escaninho, mexendo-a para a frente e para trás. — E por quê?

Franzi a testa.

— Não pode se contentar com o elogio?

— Acho que não. — Ele sorriu com malícia. — Não.

— Por que você é tão difícil?

Seu sorriso provocou uma pontada no meu peito e lembrei como seu jeito me fazia rir. Seria uma noite estressante sem sua companhia para aplacar minha ansiedade.

— Responda.

— Não sei se importa, mas sentirei sua falta. — Aproximei-me. — Parece uma eternidade até domingo.

Mordi o lábio assim que as palavras escapuliram.

Por que disse isso? Nunca deveria ter dito uma coisa dessas!

— É bom ouvir isso. — O sorriso de Shay era um perigo. — Mas estarei no bar hoje à noite.

— O quê? — Meu coração parou por um instante. — Eu acabei de dizer que...

— Eu sei, Calla. — Ele apertou minha mão. — Até mais tarde.

Encarei-o. Ele apenas riu e foi embora.

*

Mason virou sua Land Rover na rua de pedras. O veículo imponente destoava das motocicletas e carros de passeio ao redor, que pertenciam aos fregueses.

Bryn soltou o cinto de segurança.

— Não sei o que estamos fazendo aqui. Gostaria muito mais de estar na Éden.

— Nev não toca na Éden — disse Mason. — Além disso, é bom conhecer lugares novos.

— Confie em mim, aqui é bem melhor que a Éden. — Senti um nó na garganta ao pensar em voltar à boate de Efron. Mason e eu trocamos olhares. Nada dissemos, mas sabíamos no que estávamos pensando. Logan nunca apareceria no Burnout.

Ansel deslizou os braços ao redor da cintura de Bryn e a tirou do carro.

— Vamos nos divertir e você sabe disso.

Ela reclamou até ele beijá-la e, então, sorriu, radiante.

O bar Burnout fora construído sobre o que restara de uma cafeteria de beira de estrada após um incêndio, dez anos atrás. Em vez de demolir o edifício em ruínas, o dono simplesmente construíra o bar ao redor e sobre o antigo lugar. Pedaços de madeira chamuscados espalhavam-se pelo pequeno espaço como se

fossem obras de arte deslocadas. As ripas de madeira maciça que compunham o piso tinham um declive tão acentuado que em alguns pontos era fácil tropeçar.

A única luminosidade vinha de placas em neon de marcas de cerveja, presas nas paredes. A fumaça pairava no ar como um véu e penetrava nas minhas narinas, mascarando outros cheiros. Uma coleção de fregueses grisalhos ocupava os bancos de variados tipos e tamanhos. Ao longo do bar, motoqueiros vestindo couro dos pés à cabeça se debruçavam sobre as mesas ao fundo. Uma plataforma baixa de frente para o balcão servia como palco.

Neville estava sentado na beirada do palco, com a guitarra apoiada sobre o colo. Shay estava bem perto dele, próximo da plataforma. Nev nos avistou e fez um breve aceno com a cabeça. Ansel e Mason se dirigiram imediatamente para o palco.

Bryn me deu a mão.

— A conversa sobre música sempre é séria demais entre eles. Vamos pegar uma mesa?

Segui o olhar de Bryn para o outro lado do bar, onde estavam sentados Ren, Dax, Fey, Sabine e Cosette.

— Claro.

Quando nos aproximamos da mesa, Ren se levantou e esticou uma das mãos para mim.

— Estou feliz por ter vindo.

Minha pulsação vacilou, mas continuei andando na sua direção e deixei que ele me abraçasse e me guiasse para a cadeira ao seu lado.

— Obrigada — murmurei junto à gola da sua jaqueta de couro quando nos sentamos. Bryn se deixou cair sobre a cadeira ao meu lado.

— Oi, pessoal. — Sorri para os demais lobos. — É bom ver vocês.

— Oi, Calla — Dax disse.

Sabine sorriu ligeiramente. Cosette falou baixo demais para que eu a escutasse.

— Fey. — Olhei para minha companheira de matilha ao me sentar. — Mason disse que Dax te deu uma carona.

— Sim. — Ela puxou a cadeira para mais perto de Dax.

Abri a boca, mas pensei antes de falar e preferi ficar calada. *É melhor esperar para saber no que isso dará.*

Ren olhou na direção do palco. Ele observava Shay.

— Seu fã-clube chegou. Está esperando por você.

Mordi a bochecha. *Será um milagre se eu sobreviver a essa noite.*

— Ansel o convidou.

— Faço questão de agradecê-lo pessoalmente — Ren disse com um sorriso rancoroso.

— Acho que foi uma boa ideia — disse Bryn, em tom defensivo. — Logan quer que tomemos conta do garoto. Calla não deveria ficar com toda essa carga. A responsabilidade é de todos.

— Claro. — A irritação na voz de Ren se aplacou. — Precisamos ajudá-la a cuidar dele.

— Veremos se ele consegue se cuidar fora da escola. — Dax sorriu.

Fey sussurrou algo no ouvido dele, que riu exageradamente.

— Vocês gostariam de compartilhar a piada? — Inclinei-me e segurei Fey pelo pulso, com força.

Ela tentou torcer o braço, para se desvencilhar.

— Não.

Bryn bufou e Fey parou de resistir.

— Desculpe, Cal. Não quis ser ofensiva — disse ela imediatamente. — É apenas uma piada entre nós.

— Sei. — Encarei-a séria até ela desviar os olhos. Soltei seu pulso e Ren apertou meu ombro.

— Calma — disse ele. — É nossa noite de folga. Dax, busque outra rodada para o grupo.

Dax assentiu e deu um tapinha na coxa de Fey antes de se dirigir ao bar.

Ansel, Mason e Shay se sentaram nas cadeiras vazias.

— E aí, pessoal? — Ren sorriu, animado. — Que bom que se juntou a nós, Shay. — Fingi não reparar na expressão severa de Ren, como um lobo em ronda.

— Aquele não é o garçom da Éden? — Bryn olhava para o palco.

Dois homens desceram do palco com Neville. Reconheci o Bane, que tinha um baixo pendurado no ombro.

— Aquele é Caleb — disse Mason. — Ele trabalha na Éden e é muito amigo de Nev.

— Quem é o cara na bateria? — perguntou Ansel.

— Tom — respondeu Mason. — Ele é o dono do bar e gosta de tocar com os músicos locais.

Neville pegou o microfone. Mesmo amplificada, era difícil escutar sua voz baixa no bar barulhento.

— Sabine, precisamos da sua ajuda. Por que não sobe aqui com sua cadeira?

Meus companheiros se olharam, surpresos, mas os Banes apenas sorriram. Ren arrastou minha cadeira para mais perto e me abraçou pela cintura. Cruzei olhares com Shay antes de desviá-los para os músicos, sentindo-me como a corda em um cabo de guerra.

Sabine caminhou até o palco, levando a cadeira. Nev entregou a ela um instrumento musical e colocou um microfone à sua frente.

— O que está acontecendo? — perguntou Bryn.

— Sabine canta com Nev. Às vezes, eles fazem duetos — explicou Ren. — Ela tem uma voz linda.

— É mesmo? — disse Bryn, pegando um pouco de amendoim. — Quem diria?

Cosette a olhou, irritada.

— Boa-noite. — A voz de Nev chamou nossa atenção. — Sou Nev. No baixo, Caleb; todos conhecem Tom; e a adorável Sabine nos dá a graça da sua presença essa noite.

Os únicos aplausos vieram da nossa mesa. Aparentemente, os outros clientes não queriam ouvir música.

Neville fez um sinal para Tom. O dono do bar e Caleb trocaram um breve olhar e, segundos depois, a bateria e o baixo iniciaram um som lento e áspero. Um sorriso se delineou nos lábios de Neville, que dedilhou as cordas da guitarra e começou a cantar.

Mason sorriu para mim e balançou a cabeça positivamente. *É, agora eu saquei.*

Sabine acompanhou o ritmo. Sua voz era doce, rouca e misteriosa, como as primeiras sombras do crepúsculo. A música se derramou pelas minhas veias, em uma mistura de seda e areia. Sutil e inebriante.

Os Banes se debruçaram para a frente ao mesmo tempo, mergulhados na música de Neville. Meu corpo pulsava no ritmo do baixo.

Podia ver os pés de Bryn se arrastando no chão, movendo-se por um rio invisível de sons. Ela fitou Ansel com os olhos acesos.

— Alguém me prometeu que haveria dança...

— Já? — protestou Ansel. — Queria escutar um pouco mais.

Bryn ficou séria, mas Shay se manifestou.

— Posso dançar. — Ele se virou para meu irmão. — Se você não se importar.

— É ela quem manda. — Ansel apontou para Bryn.

Bryn não soube disfarçar sua expressão atônita, mas, em seguida, estendeu a mão para Shay, com um sorriso.

— Vamos, então.

Shay a guiou pelo piso desnivelado. Alguns olhares curiosos dos motoqueiros se voltaram para os dois quando começaram a dançar

em frente ao palco. Neville aprovou com um sorriso quando Shay envolveu Bryn e liderou a dança.

— Hã... — murmurou Ansel. — Ele é bom.

— Ficou nervoso? — perguntei, rindo.

Ele sorriu para mim.

— Nem um pouco. Não é Bryn que ele quer.

— Quero saber como você chegou a essa conclusão. — A mão de Ren na minha cintura tornou-se mais firme.

Ansel ficou sem graça.

— Desculpe, cara. Falei sem pensar.

— É, ele não dança mal. — Os olhos escuros de Ren brilharam. — Mas é hora de lhe mostrar como se dança.

Fiquei tensa, porém me surpreendi quando ele se virou para Cosette e perguntou: — Quer dançar?

Seus grandes olhos ficaram ainda mais arregalados, mas ela sorriu timidamente e aceitou com a cabeça. Ele a pegou pela mão e se retiraram da mesa. Dax pegou o braço de Fey e eles seguiram o outro casal. Não disfarcei que fiquei chateada.

— Isso foi estranho — disse Ansel. — Você está bem?

— Estou bem — disse, tentando ignorar a irritação pela saída brusca de Ren com Cosette.

Será assim depois da união? Ele sairá com outras garotas sempre que quiser?

— Não ligue, Calla — disse Mason. — Shay incomoda Ren e ele quer que você ache que ele não se importa.

— Tudo bem — falei, constrangida pela preocupação. — Não faço questão de dançar com Ren.

Com os dedos fechados, Mason tamborilou na mesa.

— Acho que você precisa dançar.

Ele se levantou e ergueu a mão para mim.

— Que ótimo, o único sem par — queixou-se Ansel quando me levantei.

— Onde está Sabine quando preciso dela?

— Acho que é mais fácil Sabine te morder do que dançar com você — falei.

— É verdade. — Ele sorriu. — O jeito é esperar que Bryn se lembre de que gosta de mim.

— É um bom plano — disse Mason, puxando-me.

Quando chegamos ao palco, a música ganhou um ritmo mais lento.

— Que romântico. — Mason me beijou no rosto.

Ri, seguindo-o em círculos pelo piso esburacado. Subitamente os braços de Mason soltaram minha cintura e outras mãos tocaram meus quadris.

— Deixa que assumo, Mason — disse Ren atrás de mim.

— Claro. — Mason inclinou a cabeça.

Ren me tomou nos braços.

— Que grosseria! — reclamei, mais aborrecida pelo abandono anterior do que pela interrupção. — Você poderia esperar.

Ele apenas sorriu.

— Não, eu queria dançar com você.

— Ótimo. Estamos dançando. Feliz, agora?

— Quase. — Ele me beijou na testa. Concentrei-me para não tropeçar no chão inclinado. — Você não quer me fazer feliz? — provocou ele.

— Não tenho certeza. — A escuridão tempestuosa da sua íris me deixou arrepiada, elétrica.

— Deixe eu te levar para casa hoje. — Ele colocou a mão no bolso. — Quero te mostrar algo.

— O quê?

Vi algo metálico brilhar em frente aos meus olhos. Chaves.

— Nossa casa.

Olhei para ele e, novamente, para as chaves.

— Nossa casa?

— No condomínio. Está pronta. Pedi ao Logan para dar uma olhada e ele me deu as chaves. Consigo cópias para você, se quiser.

— Nossa... *Nossa* casa? — gaguejei novamente.

— É, Calla. — Ele sorriu. — É o lugar onde moraremos juntos depois da união. Quando formarmos um casal. Lembra-se de como funciona?

— Você quer ir lá hoje? Para conhecer? — Logan disse que tudo bem?

— Logan não precisa saber. — Ele chacoalhou as chaves na minha frente. — Além disso, você não está curiosa?

— Um pouco. — Eu estava ainda mais curiosa para saber o que Ren pretendia *fazer*.

Ele sorriu, envolvendo-me pela cintura.

Semicerrei os olhos.

— E você me levará em casa depois de conhecermos o nosso futuro lar?

— Se você quiser — disse ele suavemente, acariciando meu rosto com o polegar. — Embora eu esteja torcendo para você parar de agir como a menina decente que sua mãe quer que seja.

— Então você a ouviu — grunhi, ruborizando. *Até parece que quero ser uma dama! Significa apenas fingir que estar com Ren não é mais do que uma obrigação.*

— Não a culpo por proteger sua virtude — disse ele, sorrindo. — Quero que sua mãe goste de mim, mas talvez devêssemos ter uma festinha particular na nossa nova casa. Seria nosso segredo, e prometo que não conto para ninguém.

Golpeei-o levemente no queixo.

— Não acredito! Pode parar.

— Talvez isso realmente estrague a surpresa — prosseguiu ele, com um olhar implacável. — Sou bastante flexível e aposto que

consigo entrar pela janela do seu quarto. Surpreendê-la em uma dessas noites.

Gelei nos seus braços.

— Você não faria isso.

— Não, não faria. — Ele riu. — A não ser que você me peça.

A batida frenética do meu coração contrastava com o ritmo lento da música de Nev.

— Aqui é o seu lugar, Calla. — Ele me puxou para mais perto e subiu meu queixo. — Fique comigo. Diga que é o que você quer.

Não conseguia tirar meus olhos dos seus.

— O que eu quero?

— Sim... Qualquer coisa, tudo o que precisar, eu darei a você. Sempre, eu prometo. Mas me responda algo.

— O quê?

— Que você deseja isso. Nós, juntos. — Ele baixou tanto a voz que mal consegui escutá-lo. — Que um dia você me amará.

Minhas mãos, ao longo do pescoço de Ren, começaram a tremer.

— Ren, você sabe que ficaremos juntos. Nós sabemos disso há muito tempo.

Ele olhou severamente.

— Não é sobre isso que estou falando.

— Por que a pergunta? — Tentei me afastar, mas ele me segurou contra seu corpo.

Um sorriso brilhante surgiu nos lábios de Ren.

— Por que não?

Fiquei irritada.

— Está tentando dizer que *você* me ama?

A pergunta não era verdadeira. Eu queria apenas provocá-lo, mas seus olhos pareciam pegar fogo.

— O que você acha? — Ele tocou seus lábios nos meus, primeiro suavemente e, gradualmente, ganhando intensidade,

abrindo minha boca. Atônita, segurei seus braços, mas ele continuou a acariciar meus lábios com os seus, gentilmente, controladamente, insistentemente. Mergulhei no beijo, afogando-me no calor dos seus braços, movendo-me sutilmente contra o peso das suas mãos, sabendo que isso me traria para mais perto do seu corpo.

O barulho de madeira se rompendo e vidros se estilhaçando me trouxeram de volta ao bar.

Droga! Sabia que era uma péssima ideia.

Virei-me, esperando ver Shay possesso, vindo na nossa direção, mas ele não olhava para nós. Ninguém o fazia.

A música cessara. A mesa dos jovens lobos estava virada. Copos quebrados se esparramavam no chão, outros rolavam pelo piso de madeira inclinado até um canto do bar. Dax agarrava Mason pela gola da camisa e rosnava para ele. Parecia que Mason havia detido um soco de Dax e agora agarrava a mão do enorme Bane, afastando-o de si. Fey estava ao lado de Dax.

As mãos de Ansel seguravam os braços de Dax e ele se esforçava para afastar o Bane de Mason. Shay estava atrás de Ansel, com os músculos tensos. Bryn acabara de se levantar da cadeira e encarou Fey.

Ren me soltou.

— O que está acontecendo?

Ren saiu apressado em direção a Dax, e segui atrás.

O rosto de Mason estava transfigurado.

— Você não tem esse direito!

— E você deve aprender a ficar com a boca fechada!

— Deixa de ser babaca! — Ansel agarrou Dax pelo braço, mas ele não se moveu um centímetro.

— Ele tem razão, Dax — interveio Shay. — Qual é o seu problema?

— Cale a boca e fique fora disso — Fey se intrometeu.

Neville entregou a guitarra para Sabine, completamente atônita, pulou do palco e andou até Mason. Ele encarou Dax.

— Pare, cara. O que acha que está fazendo?

Dax o ignorou.

Olhei ao redor, com medo de que nos expulsassem dali. O restante dos clientes, porém, retornara aos seus lugares com suas bebidas, indiferentes àquela briga.

Ren agarrou o ombro de Dax.

— Largue ele! Saia daqui e me espere lá fora. Agora.

Dax soltou a camisa de Mason, lançando-lhe um último olhar raivoso antes de se virar e sair do bar. Fey deu alguns passos, querendo segui-lo.

— Aonde pensa que vai? — Bloqueei sua passagem.

— Desculpe, Cal. — Havia um brilho duro nos seus olhos. — Ele está certo dessa vez.

— Fique esperta, Fey — rosnei.

Ela não se intimidou.

— Você tem algum problema comigo?

— Saberá assim que descobrir o que aconteceu.

— Tudo bem. — Ela passou por mim e correu atrás de Dax.

Pálido, Neville se afastou ainda mais do palco.

Ren o agarrou pelo braço.

— Volte para o palco e continue tocando. Seja lá o que aconteceu, já acabou.

— Mas…

— Estou bem, Nev. — Mason pôs a mão no ombro de Neville. — Depois resolvemos isso.

Relutante, Nev se dirigiu para o palco e, um minuto depois, a música recuperou sua harmonia, embora com acordes nitidamente raivosos.

— Alguém quer me contar o que aconteceu? — perguntei.

— Não foi nada. — Mason ajudou Cosette a ajeitar a mesa. — Como o Ren disse, acabou.

— Foi, sim — protestou Ansel.

— O que aconteceu? — perguntou Ren.

— Sério, não precisamos fazer uma tempestade em copo d'água — disse Mason, com o rosto contraído. — Ele perdeu a cabeça, foi isso.

— Acho que você não pode ignorar isso, Mason — disse Shay, baixinho. — Dax passou dos limites.

Virei-me para Bryn.

— O que Dax fez?

Ela olhou para Mason e Ansel.

— Ele não gostou de algo que Mason falou sobre… Neville.

Ren tensionou o maxilar:

— Entendi.

Ele se dirigiu para a porta e fui logo atrás. Havíamos cruzado metade do bar quando ele se virou para mim, abruptamente.

— Eu cuido disso, Calla.

— Também devo ir. Isso afeta a nós dois.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Posso cuidar disso. Dax sabe que vacilou. É melhor ficar aqui e tentar convencer os outros de que tudo ficará bem.

— Tudo bem. — Era tarde demais... Ren era quem mandava.

Observei-o sair do bar.

Como convencerei alguém de que tudo ficará bem? Nada parece bem.

Eu sentia tanta raiva que meus músculos começaram a doer. Detestava ser tratada como uma subalterna. Eu sempre liderara minha matilha e, de repente, parecia que todos esses anos como alfa nada significavam. Não passava da fêmea de Ren. Senti um toque no meu ombro e, ao me virar, encontrei Shay.

— Foi uma cena e tanto.

Concordei com a cabeça.

— Dax e Fey não estão aceitando bem a relação de Nev e Mason.

— Pude notar. — Ele olhou para a porta. — O que acha que Ren fará?

— Não tenho certeza, mas confio nele. — *Como se tivesse outra alternativa!*

— Precisa confiar — disse ele com um sorriso no canto da boca. — E então?

— "E então", o quê?

— Aceita essa dança?

Olhei-o surpreendida.

— Como?

— Ren teve sua vez na pista de dança, agora é a minha.

— Não me lembro de fazer esse acordo. — Dei um passo atrás. — E preciso falar com os demais. Normalizar a situação.

— Foi o que pensei — disse ele. — Ajudarei você.

Franzi a testa, intrigada, enquanto ele colocava uma das mãos na minha cintura e agarrava minha mão direita. Puxou-me para perto do seu corpo e esticou nossos braços, como se fossem uma flecha.

— O que é isso? — perguntei.

— Tango — respondeu ele, guiando-me pela pista com passos arrastados e dramáticos.

— E isso é "ajudar"? — Olhei minha alcateia. Todos nos fitavam, perplexos.

— Músicas não acalmam feras selvagens, Cal — disse Shay, mergulhando-me tão baixo que meus cabelos varreram o chão. — Risadas, sim.

Olhei novamente para nossas mesas e não acreditei no que vi. O plano de Shay funcionou. Ansel e Mason estavam às gargalhadas.

Bryn dava risadinhas histéricas e até mesmo Cosette não continha o sorriso.

Shay suspirou e me girou para trás, e novamente para ele, como se eu fosse um pião.

— Seria ainda melhor se tivesse uma rosa entre os dentes. Não ficaria elegante?

Comecei a rir.

— Ficaria ridículo.

— Ridiculamente elegante. — Ele sorriu. Até os motoqueiros que bebiam no bar riam, metamorfoseando seus rostos de Sid Vicious em Papai Noel.

Encostei-me ao corpo quente de Shay. Ele me segurou e, por um instante, acreditei que tudo ficaria bem. Perguntei-me se ele tinha ideia de como me fazia feliz, apesar do meu medo constante em relação ao futuro. O arrependimento apertou meu coração subitamente, interrompendo minha risada. Shay deve ter ficado muito magoado com o beijo de Ren mais cedo. Ele merecia algo melhor, mais do que eu jamais seria capaz de lhe oferecer.

— Não está zangado comigo? — perguntei enquanto ele me guiava em uma pirueta como bailarina.

— Por quê? — perguntou ele. — Você não é preconceituosa. Por mim, Fey e Dax que se danem.

Ele não viu o beijo.

Um alívio refrescante me invadiu, seguido por uma pontada de culpa.

Por que não quero que ele saiba? Não é justo esconder a verdade.

Nada podia mudar o destino reservado para mim e Ren. Shay precisava entender isso melhor do que qualquer um, mas seu sorriso e o calor nos seus olhos me tiraram a coragem de confessar sobre o beijo.

— Acho melhor você contar ao Nev sobre seu plano brilhante — falei. — Não quero que ele pense que estamos rindo dele.

— Nev tem um ótimo senso de humor — replicou Shay e voltou a me abaixar até o chão. — Acho que ele entenderá.

— Se tem tanta certeza... — Olhei rapidamente para o palco e Shay parecia ter razão.

Embora confuso, Nev sorria abertamente.

— Sabe, se eu beijasse você no fim desse número, aí sim causaria um *frisson* — disse Shay, mantendo-me com a cabeça para baixo.

Não contive o sorriso ao ver seu riso silencioso e descarado.

— Se me beijar, Ren te mata.

— Vale tudo no amor e na guerra! E, ao menos, eu morreria feliz.

— Você é terrível. — Enfiei as unhas no seu ombro. — Ei, me levanta!

— Não quero desapontar meu público.

— Eles precisarão lidar com isso, sinto muito. — Eu estava tonta com tanto sangue descendo para minha cabeça. — Fui muito clara sobre o que aconteceria se me beijasse novamente. Se me lembro bem era perder uma das mãos.

Ele me levantou, mas me jogou para baixo novamente, pelo outro lado.

— Você resolve todos os seus problemas com ameaças violentas?

— Não.

— Mentirosa.

Minha cabeça girava quando ele me subiu, mas meu corpo estava leve como o ar.

Tive um ataque de risos quando Shay começou a dançar a polca. Neville balançou a cabeça e também riu. A música parou. Nev disse algo ao restante da banda, que não pude ouvir, mas

segundos depois eles começaram a tocar “Roll Out the Barrel” em ritmo de rock.

Shay girou em círculos comigo, cada vez mais rápido.

— Falei que funcionaria!

Desabei sobre ele, tonta e em êxtase, e encostei o rosto no seu ombro. Então avistei Ren no limiar da porta, com os olhos fixos em nós. Tão imóvel que parecia uma estátua.

Tirei o braço de Shay de cima de mim.

— Acho que o show acabou.

— Ótimo — murmurou ele, olhando para onde eu olhava. — Vá falar com ele.

— Desculpe — disse e afastei-me com passos incertos, ainda sem muito equilíbrio pelos giros e viradas.

— Sei que precisa ir. — Seu sorriso era de resignação. — Perguntarei a Mason e Ansel se querem saber onde aprendi esses movimentos irados de polca.

Virei-me para Ren e senti um embrulho violento no estômago. Ele cruzou a pista de dança e seu rosto aborrecido trouxe de volta meu mau humor. Afinal, eu não fizera nada errado. Pensei na volta para casa, na nova casa, na união, e, subitamente, não queria fazer nada do que Ren havia proposto.

— O que foi aquilo? — resmungou Ren.

— Estávamos tentando quebrar o gelo. — Não alterei a voz e sinalizei para as mesas, onde o grupo estava às gargalhadas. — Foi uma brincadeira. Fique feliz pelo nosso sucesso.

— Não poderia pensar em outro jeito de apaziguar os ânimos sem ter Shay com as mãos em você?

— Não foi nada disso — rosnei. *Gostaria que tivesse sido.*

— Tudo bem — disse ele, pegando-me pelo braço. — Tente não fazer isso novamente. Não gosto de ver outro homem tocando em você.

Outro homem? Ren sempre se referira a Shay como “aquele garoto”. O ciúme estava realmente consumindo o alfa.

— Claro, Ren. — Desvencilhei-me da sua pegada. — Se me der licença, está bom por hoje.

— Sobre o que está falando?

— Estou indo embora — disse. — Fiz o que me pediu e todos estão contentes. Agora quero ir embora.

— Não faça isso. — Ren suspirou, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Aquilo apenas me fez sentir como uma garotinha e golpeei sua mão para longe.

— Não foi minha intenção repreendê-la — insistiu ele. — Você tem razão, o garoto me incomoda. Não gosto de sentir ciúmes, mas não é sua culpa.

Ele me pareceu sincero, mas estava com muita raiva para simplesmente perdoá-lo. E novamente ele se referia a Shay como “garoto”, e brigava comigo como se *eu* fosse uma criança.

— Obrigada pela honestidade, mas não quero ficar. Por favor, não me faça ficar.

Sabia que ele poderia me obrigar, e odiava a ideia.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Para a floresta, onde os lobos vão à noite. — Mostrei-lhe um sorriso afiado. — Quem sabe não ouço a lua me chamar.

— Gostaria que ficasse comigo — disse ele, lentamente. — Não quero forçá-la.

— Ótimo. — Fui embora antes que ele tivesse tempo de responder.

Saí do bar e quebrei uma cadeira, que chutei um pouco forte demais. O vento frio da noite tocou minha pele, relaxando um pouco a tensão dos músculos. Fey e Dax ainda estavam no estacionamento, com as cabeças coladas uma na outra, falando em voz baixa.

Dax se mostrou surpreso e irritado.

— Ren mandou você para mais uma rodada de broncas? — perguntou ele, esticando os ombros largos ao me encarar.

— Não tenho nada para falar com vocês — rosnei, passando por eles e correndo, em seguida. Transformei-me e adentrei a floresta sem olhar para trás.

VINTE E DOIS



SHAY ESTAVA ENCOSTADO NA SUA Ford Ranger. Ele acenou brevemente quando saltei na caçamba da caminhonete. Então apanhou duas machadinhas para quebrar gelo, que prendeu na sua mochila.

Transformei-me ao ver que ele tentava disfarçar o sorriso.

— O que foi?

— Lembrei da última vez em que estive aqui —disse ele, apertando os cadarços das botas de escalada. — Acordei na caminhonete e achei que adormecera antes de sair para a caminhada e que tudo não passara de um sonho.

Inclinei-me para a frente e alonguei os músculos dorsais.

— Era o que eu esperava acontecer.

— Você me nocauteou e me arrastou até aqui, não foi?

— Não o arrastei. Carreguei você.

Ele riu, balançando a cabeça.

— Tudo bem, obrigado. Pronta?

Shay provou ser um alpinista experiente, movendo-se pelos declives com desenvoltura enquanto eu subia um pouco à frente. Paramos apenas uma vez, para ele prender as garras dentadas nas botas antes de escalarmos um declive com muito gelo, por onde passei com saltos gigantes. O par de machadinhas para quebrar gelo continuava amarrado às costas de Shay durante a escalada.

Corri mais à frente quando nos aproximamos da caverna. Abaixei a cabeça rente ao chão e comecei a andar para a frente e para trás. Não consegui evitar um ganido que escapou da garganta.

Shay caminhava com dificuldade atrás de mim.

— Tudo dará certo, Calla.

Voltei à forma humana, pisoteando a neve, inquieta, enquanto observava a caverna — uma entrada escura que parecia uma boca gigante pronta para nos engolir.

— Não estou totalmente convencida. E se alguém descobrir que estivemos aqui?

— Como isso pode acontecer?

— Meu cheiro, Shay. Qualquer Guardião que entrar na caverna saberá que estive aqui.

— Mas você disse que ninguém pode entrar na caverna — argumentou. — Pensei que fosse proibido.

— Sim, mas…

— Você quer voltar?

Olhei para ele e, em seguida, para a caverna. Ao que sabia, nenhum Guardião jamais pusera as patas além da entrada da caverna. Por que seria diferente?

— Então, vamos entrar ou não? — perguntou Shay.

— Vamos — respondi, afugentando as dúvidas.

Ele tirou a mochila e pegou uma lanterna. Entramos lentamente na caverna; a luz iluminava debilmente a escuridão. O túnel parecia profundo e sem indicação de um fim.

Gelei quando a luz externa tornou-se pouco mais que um fulgor atrás de nós. Um cheiro intenso chegou até mim. Transformei-me em lobo e voltei a cheirar o ar. O aroma era acentuado, mas desconhecido, lembrando uma mistura de madeira podre e gasolina. Abaixei a cabeça e continuei a avançar.

Shay deu um passo reticente ao meu lado, varrendo o chão da caverna com a luz da lanterna. Vimos os ossos ao mesmo tempo. Os pelos de minha nuca ficaram arrepiados quando me curvei rente ao chão.

Corpos de animais sem vida, sobretudo veados, espalhavam-se ao longo da caverna. Aproximei-me da pilha de ossos e estremeci. O enorme crânio de um urso arreganhava os dentes para mim em uma das laterais do túnel.

— Calla! — Ouvi o murmúrio amedrontado de Shay atrás de mim ao mesmo tempo em que um ruído sorrateiro alcançava meus ouvidos.

Olhei ao redor, mas não pude ver nada na escuridão. Um arrastar sobre a rocha se aproximava. Soltei um ganido e me ericei. Meus olhos seguiram a luz da lanterna, que se movia para a frente e para trás no solo da caverna. Eu dera mais um passo adiante quando Shay gritou e o som ecoou pelo túnel.

— Calla! Em cima de você, corre!

Corri para frente e ouvi algo pesado se chocar contra o chão atrás de mim, onde eu estava segundos antes.

— Meu Deus! — Ouvi a exclamação assustada de Shay e girei, rosnando.

A aranha marrom me encarava com três pares de olhos que brilhavam como piscinas cheias de óleo. Suas longas e finas pernas, cobertas por pelos aveludados, dobraram-se enquanto ela se concentrava na sua presa. Recuei, com os dentes à mostra, tentando parecer ameaçadora apesar do pavor. A aranha era enorme, quase do tamanho de um cavalo.

Seu abdômen pulsava enquanto ela me observava cercá-la de um lado para o outro, tentando distraí-la. A aranha correu em minha direção. Senti o roçar de uma das suas oito patas peludas nas minhas costas e corri para longe. Circundei-a, pois o aracnídeo estava atrás de mim. Eu podia ouvir o arrastar dos seus membros pela superfície da caverna. Com o coração acelerado, organizei um plano de ataque. Lobos não têm habilidades natas para matar insetos mutantes e essa criatura não tinha qualquer semelhança com um oponente conhecido.

Encarei a aranha e decidi que tentaria mutilá-la até descobrir uma forma de lhe lançar um golpe fatal. Meu olhar abrupto surpreendeu a agressora. Ela ergueu as duas patas dianteiras. Nesse momento, saltei e abocanhei uma das suas patas, sacudindo-a com força. A pata esticada quebrou nas minhas mandíbulas e a arranquei. Quando caí no chão e a encarei novamente, seus seis olhos negros brilhavam em agonia. Permaneci observando, paralisada, enquanto a imensa fera, que tremia e se contorcia, preparava-se para o ataque. Seu silêncio era mais aterrador do que se berrasse.

A aranha avançou, atirando-se contra mim. Saltei para o lado, mas não rápido o bastante. Choquei-me contra a rocha fria e a aranha me imprensou com duas patas. Torci o pescoço tentando revidar e rosnei, estremecendo quando a aranha abaixou a cabeça na direção do meu ombro. O som do meu esforço desesperado deu lugar a um gemido quando vi suas presas. Travei as mandíbulas contra outra das suas patas ao mesmo tempo em que sua picada perfurou uma das minhas laterais.

Um ruído horrível foi seguido pelo som de algo sendo cortado e de sangue respingando. A aranha se sacudiu e corri pra longe do seu alcance. Um líquido azul pálido corria dos grandes furos que Shay fizera no seu corpo com as machadinhas. Com golpes furiosos e determinados, ele fincou as afiadas lâminas no dorso da aranha

repetidas vezes. Sentindo a dor, ela tentou se virar para seu agressor. Corri e dilacerei seu abdômen. A aranha cambaleou. Seu sangue azul verteu pelo piso da caverna. As patas da criatura se esticaram e, então, desabaram. Shay correu para o corpo do bicho em convulsão e enfiou as machadinhas entre seus pares de olhos. A aranha se convulsionou mais uma vez e, por fim, tornou-se imóvel.

Shay soltou um longo e estremecido suspiro e se afastou do aracnídeo. Ainda tinha os dedos fortemente agarrados aos cabos das machadinhas e suas veias pulsavam ao longo dos braços. Inspirei o ar e apurei os ouvidos, mas os sinais de perigo iminente haviam se dissipado. Transformei-me e virei-me para Shay, abandonando a postura defensiva.

Ele tinha os olhos arregalados.

— Tem certeza de que não há outra? — perguntou ele.

— Tenho, ela estava sozinha. — Massageei o local onde a aranha me ferira. Senti um filete de sangue, mas o ataque de Shay interrompeu a picada. A ferida não era profunda, mas doía.

— O que é isso? — Ele tremia, olhando para a imensa aranha.

— Era uma das espécies de aranha marrom — murmurei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Dei de ombros.

— Acabamos de estudar sobre aracnídeos em biologia.

— Calla, aquilo não era uma aranha. Aranhas não são desse tamanho. O que era aquilo?

— Era uma aranha, mas foi modificada pelos Defensores. Eles têm o poder de alterar o mundo natural. A aranha deve ser o último recurso de defesa da caverna, se alguém passar pelos Guardiões. — Porém eu não tinha ideia de qual Defensor criara aquela fera… Ou quando perceberia sua ausência.

— Talvez tenha sido um erro matar a aranha — falei. — É mais uma pista de que estivemos aqui.

— Ficou louca? O que você poderia fazer? Agarrar aquele crânio de urso e ensinar a aranha a correr atrás e trazê-lo para você?

— Eu sei, mas temos um problema.

Ele não respondeu, lívido, com os olhos fixos no aracnídeo sem vida.

— Você está bem? — Dei um passo na direção de Shay.

— Simplesmente odeio aranhas. — Ele olhou para os ombros como se temesse que as perigosas criaturas fossem escalá-lo.

Sorri com ironia.

— Para alguém que alega ter aracnofobia, você despachou aquela coisa com muita habilidade.

Olhei para as machadinhas nas mãos de Shay. O sangue gotejava das lâminas afiadas.

— Onde aprendeu a fazer isso? Parecia um guerreiro.

O rosto pálido de Shay se iluminou um pouco e ele lançou as machadinhas no ar e agarrou-as com facilidade quando caíram.

Uma estranha vibração me tirou o fôlego. Coloquei a mão na ferida e me surpreendi por o sangue ainda verter.

— Deixe eu adivinhar... — comecei, tentando ignorar a dor. — Você teve uma fase em que queria ser ninja ou algo parecido?

Ele negou com a cabeça e corou.

— Indiana Jones. Gostava de como ele usava qualquer coisa por perto quando estava em apuros. Era muito versátil.

— Existe história em quadrinhos do Indiana Jones? — Levantei as sobrancelhas.

— Claro. — Ele chutou o corpo da aranha.

— Ah... — Lancei-lhe um sorriso provocador. — Então você deve ter muita habilidade com chicotes.

Ele deu de ombros, evasivo.

Virei-me para o túnel escuro à nossa frente.

— Bem, acho que essa informação pode ser útil no futuro.

Avançamos com passos cansados e evitei olhar para os ossos espalhados no chão. Massageei mais uma vez a picada da aranha na cintura. O sangue estancara, mas a dor na ferida aumentou e parecia se espalhar. Tropecei em algumas pedras soltas e Shay me segurou pelo braço.

— Você está bem?

— Estou. Está difícil de enxergar. — Ergui os ombros para trás, tentando me concentrar no caminho através da escuridão. O ar na caverna estava mais frio e me invadiu sob a pele. Mesmo com o auxílio da lanterna, eu tinha dificuldade para enxergar, e a cada passo minha visão se embaçava mais. O piso pareceu se mover e tropecei novamente.

— O que foi, Calla? Você não é desastrada assim. Aliás, você não é nada desastrada.

— Não sei. — A escuridão aumentou e caí.

— Está ferida? — perguntou Shay.

Meu corpo todo tremia. A cada segundo, eu ficava mais fria.

— A aranha me picou, mas a ferida não foi profunda.

— Onde? — Ele se abaixou ao meu lado. — Quero que me mostre.

Abri meu casaco e comecei a subir a blusa, mas hesitei e mordi o lábio. Ele riu.

— Não estou tentando me aproveitar da situação, Cal. Precisamos ver se o machucado é sério.

Concordei e ergui a blusa. A picada era na altura da costela direita. Dobrei o pescoço, mas não consegui ver perfeitamente.

Shay deu um suspiro assustado.

— O que foi? — Virei-me mais e consegui olhar a ferida. Quase vomitei.

— Como pode ter ficado assim? — Sua voz exprimia preocupação.

Balancei a cabeça.

— Droga! Eu tinha esquecido. — As tremedeiras no corpo se tornaram ainda mais violentas. — A picada da aranha marrom causa uma lesão necrótica.

— Necrótica? — Shay respirou fundo. — Mata os tecidos da pele?

—Lembro de ter lido algo sobre falência rápida dos órgãos. — Fechei os olhos para controlar a náusea que me invadiu.

— Meu Deus, Cal. Está se espalhando — gemeu ele. — Parece corroer sua pele.

Tentei sorrir, mas somente consegui fazer uma careta.

— Obrigada por me manter atualizada. Sinto-me bem melhor.

— Por que não cicatriza? — Ele parecia estar em pânico. — Pensei que o sangue de um Guardião tivesse esse poder.

— Meu sangue me protege… Mas não de tudo. — Arquejei. — O veneno de uma aranha é traiçoeiro, ainda mais se ela foi modificada por feitiçaria. Não conseguirei me curar rápido o suficiente sem ajuda.

— De quem?

— Só outro Guardião pode me ajudar — falei. — O sangue de alguém da matilha.

— Podemos chamar Bryn? Ou Ansel?

— Com que velocidade a ferida está se espalhando?

Ele não respondeu. E eu já não suportava mais o peso do meu corpo. Rolei no chão — Calla! — Shay me abraçou. — Precisa haver outra saída.

— Não tem. E você precisa sair daqui.

— Não.

— Shay, você precisa deixar a montanha. Se o encontrarem, eles o matarão.

— Não deixarei você morrer nessa caverna —retrucou ele.

— Você não tem escolha. Não há nada o que possa fazer. — A dor que dilacerava meus músculos diminuiu, se transformando em

uma dormência progressiva, o que era ainda mais assustador.

— Há, sim. — Tentei me concentrar em Shay apesar da névoa causada pelo enjoo. Sua voz severa me surpreendeu.

Ele tirou o casaco, o suéter e arrancou sua camisa branca.

— O que está fazendo?

— Precisa me transformar, Calla — disse Shay. — E rápido, antes que seja tarde demais.

Ele tremia e eu sabia que era pelo frio e pelo medo.

— Não.

— Não temos tempo para discutir. — Ele se posicionou de maneira que minha cabeça ficasse contra seu pescoço. Meu corpo estava tão frio que sua pele quente parecia chamuscar a minha. — Para meu sangue curar você.

— Você está louco — murmurei. — Não posso fazer isso. Não importa o que aconteça comigo, você precisa ir embora. Corra... Você vai ficar bem.

— Se você morrer, prefiro estar morto — argumentou ele. — Você sabe disso. Preciso da sua ajuda.

— Nunca transformei ninguém. Pode não dar certo.

— Vamos! — vociferou ele. — Uma mordida e um feitiço, foi o que me disse. Quão difícil pode ser?

Ele me pegou pelo queixo e pressionou meu rosto contra o pescoço.

— Por favor, Calla.

O perfume da sua pele fresca e cortante como uma piscina glacial me envolveu e desfez a bruma que encobria minha mente. Estremeci subitamente com uma nova onda de dor, que me deixou desesperada por qualquer coisa que a aplacasse. Cravei as unhas no seu peito, que sangrou. Ele ficou tenso, mas não se afastou. Afiei os caninos. Shay agarrou meus ombros e moldou seu corpo no meu. Arfou quando suas mãos tocaram pelos, e seus braços abraçaram um lobo branco. Mergulhei meus dentes no seu ombro.

Ele soltou um suspiro cortante. Os músculos de Shay enrijeceram, mas ele não se moveu.

O sangue verteu da profunda ferida na sua pele. Ele gemeu e revirou os olhos, perdendo um pouco o equilíbrio e se prendendo a mim. Transformei-me em humana, levei meu braço trêmulo à boca e mordi a pele. Pressionei a ferida contra os lábios abertos de Shay.

Minhas forças se esvaíam, e eu mal conseguia me manter viva. Lutei para controlar a mente e a tremedeira, enquanto entoava o feitiço com a voz extremamente enfraquecida.

— *Bellator silvae servi.* Guerreiro da floresta, eu, a alfa, invoco-o para me servir nesse momento de necessidade. — O piso da caverna parecia se mover sob mim. O rosto de Shay ficou embaçado e desfigurado e torci para que houvesse proferido o encantamento corretamente.

Uma onda de energia passou por Shay. Seus braços soltaram minha cintura e ele caiu no chão, imóvel. Em seguida, suspirou, tremendo, e, pouco depois, todo o seu corpo entrou em convulsão. Gritou.

Sem conseguir controlar meu corpo, desabei no chão ao lado de Shay, tremendo e lutando para permanecer consciente. Seus músculos agitavam-se, ele se revirava e se debatia. Seu rosto se contorceu, enquanto lentamente se dividia em duas essências. Antes apenas humano, Shay se dividiu em lobo e mortal: duas metades, um Guardião completo.

Um minuto se passou, depois outro. Meus olhos estavam abertos, mas eu já não enxergava. Não conseguia me mover e a respiração era ofegante; águas escuras me engoliram. O silêncio do esquecimento tomou a caverna.

É tarde demais. Deixei as pesadas pálpebras se fecharem.

Um choramingar baixo ecoou na escuridão. Senti pelos roçarem minha pele e unhas se arrastaram contra o piso de pedra.

Abri os lábios, na tentativa de falar, mas nenhum som saiu.

Algo quente e terno pressionou minha boca aberta. Um líquido viscoso escorreu pela minha língua e desceu pela garganta. Tinha um sabor doce, como mel silvestre.

Sangue de um Guardião.

— Beba, Calla — sussurrou Shay. — Precisa engolir ou engasgará.

Forcei os músculos da garganta a agirem e tentei engolir o líquido.

— Continue — disse ele, acariciando meus cabelos. — Respire.

Após algumas tragadas dolorosas, consegui engolir o sangue de forma constante. Voltei a sentir minhas pernas, e a dor logo diminuiu. Minha visão se desembaçou e a caverna parou de mover-se. Afastei os braços de Shay e me sentei.

Ele mordeu ainda mais a pele perfurada.

— É suficiente?

— Acho que sim — disse. — Dê uma olhada.

Levantei a blusa e ele confirmou com a cabeça.

—Está cicatrizando. — Ele engoliu em seco e desviou o olhar. — Porém ainda não está agradável de se ver.

Desci a blusa rapidamente.

— Se a cicatrização começou, ficarei bem.

— Ótimo.

— Você está bem? — Arrastei-me alguns centímetros para perto de Shay e estudei seu rosto.

— Estou. — Ele inclinou a cabeça para a frente e para trás. — Doeu. Muito, mas me sinto bem. — Franziu a testa brevemente. — Sinto-me diferente. Acho que gostei.

— Você está diferente. Tornou-se um Guardião.

Ele se transformou e um lobo de pelos dourados e olhos verde-musgo surgiu na minha frente, abanando o rabo. Um instante depois, Shay sorria para mim.

— Como estou como lobo? Bem? Assustador? — perguntou ele. — Estou muito forte?

— Ai, Deus... — Meu coração falhou por um segundo. — É um desastre!

— Por quê? — Seu sorriso desapareceu. — Não gostou?

— Não é isso, Shay. Não acredito que fiz isso. No que eu estava pensando?

— Você não estava pensando. Você morreria e não havia escolha.

— Era melhor eu ter morrido. Serei uma mulher morta de qualquer forma. — Não havia apenas um, mas dois lobos na caverna Haldis. Eu e esse estranho lobo novo.

— Não — disse ele. — O que importa é que está viva agora, e não estaria se não houvesse me transformado.

— Seu cheiro ficará impregnado na caverna também, Shay. Como vamos escondê-lo? — Encarei-o. — O que eu fiz é proibido... Pela segunda vez! Não poderia estar aqui e ter transformado você foi o fim! — Pensei na carcaça da aranha, no meu sangue derramado no chão. — Não haveria como apagar as evidências.

Ele me ofereceu um sorriso forçado.

— Apenas acrescente isso à sua lista de coisas que não poderia fazer, mas que fez. Ela está começando a ficar longa.

— Será que pode falar sério?

— Estou falando sério. — Sua voz era firme. — Você me transformou e estou feliz com isso. Achei que houvesse convencido você de que ninguém entrará aqui e sentirá o cheiro dos nossos crimes caninos. E, na escola, conseguiremos um jeito de esconder. Alguém pode descobrir?

Quis argumentar, mas fui obrigada a concordar com ele.

— Contanto que você não se entregue. Precisará ter muito cuidado.

— Como poderia me entregar?

— Não pode mudar de forma em lugares onde pode ser visto.

— Parece fácil.

— Não tanto quanto imagina. Sempre que ficar zangado ou se sentir ameaçado, seu instinto se apossará do seu corpo. Não deixe seus dentes crescerem, não rosne, e, por favor, não perca a paciência.

— Então terei que evitar Ren a todo custo?

Ignorei-o.

— E seus sentidos estão apurados. Olfato, audição.

— Eu notei. — Ele riu. — E achei que aquela aranha cheirasse mal quando era humano.

— Exatamente. Não pode reagir a coisas que os humanos não perceberiam.

— Ficarei bem. Sou um bom ator. — Ele esticou os braços para a frente, tentando identificar algum sinal remanescente. — Então, me ensinará como ser um lobo?

Assenti lentamente.

— Que ótimo! — Ele se transformou várias vezes, freneticamente.

— O que está fazendo, Shay? — Levantei-me e limpei a terra das calças jeans.

— Não dá para acreditar como é fácil — disse ele. — Ir e voltar, quero dizer. Sou um lobo... É tão maneiro!

Não aguentei e ri até o estômago doer. Talvez tudo terminasse bem. O deleite de Shay me deixava destemida. Sabia que era perigoso, mas também era viciante. Ele sorriu, encabulado.

— Nunca, jamais, tinha ouvido um Guardião falar algo parecido. — Enxuguei as lágrimas do rosto.

— Bem, sou especial. — Ele sorriu.

— Com certeza é. — Balancei a cabeça, mas continuei sorrindo. — Vamos, garoto especial. Precisamos descobrir o que aquela aranha protegia.

Shay concordou com a cabeça e vestiu a camisa. A ferida no seu braço já estava cicatrizada. Continuamos a caminhada pela escuridão. Franzi a testa quando nos aprofundamos no túnel. Talvez fossem meus olhos que começavam a se ajustar à escuridão, mas a caverna parecia estranhamente mais clara. Shay desligou a lanterna. A caverna permaneceu clara por um brilho quente e avermelhado. Ele apontou para onde o túnel virava abruptamente para a direita. A fonte de luz surgiu após a curva.

Trocamos olhares confusos e prosseguimos cautelosamente. A bruma vermelha se intensificou quando nos aproximamos da esquina. A temperatura aumentou e quase fazia calor. Shay tirou o casaco. Abri o zíper do meu casaco, olhando ao redor enquanto caminhava em direção à curva. Quase virávamos para entrar na próxima câmara quando senti a mão de Shay segurar a minha. Ele sorria.

— Faremos isso juntos. — Ele me puxou para seu lado e fizemos a curva.

Chegamos a um amplo espaço. As paredes eram franzidas por ondas de ferrugem, terra e luz avermelhada. Passei os olhos por elas e notei que possuíam cristais que refletiam vários tons de vermelho.

No centro da câmara, que era esférica, havia uma mulher. Ela flutuava e sua forma fantasmagórica brilhava com uma luz calorosa. Meus músculos se tensionaram quando seus olhos nos encontraram, mas ela sorriu. Concentrou-se em Shay e ergueu os braços para ele, chamando-o. Levei um susto e me apressei em agarrar os braços de Shay quando ele soltou minha mão e caminhou rapidamente na direção da mulher. Não o alcancei e, quando chegou perto, ele tomou as duas mãos da mulher. Quis gritar, mas meu corpo estava subitamente paralisado.

A luz da caverna cintilou e tornou-se tão forte que precisei cobrir os olhos. Repentinamente, apagou-se, deixando-nos na escuridão.

Saltei quando Shay acendeu a lanterna e corri para ele, apavorada que estivesse machucado.

— O que aconteceu? — Procurei sinais de violência no seu corpo. — Por que correu para ela?

Ele me olhou surpreendido.

— Você não a ouviu?

— Ouviu o quê? — perguntei, ainda temerosa de que a estranha mulher o tivesse machucado.

Uma expressão de fascínio esboçou-se no rosto de Shay:

— Foi tão lindo. Ela cantou a melodia de uma música que conheço, mas que não escutava há anos.

— O que ela disse?

— “Que o progênito carregue a cruz” — murmurou ele. — “A cruz é a âncora da vida. Aqui jaz Haldis.”

— “Aqui jaz Haldis”? — Aquilo não fazia sentido.

Shay olhou para baixo e fiz o mesmo. A luz da lanterna iluminou as mãos de Shay. Elas não estavam vazias. Sobre as palmas, havia um estreito cilindro com curvas levemente elevadas na borda. A luz do objeto refletia os matizes de vermelho que reluziam nas paredes da caverna.

— O que é isso? — Franzi a testa para o estranho cilindro.

— É Haldis — respondeu ele em tom hipnótico.

— Sei... — falei. — Mas o que significa?

— Não sei. É leve e quente, como se estivesse cheio de energia.

— Sério? — Ergui a mão e mal toquei o objeto com a ponta do dedo para, em seguida, puxar a mão abruptamente, dolorida.

— Calla? — Sua voz estava assombrada.

— Doeu. — Olhei para o cilindro, com o dedo ainda latejando. — E muito. Pareceu uma mordida. — Olhei para Shay. — Acho que somente você pode tocá-lo.

— Somente eu? — Seus dedos dobraram ao redor de Haldis de forma protetora e, então, ele o virou para observar o objeto. —

Interessante.

— O quê? — Apoiei-me no seu ombro.

— Há uma abertura em uma das pontas, como uma fenda. — Ele virou o cilindro para me mostrar.

— Há alguma coisa dentro? — Semicerrei os olhos e tentei ver através do corte.

Ele sacudiu o objeto e levou-o ao ouvido.

— Não, mas não é completamente oco.

— Bem, depois tentamos descobrir. Precisamos descer a montanha antes da nova patrulha chegar.

Cruzei o braço com o seu e o puxei para fora da câmara.

— Eles sentirão nosso cheiro? — perguntou ele.

— É improvável. Como você é um Guardião, não reconhecerão o cheiro. Concluirão que um lobo comum esteve no território.

— Legal.

Quando chegamos à entrada da caverna, transformei-me em lobo, assim como Shay. Ele virou o pescoço e me encarou, com olhos questionadores.

Vamos, é hora de correr. Mordisquei seu ombro, brincando.

Ele latiu e saltou para longe de mim; suas orelhas se moviam enquanto ele me encarava. Ele choramingou, batendo a pata na neve.

Fitei-o por alguns instantes e, então, compreendi. *Se precisar falar, concentre seus pensamentos e envie-os para mim.*

Ainda experimentando, sua resposta entrou na minha mente sem força.

Tudo bem.

Minha boca se curvou em um sorriso de lobo e corri em círculos antes de sair da caverna e me embrenhar sob as copas das árvores. Olhei para trás, para checar se ele me seguia, e o vi próximo às minhas patas traseiras. Saímos a toda velocidade pela floresta, afundando as patas na neve fofa e fresca. Descemos o declive

como se tivéssemos asas, saltando pedaços de gelo, revolvendo a neve pelo caminho. Parecia que voltáramos no tempo, do inverno para o outono, quando chegamos como um raio à base da montanha.

Sinto como se pudesse correr para sempre! A voz maravilhada de Shay penetrou minha mente.

Soltei um ganido e acelerei, desfrutando o poder das minhas pernas.

A noite encobria a base da montanha quando chegamos à caminhonete de Shay. Nuvens prateadas cobriam levemente a lua cintilante, que brilhava fantasmagórica através dos pinheiros.

Ele se transformou e se dirigiu à Ford Ranger, colocando as mãos nos bolsos do casaco em busca das chaves. Elas retiniam nas suas mãos quando ele se virou e me olhou. Transformei-me em humana e caminhei até ele.

— Posso te dar uma carona para casa? — ofereceu ele.

Contemplei a lua e engoli um suspiro ao relembrar a proposta de Ren sobre abater a população local de veados. — Prefiro correr. Esses dias na biblioteca me deixaram enclausurada por tempo demais.

Shay sorriu.

— Entendo. Isso foi incrível. Você deve querer ficar somente ao ar livre.

— Que bom que gostou. — Aproximei-me de Shay. Apesar da mudança, ele mantinha o mesmo perfume que eu aprendera a amar, o cheiro de folhas frescas, provocando um acentuado contraste com o aroma embriagante daquela noite de outono.

— Não o agradeci por salvar minha vida.

— Bem, você me salvou duas vezes, então ainda te devo uma. — Shay riu. — Mas não quero empatar esse jogo. Espero que você não “quase morra” mais uma vez, se puder evitar.

— Então, somos dois. — Ergui os olhos para fitá-lo. Ele observava meu rosto; as íris esverdeadas nadavam na luz do luar. Ele esticou o braço e acariciou meu rosto.

— Quer ir para casa? — Cruzei meus dedos nos seus e deixei a face pressionada contra a palma da sua mão, sentindo sua fragrância novamente e tremendo de excitação por poder compartilhar meu universo com ele. — Está cansado?

— Não, estou desperto com tudo isso.

Meus lábios formaram um sorriso maldoso.

— Está com fome?

VINTE E TRÊS



PARE DE RECLAMAR! VOCÊ TEM 18 anos e continua agindo como se fosse um filhotinho!

Embora minha queixa carregasse um tom de provocação, havia também certa irritação. O nível de concentração exigido em uma caçada me deixava tensa.

Não é minha culpa. Sua resposta lamuriosa chegou em seguida. *Nunca tive um rabo. Ainda não descobri para que serve e ele me distrai demais.*

Saltei sobre o cume de um monte, passando os olhos pelo vasto prado à nossa frente. Senti contra o vento o cheiro do pequeno grupo de veados que pastava a pouco mais de meio quilômetro, completamente indiferentes à nossa presença, com seus pelos marrons acinzentados pela luz do luar.

Precisamos traçar um plano se quiser mesmo fazer isso. Meu pensamento rapidamente correu até ele.

Ele veio para o meu lado e se sentou sobre as ancas com a língua para fora, em um sorriso de lobo. *Ficarei bem.*

Veremos. Ergui o focinho e inspirei o ar novamente. *Não se esqueça do que ensinei. Veados não são como coelhos. Precisamos coordenar o ataque para abatê-los.*

O lobo marrom, com mechas douradas, enfiou a pata no piso coberto de neve, claramente irritado com meu tom condescendente. *É, já sei. Eu pego no tendão e você, na garganta.*

Meu olhar se voltou para o rebanho. *O filhote mais afastado à direita. É esse que isolaremos para matar.*

Ele deu um passo à frente, avaliando a presa. *É um pouco esquelético, não acha?*

Somos apenas dois, Shay. Não precisamos de um veado adulto. Acabamos de comer um coelho. Está com tanta fome?

Ele me lançou um olhar de censura. *Contanto que você não esteja insinuando que não consigo caçar um macho grande.*

Movi as orelhas, irritada. *Não é uma competição; estamos apenas tentando comer!*

Ele arreganhou os dentes, dançando em círculos, brincalhão, ao meu redor. *Se não é uma competição, por que está criticando minhas habilidades?*

Não estou criticando, estou ensinando. Virei-me para observá-lo ao meu redor.

Pode me fazer um elogio de vez em quando, tia Tor? Ele avançou e mordiscou meu ombro.

Cale a boca. Rosnei para ele, que saltou para longe do meu alcance e baixou a cabeça, forjando um olhar de assombro e tristeza.

Cheirei o ar com indiferença. *Você é impossível.*

E você me adora! Ele esticou as patas dianteiras.

Tentei mostrar os caninos para ele, mas o esforço logo cedeu a um sorriso. *Vamos nessa, Mogli. Vamos caçar o Bambi.*

Ele enviou uma risada debochada para minha mente. *Você percebeu que acaba de misturar duas criações da Disney? Nossa,*

Calla, fiquei com pena de você...

Girei e iniciei uma descida furtiva pelo monte. Shay me seguiu de perto. Seus passos cautelosos estavam em sintonia com os meus quando passamos pelas árvores. Começamos a perseguição sob as copas dos pinheiros que circundavam o pequeno vale. Os veados permaneciam alheios à nossa presença, batendo na neve com seus cascos em busca de algum alimento enterrado.

Pronto? Não olhei para trás quando enviei a pergunta para Shay.

Sempre.

Arranquei rumo à floresta. Os veados, assustados, dispersaram-se. Foquei-me no filhote, que se afastava rapidamente do restante do grupo. Mordisquei o animal apavorado, que virou bruscamente para a esquerda. Shay correu atrás de mim. Após um súbito arranque, saltou e abocanhou o tendão do animal. O veado soltou um ganido alto e cambaleou. O sangue escarlate manchou a neve enquanto o filhote ferido lutava em vão para continuar a corrida, apesar da grave ferida. Com a atenção voltada para o lobo dourado, o veado não me viu passar a toda velocidade. O novo ganido foi interrompido pela dentada que dilacerou sua garganta. O líquido quente, com sabor de cobre, invadiu minha boca e mordi-o com ainda mais ferocidade. O jovem veado estremeceu e caiu no chão.

Shay trotou na direção da carcaça, abanando o rabo.

Bom trabalho. O sangue do veado ainda estava quente na minha boca. Meu estômago roncou e olhei para Shay.

Primeiro, as damas. Ele abaixou a cabeça respeitosamente.

Forcei a mandíbula para morder a carne do animal. Shay se sentou do lado oposto do veado e também arrancou um pedaço.

Minutos depois, Shay lambeu a boca.

É gostoso.

Melhor que coelho? Abocanhei mais um bom pedaço.

Shay ergueu a cabeça por um instante, com as orelhas se movendo para a frente e para trás. *Melhor que um jantar à luz de*

velas. Ele mostrou as presas em sinal de prazer antes de engolir mais pedaços de carne.

Shay se recusara, quando sugeri caçarmos juntos. Porém, como eu sabia, bastou um coelho para ele perceber que, como lobo, era natural o instinto de matar e devorar a carne crua.

Acabamos de comer e olhei ao redor. Vestígios da aurora escapuliam pelo vale, tingindo de cor-de-rosa pálido as últimas sombras da noite.

É melhor irmos embora. Andei nervosamente em círculos ao redor da carcaça.

Acho que está bem tarde. Shay se levantou.

Cedo demais, você quis dizer? O sol nascerá em poucas horas. Precisamos voltar para a caminhonete.

Estávamos a uma boa distância da trilha quando Shay voltou à forma humana. Fiz o mesmo, surpresa com sua decisão. Como lobos, estávamos bem mais protegidos do que jamais estaríamos como humanos. Franzi a testa para ele, fechando mais o casaco devido ao vento gélido que entrava sob a roupa.

— O que foi?

— Estive pensando... — Ele abria e fechava o zíper do casaco, claramente tenso. — Haldis. Precisamos saber o que é isso.

Olhei para o bolso onde ele guardara o estranho objeto.

— A biblioteca não é segura. Com certeza, os Inquisidores estavam nos espionando antes da emboscada.

Estremeci e esfreguei as mãos nos braços.

— Desculpe, sei que está frio — disse ele. Seus olhos verdes escureciam, cautelosos, observando-me tremer. — Preciso ser capaz de ler sua expressão facial. Ainda não sou bom para entender a linguagem dos lobos.

Caminhei na sua direção e parei quando ele recuou.

— Por que precisa ler minhas expressões faciais?

— Porque você não gostará do meu plano e preciso saber se me atacará ou não, e quero ganhar tempo se precisar fugir.

Eu caí na risada, mas seu rosto estava sério.

— Acha que atacarei você? — Observei-o com curiosidade.

Ele suspirou lentamente.

— Precisamos pesquisar, certo?

Fiz uma careta e concordei com a cabeça.

— A biblioteca pública está fora de questão, a escola também…

— É. — Minha curiosidade aumentava à medida que a expressão de Shay se tornava mais pensativa.

Shay recuou para o local mais longe possível sem que precisasse gritar.

— Deve ser um plano daqueles — murmurei.

— Prometa que escutará tudo antes de perder a paciência. — Os olhos de Shay se voltaram para o caminho que levava ao estacionamento como se calculasse quanto tempo demoraria para chegar até a caminhonete.

O sorriso que se formou nos meus lábios evidenciava o perigo.

— Prometo.

— Ótimo. — Ele não parecia nada convencido. — E se conseguíssemos toda a informação sobre os Defensores direto da fonte?

— Da fonte?

— Os livros dos Defensores.

Franzi a testa.

— Não estou entendendo.

Ele ajeitou os ombros para trás.

— Precisamos usar a biblioteca da mansão Rowan.

Não era mais o frio que me fazia tremer.

— Por favor, diga que está brincando.

— Sabe que não estou.

— Não vou à mansão Rowan.

— Por que não?

— Não acredito que teve coragem para sugerir isso!

Ele avançou um centímetro na minha direção.

— Escute, Calla. Meu tio está sempre viajando, nunca para em casa. Não seremos pegos e precisamos das informações que estão na biblioteca. Acho que o *Guerra de todos contra todos* não é o único livro que ele não gostaria que eu visse.

— Exatamente por isso é tão perigoso — ponderei.

— Bosque não sabe que posso destrancar a porta da biblioteca. Estou sempre sozinho. Os empregados aparecem para a limpeza às terças-feiras e aos domingos. Não iremos às terças-feiras e, aos domingos, você precisa patrulhar. Ninguém descobriria se pesquisássemos nos outros dias.

— Não sei…

— Logan disse a você para me fazer companhia, certo? — Shay me interrompeu.

— Sim, mas…

— Não acha que seria suspeito se eu nunca a convidasse para ir à minha casa?

— Talvez. — Franzi a testa.

— Definitivamente. — Ele sorria.

— Você não desistirá dessa ideia, não é?

— Não.

Suspirei.

— Então, qual é o veredito? — perguntou ele.

— Acho que pegarei minha lista — disse. — Parece que precisarei acrescentar mais um item aos atos proibidos.

— Essa é minha garota.

— Alfa.

— Tanto faz.

VINTE E QUATRO



O PRIMEIRO DIA DE AULA APÓS A transformação de Shay transcorreu sem incidentes, exceto por um momento de tensão na aula das Grandes Ideias. Assim que Ren chegou, Shay se sentiu tenso e a sombra da sua forma de lobo deslizou pelos seus ombros e o fez se eriçar. Eu previra essa reação e o encarei até ele se acalmar. Ao final do dia, eu estava quase tão confiante quanto Shay de que a expedição a Haldis continuaria em segredo, mas o otimismo durou pouco.

Soube que havia algo errado assim que cheguei em casa. O ar queimou minhas narinas e tossi com o odor de espectros. Pensei em me dirigir à porta dos fundos para não passar pela cozinha, mas a ideia surgiu tarde demais.

— Deve ser nossa garota.

Eles descobriram! Acabou. Meu coração disparou. O dono daquela voz nunca estivera na minha casa. Quando entrei na sala, o Defensor estava sentado na poltrona de couro do meu pai, sorrindo para mim.

— Esperávamos por você, Calla — disse Efron Bane. — É uma garota muito ocupada, chegando tão tarde. E com aula amanhã. Espero que não esteja envolvida em alguma confusão.

Ele não estava sozinho. Além dos espectros que vagavam atrás de mim, Logan e Lumine estavam sentados no sofá. *Por que estão todos aqui?* Pensei na transformação de Shay e torci para que eles não percebessem meu medo.

— Estou obedecendo ordens. — Olhei para Logan e ele assentiu. — Como você me pediu.

— Foi o que me disseram — respondeu Efron. — Ren acha que você está levando essa ordem muito a sério.

Precisarei deixar de sair com Shay porque Ren está com ciúmes?

— Se entendi mal, eu... — comecei a falar.

— Não, não. Sei que você é pura inocência, querida Calla. — Logan riu. — Ren apenas se sente furioso ao pensar em outro homem perto de você. É o jeito dele, não há o que fazer. Continue o bom trabalho com nosso garoto.

— Sim, Logan — murmurei.

— Pronto! — disse mamãe em voz baixa, carregando uma bandeja com chá e bolos. — Oi, Calla. Temos visitas. Seu pai está fazendo a patrulha.

Assenti. Ela não parecia nervosa. Talvez eles não houvessem descoberto, afinal, que a aranha fora morta. Se não estavam ali para me punir, por que a visita?

A porta de um carro bateu em frente à casa.

— Chegaram — disse Lumine, pegando uma xícara de porcelana.

Mais convidados?

Bateram à porta.

— Calla, por favor, abra a porta enquanto sirvo o chá? — Observei os movimentos nervosos da minha mãe, com crescente

ansiedade. *Quem poderia ser?*

Andei até a porta e, ao abri-la, vi dois homens. Um deles eu conhecia bem e o outro, apenas ouvi falar. E aquilo que ouvi não era nada bom.

— Essa deve ser Calla. — O pai de Ren me olhou pelo tempo que julgou conveniente. — Bem, ao menos não lhe deram uma noiva feia. Ela não é nada mal, não acha?

Não aguentei e rosnei para ele, mostrando os dentes.

Ele riu e olhou para Ren.

— E tem personalidade. Isso é bom! Domá-la será ainda mais divertido.

Ren não respondeu e manteve os olhos no capacho da porta. Emile Laroche passou por mim rumo à sala de estar, olhando ao redor como se inspecionasse a casa. Ainda bem que meu pai estava na patrulha. Eu estava tão pasma com o Bane ancião que mal notei quando Ren se aproximou e beijou minha testa.

— É bom ver você — murmurou, pegando minha mão.

Balbuciei um “oi”, ainda olhando para o pai de Ren. Eu nunca vira Emile Laroche — até a recente mescla das matilhas de lobos, os Nightshades e os Banes mantinham-se distantes. O alfa Bane tinha poucas semelhanças com o filho. Ren era forte, porém ágil; Emile era pesado e largo, com músculos tensos que se sobressaíam na roupa. Enquanto Ren tinha cabelos escuros, os de Emile pareciam ter cor de palha e seus olhos eram azuis, pálidos como um riacho congelado.

— Naomi! — Emile falou com uma voz estrondosa e sorriu para minha mãe. — Você é um colírio para esses olhos cansados.

— Emile. — Naomi permaneceu com os olhos baixos. — Posso lhe oferecer algo para beber?

— Algo mais forte que isso — disse ele, apontando para o chá.

— Claro. — Ela andou apressada até a cozinha.

— Para mim também — Efron exclamou e sorriu. — Ótimo, Emile.

— Imagine. — Emile se apoiou na parede próxima a Efron. — Boa-noite, mestra. Jovem mestra.

— Obrigada por vir, Emile — disse Lumine, mexendo o chá. — Sei que um encontro como esse é inédito.

Minha mãe retornou com os drinques para Emile e Efron. Olhou a sala e contraiu os lábios.

— Pegarei mais cadeiras.

— Não se sentará no meu colo? — disse Emile, tomando o drinque em uma golada. Encarei-o, mas Efron riu abertamente e Logan sorriu. Lumine fez um gesto com a boca indicando reprovação, mas continuou a tomar seu chá.

— Trarei a garrafa — murmurou minha mãe quando Emile estendeu o copo vazio para ela.

Ajudei-a a carregar as cadeiras da cozinha para a sala, sentando-me ao lado de Ren e me perguntando o que poderia estar acontecendo.

— É uma pena que Stephen não esteja — começou Lumine.

— É realmente uma pena — debochou Emile, às gargalhadas, no seu assento. — Há alguns anos não temos uma boa briga.

— Acalme-se, amigo — disse Efron. — Precisamos das duas matilhas unidas, então precisarão deixar as diferenças de lado.

— O que aconteceu? — perguntou Naomi, entregando uma garrafa de uísque a Emile.

— Achamos que algo aconteceu em Haldis — disse Lumine. — Talvez tenhamos demorado muito para colocar a nova matilha na patrulha.

Mantive uma expressão que torci para ser de naturalidade enquanto o pânico me invadia pela coluna. *Eles sabem!*

— Não vimos nada anormal nas patrulhas — disse Naomi.

— O problema ocorreu dentro da caverna — continuou Lumine. — Um dos nossos últimos recursos de defesa talvez tenha sido destruído, mas não poderemos saber sem investigar. Logan?

Eles não sabem tudo. Quanto tempo demorarão para juntar as peças?

Logan se virou para Ren e para mim.

— Vocês não irão à escola amanhã. Quero que vocês verifiquem algo e vasculhem a área ao redor da caverna e a entrada. Não se aventurem muito para dentro... logo descobrirão se a perturbaram.

— Se a perturbaram? — repeti, tentando disfarçar meu assombro.

— Diferente de vocês, essa fera é como um animal de estimação. — Logan sorriu. — Um animal de estimação mortal, que protege a caverna caso alguém consiga passar por nossos fiéis Guardiões.

— Ela nos atacará? — perguntou Ren.

— Sem dúvida — disse Logan. — Por isso quero que observem e se reportem a mim. Ela nunca deixa sua toca. Se a virem viva, saiam. Ela não os perseguirá além da caverna. Se algo aconteceu a ela, precisamos descobrir como ocorreu. Então, separem o grupo e mandem alguns lobos checarem a caverna. Os outros devem examinar o território e tentar descobrir quem esteve próximo a Haldis. Precisamos saber se os Inquisidores estiveram por perto.

— Como é ela? — perguntou Ren. Ele segurou minha mão com mais força.

— Não quero estragar a surpresa — disse Logan. — Ela é um tanto espetacular.

Apertei a mão de Ren com a mesma intensidade apenas para não tremer. Eu precisava ser um dos lobos que inspecionariam a caverna. Na verdade, eu precisava ser a única. Do contrário... Não conseguia pensar no que aconteceria.

— E você quer que façamos isso amanhã? — perguntei, mantendo a voz estável.

— Sim — disse Logan. — Precisamos agir rápido. Se os Inquisidores conseguiram ultrapassar nossas defesas, devemos realizar mudanças imediatamente.

— Convocarei a matilha assim que chegar em casa — disse Ren. — Tudo bem, Calla?

Antes que eu pudesse responder, Emile olhou o filho e disse:

— Não precisa pedir permissão, garoto.

— Não há nada errado em ser gentil, Emile — repreendeu Lumine. — Calla tem sido uma líder exemplar para os jovens Nightshades. Ren é sábio em perguntar sua opinião.

Emile murmurou algo dentro do copo e Efron riu.

— Por mim, tudo bem — disse, pensando que amanhã daria um jeito de entrar sozinha na caverna.

— Podemos nos encontrar ao raiar do sol, então? — perguntou ele, apertando minha mão. — No início da trilha?

Assenti.

Lumine se levantou, ajeitando a saia.

— Excelente. Será o primeiro teste de vocês. Não nos decepcionem.

— Nunca — murmurou Ren.

— Muito bem. — Efron sorriu. — Desejamos uma boa-noite a vocês.

— Obrigada pelo chá, Naomi — disse Lumine. — Sua hospitalidade sempre nos surpreende.

— Mestra. — Minha mãe fez uma breve reverência.

No caminho para a porta, Logan parou na nossa frente. — Boa caçada.

Os espectros flutuaram atrás, em silêncio. A porta se fechou e Ren se levantou, mas Emile se serviu de mais uma dose de uísque. Estendeu a garrafa para minha mãe.

— Pelos velhos tempos?

— Não, obrigada — disse ela.

— Nós ficaremos? — Ren franziu a testa, olhando para minha mãe e para seu pai.

— Não acho educado deixar duas adoráveis damas sozinhas sabendo que Stephen pode não estar aqui para protegê-las. Emile caminhou até minha mãe e acariciou seu cabelo.

Ela empalideceu, mas não se moveu.

— Sabemos nos cuidar — retruquei.

— Não como um homem — disse ele, retirando os dedos dos cabelos da minha mãe para acariciar seu queixo. — Naomi, que bobagens você colocou na cabeça dessa menina? Ela não dará trabalho para meu garoto, dará?

— Ela será uma ótima parceira — disse mamãe. — Merecedora do seu filho.

Encarei-a, sem entender por que não o expulsava. Eu conhecia a força da minha mãe — talvez ela não fosse capaz de lutar contra Emile, mas certamente conseguiria afugentá-lo.

— Ótima, mesmo. Assim como a mãe, suponho. Você é uma excelente garota, Naomi, que sabe o seu lugar. Sempre achei uma pena não sermos mais amigos.

— Obrigada — sussurrou ela, mas percebi que suas mãos tremiam.

— A noite é uma criança — continuou Emile, inclinando-se e tocando os lábios na orelha da minha mãe. — E cheia de possibilidades. Podíamos correr atrás do tempo perdido.

— Como se atreve! — Levantei imediatamente. — Fique longe dela!

Emile se virou para mim e rosnou.

— Renier, leve sua cadela para cima!

— Não vou a lugar nenhum! — Se Ren não me segurasse pelo ombro, eu teria voado em Emile.

— Pai, é melhor irmos embora. Estamos abusando da hospitalidade — disse Ren em voz baixa. — Stephen logo chegará da patrulha.

— Acho que sim, não é? — O sorriso de Emile era como a luz de um trem se aproximando. — Acho que eu deveria esperá-lo para cumprimentá-lo.

— Tenho muito trabalho para fazer e preciso combinar a patrulha em Haldis amanhã — acrescentou Ren. — Prefiro ir agora, por favor.

— Não sei onde você conseguiu tanta disciplina, garoto. — Emile terminou o drinque e bateu o copo no braço da cadeira. — Foi um prazer, Naomi.

— Vejo você amanhã. — Ren não me olhou ao falar, e seguiu o pai pela porta.

Observei minha mãe se levantar e ajeitar a blusa.

— Bem, é melhor eu arrumar tudo. — Pegou os copos e colocou-os na bandeja.

— Mãe, não vai dizer nada?

— Sobre o que está falando, querida?

— Por que deixou Emile fazer isso?

— Ele é um alfa macho, Calla. — Ela não me encarou e continuou a arrumar a sala. — É assim que eles funcionam.

— Papai não é assim!

— Não — respondeu ela, erguendo a bandeja. Eu a segui até a cozinha. — Mas Efron e Lumine têm preferências distintas em relação às características dos seus líderes. Lumine encoraja um comportamento mais estoico e, claro...

— *Finesse* — completei. — Como poderia esquecer?

Ela me ofereceu um sorriso desanimado.

— Efron acha melhor ter alfas com... pulso firme.

— Você chama isso de “pulso firme”? — ironizei. — Eu diria que Efron e Emile são dois canalhas.

— Não seja tão radical, Calla — repreendeu ela. — Não é apropriado.

— Contará para o papai?

Ela empilhou a louça na pia.

— É claro que não. Ele odeia Emile e você ouviu os mestres dizerem que a cooperação é de vital importância nesse momento. Não podemos deixar os homens competindo quando precisamos fortalecer nossas defesas. Eles são tolos.

— Tolos?! Ninguém, além do papai, pode tocar em você.

— Nenhum homem *inferior* pode me tocar, mas isso é uma rivalidade de alfas. Algo pelo qual espero que você nunca passe. Emile aproveitará qualquer oportunidade para desafiar seu pai. Ele sempre quis provar que é o alfa dominante das duas alcateias, e a situação piorou após a morte de Corinne.

— Mas...

Ela se virou para mim com uma das mãos para cima.

— Esqueça, Calla. O assunto está encerrado.

— Então, isso é *finesse*? — Não consegui controlar minha ira. — Agir dessa forma com qualquer homem que aparecer na nossa sala?

Eu estava no chão antes de perceber o golpe que recebi. Minha bochecha latejava.

— Escute com atenção, Calla. — Minha mãe estava em cima de mim, ainda com o punho fechado. — Eu disse uma vez e não quero explicar novamente. Emile não é qualquer um, ele é um alfa Bane. Você não pode enfrentar um alfa macho, mesmo quando pertence a outro alfa. É arriscar a própria vida. Está entendendo?

Ainda tonta, não consegui falar.

— Está entendendo? — Nunca vira seu olhar tão severo.

— Sim, mãe — sussurrei.

— Você deve estar cansada. — Ela se refez e voltou à sua imagem de mulher com *finesse*. — Quando eu terminar, farei um

chá de camomila e prepararei um banho de espumas para você. Amanhã será um dia importante.

Concordei com a cabeça e subi a escada, anestesiada. A porta do quarto de Ansel estava fechada e ouvia-se a música alta. Minha mãe provavelmente mandou-o para cima quando os Defensores chegaram. *Ele não escutou nada.*

Pensei em bater na porta, mas fui para o meu quarto, deixando meu irmão continuar com seus sonhos românticos, de amor eterno, por mais um tempo. Fechei os olhos e chorei, imaginando quanto tempo demoraria para minha mãe aparecer com o chá e os Defensores descobrirem a gravidade da minha traição.

VINTE E CINCO



— **NÃO PODEMOS IR TODOS À** caverna. — Eu andava de um lado para o outro, na base da montanha. Meus companheiros me encaravam com olhares suplicantes. Esperávamos pela chegada dos Banes. A escassa luz da aurora fazia o solo tremeluzir em matizes de ferrugem que me recordavam Haldis. Estremeci, pois sabia que o estranho objeto era o motivo da patrulha e que nenhum dos meus companheiros conhecia o segredo. Nenhum deles poderia ir à caverna. Descobririam que eu entrara, e com outro lobo. Eu estava desesperada para mantê-los longe daquele lugar.

— Mas Logan mantém um bicho horrível lá! — exclamou Fey. — Não é justo se todos não forem. Deve ser monstrerrível!

— É sério que você falou monstrerrível? — perguntou Bryn, recebendo como resposta uma expressão glacial de Fey. Elas estavam se estranhando cada vez mais desde a noite no Burnout.

— Não tem nada a ver com justiça, mas com receber ordens — falei. Seus resmungos deixaram meus dentes afiados. — Vocês que se entendam com o Ren quando ele chegar.

Garantirei que Ren escolha a mim para entrar na caverna.

Ruídos atrás de alguns arbustos anunciaram a chegada dos Banes. Cinco lobos surgiram e, ao verem que estávamos na forma humana, transformaram-se um a um. Ren foi o último.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Minha matilha está mais interessada em passear do que em fazer o trabalho — disse a ele.

— Não foi o que eu quis... — Fey começou a falar.

— Cale a boca, Fey — rosnei. A visita dos Defensores na noite passada e do pai de Ren esgotaram minha reserva habitual de paciência.

Ren riu e acenou para o restante do grupo.

— Não ligue, Lily. Meu pessoal também está curioso em relação ao bicho na caverna.

— Seria melhor que eu fosse sozinha até a caverna. A patrulha pelo território é o mais importante, pois precisamos descobrir o que, ou quem, está entrando furtivamente na montanha.

— Calla tem razão. — Ren levantou o tom de voz: — A patrulha é mais importante do que entrar na caverna.

Alguns resmungaram, mas logo se calaram com o rosnado de Ren.

— Por isso *eu* irei à caverna — continuou ele.

— Mas... — Tentei disfarçar o pânico.

— Não vou repetir. — Ren me ignorou. — Calla procurará evidências dos Inquisidores ao redor do local. Bryn, Ansel, vocês vêm comigo para a caverna. O restante fará o que a Calla mandar, e, se eu escutar alguma reclamação, vocês se verão comigo. Nós alcançamos vocês depois de checarmos a caverna e patrulhamos o perímetro juntos.

Ninguém se pronunciou. Engoli minha tentativa de discordar, atônita. *Bryn e Ansel?* Não entendi por que ele levaria meus

companheiros de matilha. Ao menos, eu poderia conversar com eles depois.

Bryn e Ansel também pareciam surpreendidos, mas seguiram Ren prontamente quando ele se transformou em lobo. Fiz o mesmo e o restante da alcateia se concentrou em mim. Dax ainda olhou uma última vez para Ren, com uma expressão de desamparo.

Compartilhei meus pensamentos com o grupo. Embora o medo prevalecesse sobre minha energia, precisava me comportar como uma alfa. *Façam a varredura em círculos amplos, começando pelo perímetro interno e, então, nos dirigiremos para o sul. Mason, Nev, Sabine e eu pegaremos a rota leste-oeste. Dax, Fey e Cosette trabalharão no sentido oeste-leste. Assim, economizaremos tempo e cobriremos o maior perímetro possível. Alguma pergunta?* Senti um pouco de culpa por brigar com Fey antes e tentei me redimir a colocando junto com Dax.

Eles baixaram os focinhos em conformidade. *Ótimo! Vamos, então.*

Fey tomou a liderança com Dax e Cosette atrás, subindo a montanha pelo oeste.

Eu estava prestes a guiar Mason e Nev pela montanha quando a voz de Ren entrou na minha mente.

Calla?

O que foi? Parei, movendo as orelhas para trás e para a frente. Ele enviava a mensagem apenas para mim.

Desculpe por não a convidar, mas é importante que eles se acostumem com o novo arranjo das patrulhas. Eu cuidarei de Bryn e Ansel.

Claro, obrigada.

Tenho certeza de que não perderá nada muito interessante na caverna. Aviso se encontrarmos algo, assim que puder.

E, então, sua voz desapareceu. O que ele descobriria?

Aquilo era preocupante. Medo e frustração me impulsionaram a mordiscar o calcanhar de Mason, mas deixei que Nev e Sabine também escutassem meu pensamento. *Vamos.*

Ei!, protestou ele. *Esperávamos por você.*

Isso não é desculpa. Balancei o rabo, desejando que pudesse sentir algo além de um embrulho no estômago.

— *Eu avisei, cara...* — disse Nev baixinho. — *Sempre soube que ela era uma tirana.*

Sabine estava sentada, quieta, à espera de ordens. Fiquei curiosa para saber em que ela pensava.

As risadas de Nev e Mason invadiram minha mente enquanto corríamos pela montanha. Divertimo-nos por alguns instantes, mordendo os flancos um do outro e fazendo ultrapassagens, mas o prazer de correr em liberdade logo se esvaiu.

Poucos dias antes, Shay e eu combatemos a aranha de Logan e tiramos Haldis do seu lugar de origem. Eu perdera tanto sangue que um pouco pode ter se infiltrado na rocha ou manchado as paredes da caverna. Talvez o cheiro da aranha encobrisse o meu? Mas e se isso não acontecesse? O que Ren faria?

Rosnei para um esquilo que se meteu no meu caminho. Mason mordiscou meu maxilar. *Tudo bem?*

Dor de cabeça, respondi. *Diminuam a velocidade. É melhor começarmos a procurar pistas aqui.*

Espalhamo-nos, com as narinas rentes ao chão, movendo-nos a passos largos e buscando cheiros que não fossem familiares, pistas que eu sabia que não encontraríamos. Como não havia algo a procurar além de evidências de que Shay e eu estivemos ali, achei a busca um tédio. Farejei seu cheiro no início da patrulha e sabia que meus companheiros não o reconheceriam. Enquanto guiava Nev, Mason e Sabine, não conseguia deixar de pensar no que estaria acontecendo na caverna.

Podemos caçar algo para comer? A voz de Mason interrompeu meus pensamentos. *Vi uma perdiz e estou faminto. Acho que não há nada aqui. Senti apenas o cheiro de um lobo solitário vagando por essas bandas.*

Embora já houvesse pressentido, a suposição de Mason sobre um cheiro diferente me trouxe uma onda de alívio.

É tudo o que conseguimos. Voto por um intervalo para comer, Nev respondeu*. Não quero perdizes. Odeio aquelas penas grudadas na minha língua. Que tal um coelho? Adoro um coelho bem gordo.*

Vocês precisam se concentrar, resmungou Sabine. *Deveríamos esperar a patrulha terminar para comer. Se houver uma matilha nova de lobos, precisaremos afugentá-los. Será confuso demais.*

Era apenas um lobo, Sabine. Pare de se exibir para Calla, Nev retrucou. *Eu cacei com você e sei que é a primeira a correr para os coelhos.*

Ela fungou, desdenhosa. *Isso não é verdade!*

Meu estômago roncou e percebi que estávamos nessa missão infrutífera há horas.

Quando os responderia, um som me deteve. O uivo longo e agudo de Ren ecoou pela montanha, convocando a matilha a se reunir. O alívio pela certeza de que a identidade de Shay não seria descoberta desapareceu. Em alguns minutos eu encararia Ren sem saber o que ele encontrara na caverna.

Talvez seja um sinal para o almoço. Mason se virou em direção ao uivo.

Virei-me e liderei o caminho até o topo da montanha.

Ren, Bryn e Ansel nos aguardavam. Sacudi meu corpo nervosamente quando vi o local que eles escolheram para o nosso encontro: o prado onde eu salvara a vida de Shay. Bati a pata contra a terra, a lembrança invadindo meu cérebro e, subitamente, desejando que Shay estivesse ali, no lugar dos meus companheiros de matilha. Tentei disfarçar o nervosismo e me aproximei de Ren

cautelosamente. Ele parecia calmo, esperando silenciosamente pela chegada da alcateia.

Fey e Cosette surgiram da floresta pelo lado leste.

Onde está Dax? A voz de Ren ocupou nossas mentes.

Ele ficou com fome. Fey respondeu, olhando para trás.

Dax apareceu entre as árvores, arrastando uma corça recém-morta.

Viva, Dax! Nev avançou e enfiou os dentes na anca do animal, para ajudar a arrastar a carcaça pelo restante do caminho. Ansel, quase por instinto, correu em direção à refeição.

Alfas, primeiro. Dax baixou o maxilar e mostrou os dentes para meu irmão.

Ansel caiu no chão com as orelhas baixas. *Desculpa, Ren.*

Não se preocupe com isso. Ren seguiu até o meu lado. *Está com fome?*

Ele tocou minha boca com o focinho, sem qualquer sinal de hostilidade. Talvez não houvesse encontrado qualquer pista. Reconfortada pelo comportamento descontraído de Ren, senti o estômago roncar novamente, provocado pela visão de carne fresca. *Acho que sim.*

Qual é sua parte preferida? Ele sinalizou para a corça.

O cheiro de sangue fresco aplacou minha irritação. *As costelas.* Lambi meus lábios.

Pegue.

Rasguei a pele do animal. Ren se posicionou ao meu lado e abocanhou alguns pedaços da carne do pescoço.

O restante da matilha se juntou a nós, mantendo uma distância respeitosa.

Sei que estão desfrutando a comida. — A voz de Ren chegou a todos enquanto ele comia. — *Mas preciso mantê-los atualizados sobre algumas coisas. Por isso, prestem atenção.*

O que havia na caverna?, perguntou Dax, com o maxilar coberto de sangue escarlate.

Não acreditarão, disse Bryn, com os pelos do pescoço eriçados.

Uma aranha enorme, morta. Ren arrancou uma das patas da corça trincando a mandíbula.

Que horror! Sabine se afastou do grupo, que se encontrava saciado ou simplesmente perdera o apetite.

Enorme? Mason perguntou.

Três vezes maior que Dax. Ansel lambeu a mandíbula de Bryn.

É essa a ideia de Logan sobre animais de estimação? — debochou Nev, abocanhando com maior ferocidade a carne da caça.

Acho que era mais uma sentinela do que um animal de estimação, comentou Ren.

Bom saber que ele tem tanta confiança na nossa capacidade de proteger a caverna — disse Sabine, fungando.

Ren arreganhou os dentes para ela. *Enfim, a aranha está morta e Logan me pediu que o informasse imediatamente se a caverna não estivesse mais protegida por aquela coisa.*

Quando ele pediu isso? Olhei para Ren, sem me lembrar dessa conversa.

Ele me ligou ontem à noite, depois que saímos da sua casa.

Apoiei a cabeça nas patas, pensando em quantas vezes Ren receberia ordens sem que eu soubesse.

Ele me pareceu muito contrariado, Ren continuou. *Meu pai, Logan e Efron estão indo para a caverna. Eles querem checar algo, mas isso não nos interessa.*

Haldis. Levantei-me e andei de um lado para o outro, ao redor do grupo, perdida nos meus pensamentos. Eles checariam Haldis, só poderia ser isso.

Vocês encontraram algo durante a patrulha? perguntou Ren.

Há um lobo solitário na montanha. Fey se espreguiçou e se sacudiu. *Eu não o vi, mas o cheiro é novo. Fora isso, estamos sozinhos.*

Shay. Eles também sentiram seu cheiro. Os pelos no meu pescoço se arrepiaram.

Nenhum Inquisidor, acrescentou Dax, engolindo um enorme pedaço de carne.

Também não encontramos nada. Nev estava sentado sobre as patas.

Nem mesmo um bom coelho gordo. Mason mordiscou a orelha de Nev.

Precisamos vistoriar a base da montanha, por via das dúvidas. Ren se afastou da corça, que fora reduzida a ossos. *Bryn e eu seguiremos com o grupo de Dax. Ansel, você irá com Calla.*

Você é o chefe, respondeu Ansel, esfregando a cabeça na pata para coçar a orelha.

A matilha se dividiu, movendo-se em direção ao bosque.

Estaremos atrás de vocês. Ren enviou o pensamento para o grupo. *Preciso conversar com a Calla um minuto.*

Observei meus companheiros desaparecerem entre os pinheiros antes de me virar para Ren.

O que foi?

Ren se aproximou de mim, encurralando-me nos seus olhos cor de carvão. *Por que entrou na caverna?*

Meu pulso disparou, mas farejei o chão, fingindo desinteresse. *Não sei sobre o que está falando.*

Ele avançou e me imobilizou sobre minhas costas. Tentei rolar, mas ele me prendeu ao chão. Seu maxilar forçava minha garganta e dificultava minha respiração.

Conheço seu cheiro, Calla. Você esteve lá! Dois, talvez três, dias atrás.

Tentei golpeá-lo com as patas, arranhando-o. *Pare!* Me deixa levantar*!*

Bryn e Ansel devem ter reconhecido seu cheiro, mas alegaram não sentir nada, o que significa que eles estão mentindo por você. Está tentando dividir a matilha? Está realmente querendo me confrontar? Seus dentes espetavam minha garganta, forçando-me a não reagir. Nunca pensei que pudesse odiar Ren, mas era quase isso o que sentia. Ele pressionou os dentes com mais força, fazendo-me ganir de dor. Continuei a me debater e ele rosnou.

Não tente me confrontar! Apenas diga a verdade.

Relaxei e choraminguei. *Desculpe, deveria ter contado. Fiquei curiosa e fui à caverna esse fim de semana, durante a patrulha.*

Um grunhido baixo ressoou no peito de Ren. *Você matou a aranha?*

Minha mente voou enquanto eu ponderava se era melhor mentir ou prosseguir com a verdade. Contar toda a verdade estava fora de questão.

Não, respondi, optando pela mentira. *A caverna tinha um cheiro estranho, tive medo. Não fiquei por muito tempo.*

Esperei e torci para que ele acreditasse em mim enquanto me perguntava o quanto ele farejara pela caverna.

Por que ele não diz nada? Ele ainda grunhia, mas sua mordida estava mais frouxa.

Gani novamente, sem me mexer. *Desculpe, Ren. Achei que Logan me puniria. Você sabe que não estamos autorizados a entrar na caverna.*

Você é mais corajosa do que eu. Há anos tenho vontade de entrar naquela caverna. Ele parou de grunhir e me soltou, puxando minha cabeça para cima e me ajudando a levantar. *Não gostei de ter feito isso com você, Calla. Sempre a protegerei, mas não pode ter segredos comigo. Nem seus companheiros de matilha. Conversarei com Bryn e Ansel sobre isso.*

Desculpe. Não conseguia encará-lo.

Ele pressionou o focinho no meu ombro. *Preciso da sua confiança. Você entende?*

Entendo. Meu corpo tremia. *O que você acha que matou a aranha?*

Senti o cheiro de um lobo solitário, provavelmente o mesmo que vocês farejaram pela montanha. É difícil acreditar que ele matou a aranha sozinho. Deve ser um lobo lutador.

Lembrei de Shay usando as machadinhas e do quanto admirava sua coragem, sua habilidade guerreira.

Estou tentando manter sua segurança, Calla. Ren lambeu meu focinho. *Não se arrisque à toa. Você é importante demais para isso! Preciso de você ao meu lado. Desculpe-me se te machuquei.*

Não me machucou. Deixei-o lamber meu focinho, apesar da humilhação, aliviada por ele não insistir no assunto.

Sem mais palavras, ele adentrou a floresta velozmente e fiquei sozinha no prado. Fechei os olhos e vi Shay, senti seus lábios no meu braço, as primeiras faíscas de desejo quando ele me tocou. Ergui o focinho, desejando que pudesse eliminar a frustração com um uivo, detestando o silêncio forçado em mim. Logo os Defensores estariam à caça dos ladrões de Haldis. O que fariam então?

VINTE E SEIS



SUBI ATÉ A METADE DA ESCADARIA de pedra da mansão Rowan quando o pavor me imobilizou. Shay precisou me arrastar.

— Mudei de ideia! — Meus pés derrapavam no chão.

— Tarde demais. — Ele trincou os dentes e continuou a me empurrar.

— Nunca deveria ter transformado você — falei. — Assim não poderia me arrastar a lugar nenhum.

— Você não está facilitando as coisas. — Ele se esforçou para me obrigar a dar mais um passo. — Você me deve uma, esqueceu? Me abandonou no bar na semana passada. Acho que Ren passou o restante da noite planejando em que sequência quebraria meus ossos.

— É bem provável.

— Exatamente. E também tem sorte de eu estar aqui para fazer um tour.

— Você tem minha eterna gratidão pela oferta. Com certeza, é uma casa adorável. — Eu me contorcia nos seus braços. — Agora, me solta.

— Vamos, Cal, suba as escadas. Você concordou. Vai me obrigar a carregá-la para dentro?

Olhei para as portas duplas de ébano.

— Talvez.

— Precisarei carregá-la no ombro ao estilo homem das cavernas. — Ele sorriu. — Não vai ser legal.

Semicerrei os olhos.

— Você adoraria, não é?

— Quer descobrir?

Desvencilhei-me dos seus braços e subi as escadas apressadamente. Shay tirou uma enorme chave de bronze do bolso. Meu olhar passou pela fachada da mansão enquanto ele destrancava a porta.

A imponente casa arranhava o céu com seu contorno duro, sua fachada cinza. O edifício se estendia lateralmente por uma distância inacreditável. Janelas altas, divididas por barras verticais, se alinhavam ao longo dos três andares. O frontispício estava adornado por criaturas de pedra: cobras enroscadas, cavalos empinados, águias e quimeras com expressões ameaçadoras. Gárgulas com asas apareciam ao longo do telhado, como se estivessem prontas para saltar.

— Você vem? — Shay segurava a porta.

Desviei os olhos das estátuas, respirei fundo e entrei na escura mansão. Prendi a respiração. As portas se abriram em um enorme hall, e uma varanda circundava o espaçoso lugar. Duas escadarias de mármore subiam em direções opostas ao longo da parede mais distante. Um elaborado candelabro de cristal, pendurado no teto, adornava o lugar; seus prismas captavam a luz do sol e refletiam infinitos arco-íris no piso. Embora desprovido de móveis, o lugar

estava repleto de obras de arte, incluindo desde belíssimos vasos de porcelana até armaduras completas com pesadas alabardas e clavas assustadoras nas luvas de ferro.

— Como eu disse... opulento. — Shay subia as escadas ao meu lado e sua voz ecoou pelas paredes.

Concordei com a cabeça.

— A biblioteca fica depois daquelas portas, no andar superior — continuou ele. — As escadas nos levam às alas leste e oeste da casa. Quer começar a pesquisa? Ou prefere um tour?

— Quero ter certeza de que não há problema, mesmo, em ficarmos aqui — murmurei.

— O tour, então — disse ele, andando até a escadaria da direita. — Eu durmo na ala oeste.

Enquanto o seguia, olhava para trás a todo instante. Um silêncio horripilante habitava a casa. O som dos nossos passos no piso de pedra ecoava à nossa volta.

— Como conseguiu se acostumar a esse lugar? — Notei que eu sussurrava.

— Não consegui. — Ele deu de ombros. — É bem esquisito ficar sempre sozinho.

— É inacreditável como é silencioso aqui.

— Às vezes, coloco uma música em volume máximo no meu quarto e deixo a porta aberta. Ajuda um pouco.

Viramos em um longo corredor. Pinturas cobriam as paredes em intervalos regulares, retratando pessoas em tamanho real. Olhei para uma delas e congelei. Um homem suspenso em um buraco negro, com o rosto contorcido por um sofrimento agudo e seus tormentos obscurecidos pelos matizes sombrios na tela. Olhei para a pintura na parede oposta. Era parecida, mas tinha uma mulher.

— Podemos ir mais rápido? — murmurei.

— Desculpe, eu deveria ter alertado sobre as pinturas. Bosque tem um gosto bastante mórbido para as artes.

— Sem dúvida. — Fixei os olhos no chão enquanto avançávamos. — Quem são eles?

— Não sei — respondeu Shay. — Achei que pudessem ser mártires, mas as pinturas não têm títulos e as formas de tortura não correspondem a nenhum dos mártires cristãos.

— Então ele apenas gosta de imagens de pessoas sofrendo?

— Talvez. Muitas obras de arte tratam do sofrimento e da morte. As pinturas de Bosque não diferem muito do que se vê nos museus.

— É, pode ser.

Ele virou repentinamente para a direita e segui-o apressada por um curto corredor. Quando virei, quase colidi com um homem. Um belo homem, com asas grandes e de couro. Gritei e me joguei no chão, transformando-me e mostrando as presas.

— O que foi, Cal? — Shay franziu a testa, aparentemente indiferente à ameaça a poucos passos dele.

Não tirei os olhos da criatura alta e alada, que levava uma lança em uma das mãos, com a ponta mirada para nós. O íncubo estava imóvel.

— É uma estátua. — Shay riu. — Você está rosnando para uma estátua.

Aproximei-me e cheirei o mármore. Shay ainda ria quando retornei à forma humana. Eu o olhei, irritada.

— Podia ter avisado que havia estátuas de demônios.

— Há diversas esculturas espalhadas pela casa. Acho que não dá para andar mais de 15 metros sem tropeçar em uma. Há mais nos jardins.

— São todas como essa? — Espiei a estátua.

— Muitas. Algumas são mulheres com asas, mas todas têm armas como essa. Existem animais também, ou melhor, criaturas mitológicas.

Estremeci.

— Por que ficou assustada? Achei que somente tivesse medo de espectros.

— Há outras coisas com o que se preocupar além dos espectros.

— Quer dizer que essa estátua é um modelo de algo real?

Ele ergueu o braço e tocou a ponta da asa do íncubo.

— Sim.

Ele tirou a mão, bruscamente.

— Caramba.

— Aonde dará esse tour, afinal? — perguntei, ansiosa para me afastar da estátua.

— Quero mostrar meu quarto a você. — Ele sorriu timidamente. — No final do corredor.

Ele me guiou e parou em frente à última porta à direita.

— Então? — Esperei ele abrir a porta.

— Estou tentando me lembrar da última vez em que limpei meu quarto — disse ele.

— Os empregados do Bosque não limpam seu quarto?

Ele negou com a cabeça.

— Eles limpariam, mas eu disse que não precisava. Não gosto de estranhos mexendo nas minhas coisas.

— Principalmente quando você está lendo um livro proibido?

— É, por isso também. — Ele sorriu e abriu a porta.

O quarto de Shay era em parte arrumado e em parte bagunçado. Havia pilhas de livros e alguns suéteres jogados sobre uma cadeira de madeira. O livro dos Defensores estava sobre uma escrivaninha antiga. Haldis estava ao lado, e brilhava suavemente sob a luz da tarde. Era possível ver o chão e não havia nenhuma montanha de roupas, como no meu quarto, por exemplo.

Shay olhou ao redor.

— Nada mal, não é?

— Na minha opinião, é um enorme progresso — disse.

— É ótimo saber que não estou violando nenhum padrão obsessivo de limpeza.

Soltei uma risada. Ele deu um passo na minha direção e passou a mão pelos meus cabelos.

— Então... — murmurou ele.

O ambiente no quarto se tornou elétrico subitamente. Eu estava mais do que ciente de que estávamos sozinhos... No seu quarto. *Controle-se, Cal. Não consegue conter seus hormônios por cinco minutos?*

Olhei ao redor, nervosa e desesperada para quebrar a tensão. Por mais que desejasse que Shay me tocasse, minha briga com Ren me deixou menos inclinada a correr riscos. Avistei um baú de madeira parcialmente escondido por uma calça jeans.

— O que é isso? — Caminhei até o baú.

— Nada interessante — disse ele e me seguiu. — Objetos que colecionei ao longo dos anos.

Olhei-o com um sorriso descarado.

— Não acredito em você.

— Ei! — Ele não conseguiu me segurar a tempo de me impedir de erguer a pesada tampa.

Comecei a rir imediatamente.

— É tudo histórias em quadrinho!

— Bem, é... — Ele se agachou e ajeitou as pilhas de gibis. — Mas são muito bons, e alguns muito raros.

Folheei alguns. Levantei uma das pilhas e senti algo macio. Franzi a testa, afastei os gibis e enfiei as mãos no tecido felpudo. Tirei a mão do baú e percebi que segurava um belo cobertor de lã.

Shay pigarreou.

— Minha mãe fez para mim.

— Lembro-me de você falar sobre isso. — Passei os dedos pelo tecido sedoso. — É a única lembrança que você tem dela.

Ele tirou o cobertor da minha mão.

— Algo errado? — perguntei, com medo de tê-lo ofendido por pegar o cobertor.

— Não sei — murmurou ele. — É estranho.

— O quê?

— O cobertor... É como se... Acho que tem um cheiro diferente. E nem está perto do meu nariz.

— Ah... — Concordei com a cabeça. — Não é o cheiro, você está diferente. Seu olfato está muito mais apurado. E isso aumenta todos os outros sentidos e sua percepção.

Ele arqueou as sobrancelhas e respirou fundo. Fiquei de pé rapidamente quando ele fechou os olhos e cambaleou para trás com um arquejo.

— Shay? — Peguei seu braço. — O que foi?

— Eu... — Sua voz estava arrastada. — Lembro... posso ver o rosto dela. Sua risada.

— Ah, Shay — murmurei, puxando-o para perto de mim.

Seus olhos se abriram cheios de lembranças.

— Não pode ser real.

— Pode, sim. Os odores e a memória estão completamente interligados. Seus sentidos reavivaram as lembranças.

Ele tinha a testa franzida.

— Talvez.

— Pareceu real? — perguntei, pressionando. — Familiar?

— Mais do que qualquer coisa.

— Então, é sua mãe.

Ele torceu o cobertor.

— Espere um segundo... Não, não pode ser.

— Shay?

Ele segurou minha mão e me puxou pelo corredor.

— O que foi? — perguntei enquanto ele me arrastava até o patamar mais amplo das escadas, no hall principal.

Ele não respondeu, parando em frente à alta porta de madeira da biblioteca. Tirou uma espécie de canivete do bolso e o enfiou na fechadura da porta. Ouvi o clique da porta se abrindo.

Shay nada disse ao entrar. Segui-o, hesitante, enquanto olhava a biblioteca. Era sem dúvida o lugar mais espaçoso que já vira, além do ginásio da escola. A biblioteca se estendia pelo segundo e terceiro andares da mansão. Três paredes estavam tomadas por estantes. Havia escadas de ferro em espiral em cada parede, que levavam a varandas ligadas às prateleiras mais altas das estantes. Nunca vira tantos livros.

Naquele momento, entendi por que Shay morria de vontade de entrar ali. Linda e assustadora, a biblioteca parecia perfeita demais para ser um local seguro, como uma planta carnívora com deslumbrantes flores para capturar os insetos.

— É incrível — soltei, boquiaberta.

Shay olhava fixo para a única parede da biblioteca livre de estantes. Vitrais altos emolduravam uma enorme lareira, grande o suficiente para caber dois homens. Ele observava um retrato pendurado acima da lareira.

Diferente das pinturas grotescas que ocupavam as paredes da mansão Rowan, o retrato era tradicional, embora as pessoas na pintura tivessem uma expressão extremamente séria, quase severa. Uma mulher em um vestido branco singelo aparecia sentada em uma cadeira. Os cabelos cor de chocolate escorriam por um dos ombros, e os olhos verdes pálidos pareciam lacrimejantes. Havia um homem atrás, com as mãos sobre os ombros da mulher. Seu rosto era austero e parecia terrivelmente triste, emoldurado por cabelos dourados levemente ondulados até o queixo.

Embora fosse o retrato de estranhos, a pintura provocou um aperto na minha garganta. Eu nunca vira rostos tão tristes. Caminhei e parei ao lado de Shay.

— Por que ele não me contou? — murmurou.

— Não entendo...

— Meu tio. — Ele tirou os olhos do retrato. — Essa é minha mãe... E acho que esse é meu pai.

Não pude acreditar no que ouvi.

— Tem certeza?

— Se você tem certeza de que meu olfato desencadeou lembranças reais, essa é a mulher que vi quando senti o cheiro do cobertor.

— Mas Bosque não deixou que você guardasse fotos dos seus pais.

— Exatamente! Por que ele tem um retrato dos dois na biblioteca? E por que não gostaria que eu visse?

— Talvez ele tenha medo que você lembre algo ao ver a imagem dos seus pais. Lembrou-se? Depois de ver a pintura?

Shay olhou para o retrato novamente.

— Não.

Peguei sua mão.

— Você está bem?

— Não sei. — Ele acariciou a palma da minha mão com o polegar. — Ajudaria muito se algo na minha vida fizesse sentido.

Apertei sua mão.

— Eu entendo. — Ambos reviráramos pedras demais, revelando segredos desagradáveis. — E agora?

— Faremos o que viemos fazer — disse ele.

— Pesquisa?

— Pesquisa.

Olhei para as estantes de múltiplos andares.

— Alguma ideia sobre por onde começar? Ou se seu tio tem um catálogo?

— Aí não teria graça, teria? — disse ele, espirituoso.

— Darei uma olhada, então — disse, ignorando seu olhar provocador.

Ele sorriu maliciosamente.

— Há um detalhe.

— Qual?

— Uma estante com tranca.

— Parece promissor. Tentou abri-la?

Ele corou e esfregou a nuca.

— Detesto admitir, mas fiquei um pouco culpado por ter invadido a biblioteca do Bosque. Achei que deixando a estante em paz, eu me redimiria... Uma espécie de renúncia cármica.

— Você é tão estranho — murmurei.

— Por isso você gosta de mim. — Ele sorriu. A estante de mogno ficava em um canto da parede com a lareira, e ao lado de um antigo relógio alto e silencioso. Shay abriu a estante. Ela estava ocupada por seis prateleiras de livros encadernados com couro preto. Ele puxou um livro da última prateleira.

— Está tudo escrito à mão, como um diário.

— Tem título?

Ele virou a capa.

— *Anuários de Haldis.*

O título era familiar e tive o pressentimento de que aqueles livros não eram o que procurávamos.

— E tem data — continuou ele. — De 1900 a 1905.

Peguei um volume de uma estante mais baixa.

— Esse livro data de 1945 a 1950.

Comecei a ler e confirmei minhas suspeitas. Era uma árvore genealógica. A história completa das matilhas de Guardiões.

— Não entendo. — Shay tinha uma expressão confusa. — É uma lista de nomes, quase que uma árvore genealógica. E há anotações sobre os membros das famílias.

— Bem, isso não nos ajudará. — Fechei o livro e o devolvi à prateleira. — Precisamos nos concentrar em outros livros da biblioteca.

Ele me olhava, perplexo.

— Sobre o que você está falando?

— Esses livros não são sobre o Haldis que estamos procurando — expliquei.

— São sobre o quê?

— Esse é o arquivo dos Defensores sobre as matilhas Guardiãs.

— Sério? — Ele levantou as sobrancelhas.

Concordei com a cabeça e tirei o livro das suas mãos, recolocando-o no lugar.

— Feche isso e tranque a estante.

— Você não quer ler esses livros? É a sua história.

— Conheço a história — falei. — E ela somente nos fará discutir.

— Por quê?

— Porque os livros não falam apenas sobre o que aconteceu com as alcateias, mas principalmente sobre como se formam, quem são seus mestres e as decisões dos Defensores para a formação dos casais.

— Casais? — Ele olhou para a prateleira mais baixa. — Quer dizer que um desses livros explica como você e Ren foram escolhidos.

— É — confessei. — E todos os outros pares na história das matilhas. É uma árvore genealógica, entre outras coisas.

Ele observou os livros, com dedos trêmulos.

— Esquece, Shay.

— Mas...

— Não há nada que você possa fazer a respeito — falei. — Você apenas ficará com raiva.

Ele murmurou algo entredentes, mas fechou as portas da estante e trancou-as.

— Mais alguma ordem, grande alfa?

— Não seja idiota. — Fiz um gesto para as enormes estantes. — Temos trabalho demais sem você transformar isso em uma novela.

— Uma novela? — Ele me encarou e, então, avançou na minha direção, abraçando-me. Senti seu corpo tremendo.

— Shay?

Demorei um minuto para perceber que ele ria. Um sorriso apareceu nos meus lábios e comecei a rir também. As lágrimas escorreram pelo meu rosto e a barriga ficou dolorida, ainda assim meu sorriso aumentou. Ficamos lado a lado enquanto o som das nossas risadas ecoava no piso de pedra e pela imensa biblioteca da mansão Rowan.

Antes de conhecer Shay, nunca rira assim, tão livre e boba, com meu corpo tremendo de alegria em vez de raiva. Mas, apesar das risadas me animarem, não conseguia deixar de me perguntar se a união significaria que não mais poderia vê-lo e, sem ele, que nunca mais teria a chance de me sentir assim.

VINTE E SETE



UM BANDO DE POMBOS assustados voava e pousava sobre as beiradas das janelas. O ruído abrupto do bater das asas e os vultos das sombras contra os vitrais me fizeram saltar da cadeira, que caiu no chão.

Shay bocejou e espreguiçou.

— Calla, precisa parar de se assustar sempre que escutar um barulho.

— Estou apenas sendo cautelosa. — Peguei a cadeira e esperei meu coração se acalmar.

— Não tem problema ficarmos aqui. — Ele virou a página. — Diria até que minha sugestão foi brilhante, se houvéssemos encontrado algo útil.

Olhei o índice de *Sinais e símbolos na cultura humana.*

— Está sendo frustrante! Nenhuma das descrições de cruz parece ser a da tatuagem.

Olhamos para a pilha de livros esparramados sobre a mesa. *Nada, não encontramos nada! É uma perda de tempo.* Frustrada e

exausta, cruzei os braços e pousei a testa sobre eles.

— Acho que voltamos à estaca zero. — Shay fechou um pesado livro de história.

— E onde fica exatamente a estaca zero? — Virei-me para encará-lo.

— Na tradução do livro. — Ele afastou o livro de arte para o lado e puxou para si *A guerra de todos contra todos*.

— Acho que provavelmente você tem razão sobre o livro. — Inclinei a cabeça para a frente e para trás, para relaxar o pescoço. — Mas talvez deva pular o início.

— Como assim? — Ele folheava a obra.

— Em vez de ler o início, leia o final. Você disse que a mulher cantou as últimas linhas do livro e, depois, "Aqui jaz Haldis". Talvez seja a última parte que devêssemos ler, não a primeira. Você também disse que é a parte mais curta, então, ao menos acabaremos mais rápido.

— Não é má ideia — disse ele, abrindo a contracapa.

Voltei a atenção para os desenhos de cruzes medievais na página aberta à minha frente. Shay pigarreou. Olhei para ele, mas seus olhos estavam fixos no livro dos Defensores.

— Há algo que eu queria perguntar.

Franzi a testa ao ouvir a entonação artificialmente casual na sua voz.

— O quê?

— Recentemente, ouvi muitas conversas na escola sobre essa festa, chamada Lua de Sangue. — Ele pegou o dicionário de latim, folheando-o sem realmente prestar atenção. — Acho que faltam poucos dias.

— Sim. — *Não faça isso, Shay. Por favor, por favor.*

— O que é essa festa? — Ele se recostou na cadeira.

— Ah... — disse, um pouco aliviada. — Bem, chama-se Baile Lua de Sangue, mas todos a chamam de Lua de Sangue, para

encurtar. É um pouco esquisito, uma mistura de festa de Halloween e baile à fantasia. Os pais dos humanos aparecem para levá-los às férias de outono. Há sempre uma orquestra, muita bebida e ninguém pede carteira de identidade. É um evento ridículo, mas geralmente divertido. Quem tem ligação com a escola, seja aluno ou pai, é convidado. Os adultos costumam beber muito, falar sobre as ações na bolsa e assinar cheques para a escola. Os estudantes também bebem muito e dançam com roupas caras que nunca mais usarão.

— Por que se chama Lua de Sangue?

Estiquei os dedos uns nos outros.

— Porque acontece na primeira lua cheia do período de colheita. Ela é conhecida como Lua de Sangue.

Ele se levantou, andou até a janela e observou as folhas caírem como gotas de chuva.

— Mas, por que sangue?

— Porque nessa época do ano a lua oferece a melhor claridade para a caça. — Meus músculos se contraíram ao pensar em caçar. — É a época da grande caçada. A Lua de Sangue também é conhecida como Lua do Caçador. Esse ano será no dia 31 de outubro, o que é um pouco tarde para a Lua de Sangue.

Ele se virou e olhou para mim.

— Não seria mais fácil chamar de Halloween? Seus mestres têm alguma objeção aos doces e guloseimas da festa?

Por um segundo, imaginei Logan brincando no Halloween e que fantasia ele vestiria.

— Não. É Samhain, lembra? Halloween não é nosso feriado, e os Defensores são muito tradicionais. Por isso, é o Baile da Lua de Sangue; sempre foi assim. — Ao mencionar a palavra “tradição”, senti um embrulho no estômago.

— E todos irão? Não apenas os humanos? — Ele parecia mais nervoso.

Assenti e o olhei, desconfiada com a mudança de tom.

— É uma festa legal. Todos vão. Lua de Sangue e a festa de formatura são basicamente os únicos eventos em que todos os estudantes confraternizam. Acho até que existe para os humanos terem um momento de normalidade na escola.

Ele dedilhou a mesa em um ritmo acelerado e, então, desembuchou: — Então... sei que estou atrasado, mas espero que você me perdoe por ser homem e não me lembrar disso com antecedência. Gostaria de ir comigo?

Meu coração quase saiu pela boca. Era exatamente o que eu temia.

— Calla? — Não queria olhar para ele. — Responde.

— Não posso aceitar — respondi, em voz baixa, olhando-o rapidamente.

Ele se inclinou na mesa, com um sorriso nada amigável.

— Por que não?

— Estarei com Ren. Vamos ao baile apenas por poucas horas, pois é a mesma noite da nossa união. — Concentrei-me na página à minha frente. — Esqueça isso...

— Não consigo levar essa união a sério, Cal — retrucou ele. — Você e seu lobo príncipe, unidos pela eternidade, porque alguém mandou. É uma besteira e você sabe disso. E Ren nem entende como é sortudo por ter você. Ele está ocupado demais transando com as outras garotas da escola!

— Não é verdade! Quer deixar Ren em paz de uma vez por todas? — Ajeitei-me na cadeira, encarando-o. — Você está conosco quase todo o tempo e ele tem sido respeitoso, apesar do que você fez no Burnout e desse olhar de cachorro pidão que vive me lançando.

— Cachorro pidão?! — replicou Shay, levantando-se abruptamente. Empurrou a cadeira e enfiou os livros na mochila.

— Shay. — Levei as mãos à cintura, arrependida.

— Ao menos sei o que você realmente pensa sobre mim. — Sua voz estremeceu quando ele fez um gesto brusco para fechar a mochila.

Então, levantei-me e cobri suas mãos com as minhas.

— Pare, por favor. Não foi isso o que eu... — Perdi a voz. Sabia que não seria capaz de terminar a frase.

— Não foi isso o quê? — Ele agarrou uma das minhas mãos e me puxou para perto. Sua outra mão tocou meu rosto e o polegar acariciou minha face, enviando ondas de calor por toda pele. Desvencilhei-me e sentei-me na cadeira, balançando a cabeça negativamente.

— Pare, não posso.

Praguejei ao sentir as lágrimas quentes escorrerem pelo rosto. Não entendia o que havia de errado comigo. Eu nunca chorava mas, recentemente, precisava lutar contra as lágrimas com frequência.

— Calla. — Quando o fitei, notei que estava triste por me ver chorar. — Nossa, desculpe. Não deveria ter dito nada.

Voltamos ao trabalho em um silêncio constrangedor. Shay colocou fones no ouvido, com uma música tão alta que eu podia ouvir o som da guitarra da minha cadeira.

O céu atrás dos vitrais já estava negro quando Shay tirou os fones de ouvido abruptamente. Olhei para ele, confusa.

— A união é na noite de Samhain? — perguntou ele. — Na mesma noite do baile?

— Ai, Shay. — Esfreguei as têmporas. — Não aguento mais falar sobre isso.

— Não, não é sobre você. — Ele apontou para o livro dos Defensores. — É sobre a data.

— É, a união acontecerá no Samhain — respondi com a testa franzida. — Em 31 de outubro.

Ele enrugou ainda mais a testa.

— E por que nessa data?

— Bem, é um dos oito sabás, os dias de poder para os Defensores. Samhain é um dos sabás mais importantes.

Ele tamborilou nas páginas.

— Quando o véu que separa os mundos se torna mais frágil. Lembro de você dizer isso.

Confirmei e ele olhou para suas anotações. Sua expressão preocupada se intensificou.

— O que foi?

— É um pouco irônico... Há um ritual envolvendo um progênito que deve acontecer na noite do Samhain. Não tenho certeza do que isso quer dizer, mas parece ser o evento do qual trata toda essa parte do livro, "*Praenuntiatio volubilis"*. Há uma palavra que não consigo traduzir; significa "oferenda" ou algo parecido. O contexto é muito estranho.

— "Oferenda"? — repeti.

— Algo similar — disse ele, voltando-se para o dicionário. — Seja o que for, o progênito está ligado ao feriado de vocês.

— Não é nosso feriado, Shay. É apenas o dia que os Defensores escolheram para a união. Está dizendo que o livro descreve sua presença na união?

— Bem, o que li não parece tratar de uma união. Não sei o que é... Fala muito sobre dois mundos e a escuridão. E há várias referências ao progênito. Menciona um encontro relacionado à "oferenda", mas é difícil entender.

— O que faremos para descobrir? — perguntei.

— Talvez *você* pudesse intensificar a pesquisa sobre minha tatuagem e ler mais sobre o Samhain, descobrir os outros rituais que acontecerão no local além da sua união tão ansiada.

— Ren disse algo curioso sobre o Samhain na semana passada — falei.

Ele me olhou rapidamente.

— Estamos compartilhando informações com Ren agora?

— Não sobre... nós. Eu apenas tentava descobrir mais a respeito do Samhain. Detesto a ideia de ir à essa cerimônia completamente ignorante. Enfim, ele disse que é um período perigoso, em que o mundo espiritual se torna imprevisível porque o véu se afina.

— Como Ren sabe sobre isso? — resmungou ele.

— Pare, Shay — briguei. — A mãe do Ren foi morta por Inquisidores durante um ataque que aconteceu no Samhain. Por isso ele sabe.

— Ah, desculpe. — Ele bateu a caneta na mesa. — Os Inquisidores mataram a mãe de Ren?

— Sim.

— Quantos anos ele tinha?

— Foi no seu aniversário de um ano.

— Cara, que droga! — disse ele. — Mas explica muito sobre ele.

— Como?

— Nada — respondeu ele rapidamente, levantando-se e dirigindo-se para as pilhas de livros. — É melhor voltarmos ao trabalho.

VINTE E OITO



NA MANHÃ SEGUINTE, SHAY entrou na sala de aula com o rosto angustiado. Quando o sinal tocou, gesticulei para que Bryn saísse sem mim e andei até ele, que permaneceu na carteira e observou minha aproximação.

— Ei, Cal. — Olheiras escuras marcavam seus olhos, e ele parecia haver passado a noite em claro. — Posso tentar convencê-la a matar a próxima aula?

— Se for importante — respondi, sentindo o medo ocupar meus ossos.

Caminhei com ele até a sala dos estudantes, que estava vazia e silenciosa. Ele se sentou e puxou outra cadeira para o seu lado. Quando me sentei, ele levou o rosto às mãos e ficou sentado por um instante.

— O que aconteceu? — Mal escutei meu próprio sussurro.

— Você me contou que os Inquisidores mataram a mãe de Ren em uma emboscada. — Seu nome era Corinne Laroche?

— Era. — *Por que ele está perguntando isso?*

Ele tensionou o queixo levemente.

— Li a parte dos “*Anuários de Haldis*”, de um ano após você e Ren nascerem, procurando algo sobre o ataque.

Observei-o em silêncio, um pouco irritada por ele ignorar meu pedido de esquecer aqueles livros, mas curiosa para saber o que ele descobrira.

— Não houve ataque — disse ele em voz baixa. — Corinne Laroche foi executada.

Senti como se o tempo houvesse parado, como se o ar fosse sugado, tornando impossível qualquer reação.

— É verdade, Calla — murmurou ele. — Ela e outros Banes planejavam uma revolta contra os Defensores. Os Inquisidores a ajudavam. Os Defensores descobriram, e ela foi punida.

Meus músculos foram lentamente voltando à vida, trêmulos.

— Eles a mataram, Calla — disse Shay. — E formaram uma armadilha para os Inquisidores, que ajudariam na rebelião. Quando eles apareceram, os Defensores estavam reunidos em grande número e massacraram quase todos.

— Mas Ren... — Engasguei, incapaz de terminar o terrível pensamento.

— Eles mentiram para Ren — murmurou Shay e parecia indignado. — Parece que eles mentiram para todos os lobos que não estavam envolvidos e eliminaram os conspiradores.

— Não pode ser!

— Tem mais. — Ele pegou minha mão. — Após ler sobre a mãe de Ren, voltei para *Guerra de todos contra todos* e procurei por outras revoltas. Foi quando descobri sobre a história dos Guardiões, Calla. A verdadeira história.

Embora protegida pelos dedos quentes de Shay, minha mão estava fria e sem vida.

— O que quer dizer com “verdadeira história”?

— Estudei as últimas seções do livro, que descrevem o último maior conflito da guerra dos bruxos, o que chamam de período

Agonizante.

— Eu sei tudo sobre o período Agonizante — comentei, franzindo a testa. — Foi um período terrível, com grande derramamento de sangue, muitos Guardiões foram sacrificados, mas, ainda assim, representou uma vitória importante para os Defensores. Quase conseguimos nos livrar dos Inquisidores.

— Não, Calla. Não foi o que aconteceu. — Ele pegou minha outra mão e me forçou a encará-lo. — O período Agonizante não foi a aniquilação dos Inquisidores, mas quando os Defensores reprimiram a revolta dos Guardiões. Os Inquisidores tentaram ajudar na rebelião, e os Defensores travaram um contra-ataque devastador. Eles sacrificaram os Guardiões e os Inquisidores aliados. E os Defensores criaram uma nova arma, que ajudou a vencer a guerra, algo chamado Decaído. Não sei o que é, mas fez a rebelião fracassar. Os Guardiões e Inquisidores que conseguiram escapar se esconderam.

Tirei as mãos do seu toque e encolhi os braços sobre o peito.

— A revolta estimulou os Defensores a criarem novas regras para os Guardiões — continuou ele, sem tirar os olhos de mim. — Grupos pequenos, proibições sobre transformar humanos, leis restritas, punições mais severas para as desobediências e a criação de laços de família fortes, para evitar a possibilidade de revolta. Os Defensores apostaram na ideia de que os Guardiões não arriscariam as vidas das suas famílias, mesmo que em nome de uma causa.

— Qual causa, Shay? Por que tantos Guardiões se revoltaram nesse último século? — Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Liberdade — disse ele. — Os Guardiões se revoltaram porque não aguentavam ser escravos.

— Não somos escravos — suspirei. — Os Guardiões são soldados fiéis dos Defensores. Nós os servimos, e eles nos

proveem tudo o que precisamos: educação, dinheiro, casas. Tudo. Nossa missão é sagrada!

— Abra os olhos, Calla — disse Shay, impaciente, andando de um lado para o outro. — Chama-se hegemonia. Antonio Gramsci. Leia a respeito. Um código de normas em que o oprimido é convencido a apoiar o sistema opressor, a investir e a acreditar nele. A verdade é que, no fim das contas, você e os outros Guardiões continuam sendo escravos.

— Não acredito em você — falei, balançando o corpo para trás e para a frente. — Não posso acreditar em nada disso.

— Sinto muito — murmurou ele. — Pode ler o que aconteceu com a mãe de Ren na próxima vez que for à mansão Rowan. Quanto ao resto da história...

Ouvi o farfalhar de folhas. Abri os olhos e vi várias páginas arrancadas de um caderno. — Sabia que seria duro para você acreditar nisso. Fiquei acordado a noite toda e transcrevi essa seção inteira, para você poder ler, palavra por palavra. Estou dizendo a verdade.

Ergui uma das mãos.

— Não posso ficar com isso. Guarde-as.

— Por que mentiria sobre algo tão grave? — Ele empurrou os papéis na minha direção novamente, com os olhos cheios de raiva. — Nós sabemos que executaram a mãe de Ren. Esses são os Defensores, Calla! É isso o que eles fazem.

Abri a boca, pronta para gritar com ele, mas acabei me debulhando em lágrimas.

— Sei que é verdade, Shay. Sei que diz a verdade.

Ele se ajoelhou ao meu lado e envolveu-me nos seus braços. Eu tremia, soluçando, enquanto as lágrimas vertiam pelo rosto. Shay colocou minha cabeça no seu peito, acariciando meus ombros e costas trêmulos. Beijou-me suavemente na cabeça.

— Ficará tudo bem, Calla. Conseguirei um jeito de tirá-la daqui. Prometo.

Pousei o rosto no seu pescoço e chorei novamente. Seu abraço se apertou.

— O que estão fazendo? — A voz de Lana Flynn, vinda das portas duplas da sala, soou como chicote.

Meu sangue gelou ao ver os olhos da enfermeira se fixarem no meu rosto molhado de lágrimas. Ela encarou Shay, que retribuiu o olhar com tranquilidade. Ele se levantou, pigarreou e se posicionou na minha frente para me proteger do campo de visão da enfermeira.

— Desculpe, enfermeira Flynn. Nós discutimos. Calla irá ao baile Lua de Sangue com um cara de quem não gosto, e eu não soube lidar muito bem com a situação. Devo desculpas a ela.

Pisquei várias vezes, impressionada com a naturalidade com que Shay mentiu.

A enfermeira estampou um sorriso que revelava seu prazer diante daquele sentimento mortal de agonia.

— Ah, sim, o amor não correspondido é algo devastador. Entendo que despreze Renier. O beijo entre eles, do qual fui testemunha, foi realmente picante. A paixão dos jovens é verdadeiramente tão... deliciosa.

O sangue nas minhas bochechas foi drenado ao observar Shay assimilar as palavras. O sorriso de Flynn aumentou ainda mais quando notou a veia pulsando, tensa, no pescoço de Shay.

O medo me dominou. *Não se transforme, Shay. Por favor, não se transforme.*

Ela avançou, até estar cara a cara com Shay, e passou a longa unha pelo seu rosto, descendo até o pescoço e, então, toda a mão pelo peito e abdômen. Prendi a respiração quando enfiou um dos dedos sob os jeans de Shay e o puxou abruptamente, até que quase não houvesse espaço entre seus corpos.

— Não se preocupe, menino dourado. Ainda resta um bom trabalho para você nesse lugar.

Ele permaneceu imóvel enquanto ela se virava para mim.

— Logan saberá sobre isso, Calla. Uma dama da sua estirpe deveria ser mais discreta.

Ela soltou Shay e saiu da sala.

Shay soltou o ar visivelmente irritado.

— Ela não é apenas a enfermeira da escola, é?

Neguei com a cabeça.

— Não sei o que ela é, na verdade. Sabine disse, uma vez, que é uma feiticeira, mas não sei o que significa.

Aproximei-me de Shay e ele ficou tenso.

— Nunca me contou que ele beijou você.

— Também nunca contei ao Ren que você me beijou — suspirei. — O que quer que eu diga? Quer ter de verdade a briga que acabou de inventar para a Flyn?

— Não. — Uma risada baixinha escapou da sua garganta. — Talvez depois.

— Tudo bem.

Ele me encarou. Seu olhar era de preocupação, porém terno.

— O que quer fazer?

Balancei a cabeça.

— Não tenho ideia. Não posso abandonar minha matilha.

— Você não pode ficar aqui — ponderou ele.

— Shay, quem são os Inquisidores? — Tinha mais perguntas do que nunca.

— Não sei. — Ele caminhou pela sala, chutando uma cadeira para fora do caminho. — Está claro que se aliaram aos Guardiões que se rebelaram no passado e que ajudaram a mãe de Ren. Nas duas vezes, pagaram o preço por tramarem contra os Defensores, mas não consegui entender o que os Inquisidores são exatamente,

ou o que procuram. Não acho que são seus inimigos, Cal. São inimigos dos Defensores, não seus.

— Nesse momento, não estou certa de que isso significa alguma coisa. — Estremeci. — Matei um Inquisidor. Os inimigos dos Defensores sempre foram meus inimigos. Talvez seja tarde demais.

— Nunca é tarde demais. — Ele socou a mesa. — Deve haver respostas naquele livro! Preciso decifrar a última seção. Parece indicar mutabilidade, instabilidade. Acho que é a resposta.

Eu podia ver sua forma de lobo pairando sobre ele como uma capa.

— Continuaremos tentando. — Coloquei a mão no seu peito e senti o cheiro de lobo se misturar ao seu suor. — Precisa respirar, Shay. Afaste seu lado lobo. Você está muito próximo de se transformar.

— Não sei como deter isso — grunhiu ele.

— Respire fundo. — Coloquei a mão no peito de Shay e esperei que nossos corações se acalmassem. — Hoje e amanhã irei à sua casa e trabalharemos juntos.

Ele acariciou minhas costas. *Por que não pode ser sempre assim? Somente nós dois. Nada para atrapalhar essa serenidade.*

— E depois? E a união? — A pergunta fez meu coração apertar.

— Não sei. — Eu não tinha certeza sobre nada.

Ao entrar no laboratório de química orgânica, tentei manter a calma, apesar da frustração e da raiva. Desejava desesperadamente encontrar algum equilíbrio. A descoberta horrível sobre os Guardiões e os Defensores alterou completamente minha forma de existir no mundo. Depois de entender o que aconteceu com a mãe de Ren e de toda a mentira que nos contaram, não suportava a ideia de passar horas sozinha com ele antes da união. *Como esconder a verdade?* Acreditava que eu não seria forte o suficiente.

— Aula de revisão — disse Ren, apontando para as anotações. — A senhora Foris está de bom humor ou não quer arriscar perder seu material de laboratório por causa dos seus ataques de fúria.

Ele sorriu para mim e perguntei-me se seria capaz de seguir com meu plano. Então, lembrei-me dos dentes de Ren sobre meu pescoço.

— Ren, terei que mudar o horário do nosso encontro amanhã.

— Por quê?

Entrelacei os dedos para ele não notar que estavam trêmulos.

— Não poderei jantar com você e ir mais cedo para o baile. Não dará tempo.

Ele se virou para me encarar, com os olhos desconfiados.

— Como não dará tempo? Nós fazemos o nosso tempo.

— Bryn está muito entusiasmada com os preparativos para a união. Coisas de garota e ela investiu muito. Minha mãe também... Sabe como ela fica. — Fiz uma expressão de tédio. — Acho que perderemos muito tempo, que poderíamos usar nos divertindo e dançando com os outros.

— Você quer ir à união com o restante da matilha? — Ele agarrou o caderno e rasgou lentamente uma das folhas.

Precisei de todo o autocontrole para não reclamar e procurei, desesperada, por uma desculpa convincente.

— Posso me encontrar com você no local da união? Você mora do outro lado da montanha, será complicado você me buscar. E precisarei estudar na biblioteca com Shay, depois da aula.

Ren mordeu os lábios.

— Você encontrará com ele pouco antes da união? Em vez de sair comigo?

Usei o tom de voz mais desanimado que consegui:

— Desculpe, mas Logan disse que preciso deixar o garoto feliz, e ele ficou arrasado quando recusei seu convite para ir ao baile.

Pensei que conseguir um tempo para ele antes da festa melhoraria a situação.

Ele empalideceu, seus olhos faiscavam, como se algo houvesse entrado em combustão dentro dele.

— Ele a *convidou* para ir ao Lua de Sangue? — A pergunta saiu em um tom baixo que quase não ouvi.

Então percebi a besteira que havia feito. Subitamente, meus ossos pareciam cobertos de gelo. Ren saíra da nossa bancada e estava no início da sala antes que eu pudesse abrir a boca para responder. Ouvi algo se quebrando e gritos de alguns estudantes.

A cadeira onde Shay se sentava rolou no chão. Ren estava em cima dele, imprensando-o contra a bancada. Não conseguia ouvir suas palavras, mas vi os lábios do alfa se movendo rapidamente enquanto se curvava ainda mais sobre Shay. Os colegas de Shay estavam acovardados em um canto da bancada, abaixados como se tentassem evitar chamar a atenção de Ren. Eles observavam Shay com os olhos arregalados, reparando na sua força, sentindo o animal perigoso que se escondia sobre sua pele. Eles sabiam. Se eu não fizesse algo imediatamente, eles não seriam os únicos.

A senhora Foris estava ao lado da sua mesa, paralisada pelo medo. Ela cobriu a boca com a mão, tendo os olhos saltados, enquanto a aula se transformava em um campo de batalha. Alguns humanos correram da sala. Os Defensores trocaram olhares alarmados, debruçando-se sobre as mesas e sussurrando entre eles.

Corri até a bancada. Quase perdi o fôlego ao perceber que Ren estava prestes a perder o controle. Sua forma de lobo, cinza-escuro, envolvia todo o seu corpo como uma aura. Os dentes afiados se revelaram; ele agarrava Shay pelos ombros. Os dedos de Shay estavam cravados nos braços de Ren, mas ele não parecia atemorizado, apenas revoltado. A sombra do lobo que havia nele escureceu a mesa, expandindo sua sombra humana. Prendi a

respiração, torcendo para que Ren estivesse cego de raiva e não percebesse. Era uma questão de segundos para que se transformassem em lobos e pulassem um no pescoço do outro.

— Ren, não! — Corri e o segurei por trás. Usei toda a minha força para separar Ren e Shay.

Shay se levantou e fechou os punhos. Vi o brilho dos seus caninos afiados. Ofegante e desesperada, balancei a cabeça para ele. Se perdesse o controle, estaríamos perdidos.

— Não se mexa! — sussurrei. — Precisa se acalmar. — Seus músculos tremiam e o pescoço pulsava com violência, mas ele continuou parado. Esforçava-se para controlar a fúria.

Abracei Ren, prendendo seu corpo ao meu. Seu coração batia em uma velocidade tremenda e um grunhido constante e ameaçador soava na sua garganta.

— Por favor, Ren. Logan, não se esqueça do Logan! — Apertei-o ainda mais e pressionei meu rosto contra os músculos rígidos do seu peito.

Ren rosnou mais uma vez antes de relaxar. Sua respiração se acalmou e as batidas do coração ficaram mais lentas.

— Lily, me solta. — O som do meu apelido me convenceu de que sua raiva fora aplacada. Soltei-o. Meus músculos tremiam; eu o agarrara com tanta força que todo o meu corpo doía.

Ren olhou para mim; seus olhos escuros eram de resignação. Então se afastou, sorriu e, sem olhar para trás, saiu rapidamente da sala.

Soltei um suspiro longo e estremecido.

— Que cara legal... — disse Shay.

Sentime furiosa. Era tudo culpa de Shay! Meu mundo fazia sentido até eu salvar sua vida. Agora, tudo desmoronava sobre minha cabeça.

O tapa produziu um estalo agudo. Ele arregalou os olhos. Seus dedos tocaram a marca vermelha que apareceu no seu rosto. Sem

dizer uma palavra, virei-me e fui atrás de Ren.

Não o encontrei pelos corredores, na sala de estudantes ou no refeitório. Aparentemente, saíra da escola. Caminhei até meu armário, trêmula e magoada, com a vaga esperança de que ele reapareceria para se juntar à matilha no almoço. Cheguei ao escaninho e encontrei um bilhete dobrado entre as frestas da porta de ferro. Mordi os lábios enquanto o abria. O garrancho forte da mensagem denunciava que ele ainda estava com raiva. Quase rasgara o papel ao escrever.

Calla, sumirei hoje e amanhã. Vejo você na união.

Agachei-me, com as pernas cruzadas, apoiei-me contra o ferro frio e fiquei ali até o sinal tocar. Arrastei-me até o refeitório e esqueci de levar meu almoço.

O almoço transcorreu sem problemas por uns dez minutos e, então, Ansel franziu a testa e olhou ao redor.

— Ei, onde está Ren? E Shay?

Meu humor estava tão ruim que sequer notei a ausência de ambos. O restante da matilha se mexeu nas cadeiras, subitamente incomodado, notando a ausência do alfa e do costumeiro humano. Olhei em volta. Shay não estava entre os humanos. Os Defensores estavam reunidos em um círculo fechado, cabeças baixas, muito próximos uns dos outros, mas não vi Logan entre eles.

Os Defensores agiam de forma estranha desde a ida de Logan e Efron à Haldis. O cheiro ácido da ansiedade que eles exalavam impregnava minhas narinas sempre que eu passava por eles nos corredores da escola ou nas salas de aula.

Não encontrei Shay em lugar algum e, então, olhei para os companheiros de matilha de Ren, imaginando que Dax houvesse sido informado sobre o incidente no laboratório. A expressão dele, porém, era tão perdida quanto a dos outros lobos ao redor da mesa.

— Houve um problema — falei, em voz baixa. — Eles discutiram na aula.

— Por quê? — Ansel franziu a testa.

Senti um desconforto quente e crescente no peito e na garganta. Um assovio baixo soou do outro lado da mesa.

— Droga! — Mason se inclinou para a frente, com os lábios contraídos. — Então, finalmente aconteceu?

Dax olhou para Mason e para mim, rindo e colocando a mão no bolso. — Bem, eu te devo 10 pratas. Cara, ele aguentou mais do que imaginei.

— Espere. — Mason sorriu e me olhou. — Shay perdeu algum dedo? Ou braço?

Neguei com a cabeça.

— Você me deve 20, Dax. — Mason esticou o braço para o carrancudo Dax. — Seu alfa tem mais autocontrole do que você imaginava.

— Nem pensar, eu disse que era o que faria se fosse comigo, não disse que Ren faria isso. Nós apostamos 10. — Dax tirou uma nota amassada dos jeans e enfiou na palma da mão de Mason.

Fey passou os dedos pelos cabelos curtos de Dax.

— Que pena, achei que você ganharia.

— O que está acontecendo? — A confusão de Ansel aumentou.

Dax estalou os dedos.

— Ren deu uma lição ao filhote de humano. Shay tem dado em cima de Calla desde que chegou.

Ansel me olhou com preocupação.

— O que aconteceu?

— Ren soube que Shay me convidou para ir ao Lua de Sangue, e não gostou muito. — Baixei a voz. — Ele imprensou Shay contra a bancada do laboratório e precisei me intrometer para soltá-lo.

Dax e Fey caíram na gargalhada. Cosette ficou pálida, aproximando sua cadeira de Sabine, que abraçou a mascote.

— Shay convidou você como manda o figurino? — murmurou Bryn. — O que você disse?

— Ela disse “não”, claro! — Sabine olhou para ela e, então, para mim. — Que garoto burro e teimoso. Calla, como isso pôde acontecer? Eu avisei. Você continuou dando atenção a ele?

— Sabine, você viu quando Logan me mandou ser amiga de Shay! Eu não queria nada disso. Ele me convidou e eu expliquei que iria ao baile com Ren.

Sabine continuou a me olhar, irritada. Cosette observou sua reação e, em seguida, a imitou. Afundei-me na cadeira.

Ansel pegou uma maçã lentamente, olhando para ela, mas sem enxergá-la. Fey e Dax pararam de rir para debaterem sobre os termos da aposta com Mason.

— Ainda acho que você deve 10 pratas a ele. — Neville jogava a palheta da guitarra para o alto, como se fosse uma moeda. — Você insinuou que haveria perda de membros quando Ren brigasse com Shay.

— Sabia que não podia confiar em você. — Mason passou o braço ao redor dos ombros de Neville.

— Pode esquecer. — Dax mostrou os dentes. — Nós apostamos 10.

— E se colocarmos os dois juntos novamente, mas sem Calla para interferir, veremos se Shay conseguirá conservar os braços? — Fey pousou os dedos sobre o bíceps de Dax. — Quem sabe você gostaria tanto de vê-lo sangrar que acabaria dando os 10 dólares extras para Nev.

— Qual é o seu problema? — Bati com o punho na mesa e quase a virei. — Vocês não percebem a gravidade da situação? Ren atacou Shay durante a aula e saiu da escola. Ele pode se encrencar com Logan por causa disso!

— É verdade. — Uma voz aveludada soou atrás de mim. — Pode, sim.

O sorriso de Logan quase me cortou ao meio. Virei-me para encarar meu mestre.

— Calla. — Ele se virou levemente e acenou para alguém se aproximar.

Agarrei as laterais da cadeira ao ver Shay.

— Fiquei bastante preocupado quando soube do incidente na sala, essa manhã — disse Logan. — Como vocês podem imaginar, as notícias chegam rapidamente aos meus ouvidos, uma vez que o tio de Shay é um grande amigo do meu pai.

Assenti e agarrei com mais força a cadeira. A madeira vibrou em protesto.

— Shay assumiu toda a culpa. Ele contou que a insultou e que forçou Ren a defender sua honra. — Logan pendeu a cabeça na minha direção. — A enfermeira Flynn me reportou algo parecido sobre uma discussão entre você e Shay, que deve ter contribuído para essa... adversidade.

A tentativa de Shay para defender Ren me surpreendeu, mas assenti, disfarçando meus sentimentos.

— Sim, é verdade.

— Entendo. — Logan olhou para Shay com um olhar cheio de expectativa.

Shay pigarreou.

— Calla, desculpe por ter sido grosseiro com você. Perdi o controle. Não culpo Ren por me atacar quando descobriu. Espero que possa me perdoar.

Logan sorriu e me fitou.

Mal olhei para Shay.

— Tudo bem.

Os olhos do nosso jovem mestre passearam pelos outros lobos.

— Discussões entre amigos são muito desagradáveis e devem ser esquecidas rapidamente. Foi tão alentador ver vocês acolherem Shay. Não vamos terminar algo bom. Tenho *certeza* de que Ren saberá perdoar Shay, assim como vocês.

Quase não pude escutar um murmúrio de conformidade.

O sorriso frio de Logan reapareceu.

— Muito bem. Deixarei que se reconciliem, então. — Seu olhar se deteve em Mason por um instante, antes de partir.

— Quer sentar? — perguntei a Shay.

— Hoje, não. Outro dia, espero. — Ele colocou as mãos na mesa e se inclinou para a frente, olhando para meus companheiros.

— Sei que não é uma boa hora, mas quero que saibam que estou realmente arrependido. Eu entendi que, ao provocar Ren, coloco-os em uma situação muito difícil. Considero vocês meus amigos e a última coisa que desejo é estragar essa amizade. Voltarei amanhã, se vocês não se opuserem.

O grupo não respondeu, mas assenti de leve.

— Obrigado. — Shay se afastou. Descansei a testa na mesa.

— Parece decente da parte dele. Talvez não seja um filhote de humano, afinal — grunhiu Dax. Ele e Fey iniciaram uma queda de braço.

— Contanto que saiba seu lugar, não me incomoda tê-lo por perto.

Fey trincou os dentes.

— Ainda gostaria de vê-los brigando.

Neville e Mason saíram da conversa, e passaram a sussurrar entre eles.

Os olhos semicerrados de Sabine miraram em mim.

— Ele parece saber mais do que deveria sobre nossa relação com Logan...

Eu abri a boca para me defender da especulação, mas a resposta ansiosa de Ansel me interrompeu.

— Não acho que seja uma surpresa, pois ele se senta aqui todos os dias. Provavelmente, entendeu como funciona a dinâmica do grupo. Ele é um cara esperto.

Ansel não olhou para Sabine enquanto falava e tentou erguer os ombros com naturalidade, mas o movimento acabou sendo

exagerado. Suas unhas dilaceraram a casca da maçã.

Franzi a testa para ele, mas, em seguida, olhei para Dax. Minha mente voltou para a aula e lembrei-me do olhar de derrota de Ren antes de sumir.

— Estou preocupada com Ren. Ele deixou um recado, dizendo que não apareceria hoje ou amanhã. Não tenho ideia de aonde ele foi.

Dax olhou na minha direção. Ele se distraiu e Fey jogou seu braço na mesa. Dax esfregou o cotovelo, inabalado.

— Vou atrás dele, para garantir que não exterminará todo o rebanho de veados da floresta. Ficará tudo bem. Ele tem um temperamento forte, mas não fica irritado por muito tempo.

Ele olhou para Fey.

— Quer me ajudar a achá-lo, por via das dúvidas, caso ele ainda esteja furioso e resolva descontar em mim?

— Matar as aulas da tarde? — Ela esticou os dedos como se fossem garras.

— É, seria legal dar uma boa corrida.

— Quero que encontrem Ren, não que faltem aula — argumentei. — Os Defensores não gostam que matemos aula e temos problemas o suficiente.

Fey bateu com o punho na mesa.

— Dane-se! Voto para irmos agora.

Dax me encarou antes de sorrir para Fey.

— Vamos. — Ele agarrou seu braço. Ela se desvencilhou, batendo com o cotovelo na costela de Dax. Ele fez uma careta enquanto Fey ria e saíam do refeitório. Com um rosnado de satisfação, Dax correu atrás de Fey.

VINTE E NOVE



SHAY OBSERVAVA ENQUANTO EU me espreguiçava na sua cama.

Seus olhos se moviam por todo o meu corpo, como carícias tentadoras.

— O que fez você mudar de ideia?

— Sem perguntas — murmurei. — Apenas me beije.

Ele sorriu e se deitou ao meu lado. Sua mão traçou o caminho entre minha cintura e o quadril.

— Tem certeza?

— Tenho. — Entrelacei os braços ao redor do seu pescoço e o puxei para perto.

Seus lábios encontraram os meus e mergulhei no seu abraço, pressionando-me contra seu corpo. Suas mãos acariciaram meu pescoço e desceram até o peito; as batidas do meu coração eram ensurdecedoras. Seus dedos seguiram até os botões da minha blusa.

Um botão desabotoado. Dois, três.

Ele roçou os lábios na minha orelha.

— Quer que eu pare?

Não encontrei fôlego para responder, mas movi a cabeça negativamente.

Sua boca passeou pelo meu pescoço, e continuou descendo. De algum lugar fora do quarto, ouvi uma trovoada.

Não, não era um trovão.

O rosnado, embora mortalmente manso, estava mais próximo do que qualquer tempestade poderia estar.

Olhei para o corredor, através da porta aberta.

Havia alguém nas sombras. Seus olhos ardiam como fogo.

O rosnado estável de Ren persistiu, quando ele saiu da escuridão que camuflava seus pelos cinza-escuros.

Tentei falar, mas não consegui. Agarrei os braços de Shay. Ele me olhou e disse.

— Eu te amo.

Nesse momento, Ren avançou com toda força contra Shay e o atirou para fora da cama.

Ao se chocarem no chão, Ren abocanhou o pescoço de Shay.

Ouvi o som da carne dilacerada e dos ossos quebrando e fechei os olhos.

Quando olhei novamente, Ren, na forma humana, estava abaixado sobre o corpo imóvel de Shay.

O alfa se virou e me encarou.

— Não havia outro jeito — disse ele, calmamente. — Você é minha.

— Eu sei — sussurrei e não me mexi quando ele se aproximou. — Desculpe.

Ele se curvou e me beijou, com os lábios sujos do sangue de Shay. O gosto incendiou minhas veias. Gemi e agarrei sua camisa, puxando seu corpo contra o meu. No canto do meu campo de visão, o corpo de Shay brilhava, mudando de formas continuamente — de homem para lobo, pele para pelo — enquanto era coberto por uma

piscina de sangue que não parava de crescer. Até que, finalmente, ele desapareceu.

Meus olhos se abriram abruptamente. Apertei o estômago embrulhado, tentando controlar uma ânsia de vômito. O quarto girou várias vezes até eu recuperar o foco. Encarei o teto do meu quarto. O velho exemplar de *A longa jornada* estava aberto sobre meu peito. Eu pegara o livro para ler, pensando em me distrair, mas somente consegui ler poucas páginas antes de adormecer. Meu celular tocava nervosamente na mesinha de cabeceira. Apanhei-o e olhei o visor. Shay Doran.

Atendi a ligação e murmurei:

— Estarei aí amanhã, Shay. Preciso ficar sozinha. — Desliguei sem lhe dar tempo para responder. Não achei que conseguiria ouvir sua voz quando as palavras do sonho — *eu te amo* — ainda ecoavam nos meus ouvidos.

Ele está apaixonado por mim? E quero que ele esteja?

Ouvi o som de passos hesitantes. Virei-me, posicionando-me de frente para a porta, e avistei Ansel passar pelo corredor. Esfreguei os olhos. Havia me deitado assim que cheguei da escola e desabei com o peso de tudo o que acontecera no dia.

As tábuas rangeram quando Ansel passou pela minha porta mais uma vez. Vi seu olhar aflito na minha direção antes de seguir rapidamente pelo corredor.

— Ansel, não sou o Sol. Pare de orbitar e entre — gritei.

Ele reapareceu na porta e franzi a testa, observando meu irmão se aproximar lentamente da cama.

— Você está estranho — falei, dando um tapinha no cobertor. — Sente-se.

Ele se sentou na beira da cama, enrolando alguns cachos de cabelos que caíam sobre suas orelhas.

— Você precisa cortar o cabelo — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Bryn teve umas ideias sobre mudar meu visual e acha que devo deixar o cabelo crescer um pouco.

— Você quis namorá-la. — Apontei meu dedo para ele. — Agora será a cobaia das ideias malucas de Bryn. Talvez, assim, ela desista de mim.

Ele sorriu timidamente.

— Não me incomoda.

— Aguarde — murmurei, sentindo inveja das pequenas intimidades que eles compartilhavam.

Ele ficou sério.

— Preciso falar com você, sobre Shay.

Sentei-me, desconfiada, com dúvidas sobre se teria gritado nomes durante o pesadelo.

— O que tem ele?

Ansel continuou a não me olhar nos olhos.

— Lembra-se, durante o almoço, quando Sabine disse que Shay parecia saber mais sobre nós do que deveria?

Ele sabe. Bryn e Ansel estavam na caverna com Ren e descobriram.

— É...— prosseguiu ele, estudando o bordado das fronhas. — Acho que deixei escapar algumas coisas quando escalei com ele há umas duas semanas.

Não sabia se ficava aliviada ou apavorada.

— Você deixou escapar alguma coisa?

— Na verdade, para ser mais preciso... — Ele engoliu em seco. — Expliquei algumas coisas a ele...

— Ansel!

Ele finalmente ergueu os olhos, enormes e arrependidos, para mim.

— Desculpe, Calla, não me controlei. Temos saído muito juntos, e ele é um cara legal. Sempre que fala sobre você, os olhos dele brilham. Ele está completamente apaixonado. E me senti mal, porque sei que ele não tem a menor chance.

Semicerrei os olhos, e ele se apressou em falar.

— Então, tentei explicar que você e Ren têm uma história antiga e que se unirão, mas Shay fez perguntas que eu não poderia responder sem deixar escapar algumas informações. Quando percebi, contara tudo sobre os Guardiões, a matilha e a importância da sua união com Ren. — Ele perdeu o fôlego e estava tenso, à espera que eu liberasse minha fúria.

Como não briguei com ele, Ansel relaxou.

— Ele ficou muito menos chocado do que imaginei.

— Bem, ele lê muito. — Inventei uma desculpa. — Acho que está mais aberto para histórias fantásticas do que a maioria dos humanos.

Ansel se animou e confirmou entusiasticamente com a cabeça.

— Sim, ele me emprestou *Sandman*. É incrível!

Joguei-me no travesseiro.

— Não quero ouvir sobre gibis. Você contou a Bryn sobre isso?

— Não.

— Ansel?

— Tudo bem, contei. Mas não pode nos culpar, pode? — Ele se espreguiçou. — Não é nossa culpa, Calla. Nós tivemos muitas dúvidas após entrar em Haldis com o Ren. Sentimos o seu cheiro e o de outro lobo.

Não respondi e ele se aproximou de mim.

— Bryn e eu queremos falar com você sobre isso desde o dia em que fomos até a caverna, mas parece que você nos evitou. Ela achou melhor eu falar com você a sós.

— Sobre a caverna? — perguntei. — Não tive a intenção de complicar vocês com o Ren.

— Não é isso... — disse ele. — Você tem passado muito tempo com Shay e ele age como se fosse parte da matilha, por isso achamos que algo aconteceu entre vocês. Aconteceu?

Continuei calada. Meu coração ganhou velocidade.

Ansel também ficou quieto. Então, soltou um longo suspiro.

— Quando soube da briga hoje, alguns detalhes começaram a fazer sentido. Não conheço Ren muito bem, mas sou bom para decifrar as pessoas. Ele não é tão confiante como demonstra ser, principalmente em relação a você.

Olhei para Ansel, perplexa. Ren, inseguro?

Quando ele viu minha expressão de surpresa, confirmou com a cabeça.

— Ren pode ser possessivo, mas também é muito esperto. Não atacaria Shay dessa forma, na aula, a não ser que acreditasse que existe uma chance de... — Ansel não terminou a frase, como se fosse doloroso demais.

— A não ser que acreditasse o quê? — Franzi as sobrancelhas enquanto meu coração batia a uma velocidade absurda.

A voz de Ansel tornou-se um sussurro. Ele me olhava atentamente quando continuou: — A não ser que você esteja, realmente, apaixonada por Shay.

Meu coração galopava rumo a um precipício e, então, jogou-se no abismo. Eu não conseguia respirar. Fechei os olhos. *Estou apaixonada?*

— Calla?

Um zumbido nos meus ouvidos quase não deixou que eu ouvisse sua pergunta.

— Você transformou Shay?

Sentei-me, com as unhas cravadas no travesseiro, furando o algodão.

— Faria sentido. — A voz de Ansel era ainda mais suave, enquanto ele traçava um caminho com os dedos sobre o cobertor.

— Você queria que Shay fosse um de nós, para não precisar ficar com Ren. Ele era o outro lobo na caverna, não era?

Não sabia o que dizer ou fazer. Contar a verdade? Mais mentiras? Não queria Ansel e Bryn envolvidos nessa confusão. Eles tentaram me proteger mentindo para Ren. Não quis sequer imaginar o que lhes custaria se traíssem os Defensores.

Neguei com a cabeça, furiosamente, e menti, temendo pela segurança do meu irmão.

— Não, não foi nada disso! Você sabe que foi um lobo solitário. Fui à caverna sozinha, e sinto muito por vocês descobrirem dessa forma. Eu deveria ter contado antes e agradecido a você e a Bryn por não dizerem nada ao Ren.

— O que você foi fazer? — perguntou ele. A desconfiança surgiu na superfície dos seus olhos. — O que estava tramando?

— Sei que foi uma burrice — murmurei. — Eu estava apenas curiosa quando patrulhava sozinha. Resolvi entrar, mas corri quando senti o cheiro da aranha.

Ele estremeceu.

— Eu também teria corrido. Nunca vi nada como aquilo.

— Nem eu — comentei em voz baixa, perdida nas lembranças da luta, Haldis, Shay.

— Você deveria ter nos contado. — Ansel franziu a testa. — Ren ficou com muita raiva. Ele é um bom alfa e quer que trabalhemos em equipe.

— Eu sei.

— Você não confia em nós? — perguntou Ansel. — Sei que muita coisa mudou por causa da nova matilha, mas continuamos amigos. Nunca a decepcionaríamos, Calla.

— Desculpe, An — falei, hesitante, antes de continuar. — Por que você achou que eu transformara Shay? Além de sentir o cheiro de outro lobo na caverna.

Ansel ergueu os olhos acinzentados para encontrar os meus, sua íris era dura como pedra.

— Porque eu fugiria com Bryn se me dissessem que não posso ficar com ela. E, se ela não fosse uma Guardiã, eu contaria sobre mim e fugiria pelo resto da vida, para tê-la ao meu lado.

Fitei-o por um bom tempo e, por fim, concordei com a cabeça lentamente. *Ele a ama. É amor, só pode ser.*

— Obrigado por não gritar comigo. — Ele sorriu.

Assenti novamente, incapaz de falar.

— Queria tanto que você me falasse sobre seus sentimentos, Cal. Eu quero ajudar. Tanto Shay como Ren são legais, e não estou te julgando. Acho que deve seguir seu coração.

Fiz uma careta.

— Não é tão simples.

— É, sim — bufou ele. — Caramba, Calla, você não ama nada nem ninguém?

Olhei para minha cama. *Talvez, não. Estou apenas tentando ser firme. E se ser uma alfa significa não amar?*

Quando voltei a olhar para Ansel, ele viu minhas lágrimas e contraiu-se.

— Desculpe, desculpe. Foi horrível o que eu falei.

Sorri, debilmente.

— Amo você, maninho. — Avancei e o trouxe para meus braços.

Ele apoiou a cabeça no meu pescoço e acariciei seus desarrumados cabelos castanho-claros. Queria contar tudo a ele. Sentia-me tão sozinha. Não poderia arriscar, porém. Eu estava desesperada para manter minha matilha longe dessa confusão pelo tempo que conseguisse.

— E amo meus companheiros — murmurei, tentando pronunciar as palavras, sentindo sua verdade e força. — Prometa, An, que não importa o que aconteça, você será forte. Preciso que proteja Bryn, que proteja a matilha.

Ele ficou tenso.

— Sobre o que está falando?

— Queria tanto poder te contar — sussurrei —, mas é muito arriscado. Há muito que ainda não sei. Por favor, prometa.

Ele assentiu, e seu cabelo roçou meu queixo.

— Eu também te amo.

TRINTA



— NÃO DORMIU ONTEM À NOITE? — perguntei ao passar pela carteira de Shay, na primeira aula.

Ele passara a maior parte da aula usando os braços como travesseiros. O Sr. Graham não se incomodou ou não notou, pois Shay teve a consideração de não roncar.

— Trabalhei na tradução da última parte. Acho que avancei um pouco — disse ele antes de tirar uma folha de caderno do bolso. — Dê uma olhada.

Peguei o papel e coloquei-o no bolso.

— Darei uma olhada e conversamos na biblioteca à tarde.

— Tudo bem. — Ele arrastou o pé no chão. — É melhor eu matar a aula de química hoje? Facilitará sua vida? — Ele não mencionou Ren, mas sorri brevemente enquanto o observava fazer uma careta.

— Ele não estará — falei. — E, mesmo que estivesse, é melhor fingir que nada aconteceu. Os Defensores estão nos observando...

E contariam a Logan se percebessem que a situação ainda está tensa.

— Ren não estará? — Shay franziu a testa. — Ele não... Quero dizer, Logan não...

— Não — respondi rapidamente para despreocupá-lo. — Ren está esfriando a cabeça... Acho. Ele não foi muito claro, mas me avisou que somente apareceria na festa, hoje à noite. — Suspirei, afundando na cadeira ao lado de Shay. — O que você fez ontem... com Logan. Não sei como agradecer. E ganhou o respeito da matilha. Poderia ter sido horrível para Ren, para todos nós.

Ele ergueu o braço na minha direção, mas refletiu e colocou a mão no bolso.

— Bem, às vezes, consigo fazer a coisa certa. — Ele subiu um dos cantos da boca, em um sorriso de esguelha. — Você pedirá desculpas pelo tapa?

— Não.

— Foi o que pensei.

O sinal tocou, anunciando o início da segunda aula. Eu me levantei, detestando o fato de Shay evitar me tocar e consciente de que, se não saísse dali, seria eu quem o tocaria.

Tentei não pensar muito durante o restante do dia. Estava à beira de ter uma crise nervosa, o que não poderia acontecer de forma alguma. Bryn passou a aula de francês me mostrando ideias de penteados para a noite, o que foi ótimo. Mas, quando me sentei sozinha à bancada do laboratório de química orgânica, senti um frio horrível na barriga. Tivemos um professor substituto e imaginei que, talvez por causa do estresse da última aula, a senhora Foris evitara ir à escola ou mesmo se demitira.

Como não havia experiência a fazer, resolvi ler as anotações de Shay na folha que eu guardara no bolso. A frustração estava evidente na organização caótica de palavras e de frases: *Progênito, dois mundos, oferenda? O que é o véu?*

Após a bagunça de observações, havia a transcrição de um parágrafo, que, embora igualmente confuso, tinha ao menos orações completas.

Aqueles que esperaram pela criança da colheita
devem escolher seu destino
Para recomeçar, procure pela cruz
Para preservar o poder, faça sua oferenda (??)
A pontuação de Shay denunciava sua irritação.

Dois mundos se confrontam,
O Progênito vive entre eles
Quando o véu se afinar, a oferenda (??) deve ser feita
Para que um dos mundos não
se esvaneça enquanto o outro permanece O final da página estava coberto por mais perguntas e algumas críticas raivosas sobre o trecho confuso. Reli o texto. Shay tinha razão: exceto pela menção ao progênito e pela sugestão de que a escolha aconteceria na noite de Samhain, a passagem não fazia qualquer sentido. Não havia, porém, possibilidade de algo acontecer paralelamente à união. Reli as palavras, deixando-as pairarem em um canto da mente.

Durante o almoço, nenhum dos lobos se opôs quando Shay se sentou conosco, mesmo porque ele tomou a sábia decisão de se sentar entre Neville e Bryn, em vez de ao meu lado. Mesmo com a presença de Shay, havia um incômodo espaço vazio.

— Então, acharam o Ren? — perguntei a Dax.

Ele fez um grunhido afirmativo.

— E? — Franzi a testa para sua resposta não verbal.

— E ele está bem. — Dax enfiou um pedaço de pizza na boca. — Você o verá hoje à noite.

Olhei para Fey. Ela se virou para Dax, que fez um sinal negativo com a cabeça. Ela se virou para mim e sacudiu os ombros antes de apresentar um súbito e incrível interesse pelo almoço.

Ergui a sobrancelha, mas achei melhor abandonar o assunto.

Uma pequena quantidade de neve caía quando saí da escola. Os flocos rodopiantes contra os vitrais da biblioteca da mansão Rowan produziam um mosaico em movimento.

Shay batia com o lápis no caderno à sua frente quando me deixei cair, sentada, em uma cadeira.

— Acha que ficará bem hoje à noite?

Concentrei-me em explorar minha bolsa em busca de uma caneta, mas assenti.

— Espero que sim.

— Calla. — Sua voz se tornou tensa. — Preciso lhe dizer algo, e somente direi uma vez. Preciso que me escute.

Meus dedos agarraram a bolsa com força.

— Shay...

Ele sinalizou para que me calasse.

— Desculpe, mas preciso fazer isso. Por favor, olhe para mim.

Ergui os olhos e o encarei. Seu rosto estava tenso.

— Sei que coloquei à prova seus sentimentos por Ren e sua lealdade aos Defensores. Depois do que aconteceu com Flynn e durante a aula de química, percebi que coloquei você e os outros em enorme perigo. E não quero isso.

Ele se levantou, andou até a enorme lareira e olhou para o retrato dos pais.

— Por isso, esquecerei tudo. Depois de hoje à noite, deixarei você e Ren em paz. Sei que você ficará com ele e o quanto tem a perder sabendo a verdade sobre os Defensores. Não quero pôr você em um perigo ainda maior.

— Shay, isso é...

— Ainda não acabei. — Ele permaneceu imóvel, sem me olhar. — Quero que entenda que isso não significa, de maneira alguma, que eu esteja... — Observei seus ombros desmoronarem. Quando voltou a falar, sua voz estava embargada, rouca. — Desistindo de você. Sabe o que sinto por você, e isso não mudará.

Desviei os olhos, sentindo um aperto na garganta.

— Será mais seguro para nós se você se afastar de mim e de Ren, principalmente enquanto estiver se adaptando aos seus instintos de lobo. Quanto ao restante...

Eu mal escutava minha voz, encoberta pelas batidas do meu coração. Quando me virei, ele estava atrás de mim, com olhos carregados daquele calor familiar, de um brilho que lembrava a primavera.

— Eu pertenço a Ren — confessei, odiando aquelas palavras, desejando que Shay me beijasse e que o restante do mundo desaparecesse. — Não há nada que eu possa fazer.

— Você pertence a si mesma — disse ele em voz baixa e com tranquilidade. — E posso esperar até que você descubra isso.

Perturbada por suas palavras, peguei as anotações que ele me entregara pela manhã, sem querer pensar no pouco tempo que nos restava juntos. Ele se inclinou por trás de mim.

— O que conseguiu entender sobre isso?

— Nada inédito. — Devolvi a ele o pedaço de papel. — Nada além do que você dissera.

— O que acha que significa a “criança da colheita”? — Ele olhou, confuso, para as anotações.

— Mais pesquisa. — Empurrei minha cadeira para trás.

— Espere — disse ele, pegando um livro sobre a mesa e o entregando a mim. — Achei que quisesse ver por conta própria.

Abri a capa do livro e olhei para o título escrito à mão. *Anuários de Haldis*. As datas escritas abaixo eram os primeiros cinco anos da minha vida.

— Sobre a mãe de Ren? — murmurei.

Ele confirmou com um movimento da cabeça. Fiquei em silêncio enquanto folheava o livro e, então, encontrei o que procurava. Shay ficou sentado, quieto, e finalmente, comovido, enxugou minhas lágrimas quando fechei o livro.

— Meus pais estavam presentes — falei. — Os Defensores mandaram os Nightshades atrás dos Inquisidores. Mas a matilha não sabia... Ninguém soube o que aconteceu a Corinne. Os Defensores a entregaram a um espectro.

— Calla... — Ele tentou me abraçar, mas recuei, balançando a cabeça negativamente.

— Ficarei bem. — Andei até a escada em caracol, que levava à varanda. — Temos trabalho a fazer.

Cerca de vinte minutos depois, retornei, carregada de livros e os soltei na mesa. Peguei o mais pesado, sorri desanimada para Shay e comecei a ler.

Ficamos sentados um ao lado do outro. O silêncio da biblioteca era intermitente, interrompido apenas pelo som do lápis ou de páginas sendo viradas. Sombras invadiram o local e o antigo e enorme relógio em um canto anunciava que mais uma hora se passara.

Olhei, surpresa, para o parágrafo que lia sobre os rituais sabáticos.

— Ei! — Li novamente.

Shay esfregou os olhos e bocejou.

— Encontrou alguma coisa?

Olhei outra página de *Os grandes ritos.*

— Talvez. Quando é seu aniversário?

Ele não interrompeu sua leitura.

— No dia 1o de agosto.

Bati uma palma da mão na outra. O barulho o fez dar um pulo.

— O quê?

Levantei e dei um giro, em uma minicomemoração.

— É você! Você é a criança da colheita. São sinônimos: progênito e criança da colheita são a mesma pessoa.

— Do que está falando? — perguntou ele. — Meu aniversário é em agosto. A criança da colheita não nasceu em outubro ou novembro, quando é feita a colheita?

— Não! — Meu sorriso aumentou. — Minha pesquisa serviu para alguma coisa! Como eu estava lendo sobre o Samhain, decidi ler sobre os outros sabás. O primeiro sabá de agosto é o dia da colheita dos feiticeiros na Roda do Ano. Você é a criança da colheita, só pode ser você. Finalmente descobrimos alguma coisa!

Ele me fitou, surpreendido, e voltou a olhar para a página amassada que havíamos lido e relido toda a tarde. — Então, é tudo sobre mim. Essa passagem... O que deve acontecer no ritual do Samhain.

Meu sorriso se desfez quando vi seu rosto preocupado.

— Sim, é isso.

— Samhain — ele murmurou. — É hoje.

— Sim. — Mordi o lábio. — Nada acontecerá com você hoje à noite. Não há a menor chance. Todos os Defensores estão focados

na união, e estarão presentes. Não tem nada a ver com o progênito. O ritual servirá somente para a criação da nova alcateia.

— Bem, a profecia determina apenas o dia, não o ano. E as profecias falam do futuro, certo?

— Acha que é um acontecimento no futuro distante?

— Precisa ser. — Ele pareceu concordar, mas seu olhar ainda evidenciava preocupação. — Finalmente, algum progresso — disse ele, olhando o relógio. — Você não disse que Bryn passaria na sua casa às 17h30 para te ajudar a se arrumar?

— Sim, por quê?

— São 18 horas. — Ele virou o relógio para mim.

— Ela vai me matar! — Comecei a guardar vários objetos na bolsa. — Não teremos tempo de ficar no baile.

— Achei que fossem se arrumar para a união. — Ele franziu a testa.

— Sim, mas a cerimônia fica perto do local do baile. Todos se encontram algumas horas antes na festa, para dançar, beber e se divertir. Depois, vamos ao ritual do Samhain enquanto os humanos continuam no baile.

— Entendo — murmurou Shay.

Não queria deixá-lo, mas não havia nada a ser dito. Nenhuma risada entre nós amorteceria aquela dor.

Vesti o casaco. Seu sorriso não conseguia disfarçar a tristeza nos seus olhos.

— Boa sorte, Calla.

TRINTA E UM



— **PRONTO, ESSE É O ÚLTIMO.** — Bryn me virou para fazer a inspeção.

— Por que tem tantos botões? — perguntei, sem saber se conseguiria tirar o vestido.

— Costumam chamá-los de enfeites, Calla. E sua mãe ama enfeites!

Ela apontou um lápis de olho para mim.

— Tem certeza de que não quer usar maquiagem? Podia ao menos pintar os olhos, para eles se realçarem um pouco.

— Não, sem maquiagem. — Aliás, por que quereria meus olhos realçados? Parecia uma ideia grotesca. — Concordei em fazer um penteado — mas não usarei maquiagem. — Eu me esforçava para não enjoar, pois, se algo fosse se realçar, seria meu estômago.

— Assim, você estragará tudo. — Ela deu um tapa na minha mão quando tentei tocar o arranjo delicado de cachos no alto da cabeça, que Bryn fizera com um rigor profissional. — Não pode tocar. Tem certeza de que não quer pintar os olhos?

Sorri para Bryn. Ela estava deslumbrante, mais do que deslumbrante. Seus cachos, na altura do queixo, estavam penteados como costumeiramente, mas os reflexos cor de bronze contrastavam lindamente com o vestido de seda preta, de cintura alta, que caía sobre seu corpo como se houvesse sido confeccionado com partes do céu noturno. Não era justo. Bryn e as outras Haldis estariam delicadamente belas na união, como sacerdotisas de uma deusa, e eu parecia um bolo de noiva! A culpa era da minha mãe.

— Nada nos olhos, nem na boca. Nada. — Gesticulei para meu vestido, longo até o chão. — O vestido já é muito. Se não, acabarei entrando em combustão espontânea.

— Tudo bem. — Ela guardou seus artigos de beleza em uma enorme caixa, que mais parecia de ferramentas.

Bateram levemente à porta. A voz abafada de Ansel soou ansiosamente do outro lado da porta

— Estão prontas? Mason ligou duas vezes. Todos acham que vocês caíram em algum buraco negro.

Olhei para Bryn.

— Tinha em mente alguma entrada triunfal?

— Não, não. Ele pode entrar.

— Tudo bem, Ansel. Estamos prontas.

A porta se escancarou e Ansel entrou. Bryn girou nos seus saltos finos, hipnotizando-o com um sorriso devastador. Meu irmão ficou paralisado. Empalideceu, corou, voltou a empalidecer. Abriu a boca, mas exprimiu um som esquisito e, finalmente, desistiu de falar e suspirou.

Bryn andou até ele e pegou suas mãos.

— Obrigada.

Ela o beijou no rosto e virou-se para mim. Ansel, porém, a agarrou e beijou, enquanto ela se derretia nos seus braços. Desviei os olhos, sentindo-me uma idiota pelo ciúme mordaz que me

consumia sempre que Ansel e Bryn estavam juntos. *Eles acharam um ao outro e são felizes. E se eu também encontrei a felicidade, e precisarei deixá-la para trás?*

Após um período desconfortável, em que observei meus sapatos, Bryn murmurou:

— Continuamos nossa conversa depois.

— Não ouvi nada e estou me virando — falei.

Ansel sorriu para mim, com os lábios sujos de batom.

— Precisa lavar o rosto. — Soltei uma risada.

— Ah, tá... Aliás, você está linda — disse ele antes de se dirigir ao banheiro.

Bryn caminhou na minha direção, reluzente, e pegou um batom na bolsa. Estava ruborizada, nas nuvens, e tive vontade de lhe bater. Dificilmente eu estaria vibrando de felicidade durante a cerimônia.

Ansel reapareceu à porta, sacudindo as chaves do carro.

— Vamos?

Em pé, nós observávamos as pessoas que dançavam e rodopiavam além das portas francesas que separavam o salão de festa do jardim.

O baile Lua de Sangue era oferecido por Efron Bane e acontecia em um de seus hotéis cinco estrelas nos arredores de Vail, um edifício palaciano de estilo vitoriano em uma densa floresta. Em um canto afastado do salão, uma orquestra tocava valsas que invadiam o ambiente. Cortinas de cetim escuras, enormes janelas com vitrais e centenas de candelabros criavam uma atmosfera de Halloween. Um globo de papel vermelho semitransparente envolvia o candelabro central do salão. Nossa Lua de Sangue.

Uma mesa decorada que se estendia por uma das paredes sustentava um enorme caldeirão, de onde surgiam nuvens de

fumaça de gelo seco, vários petiscos deliciosos e sobremesas incríveis. Os Defensores, os Guardiões e os humanos dançavam, vestindo suas melhores roupas. Olhando através do vidro embaçado das portas, a impressão era de ver várias bugigangas brilhantes e coloridas girando pelo salão.

— Não é nenhuma Éden, mas parece legal. — Bryn piscou para mim. — É uma pena que não possamos participar.

— Eu pedi desculpas por me atrasar — murmurei.

— Não posso acreditar que você estava estudando na noite da sua união — disse ela com um olhar desconfiado, afastando-nos de Ansel e sussurrando. — Você e Shay devem gostar muito dessas aulas. Não quer me contar o que estudam? Tem algumas dicas para mim e Ansel?

— Eu disse a Ansel que vocês entenderam tudo errado. Ele não te contou “isso”?

— Achei que talvez você tivesse uma resposta diferente. Sabe, entre garotas. Se quiser desabafar, antes de subir ao altar, esse é o momento.

— Esquece. — Ao pensar em Shay, minha vontade era correr dali. A união significava que eu o perderia, e a sensação era a de que, assim, perdia tudo. Definitivamente, eu não estava no clima para brincadeiras.

— Checarei se não estamos atrasados — disse Ansel, virando-se para as cores borradas do baile. — Ah, ei, olha o Ren!

— Ah! — Bryn correu atrás de Ansel. — Vou com você, então.

Ignorei o súbito aperto que se formou na garganta quando caminhei até Ren, no final do terraço. Seu smoking vestia perfeitamente o corpo bem definido. O paletó e as calças pretas contrastavam com o colete e a gravata cinza.

Sorri. Aquelas eram as cores de Ren como lobo.

— Esse vestido é a própria cerimônia, Lily. Quanto tempo demorou para vesti-lo?

— Tempo demais. — Procurei meus cabelos por força de hábito. Ao não encontrá-los, o nervosismo arrepiou minha pele. — Você está bem? Fiquei preocupada.

— Estou. — Ele riu, devagar. — Por mais que nunca goste do garoto, Dax me contou o que Shay fez para sossegar Logan. Foi uma bela atitude. O garoto é mais perspicaz do que imaginara e eu lhe devo uma.

Concordei, em silêncio, e esfreguei os braços para não tremer.

A criança da colheita, o progênito. O rosto de Shay surgiu à minha frente. *É tudo sobre mim.*

O toque suave de Ren no meu braço me trouxe de volta à realidade.

— Sei que não é seu estilo, mas você está linda — disse ele. — Contanto que consiga andar com todas essas camadas de tecido.

— Obrigada. — Passei os dedos na sua gravata. — Você também.

— Então... — Ele colocou a mão no bolso. — Tenho algo para você.

— O quê? — Por que ele me daria um presente? Eu deveria lhe dar um presente?

A face de Ren corou levemente. Seu nervosismo fez meu coração bater mais forte.

— É só... — Ele calou, deu alguns passos para trás e, então, voltou até o meu lado. Finalmente seus olhos encontraram os meus, dóceis e vulneráveis. Fiquei sem ar devido àquela mistura desconhecida de emoções no rosto do alfa. As palavras de Ansel ecoaram na minha mente: *Ele não é tão confiante como demonstra; especialmente em relação a você.*

Ren tirou a mão do bolso, fechada, segurando algo. Pegou meu pulso e virou minha mão com a palma para cima. Algo frio tocou minha pele. Ele afastou a mão, como se houvesse deixado uma bomba-relógio. Olhei o objeto e perdi o fôlego.

Na palma da minha mão havia um anel delicado, de safira polida, brilhando para mim. A pedra estava cravada no centro do anel prateado, trabalhado e lindamente trançado. Observei-o em silêncio. Minha mão começou a tremer.

Ren se manteve distante.

— O anel é de ouro branco — murmurou ele —, porque me faz lembrar dos seus cabelos.

Olhei para ele, ansioso. Abri a boca, mas não consegui falar. O tremor da mão se espalhou pelo restante do corpo.

Suas íris negras brilharam desapontadas.

— Se não gostar, não precisa usar. Achei que você devia ter algo meu antes da união. Meu pai disse que não é preciso um anel, mas queria que você soubesse que eu...

Ele balançou a cabeça. Um grunhido baixo saiu do seu peito.

— Esquece — disse ele, vindo na minha direção para pegar o anel. Fechei a mão e a levei para o peito. Ren me olhou, surpreso pelo movimento protetor. Finalmente, consegui falar, embora não tenha reconhecido minha própria voz:

— É lindo, obrigada. — *Ele realmente se importa comigo, conosco.* Tive a esperança de que conseguiria sobreviver, enfim, àquela noite.

Uma ardência incômoda me tomou os olhos e abaixei a cabeça. Abri a mão lentamente e coloquei o anel no dedo.

— Desculpe por não trazer nada para você.

Ren se aproximou de mim e pegou minha mão, tocando no anel.

— Você trouxe, sim.

Bryn reapareceu no terraço, dessa vez com Dax ao seu lado.

— Está na hora — disse Dax. Ren assentiu com a cabeça e deu um beijo na minha testa antes de seguir Dax.

— Está pronta para isso? — perguntou Bryn. Ela me lançou um sorriso animador, mas senti um vestígio de medo na sua voz.

— Acho que não é a pergunta certa — respondi. Voltei a olhar para o anel. *Pertenço a esse mundo. Sempre soube o meu destino, e preciso segui-lo.*

— Saiba que estarei bem atrás de você. — Bryn segurou meu braço. — Ninguém da matilha deixará que algo ruim lhe aconteça.

— Você não pode participar — expliquei, deixando que ela me guiasse pelas escadas rumo à floresta.

— Acha que eles conseguirão nos deter se você estiver em perigo? — Ela me deu uma cotovelada, brincando e me fez sorrir.

— Obrigada.

— E você está linda — acrescentou ela.

— Pareço um bolo de noiva.

— Um lindo bolo de noiva.

Nossas risadas se transformaram em nuvens no ar frio da noite. Caminhamos pela escuridão. Bryn me guiava por um caminho que eu não conhecia, e entrávamos cada vez mais na floresta. Uma fina camada de neve fresca brilhava como um tapete de diamantes. O som do baile se dissipou até desaparecer. Deixei envolver-me pela serenidade da neve imaculada que caía, embora soubesse que ela logo estaria manchada do sangue de alguma criatura. Olhei para a lua e perguntei-me novamente quem seria nossa caça.

Lua de Sangue. Lua do Caçador. *Essa noite é uma noite para matar.* Deixei que a luz do luar me banhasse, com a esperança de que incitasse meu apetite. No entanto, esses instintos estavam profundamente escondidos sob o medo.

— Falta muito? — perguntei, mas avistei ao longe a luz de tochas. Chamas queimavam em círculos em uma clareira entre altos pinheiros que se assemelhavam às grades de uma jaula.

— Preciso ir na sua frente. — Bryn me abraçou. — Naomi disse que você saberá o momento de entrar. Dará tudo certo. Você é sinistra, lembra?

— Claro. — O estômago embrulhado insinuava que eu não era nem um pouco sinistra, mas tremendamente insegura.

— E soube que as noivas são verdadeiras divas nesse tipo de ritual — disse ela, sorridente. — Então, se quiser, deixe Ren esperando um pouco. Será bom para ele.

— Está bem — falei. — Vejo você daqui a pouco.

— Amo você, Cal. — Ela beijou meu rosto e se dirigiu para o anel de tochas.

Observei-a se afastar e me esforcei para manter as batidas do coração tranquilas, tentando controlar a respiração. Não confiava no meu corpo; sentia-me estranha e sem equilíbrio, como um filhote aprendendo a andar.

Calla, você sabe que precisa fazer isso. Foi feita para isso. É quem você é.

Então, por que queria correr dali? Não deveria ser atraída pelo meu destino?

Levei as mãos ao rosto, lutando para recuperar a calma. Tambores ecoaram no círculo, convocando espíritos para o ritual. Agarrei as pesadas saias do vestido e comecei a caminhar em direção à clareira, com o intuito de espiar o lugar onde entraria em breve.

Um cheiro, no entanto, me fez parar. Olhei ao redor, alarmada. Não podia ser! Mas o perfume de chuva e de plantas em busca do sol era inconfundível. *Shay.*

Por um minuto, minha mente divagou sobre a cerimônia, com Efron falando: “Quem se opõe à essa união, fale agora ou cale-se para sempre”, e Shay surgindo das sombras e me tirando dos braços de Ren.

Estou enlouquecendo! Tentei afugentar o cheiro e a visão traiçoeira. Não podia ser real. Não apenas porque tinha certeza de que ninguém perguntaria se alguém se opõe à união, mas porque Shay nunca apareceria para me resgatar. De jeito nenhum.

No entanto, inspirei o ar novamente e o cheiro permanecia, atraindo-me para as sombras da floresta. Hesitei, confusa entre o dever de ir à cerimônia e a necessidade de saber se o cheiro era real. Não sabia quanto tempo mais poderia atrasar minha entrada.

Um novo som ecoou entre as árvores. A voz de Sabine, doce e pesarosa, penetrou a floresta. Outra se seguiu, a de Neville. As vozes soavam melodiosas e em harmonia. Entoavam cânticos de batalha e de sacrifício, mais uma recordação de que a união nada tinha a ver com romance, mas com obrigação.

A música da guerra. Ainda me restava algum tempo. Virei-me contra a luz das tochas e corri pela floresta, seguindo o cheiro. O aroma se intensificava à medida que me movia pelas árvores, na escuridão, e me afastava da luz das labaredas.

Deparei-me com um enorme carvalho, que se destacava entre a infinidade de pinheiros. Eu não estava sozinha. Havia alguém próximo ao tronco do carvalho.

Shay tinha os olhos vendados, cabeça baixa, mãos atadas nas costas. Estava de joelhos diante da gigantesca árvore. Minha garganta se fechou.

Ele ergueu o queixo e respirou fundo.

— Calla? É você, Calla?

O ar voltou aos meus pulmões. *Ele reconhece meu cheiro.*

Corri na sua direção, quase tropeçando na bainha do vestido e caí de joelhos ao lado de Shay.

— Shay, o que está fazendo aqui? — Arranquei a venda dos seus olhos e segurei seu rosto com ambas as mãos. — O que aconteceu?

— Ela me trouxe até aqui, e acho que sei por quê. — Seu rosto estava pálido. — Mas não consigo acreditar.

— Não consegue acreditar em quê? Quem fez isso?

— A palavra na profecia. — Sua voz estremeceu. — Aquela que tive dificuldade em decifrar.

— A palavra “oferenda”? Sobre o que está falando?

Por que ele falava do livro quando estava amarrado no meio de uma floresta?

Shay estremeceu quando eu disse “oferenda”.

— Sim, essa. — Ele estava pálido e pensei que vomitaria. — A palavra não significa “oferenda”, Calla.

— O que significa? — Desfiz os nós da corda que prendia suas mãos e, aos soltá-las, vi que os pulsos estavam em carne viva.

— Significa “sacrifício”.

TRINTA E DOIS



O MUNDO À MINHA VOLTA FICOU TURVO e achei que desmaiaria.

— Calla. — Shay segurava meus braços, mantendo-me ereta. — Não ouviu o que eu disse?

— Sacrifício? — repeti, sentindo apenas o abismo negro e frio que queria me engolir. — Quem fez isso com você?

— Flynn — disse ele. — Ela foi à minha casa, depois que você saiu, e me apagou. Acho que usou éter.

— Exatamente. — Uma voz rouca soou atrás do tronco de carvalho um segundo antes de Lana Flynn aparecer parcialmente, ainda envolta pela escuridão. Um sorriso maquiavélico surgiu no seu rosto e seus dentes brilhavam sob a luz pálida do luar. — E você arruinou a surpresa, Calla. Não sabe que dá azar ver a presa antes da caçada? Ah, não, espere! O que dá azar é Ren ver seu vestido, não é? Que tola eu sou!

Sacrifício. Nosso sacrifício.

— Não. — Estremeci, puxando Shay para trás, protegendo-o. — Não fariam isso.

Seu sorriso se curvou como uma adaga abaulada.

— Ora, ora... Parece que há muito mais acontecendo por aqui do que eu imaginara. Que interessante.

Os olhos de Flynn brilhavam prazerosos enquanto observavam minha expressão de espanto.

— Eu avisei para não sair do seu caminho, Calla. Quem sabe agora aprenderá como tudo funciona. É evidente que Ren a deseja. Se estiver disposta a fazer esse sacrifício com ele, talvez ele perdoe seus atos impensados.

— Você realizará o sacrifício? — Shay se afastou, assustado, olhando apavorado para mim e para Flynn. — Você e Ren?

— Claro — disse Flyn. — Por que acha que essa união é o assunto do momento? Você é a atração principal!

Dei um passo na direção de Shay e ele mostrou os dentes.

— Fique onde está.

— Juro que não sabia — sussurrei enquanto a floresta murmurava segredos obscuros, que invadiam meus ouvidos e deixavam-me zonza. A conversa dos meus pais, a insistência de minha mãe em manter segredo sobre a presa, a forma como ela empalideceu quando eu disse que conhecia Shay. — Eu não sabia — repeti, caindo de joelhos. Minha cabeça dava voltas. *É Shay. O sacrifício não acontecerá fora da união. Ele faz parte da união. Ele é nossa presa!*

— Coragem, minha pequena — murmurou Flynn, divertindo-se. — Não terá que suportar isso por muito tempo. Seja uma boa menina e siga para a cerimônia. Estão esperando por você. Eu levarei Shay em seguida, logo após Ren beijar a noiva.

Como se impulsionado por suas palavras, um coro de lobos uivando tomou o ambiente, chamando sua alfa. Minha mãe tinha razão: não havia como não entender o significado daqueles uivos. Eu estava sendo convocada, mas o som não me atraía, apenas me

amedrontava, mortalmente. *Não sou mais um de vocês. Não permitirei que isso aconteça.*

— Não! — Suspirei, sibilante, e lutei para me manter de pé. — Precisamos ir embora agora.

Shay recuou, espremendo-se contra o tronco de um pinheiro. Senti sua essência de lobo e soube que ele se controlava para não se transformar, capturado entre o medo e a fúria.

— Eu nunca machucaria você — falei. — Precisa confiar em mim.

Por favor, acredite em mim, Shay. Precisa saber o quanto gosto de você.

Ele observou a floresta, desesperado, procurando uma rota de fuga.

— Shay, por favor — sussurrei. Estiquei a mão na sua direção. — Eu te amo.

Ele ficou imóvel. Não sabia o que mais me atemorizava: o que dissera, sua resposta ou o que acontecia à nossa volta. Um minuto se passou e mal conseguia respirar.

— Eu sei — disse ele, finalmente, e aproximou-se. — Vamos embora.

A enfermeira Flynn exprimiu um som rouco, algo entre um grito e um assobio.

— Vocês não vão a lugar algum.

As sombras às suas costas começaram a se mover e minha pele congelou. Se ela estivesse acompanhada de espectros, não teríamos a menor chance. Logo notei que as sombras acompanhavam seu corpo, presas a ele. Seus ombros estremeceram quando ela deu um passo à frente, ficando totalmente à vista e, em seguida, imensas estruturas se estenderam ao redor da enfermeira. Asas.

Shay arregalou os olhos.

— O que...

Joguei-me no chão, transformei-me em um furioso lobo branco e cerquei-a. Ela riu e estalou os dedos. Um longo chicote surgiu no ar e serpenteou na sua mão. O comprimento da corda ondulou como se fosse feito de sombras, em vez de couro.

Saltei quando o chicote surgiu na minha direção. Escancarei os caninos e soltei um ganido. O corte produzido pela chicotada não era nada comparado ao desespero que me invadiu.

Fiquei paralisada com a visão de Ren atacando Shay. Ouvi meus gritos e a risada de Efron. Emoções variadas dominaram minha mente, emanadas pelo corte que o chicote abrira. Ela riu novamente, com os olhos semicerrados, movendo-se na direção de Shay.

— Posso não ter permissão para matá-lo, progênito, mas ainda podemos nos divertir.

Quando ela inclinou a cabeça para trás, rosnei, em advertência. Shay rolou no chão e escapou do fogo que ela cuspiu na sua direção, que chamuscou o tronco da árvore onde ele estivera segundos antes.

Meus olhos se fixaram no chicote e na aura sombria de Flynn. Avancei contra ela, que estremeceu, agonizante, quando enfiei os dentes no seu pulso, atravessando o osso. Saltei bruscamente para o lado, arrancando sua mão do restante do braço. O sangue jorrou pelo chão.

Corri ao seu redor, sentindo o cheiro dos meus pelos chamuscados pelas bolas de fogo que ela me atirava. Flynn gritava numa língua que nunca ouvi antes e fiquei grata pelos uivos ensurdecedores que soavam por toda a floresta. Senão, os sons da luta teriam atraído os Guardiões e os Defensores até nós rapidamente.

Voltei a rosnar para Shay, desejando poder gritar. *Por que não se transformara em lobo?* Eu precisava de reforço nessa luta.

Shay tinha os olhos vidrados na mão que eu acabara de soltar da mandíbula. Ele correu para pegar o chicote. Então, girou-o, fazendo a longa corda serpentear no ar e, em seguida, chicotear o peito de Flynn. Ela voltou a gritar. Ele arregalou os olhos quando ela se virou para seu inesperado algoz.

O olhar frio e determinado de Shay pareceu enervar mais a enfermeira do que sua habilidade com a arma furtada. O chicote serpenteou para a frente novamente, envolvendo o antebraço de Flynn, de onde eu arrancara a mão. Ela estremeceu, agarrando o couro que envolvia seu bíceps como uma cobra.

Shay tensionou os maxilares e fez um movimento brusco com o chicote. Flynn perdeu o equilíbrio e caiu. Corri até ela e meus dentes se afundaram no seu pescoço, rasgando a pele e a carne. Ela balbuciou qualquer coisa, uma fumaça saiu de sua boca e, então, tornou-se imóvel. Afastei-me e transformei-me.

Shay ficou em silêncio, olhando o cadáver. Corri para ele e segurei seu braço.

— Você está bem?

Ele assentiu.

— O que era ela?

— Um súcubo. O verdadeiro, não uma das estátuas do seu tio. É uma criatura das trevas, convocada pelos Defensores, como os espectros. Íncubos e súcubos são mais parecidos com mortais, e conseguimos matá-los.

Olhei para o corpo estendido de Flyn e estremeci.

— Eles se alimentam de emoções, por isso ela estava sempre tão ansiosa em nos ver sofrer. Eu deveria ter desconfiado.

Shay soltou o chicote do braço de Flynn.

— E do que os espectros se alimentam?

— Dor — respondi, olhando para o chicote na sua mão. — Indiana Jones?

Ele sorriu e assentiu enquanto enrolava o chicote.

— Um bom exemplo a ser seguido. Leve isso com você. Infelizmente, podemos precisar.

Toquei seu rosto, aliviada por ele não ter se ferido.

— Por que não se transformou?

— Achei que não deveria.

— Nunca pensei em avisar que se fôssemos atacados por uma bruxa cuspidora de fogo você poderia se transformar. — Soquei levemente seu braço.

— Anotado: bruxas que soltam fogo devem nos transformar em lobos. — Ele sacudiu o chicote. — De qualquer forma, tenho mais prática com isso do que com os dentes.

— Está certo. — Os uivos dos Guardiões ainda clamavam para a lua. Quanto tempo demorarão até me procurarem? — Precisamos fugir antes que eles percebam o que aconteceu.

— Conseguiremos escapar deles? Mesmo como lobos? — Ele seguiu meu olhar na direção das tochas.

— Precisamos tentar — falei, preparando-me para partir.

— Espere! — Shay apertou meu braço e me virou para ele. — Calla, você sabe, certo?

— “Sei” o quê? — perguntei, seduzida pelos seus olhos misteriosos.

— Que eu amo você.

Com lágrimas nos olhos, transformei-me em lobo e lambi os dedos de Shay antes de correr pela floresta adentro.

TRINTA E TRÊS



CORREMOS PELO LABIRINTO DE pinheiros. O bosque se afunilou; raios de luar criavam colunas de luz fantasmagóricas, que repartiam a escuridão.

Shay corria tão próximo a mim que seus pelos roçavam nos meus. *Aonde vamos?*

Onde está Haldis? E o livro? Minhas orelhas se moviam para a frente e para trás. O couro de uivos cessara, causando um silêncio perturbador sobre a floresta.

Na minha casa. Senti o medo nas suas palavras. *Precisamos pegá-los, certo?*

São as únicas pistas que temos. Desejei que a floresta recuperasse a vida, reconfortando-me com seus sons usuais, mas havia apenas o vazio. *Além disso, os Defensores querem Haldis e o livro, e precisamos mantê-los o mais distante possível.*

Distante, quanto? Ele perguntou. *Aonde vamos?*

Não sei. O mundo estava de cabeça para baixo. Eu não tinha respostas. *Qualquer lugar longe daqui.*

Acho que conseguirei me acostumar. As expectativas não pareciam muito boas para mim aqui, respondeu Shay*.*

Dei uma mordidinha em seu quadril, brincando, grata pelo seu bom humor. Mesmo após o horror dessa noite, ele ainda buscava alegrar meu coração.

Estamos longe o suficiente? Shay saltou um tronco caído. *Não escuto mais os uivos.*

Meu sorriso interno se desfez quando lembrei que a floresta continuava em silêncio, e meus pelos se arrepiaram.

Continue correndo.

Lateralmente, avistei o breve movimento de uma sombra.

Sem saber identificá-la, acelerei a corrida. Flocos de neve salpicavam em mim enquanto eu corria rumo a um espaço entre as árvores.

Calla! O alerta de Shay me alcançou quando um vulto enorme se aproximou subitamente e se chocou contra mim.

Todo o ar que havia nos meus pulmões se esvaiu e tombei sobre a neve fofa. Meu algoz e eu rolamos várias vezes, até finalmente cairmos. No momento seguinte, a forma humana de Ren surgiu sobre mim.

Atônita em ver o alfa ainda vestido de smoking, gravata solta e camisa amarrotada, transformei-me em humana e o encarei.

Ele cravou os dedos nos meus ombros enquanto me mantinha presa ao chão. As palavras lhe saíram com dificuldade, cheias de mágoa e temor:

— Fui mandado até aqui para matar você, Calla, e buscar Shay. Por quê*?*

— Ren... — Minha voz estremeceu. — Quero te explicar. Posso explicar.

Antes de conseguir falar, ouvi um rosnado. Como lobo, Shay corria na nossa direção, com seus olhos verdes fixos em Ren e os dentes afiados à mostra. Ren franziu a testa ao ver o lobo,

arregalando os olhos e se tornando pálido. Fiquei tensa, esperando que ele se transformasse para atacar Shay. Ren se levantou e se afastou de mim. Seus olhos se afastaram do meu rosto e se concentraram no novo lobo.

— Você o transformou. — A voz de Ren estava abalada.

Ele cambaleou para trás e caiu contra um grande pinheiro, dilacerando a casca da árvore com os dedos.

Shay se abaixou, pronto para atacar. Levantei-me e corri, colocando-me entre os dois.

— Não, Shay! Não! Preciso conversar com Ren, por favor.

E, então, sua forma humana surgiu.

— Nem pensar. — Shay continuava com os olhos fixos em Ren. Seus caninos afiados brilhavam sob a luz do luar.

— Ficará tudo bem. Apenas alguns minutos, prometo. — Apontei para a direção que gostaria que ele fosse. — Agora, vá.

— Está louca? — esbravejou ele. — Ren é um deles, Calla.

— Não, ele não é. Ele não me machucará.

Eu sabia que era verdade.

— Corra. Eu alcanço você. — Ele começou a protestar, mas eu o interrompi. — *Agora,* Shay. Os outros devem estar próximos.

Ele hesitou antes de desaparecer entre a mata fechada.

Cambaleei pela neve fofa em direção a Ren. Seus olhos estavam fechados. Suas mãos sangravam, pois o tronco áspero da árvore arrancara a pele dos dedos.

— Ren, olhe para mim, por favor. — Ele manteve os olhos fechados.

— Eu sabia. É isso o que você quer, ele. — Seus olhos se abriram lentamente. A dor que suas íris escuras refletiram partiram meu coração. — Esse cheiro... Ele estava com você na caverna. Ele é o lobo solitário.

— Ren, eles nos fariam matar Shay! — vociferei. — Os Defensores sacrificariam Shay essa noite. Ele era nossa presa.

Ele ficou em silêncio por um instante, e soube que uma parte de Ren queria matar Shay. Seus instintos de alfa o levariam a essa conclusão: possuir-me e destruir Shay, especialmente sendo ele um de nós. Havia outra parte sua, porém, que eu esperava ser a mais forte, que sabia que seria errado matar Shay.

— Não é possível — Ren disse, finalmente, e balançou a cabeça. — Não pode ser, depois de tudo o que nos mandaram fazer. Nós protegemos ele; isso seria doentio!

— É a verdade. — Eu sentia um enorme alívio. — Shay foi comigo até a caverna, e ele matou a aranha. O animal me feriu e precisei transformá-lo. Teria morrido sem o sangue de alguém da matilha. Não tivemos escolha.

Não me atrevi a pensar na decepção que Ren sentia por saber todos os segredos que lhe ocultara e descobrir como eu adorava Shay, um lobo correndo ao meu lado. Todas as mentiras e os segredos surgindo, cercando-o como abutres.

— Calla, sobre o que está falando? Por que foi até a caverna com ele? — Ren perguntou entredentes. — Nada disso faz sentido. Por que os Defensores pediriam para matarmos Shay?

— Shay não é apenas um humano. Ele é especial. — Ren fez uma careta ao ouvir essa palavra, mas insisti. — Ele é o progênito, alguém que os Defensores veem como uma ameaça. Ele se encaixa na profecia que os Defensores temem.

— Qual profecia? Calla, se nossos mestres nos dizem que ele é uma ameaça, por que o está ajudando? — Ele rugiu. — Nós seguimos as ordens dos Defensores. Nós protegemos os locais sagrados.

— Não, não protegemos. Ao menos, não deveríamos. Eles mentiram para nós. — Segurei seus braços com mais força. — Li *A guerra de todos contra todos,* Ren. Shay o encontrou na biblioteca do tio e eu li.

Ren arregalou os olhos, com medo e fascínio.

— Você leu o livro dos Defensores?

— Eles mentiram para nós, para todos nós! Eles não são quem dizem ser, e não somos seus fiéis soldados. Somos seus escravos! Os Guardiões já se rebelaram no passado, resistiram. Nossos ancestrais tentaram buscar outro caminho e os Defensores mataram todos os opositores. Está tudo escrito no livro que estamos proibidos de ler. Não posso mais viver assim. — Minhas lágrimas cheias de raiva surgiram rapidamente. — Odeio o que eles podem fazer conosco, o que Efron faz com Sabine. O que poderia acontecer com Mason, com Ansel, com Bryn... Com cada um de nós ou com todos nós. Não vou me submeter, Ren. Sou uma alfa.

Eu estava sobre o ombro de Ren, aos prantos, com os punhos fechados no seu peito.

— Calla — sussurrou Ren. — Se é por causa do que aconteceu na montanha, me desculpe. Não quis machucar você. Não quero mandar em você. Você é minha parceira e respeito sua força. Sempre respeitei.

Ele parou e, então, suspirou longamente.

— Não sou como meu pai.

Ainda não. Não consegui ignorar o medo que sentia de Emile e as palavras da minha mãe sobre o alfa Bane. *Ren poderia ser tão diferente?*

— Não importa — disse a ele. — Nada disso tem importância. Estou indo embora. Preciso ajudar Shay a sair daqui; e não vou deixá-lo morrer.

— Por quê? — murmurou Ren. — Vale a pena arriscar sua vida por ele?

— Ele é o progênito — sussurrei. — Talvez seja o único capaz de nos salvar, a todos nós. E se nossas vidas voltassem a pertencer a nós mesmos? E se não servíssemos aos Defensores?

Ren me abraçou, apertando-me contra si.

— Não sei como acreditar nisso, em nada disso. O que mais há para saber? Somos quem somos.

— Não é certa a maneira como vivemos. Você sabe que eu nunca abandonaria a matilha se não fosse por necessidade — falei, em voz baixa. — Se essa não fosse a única forma de ajudá-los.

Nossos olhos se encontraram. O olhar de Ren era confuso e inseguro.

— Não temos muito tempo — disse a ele. — Como conseguiu chegar antes dos outros?

Ele olhou na direção da clareira.

— Houve um alvoroço quando descobriram o corpo de Flynn, mas senti seu cheiro e saí primeiro. Os outros estão se organizando, a matilha do meu pai. Os Banes veteranos.

Ele ficou tenso e meu corpo foi tomado por uma onda gélida.

— E os Nightshades? — perguntei.

— Estão sendo interrogados.

Ele me agarrou no momento em que minhas pernas perderam as forças. Imagens terríveis demais para suportar vieram à minha mente. Minha alcateia, meu irmão. Espectros. Meu estômago se revirou e tive vontade de vomitar.

Os braços fortes de Ren me suspenderam enquanto eu tentava recuperar as forças que ainda me restavam.

— O quanto eles sabem, Calla? — murmurou ele.

— Nada. Ninguém sabe sobre Shay ou o que descobri. Não quis colocá-los em perigo...

Balancei a cabeça, tentando afugentar os terríveis pensamentos.

— Se algo acontecer a eles, será minha culpa. Precisa ajudá-los, só você pode fazer isso.

— Não. Se você está em perigo, vou com você. — Ele trincou os dentes. — Mesmo que isso signifique proteger Shay também.

— Não pode ir comigo — argumentei. — Preciso que você volte, que os distraia para que ganhemos tempo. Por favor, Ren!

Ele respirou fundo e me encarou. Retribuí o olhar e busquei manter um tom persuasivo.

— Preciso que faça isso por mim... Diga a eles que lutamos, que você me feriu gravemente e que eu corri, mas que Shay não estava comigo, que eu levei você para longe. É Shay quem eles querem. Eles o seguirão se você os levar para outra direção.

Foi tão difícil para mim pronunciar tais palavras quanto para Ren ouvi-las.

Seu olhar era triste, porém resignado.

— Aonde você vai?

Não soube separar o medo da minha resposta.

— Não sei.

— Por favor, não faça isso — suspirou ele. — Volte para mim. Conversaremos com Logan, deve haver uma explicação. Os Defensores precisam de nós, somos alfas. A gente dá um jeito. Eles não vão lhe fazer mal. Não permitirei.

— Não importa que eu seja uma alfa. — Suspirei. — Ren, escute... Esquece Shay. Você precisa saber a verdade. Não foram os Inquisidores que mataram sua mãe, foram os Defensores.

Ele me encarou.

— Encontramos os registros na mansão Rowan, a história das matilhas de Vail — prossegui. — Sua mãe se aliou aos Inquisidores e liderou uma revolta dos Guardiões quando você era bebê. Ela foi executada por isso.

— Impossível — balbuciou Ren.

— É verdade, eu mesma li isso. Os Defensores mataram sua mãe. Sinto muito.

— Não, não é verdade! — Ele fechou os olhos. — Não pode ser.

— Ajude-me, por favor.

Um uivo distante ecoou, depois outro. Estremeci.

— Estou ficando sem tempo. O que fará?

Ele abriu os olhos lentamente, ergueu a mão e tocou meu rosto.

— Farei o que me pediu.

— Devo minha vida a você. — Virei o rosto e beijei a palma da sua mão. — Diga a eles que lutamos, mas que Shay não estava comigo. Não há como encontrá-lo porque seu cheiro é de lobo.

— Diga que voltará para a matilha. Para mim. — Seus olhos estavam lacrimejantes. — Não quero perder você.

Não conseguia falar. As lágrimas brotavam dos meus olhos e me afastei, mas Ren me trouxe para seus braços.

— Você o ama? — Ele me perscrutou com os olhos.

— Não me pergunte isso. — Meus lábios ainda ardiam pela confissão que fiz a Shay. Ali, doíam pela mentira. — Não tem nada a ver com amor, tem a ver com sobrevivência.

— Não, Calla. — Sua voz se tornou acalorada. — Tem a ver apenas com amor.

E, então, ele me beijou. Seus lábios se moveram sobre os meus delicada e lentamente. Suas mãos percorreram meu corpo e cada toque me implorava para ficar. Podia sentir sua certeza de que nunca mais voltaria a me beijar. Parte de mim queria se demorar ali, ficar colada a ele, ciente de todas as formas em que havíamos sido feitos um para o outro. Outra parte me puxava para longe, correndo pela floresta em busca de um destino desconhecido. Engoli o choro quando Ren me soltou e virou-se.

O lobo cinza fez uma pausa e olhou para mim mais uma vez, antes de desaparecer entre as árvores. Encontrei os rastros de Shay e corri pela neve. Atrás de mim, ouvi o choro solitário de um lobo. Um uivo para a lua cheia ecoou: um som carregado de agonia e de perdas irreparáveis.

TRINTA E QUATRO



SHAY CORRIA PELOS JARDINS DA mansão Rowan quando o alcancei.

Mordisquei seu calcanhar. *Você é rápido! Estou impressionada.*

Uma camada de neve brilhante cobria seus pelos. Ele derrapou e parou bruscamente, virando-se para mim. *Você está bem?*

Estou bem, mas não pare de correr. Precisamos nos apressar.

O que aconteceu com Ren? Ele me acompanhava.

Ele nos ajudará a ganhar tempo.

Passamos aceleradamente pelas cercas vivas esculpidas e fontes de mármore do jardim da mansão.

Tem certeza de que pode confiar nele? Notei o tom zangado na sua pergunta.

Não se preocupe com Ren, preocupe-se em nos tirar daqui. Não estamos a salvo.

Nos transformamos em humanos quando chegamos às escadarias da mansão. Shay destrancou a porta, segurou minha mão e corremos pelas escadas. Nossos passos ecoaram pelos

corredores vazios enquanto seguíamos a toda velocidade para a ala leste, em direção ao quarto de Shay. A luz do luar se derramava através das altas janelas, e sombras longas incidiam sobre as paredes e se uniam como tinta preta no piso pálido de mármore. Apesar do nervosismo, consegui não pular de susto quando passamos pela estátua do íncubo.

Shay escancarou a porta do quarto.

— Vamos pegar o que precisamos e dar o fora daqui.

Ele pegou uma mochila no armário enquanto eu andava de um lado para outro, na porta. Suas mãos estavam cheias de roupas quando ele parou e me olhou.

— Quer um jeans e um casaco? Ficarão grandes em você, mas provavelmente são mais confortáveis que o vestido. — Ele me olhou. — Infelizmente terá que ficar com os sapatos, sinto muito.

Minhas bochechas arderam quando olhei para meu vestido, com a bainha molhada pela neve derretida e imunda de terra.

— Não tem problema. Eles não têm saltos, então não me torturam. Mas vestir suas roupas parece uma boa ideia.

Ele me observou por um longo tempo e o calor no meu rosto se espalhou, como labaredas mínimas queimando minha pele.

Finalmente, ele pigarreou e me jogou um par de jeans e um suéter preto de pele de cordeiro. — Esses são os menores que tenho. Eu... É... Ficarei de costas enquanto você se troca.

— Tá — murmurei, tentando alcançar os botões do vestido nas costas. Após três tentativas frustradas, soltei um palavrão, imaginando como Bryn achara que eu conseguiria sair do vestido. Lembrei-me de Ren e corei ainda mais, cheia de culpa e de desejos contraditórios.

— Tudo bem aí? — perguntou Shay, sem se virar.

Meu coração se acelerou.

— Preciso que você desabotoe meu vestido.

— O quê? — Embora não conseguisse ver seu rosto, pude visualizar sua expressão de assombro.

— Minha mãe criou o vestido e Bryn me ajudou a vesti-lo. Tem centenas de minúsculos botões, que não consigo alcançar. Por favor, faça isso por mim para darmos o fora daqui.

— É... Tudo bem. — Ele se aproximou, mas logo me virei.

Shay havia desabotoado metade do vestido quando parou e suspirou, perplexo.

— O quê? — perguntei, virando-me um pouco, embora não conseguisse torcer o pescoço o suficiente para ver seu rosto.

— Você não está usando sutiã. — Suas palavras saíram quase como um sussurro.

— O vestido foi feito sob medida. O sutiã está embutido. Vamos lá, Shay, tira logo!

Ele ficou em silêncio por um instante e continuou a desabotoar o vestido. Então, começou a rir.

— O que foi? — resmunguei.

— Não foi bem assim que imaginei você me pedindo para tirar sua roupa — disse ele suavemente.

— Você imaginou o quê? — Ofeguei e tentei me afastar, mas ele segurava as costas do meu vestido com firmeza.

Com uma das mãos, ele soltou meu vestido e envolveu minhas costas, enquanto, com a outra, tocou meu ombro, movendo-se lentamente pela minha coluna e descendo pelas costas. Estremeci e fechei os olhos. Seus lábios pressionaram meu pescoço. O beijo suave produziu um calor sereno, que se irradiou pelos meus ombros e o restante do corpo. O mundo se desvaneceu, como acontecia sempre que ele me tocava.

Sua mão deslizou para minha barriga, puxando-me contra ele. Sentia cada centímetro do seu corpo tocar o meu, a mesma intensidade dos nossos desejos. Seus dedos continuaram a descer

e prendi a respiração. Pousei o olhar sobre sua cama. Estava tão próxima. Ele poderia me carregar até ela facilmente.

Não podemos. Não assim, não nessa confusão.

— Não — murmurei, com mente e corpo se digladiando. — Por favor, não faça isso.

Esquivei-me dos seus lábios, lutando contra a corrente de emoções que seu toque provocava em mim, e tentando reprimir a ansiedade que suas mãos criaram. A imagem dos meus companheiros de matilha passou diante dos meus olhos, fortemente fechados. Rostos que temia nunca mais rever. O rosto de Ren. Engoli o aperto na garganta, puxando o corpete.

— Certo, eu me lembro. Nada de beijos sem perder algum membro do corpo. Meu corpo, no caso — disse ele. — Desculpe, me empolguei com o momento.

Shay finalizou sua tarefa, desabotoando o vestido de maneira mais comportada.

Pigarreei, com o intuito de tornar minha voz mais confiante do que me sentia.

— Tudo bem, mas precisamos correr. Sem distrações.

Ele tirou as mãos do vestido.

— Acho que agora você consegue sair disso. Esperarei no corredor.

— Parece uma boa ideia.

Com um alívio considerável, vesti os jeans e o suéter de Shay e, em seguida, fiz uma trança nos cabelos, que prendi com uma fita do vestido.

Um som abafado chegou aos meus ouvidos, agudo, como algo muito pesado sobre gelo fino. Minha respiração se tornou mais ofegante.

— Calla — Shay me chamou. — Sem sua nudez para me distrair, lembrei que estamos em perigo. Vai mais rápido, por favor.

— Tudo pronto. — Peguei o livro dos Defensores na cabeceira de Shay e saí do quarto, jogando-o no topo da mochila cheia de roupas amassadas.

— Haldis?

— Está comigo. — Ele bateu levemente na mochila. — Estava escondido no meu armário.

— Vamos embora! — Agarrei sua mão e corremos pelo corredor. Quando viramos a esquina principal, congelei. Shay parou ao meu lado.

— O que foi?

Girei, olhando para os finos pedaços de mármore que compunham o piso.

— Onde está a estátua? O íncubo?

— O quê? — Sua voz estava rouca.

Uma brisa suave surgiu sobre nós. Olhei para cima. O íncubo sorriu para mim, esticando as asas e soltando suas garras do teto.

— Corre! — Empurrei Shay para frente e me transformei em lobo. No momento seguinte, um lobo de pelos dourados corria atrás de mim.

Nossas unhas arranhavam o chão de mármore enquanto acelerávamos a corrida pelo corredor. Algo sussurrou atrás de mim, e a lança do íncubo retiniu no chão a poucos metros. O som de asas batendo invadiu meus ouvidos. Shay olhou rapidamente para trás.

Há mais de um nos perseguindo.

Quantos?

Outra lança aterrissou atrás de nós.

Não tenho certeza.

Chegamos ao topo da escadaria e, então, uivei. Havia uma quimera na base da escada, com seu rabo de serpente se movendo hipnoticamente. Sua língua cortada ao meio saiu subitamente da boca, a cabeça de leão rugiu e a juba, formada por cobras, saltou no ar, com centenas de dentes afiados como navalhas à mostra. Dois

súcubos pairavam no ar acima da quimera, e soltaram um grito agudo ao nos ver. Um deles atirou uma flecha. Pulei para o lado e consegui escapar, correndo para a varanda. Shay veio logo atrás.

Disparei em direção ao corredor que levava à ala oeste. Um golpe de ar forte e repentino soprou pelo corredor, fazendo-me parar abruptamente. Um longo gemido ecoou à nossa volta, cada vez mais alto, se elevando até o teto em uma neblina densa de um som horripilante.

O que foi aquilo? O horror na pergunta de Shay era estridente como um giz arranhando a lousa.

Ah, Deus! Corri, de costas, depois que um corpo caiu de uma das pinturas penduradas na parede.

A criatura se levantou e caminhou lentamente na nossa direção, seus constantes gemidos se tornavam cada vez mais desesperados. Corpos saltaram das pinturas até o corredor ficar repleto de pés que se arrastavam lentamente pelo piso de pedra. Dezenas de criaturas, gemendo, avançaram em uma estranha e ridícula marcha.

O primeiro deles foi iluminado pelo luar. Soltei um ganido, oscilando as patas. Apesar dos traços deformados e da expressão vazia, teria reconhecido aquele sujeito. Era o Inquisidor que eu entregara a Efron e a Lumine, para ser interrogado. Meus músculos tremeram e achei que minhas pernas não aguentariam o peso do corpo.

Calla! O grito de Shay me trouxe de volta à razão. *O que está acontecendo? O que são aquelas coisas?*

Não sei, mas são muitos. Não conseguia esconder meu pânico. *Não podemos lutar contra eles.*

Shay passou correndo por mim e se transformou.

— Vamos! — Ele se jogou contra a porta da biblioteca, abrindo-a, e entrei em seguida no escuro lugar. Assim que atravessei a porta,

Shay a trancou. Em seguida, bateu a testa na madeira e suspirou, exausto. Ouvíamos os gritos do súcubo do outro lado da porta.

— Droga — sussurrou Shay.

Voltei à forma humana.

— Precisamos encontrar um jeito de sair daqui.

— Não... — Ele balançava a cabeça.

— Sobre o que está falando, Shay?

— A porta, Calla. A porta da biblioteca não estava trancada.

Minha garganta se fechou.

— Eles não nos perseguiam — prosseguiu. — Estavam nos guiando até aqui.

Saltei quando um brilho laranja e róseo dominou a biblioteca. Chamas se acederam repentinamente na lareira, dançando e se agitando. Uma pessoa estava em frente ao fogo crepitante, sua silhueta realçada pela luz tremeluzente. O medo penetrou minha pele. A sombra do Defensor não parecia humana. Não consegui identificá-la.

— Muito perceptivo, Shay. — Bosque Mar sorriu e seus olhos se moveram para a pintura acima da lareira. — Seus pais ficariam orgulhosos de você.

— Tio Bosque. — A voz de Shay era tremida. — Você voltou.

Bosque continuou sorrindo e o jogo de luz e sombra do fogo esboçava no rosto uma máscara grotesca. A crueldade na sua expressão fez meus joelhos ficarem bambos.

O que é ele? Agarrei os braços de Shay, empurrando-o para trás de mim.

— Precisei voltar da minha viagem de negócios — disse ele. — Parece que as coisas em Vail fugiram um pouco do controle.

Seus olhos se moveram para mim e se semicerraram.

— Diga-me, Calla, quando exatamente você transformou meu sobrinho em um da sua espécie?

Procurei responder à altura.

— Ele não é seu sobrinho.

A risada de Bosque soou como vidros se estilhaçando.

— Como você entende pouco. É uma guerreira, líder de outros guerreiros. — Ele deu um passo à frente. — Nunca esperei tanta burrice de uma alfa Guardiã.

— Ela não é burra — disse Shay, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Ela pertence a outro, e traiu sua espécie. Ela é a personificação das decisões impulsivas. — Bosque olhou para nossas mãos unidas e moveu a cabeça em reprovação. — Infelizmente, isso não será possível.

— Quem é você? — Shay conseguiu manter a voz firme e estável, embora sentisse seu pulso bater em disparada.

— Seu único parente — murmurou Bosque e voltou a olhar para a pintura. Os rostos de Tristan e Sarah pareciam ainda mais sombrios. — Aquele que sabe o que é melhor para você.

— Você quer me matar — sussurrou Shay.

Bosque inclinou a cabeça e sorriu.

— Por que mataria meu próprio sobrinho?

Apertei a mão de Shay.

— Para! Chega de mentiras. Eles o amarraram! Levaram Shay para ser sacrificado durante a união. Nós sabemos da profecia e do sacrifício. Nós lemos o livro!

— Eu sei — respondeu Bosque tranquilamente. — E por que acha que proibimos o estudo desse livro?

— Para proteger os Defensores — respondi. — Para que não soubéssemos a verdade sobre nosso passado. Vocês nos escravizaram.

— Não, cara menina... Nós os salvamos. — Bosque fez uma expressão de sofrimento. — Os Defensores sempre cuidaram dos soldados Guardiões. Aquele livro é puro veneno, cheio de mentiras produzidas pelos Inquisidores. Nossos inimigos utilizam esse texto

há séculos, na tentativa de seduzir mais adeptos à sua causa doentia. Nós trabalhamos para reprimir sua circulação devido ao mal que pode causar. E vejam o que ocorreu por causa desse livro! Esse texto trouxe derramamento de sangue para nossas casas.

— Não foi o livro que nos atacou — gritei. — Sequer tenho um nome para as criaturas que saíram dos quadros. — Apontei para sua sombra bizarra. — Ou para você! Quem é você?

O rosto de Bosque se obscureceu, mas, segundos depois, um sorriso plácido surgiu nos seus lábios.

— Perdoem-me se os assustei, mas essas circunstâncias excepcionais foram necessárias para que eu tivesse sua atenção. Vocês precisam ouvir a voz da razão.

— Razão? — debochou Shay. — Quero a verdade!

— É claro que quer, Shay. — Bosque assentiu em um movimento rápido. — Se eu houvesse percebido antes o espírito livre em que você se transformou, nunca teria proibido seu acesso à essa biblioteca. O que mais um rapaz brilhante como você faria senão encontrar um jeito de entrar? Sua sede pelo saber é admirável.

Seu sorriso era cortante como navalha.

— Culpo a mim mesmo. Ainda penso em você como um garotinho. Quis protegê-lo dos seus inimigos, mas falhei ao não perceber o quanto você cresceu. Eu o negligenciei e isso me causa um grande arrependimento.

Os dedos de Shay apertaram os meus com tanta força que chegou a doer.

— Diga quem você realmente é.

— Sou seu tio — respondeu Bosque calmamente, caminhando na nossa direção. — Sangue do seu sangue.

— Quem são os Defensores? — perguntou Shay.

— Outros como eu, que apenas querem te proteger. Shay, você não é como os outros jovens. Você tem habilidades ainda

inexploradas, das quais não faz ideia. Posso lhe mostrar quem realmente é. Ensiná-lo a usar seu poder.

— Se está tão empenhado em ajudá-lo, por que ele seria sacrificado na minha união? — Puxei Shay para trás, protegendo-o contra Bosque.

Bosque balançou a cabeça.

— Outro trágico mal-entendido. Foi um teste, Calla, da sua lealdade à nossa nobre causa. Achei que oferecíamos a vocês a melhor educação, mas você nem mesmo está familiarizada com a história de Abraão e o teste de fé com seu filho Isaac. O sacrifício daqueles que amamos não é a última medida da nossa fé? Realmente acredita que queríamos que matasse Shay com as próprias mãos? Pedimos a você que o protegesse.

Comecei a tremer.

— Está mentindo.

— Estou? — Bosque sorriu e quase pareceu amável. — Depois de tudo o que viveu, não confia nos seus mestres? Nunca a obrigariam a fazer mal a Shay. Outra presa seria entregue a vocês, no último momento. Entendo que um teste como esse pode parecer horrível demais, muito a exigir de você e Renier. Talvez sejam jovens demais para encarar um teste como esse.

Não consegui responder, subitamente questionando tudo o que havia feito até o momento, perguntando-me se meus desejos não haviam me feito passar dos limites, encobrindo minha capacidade de enxergar a verdade. Não sabia em que acreditar.

— Cuido de Shay desde que ele era pequeno. Sempre dei a ele tudo o que precisava e desejava. Certamente, isso prova minha preocupação com seu bem-estar.

Bosque parou a poucos passos de nós, estendendo os braços para seu sobrinho.

— Por favor, confie em mim.

Os vitrais atrás de Bosque se estilhaçaram em uma cascata de cacos multicoloridos. Puxei Shay para o chão e o cobri com o corpo, protegendo-o dos fragmentos de vidro. Cobri o rosto com o braço, mas alguns cacos rasgaram o casaco, ferindo minha pele.

Gritos e passos pesados ecoaram pela biblioteca. Ergui o rosto e vi ao menos vinte Inquisidores atravessando as janelas estilhaçadas, atirando flechas contra o Defensor. A atmosfera ao redor de Bosque tremeluziu, e a rajada de flechas que vinha na sua direção se chocou com uma espécie de escudo. Bosque ergueu os braços. As chamas crepitantes da lareira se apagaram e a névoa avermelhada, que até então iluminava o ambiente, desapareceu, dando lugar ao breu total.

Alguns Inquisidores cambalearam e caíram; outros pararam, amedrontados, tentando recuperar o equilíbrio. Shay me segurou e se levantou.

— O que aconteceu?

— São Inquisidores — sussurrei. — Em uma quantidade que jamais pensei que existisse.

Bosque inclinou a cabeça para cima e gritou. Cobri os ouvidos contra o som que fez vibrar as prateleiras. A escuridão que ocupava o ambiente se dividiu em grupos que ascendiam no ar, ganhando forma lentamente. Prendi a respiração e agarrei o braço de Shay.

— Esses são... — Sua voz estava tensa.

— Espectros — murmurei. — Mas, não pode ser.

— Por quê? — Seus olhos se arregalaram à medida que os guardiões das sombras surgiam do teto e avançavam em direção aos invasores.

Mal encontrei fôlego para falar:

— Ninguém consegue convocar mais de um espectro. Eles são muito difíceis de controlar.

— Espectros! — Um dos Inquisidores gritou. — Ethan, Connor! Peguem o garoto e saiam daqui! Limpem o caminho para eles!

Outro Inquisidor, uma mulher, gritou quando tentáculos negros envolveram sua cintura. Um companheiro golpeou o espectro em vão, e foi engolido por ele. O homem soltou um gemido esganado enquanto seu corpo desaparecia no véu negro.

— Vá! Vá! Vá! — gritou o primeiro Inquisidor.

O rosto de Bosque se contorceu de raiva. Com dedos estendidos como se fossem garras, ele apontou para a porta da biblioteca, torceu a mão e jogou um braço para trás. A porta se escancarou e uma horda, que esperava do lado de fora, ganhou vida e entrou na luta. Súcubos e íncubos sussurravam e guinchavam à medida que entravam voando na biblioteca, esguichando fogo em meio às flechas que os Inquisidores zuniam no ar. Várias criaturas aladas berraram e caíram ao chão, com lanças emplumadas cravadas nos peitos.

Uma quimera entrou na biblioteca e se lançou contra um Inquisidor, que não parou de gritar enquanto as presas do leão se cravavam no seu pescoço e o rabo de serpente golpeava suas pernas repetidas vezes. Pés arrastados e gemidos anunciaram a chegada dos mortos-vivos, pinturas que se somaram à batalha, com rostos embasbacados, bocas abertas e olhos vazios e famintos. Alguns Inquisidores soltaram suas armas e gritaram diante das criaturas ressequidas se movendo em câmera lenta.

Bosque começou a rir e a mover os braços, como se conduzisse uma orquestra sinfônica. O coro de gemidos se tornou mais alto.

— Não olhem para os mortos! — gritou o líder dos Inquisidores. — Importa somente nosso objetivo!

— Monroe! O garoto está aqui! — Um homem correu na nossa direção. Reconheci-o imediatamente, mesmo sem o sangue escorrendo do seu nariz.

Mostrei as presas quando ele me apontou a balestra.

— Nada de papo dessa vez — disse Ethan.

Transformei-me e avancei sobre ele, mas arfei quando duas flechas acertaram meu peito. A força do meu salto fez com que Ethan e eu rolássemos pelo chão. Choquei-me contra a parede e a dor subiu por toda a minha coluna. Senti o sangue escorrer pela barriga enquanto lutava para me manter consciente.

— Calla! — Shay se arremessou na nossa direção, transformando-se no ar. Ethan praguejou, se esquivando dos dentes afiados de Shay.

— Monroe, Connor! Venham, agora! Eles transformaram o progênito — gritou Ethan e, em seguida, houve uma enxurrada de palavrões.

Uma figura nebulosa correu pela biblioteca, avançando e dando voltas entre a confusão de asas, garras e armas. Vi Connor se jogar no chão, girando a tempo de escapar do espectro. Ele correu para Shay, que rosnou quando Connor puxou a espada, porém ele a manteve apontada para baixo. Lobo e Inquisidor se cercavam em movimentos lentos e circulares, encarando um ao outro.

— Não quero machucá-lo, garoto, mas não temos tempo.

Observei-os lutarem, tomada por uma dor alucinante. Minha respiração soava cada vez mais falha. Apesar da dor, que aumentava vertiginosamente, tentei me arrastar em direção aos dois.

Enquanto os olhos de Shay acompanhavam os movimentos de Connor, Ethan se levantou. Ele colocou a mão no bolso da sua capa de couro e se jogou sobre as costas do lobo. Shay uivou quando o Inquisidor enfiou uma seringa no seu pescoço. Shay avançou, rosnando e Ethan caiu para trás, contra o chão de pedra. O lobo girou, com os músculos preparados para saltar contra Ethan, mas, então, sacudiu a cabeça abruptamente. Seu corpo estremeceu e ele soltou um ganido, oscilando as patas e, por fim, desabando ao chão. Não voltou a se mover.

Uivei, usando toda a força que me restava para me aproximar de Shay. Cada passo era uma agonia. As flechas ainda estavam cravadas no meu peito. O sangue nos pulmões me asfixiava lentamente.

Quando o alcancei, transformei-me, passei as mãos nos seus pelos e sacudi seus ombros.

— Shay! Shay! — Junto a ele, senti a força abandonando meu corpo.

— Flechas encantadas. Espero que aproveite a viagem. — A voz rouca e grave de Ethan me fez olhá-lo de relance. Ele tinha a balestra novamente apontada para mim.

— Você o transformou?

Meu peito estava em chamas; minha visão, turva. Assenti e desmoronei no chão, rolando ao lado de Shay. *Morrerei assim?* Estendi a mão para tocar em Shay.

O dedo de Ethan estava firme no gatilho. Um longo gemido atrás de mim o fez desviar o olhar. Ele levou um susto e quase caiu.

— Kyle?

Virei o pescoço. Sob a névoa da dor pude ver o cadáver do Inquisidor que saiu de uma das pinturas e vinha na nossa direção, com braços estendidos para frente e mãos agarrando o ar negligentemente.

— Não! — Ethan caminhou na direção do morto-vivo.

O Inquisidor que dava as ordens passou por mim e bloqueou a visão de Ethan.

— Saia do caminho, Monroe — disse Ethan. — Preciso ajudá-lo.

— Ele não é seu irmão, Ethan. — Monroe segurou o braço do outro homem. — Esse não é Kyle, não mais. Esqueça-o.

Ouvi choro e soluços, e vi os ombros de Ethan sacudirem.

— Precisamos dar o fora daqui — disse Monroe. — Fique na retaguarda de Connor.

O rosto de Ethan estava rígido pela tristeza, mas ele concordou com um aceno de cabeça.

— Agora, Connor! Rápido — disse Monroe.

Connor se abaixou ao lado de Shay e carregou o lobo nos braços.

Gritei quando seus dedos foram separados dos meus.

— Peguei o garoto — disse Connor. — Vamos.

— Vá na frente. — Ethan ergueu a balestra.

Connor correu ao lado de Ethan, atirando flechas enquanto fugiam. Monroe se virou para segui-los.

— Espere... — sussurrei, sem forças.

Ele me olhou e franziu a testa.

— Quem é você?

— Estou tentando ajudar Shay.

— Você o fez igual a você? Um Guardião?

— Precisei fazer isso. — O lugar começou a ficar turvo.

— Os Defensores fizeram você o transformar?

— Não. — Fiz uma careta, fechando os olhos, dominada pela dor. — Eles não sabiam.

Uma das suas sobrancelhas se ergueu.

— Você provocou os Defensores?

Assenti. Meu corpo entrou em convulsão e cuspi sangue.

Ouviu-se um longo gemido, e o arrastar de passos pelo piso de pedra se tornou mais alto. Perguntei-me quão próximo estaria a criatura que um dia foi Kyle... E quão forte ela seria.

Os olhos de Monroe se concentraram em um ponto atrás de mim. Ele, então, voltou a me fitar, observando-me lutar para me sentar.

— Desculpe por isso — disse ele, erguendo sua espada e me golpeando na cabeça com o cabo.

Uma dor imensa me invadiu e, em seguida, mergulhei na escuridão.

TRINTA E CINCO



EU ESTAVA EM ALGUM LUGAR entre o consciente e o inconsciente. Luzes e sons breves ocasionalmente penetravam o véu que suavizava meus sentidos. Senti movimentos, embora não fosse responsável por eles. Meu corpo estava dormente. Braços, pernas, torso, tudo estava pesado, sem dor, anestesiado, além do meu controle.

Fui arrastada ou carregada? Não sabia dizer. Estava vagamente ciente do meu corpo sendo erguido, sacudido, passado de colo em colo. O que estava realmente acontecendo? Sentia-me quente, grogue. Minhas pálpebras pareciam uma cortina de ferro.

— *Soube que pegamos um alfa.*

Vozes. Conversas ásperas de estranhos, inimigos. Palavras que não faziam sentido.

— *O filho de Corinne? Monroe deve estar aliviado.*

— *Não, é uma fêmea.*

— *Que pena! Não vamos mantê-la por perto, vamos?*

— Não tenho certeza. Acho que Monroe está avaliando nossas possibilidades.

Alguém agarrou minha mão e ouvi uma voz amiga.

— Ficará tudo bem, Calla. Prometo que não deixarei ninguém machucar você.

— Shay, venha para cá. — Uma voz brusca, mas estranhamente familiar. *— Pedi para não conversar com ela.*

— Você não está sendo sensato.

— Acho que você descobrirá em breve que sou sensato, mas ainda não ganhou minha confiança.

— É isso o que espera que eu faça?

— Seria inteligente da sua parte.

O mundo retornou a mim subitamente, com imagens e cheiros estranhos ao meu redor. Eu estava deitada de costas e sentia uma dor desconfortável no peito. Meus olhos demoraram a se ajustar à claridade opaca. Algo frio, com beiradas cortantes, fechou-se no meu pulso esquerdo. O peso fez meu braço cair para baixo, contra o corpo, e meus olhos se fecharam novamente. Fiz uma careta ao sentir as costelas frágeis.

— Ethan, fique perto de Connor caso ela acorde.

— Por que estão fazendo isso? — disse Shay. — Não precisam disso. Ela não é sua inimiga.

— Claro, garoto. — Ethan riu, friamente. — Se você está dizendo.

— Dê-me a outra, Ethan — Connor disse.

O mesmo objeto frio e cortante se fechou no meu pulso direito e uma pressão apertou meu braço contra meu torso.

— Deve funcionar — falou Connor.

— Você disse que ela ficaria bem — Shay disse, entredentes. — Você prometeu.

— Manterei a promessa — disse Monroe. — Ela não está ferida.

— Ela me parece bem — Ethan acrescentou. — O que acha, Connor?

— Ela é bem bonitinha — Connor replicou.

Um rosnado e o som de luta invadiram meus ouvidos.

— Opa! Calma, garoto! Que bom que você se esquivou, Connor, acho que esse foi o mesmo golpe que acertou meu nariz da outra vez — disse Ethan.

— Pegou o garoto, Monroe?

— Ele não vai a lugar algum — disse Monroe com um resmungo. — Pare de resistir! Connor não falou por mal, Shay. Não precisa brigar com ele.

— Me larga!

— Superprotetor ele, não é? — zombou Connor. — Gosta dessa garota, hein? Interessante.

— Se tocar nela, eu juro...

— Acalme-se — murmurou Connor. — Estou brincando.

Esforcei-me para abrir os olhos, mas tudo permanecia turvo. Minha garganta estava sedenta. Engoli com dificuldade e não encontrei a voz.

— Fizemos um trato, Shay — Monroe falou firmemente. — Não pode continuar aqui.

— Mas...

— Você a verá novamente. Tem minha palavra.

— Quando?

— Depende de você.

— Não sei o que quer dizer.

— Saberá. Hoje é o dia em que sua vida real começa.

A luz se dissipou e as sombras engoliram o lugar. O chiado longo de metal enferrujado foi seguido por algo metálico e pesado se fechando. As vozes sumiram.

Abri os lábios e minha voz saiu, baixa e rouca.

— Shay?

Silêncio. Eu estava sozinha no escuro.

Talvez tenha sido um sonho.

A raiva se apossou de mim e gritei para as sombras que ocupavam o ambiente, mas não havia inimigo a combater, além do medo perturbador do desconhecido. Comecei a tremer.

Você é uma alfa, Calla. Controle-se.

A escuridão opressora me acertou.

O que significa ser uma alfa se você abandonou sua matilha?

Quando as lágrimas finalmente caíram, fiquei feliz por estar sozinha. Ao menos ninguém testemunharia a vergonha que escorria quente e veloz pelo meu rosto. O líquido chegou aos lábios e o gosto era amargo e ácido, lembrando-me das escolhas que fiz, dos meus passos até chegar aqui — um lugar tão estranho que parecia o fim.

Fugir me levou para onde? Para os braços do único inimigo que conhecia? Para minha morte?

Pela primeira vez, estava realmente sozinha. Olhei o local vazio, agarrando-me ao que ainda me restava de esperança.

Havia arriscado tudo por Shay. Tentei relaxar os músculos trêmulos, fechei os olhos e vi seu rosto. Lembrei-me da liberdade que sentia quando estava nos seus braços, da possibilidade de uma vida diferente de tudo o que imaginei. Perguntei-me se, com minha captura, esse sonho se apagou... Se algum dia ele teve a chance de se tornar real.

O desespero ameaçava me fazer sucumbir, mas contra-ataquei, apegando-me a um único pensamento: *Shay me ama.* Ele arriscaria tudo para encontrar uma forma de estar ao meu lado e me libertar. *Porque o amor é isso, não? Precisa ser.*

AGRADECIMENTOS

A palavra “reconhecimento” não evoca foneticamente a graça e a força que recebi dos meus colegas, amigos e família, cuja participação tornou possível a criação desse romance. Richard Pine e Charlie Olsen, da Inkwell, são meus cavaleiros com suas armaduras reluzentes. Charlie, obrigada por amar esse livro, por me guiar e me dar o prazer de conversas telefônicas conduzidas exclusivamente por metáforas típicas de *Star Wars*. Richard, ainda fico maravilhada sempre que você me liga! Não poderia ter tido mentores melhores de literatura do que Michael Green e Jill Santopolo, da Philomel. Michael, obrigada pelas suas palavras e perguntas maravilhosas desde que iniciei essa jornada. Gostaria de agradecer especialmente a Jill por trazer habilidade e doçura incríveis para nosso trabalho em equipe.

Toda a equipe da Penguin Young Readers foi maravilhosa. Obrigada a Don Weisberg, Jennifer Haller, Emily Romero, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Jackie Engel, Linda McCarthy, Katrina Damkoehler, Felicia Frazier, Scottie Bowditch e Julia Johnson pelo apoio e entusiasmo incríveis. Estou encantada por fazer parte da família Penguin!

Devo muito a Stephanie Howard e a Lisa Desrochers pelas extraordinárias parcerias e críticas. Lindsey Adams e Gina Monroe, com seus dons artísticos, tornaram minhas investigações na internet uma experiência fabulosa. John e Natalie Occhipinti me ensinaram que estranhos em um avião podem se transformar nos primeiros fãs de um livro. Corby Kelly, obrigada por sua habilidade linguística absurda. Kristin Naca, você é uma deusa, continue assim. Casey Jarrin, seu brilho faz com que tudo à sua volta reluza, e esse livro não é uma exceção.

A mente dessa escritora floresceu em uma esquina pouco conhecida do globo: Ashland, Wisconsin. Amo esse lugar como a nenhum outro no mundo. *FISH CAMP!* Ed e Maribeth, obrigada por lerem desde a primeira esperança. Katie, obrigada por saber.

Nada disso teria acontecido sem o amor e o apoio da minha família. Tia Helen, obrigada por todos os livros. Mãe, pai, Garth, vocês são os fios que enredam tudo, sempre. E obrigada a Will, que dança comigo sempre que estou triste. Posso não gostar de *The Young Ones*, mas o amo mais a cada dia.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sob a luz da lua

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=25851 (Sobre o livro) • http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6368 (Sobre a autora) • http://www.skoob.com.br/livro/186242 (Página do livro no Skoob) • http://www.lostinchicklit.com.br/2011/11/sob-luz-da-lua-nightshade-de-andrea.html (Resenha do livro no site Lost in Chicklit) • http://www.andreacremer.com/ (Site oficial da autora)
- http://www.nightshadebook.com/ (Site oficial da série Nightshade) • http://twitter.com/#!/andreacremer (Twitter da autora)
- http://www.blurredhistory.blogspot.com.br/ (Blog da autora) • http://www.facebook.com/nightshadeseries (Página da série Nightshade no facebook) • http://www.lendonasentrelinhas.com.br/2011/11/sob-luz-da-lua-andreacremer.html (Resenha do livro no site Lendo nas entrelinhas)